



**HVET UNIFIP**  
UNIDADE VETERINÁRIA DE ENSINO HOSPITALAR



# ANAIS

**Patos – PB**  
**2024**



**HVET UNIFIP**  
UNIDADE VETERINÁRIA DE ENSINO HOSPITALAR



## **Comissão organizadora**

Prof. Dr. Fabrício Kleber de Lucena Carvalho  
Prof. Me. Julio Edson da Silva Lucena  
Prof. Me. Rodrigo Barbosa Palmeira  
Prof. Dr. Sóstenes Arthur Reis Santos Pereira  
Prof. Dr. Theonys Diógenes Freitas

**Patos – PB**  
**2024**



## **Comissão Científica**

Prof. Me. Claudia Morgana Soares  
Prof. Dr. Débora Rochelly Alves Ferreira  
Prof. Dr. Ediane Freitas Rocha  
Prof. Dr. Fabrício Kleber de Lucena Carvalho  
Prof. Dr. Flaviane Neri Lima de Olioqueira  
Prof. Dr. Gustavo de Assis Silva  
Prof. Me. Julio Edson da Silva Lucena  
Prof. Me. Laysa de Assis Viturino  
Prof. Dr. Lylian Karlla Gomes de Medeiros  
Prof. Dr. Malba Gean Rodrigues de Amorim  
Prof. Me. Rodrigo Barbosa Palmeira  
Prof. Dr. Sóstenes Arthur Reis Santos Pereira  
Prof. Dr. Talícia Maria Alves Benício  
Prof. Dr. Theonys Diógenes Freitas  
Prof. Me. Thiago da Silva Brandão  
Prof. Dr. Vanessa Diníz Vieira  
Prof. Me. Willder Rafael Ximenes Cunha

### **EXTERNA**

Prof. Me. Artefio Martins de Oliveira  
Prof. Me. Ermano Lucena de Oliveira  
Prof. Me. João Ricardo Cruz Brito Junior  
Prof. Me. Lidio Ricardo Bezerra de Melo  
Prof. Me. Marcelo Laurentino dos Santos Junior

**Patos – PB**  
**2024**

## ABORDAGEM TERAPÊUTICA RESOLUTIVA EM EQUINO DIAGNOSTICADO COM TÉTANO – RELATO DE CASO

Maria Janikelly Pinheiro Nogueira  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos – PB  
E-mail: [janikellynogueira@gmail.com](mailto:janikellynogueira@gmail.com)

Larissa Ingrid Falcão Gomes  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos – PB  
E-mail: [larissa321ingryd@gmail.com](mailto:larissa321ingryd@gmail.com)

José Ailton Freitas do Rego Segundo  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB  
E-mail: [segundofreitaspb@gmail.com](mailto:segundofreitaspb@gmail.com)

Antonia Lorena Menezes Primo  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos – PB  
E-mail: [loremenezesvet@gmail.com](mailto:loremenezesvet@gmail.com)

Julie Heide Nunes Paz  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG Patos – PB  
E-mail: [julienunes\\_jp@hotmail.com](mailto:julienunes_jp@hotmail.com)

Daniel de Medeiros Assis  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG Patos – PB  
E-mail: [danielvetpb@gmail.com](mailto:danielvetpb@gmail.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

O tétano é uma enfermidade infecciosa não transmissível resultante da ação de exotoxinas produzidas pelo *Clostridium tetani*, bactéria anaeróbica formadora de esporos, encontrada na microbiota gastrointestinal de animais domésticos e seres humanos. A infecção surge quando o *C. tetani* invade feridas e, em condições anaeróbicas, começa a gerar toxinas. Três toxinas são conhecidas: tetanospasmina, tetanolisina e toxina não espasmogênica. Ferimentos com pouca exposição ao oxigênio e presença de tecido necrótico facilitam a germinação de esporos, devido às condições favoráveis para anaerobiose (Riet-Correa *et al.*, 2023). Objetivou-se relatar a abordagem terapêutica utilizada em um equino com tétano com resolução clínica no sertão paraibano.

#### RELATO DE CASO:

Foi atendido na CMGA (HVUIMT/UFCG) um equino, mestiço, 12 anos, macho, apresentando há 8 dias, sudorese, respiração ofegante com narinas dilatadas, relutância ao passo, rigidez muscular pronunciada em membros pélvicos, discreta elevação de cauda e protusão de terceira pálpebra. Na propriedade, o animal foi medicado com Flunixin Meglumine, 10ml, IV, 3 dias, não evidenciando-se melhora clínica. Durante o exame físico, observaram-se mucosas oculares congestas, taquipnéia, taquicardia e uma ferida crostosa na região da quartela em membro torácico direito, sem histórico prévio. O animal possuía vacina apenas para a raiva. Diante da avaliação, o paciente foi diagnosticado com tétano sugerindo-se como porta de entrada, a ferida na região da quartela. Em seguida, instituiu-se tratamento clínico com relaxante muscular de acepromazina 1% (0,07mg/kg), IV, BID, durante 14 dias; Enrofloxacin (5mg/kg), IM, SID, por 12 dias; Benzilpenicilina Potássica + Sulfato de Gentamicina (Gentopen®), 20 mL, IV, BID, durante 2 dias; soro antitetânico 5000 UI intravenoso, dose única. Realizou-se debridamento, limpeza e antissepsia da ferida na quartela com água oxigenada e clorexidine degermante 2%,

aplicação tópica de metronidazol pomada, sulfato de cobre e bandagem, a cada 24 horas, durante 15 dias. Posteriormente, o animal recebeu alta apresentando boa evolução do quadro clínico.

#### **DISCUSSÃO:**

A associação antibiotica demonstrou efetividade para a eliminação do agente no presente caso, interrompendo a multiplicação do *C. tetani* e consequentemente a formação de suas toxinas. A enrofloxacina, fluoroquinolona de 2ª geração, pode atuar em algumas bactérias gram positivas (Souza, 2005), conforme o protocolo terapêutico preconizado. Entretanto, a penicilina tem seu uso consagrado pela literatura, variando em sua posologia, contudo sempre requerendo altas doses, assim como altas titulações necessárias de antitoxina tetânica (Thomassian, 2005; Khan; Sharma, 2021), opções que oneram muito tratamento. Além de a utilização da penicilina nos casos de tétano poder retardar a recuperação devido a similaridade da sua estrutura química com o neurotransmissor inibitório GABA, desempenhando uma ação de antagonismo competitivo com o neurotransmissor (Melo; Ferreira, 2022). O animal apresentou sinais clínicos brandos, provavelmente pela baixa quantidade de toxinas inoculadas, o que pode ter favorecido no resultado do tratamento.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

O tétano em equinos possui uma alta incidência devido a sua susceptibilidade, contudo quando diagnosticado e tratado precocemente possui bom prognóstico. Portanto, a terapêutica instituída apresentou resultados satisfatórios e baixo custo, podendo-se indicar a utilização casos semelhantes de tétano em equinos.

**PALAVRAS-CHAVES:** *Clostridium tetani*. Enrofloxacina. Toxinas. Tratamento.

#### **REFERÊNCIAS:**

KHAN, I. S.; SHARMA, R. Tetanus in horses. **Epashupalan**, [S.l.], v. 2, p. 23-25, 2021.

MELO, U. P. FERREIRA, C. Clinical findings and response to treatment of 17 cases of tetanus in horses (2012–2021). **Brazilian Journal of Veterinary Medicine**, [S.l.], v. 44, 2022.

RIET-CORREA, F.; SCHILD, A. L.; LEMOS, R. A. A.; BORGES, J. R.; MENDONÇA, F. S.; MACHADO, M. **Doenças de Ruminantes e Equídeos**. 4. ed. São Paulo: MedVet, 2023.

SOUZA, M.V.N. New fluoroquinolones: A class of potent antibiotics. **Minireviews in Medicinal Chemistry**, [S.l.], v.5, p.1019-1017, 2005.

THOMASSIAN, A. **Enfermidades dos cavalos**. 4. ed. São Paulo: Varela, 2005.

## **ABSCESO ASSOCIADO A TIFLOCENTESE EM EQUINO PÓS CÓLICA: RELATO DE CASO**

Antonia Lorena Menezes Primo  
Universidade Federal de Campina Grande - Patos - PB  
E-mail: [lorenacariutab@gmail.com](mailto:lorenacariutab@gmail.com)

Maria Luiza Alves de Alencar  
Universidade Federal de Campina Grande - Patos - PB  
E-mail: [luizaaleencar30@gmail.com](mailto:luizaaleencar30@gmail.com)

Maria do Carmo Sales da Silva  
Universidade Federal de Campina Grande - Patos - PB  
E-mail: [mariadocarmosalesdasilva6@gmail.com](mailto:mariadocarmosalesdasilva6@gmail.com)

Maria Lindervânia Pajeú da Silva  
Universidade Federal de Campina Grande - Patos - PB  
E-mail: [lindervaniasilvap1@gmail.com](mailto:lindervaniasilvap1@gmail.com)

Rafaela de Araújo Medeiros  
Universidade Federal de Campina Grande - Patos - PB  
E-mail: [rafaela.araujo.mdrs@gmail.com](mailto:rafaela.araujo.mdrs@gmail.com)

Daniel de Medeiros Assis  
Universidade Federal de Campina Grande - Patos - PB  
E-mail: [danielvetpb@gmail.com](mailto:danielvetpb@gmail.com)

### **RESUMO**

#### **INTRODUÇÃO:**

Os abscessos podem apresentar inúmeras etiologias, sendo desencadeados, geralmente, por disseminação bacteriana hematogênica ou linfática, perfuração traumática ou cirurgia abdominal prévia. Cavalos acometidos frequentemente apresentam hipertermia, perda de peso, apatia e anorexia. O tratamento consiste em uso de medicamentos sistêmicos prolongados ou intervenção cirúrgica (Alonso et al., 2020). Objetiva-se relatar um caso de abscesso associado a tiflocentese em equino pós cólica.

#### **RELATO DE CASO:**

Um equino, macho, Quarto de Milha, 460kg, 8 anos, foi atendido no Hospital Veterinário Prof. Ivon Macêdo Tabosa-UFPG. Segundo o proprietário, há dois meses o animal apresentou cólica e foi atendido por um Veterinário a campo. Durante o atendimento foi realizada tiflocentese no flanco dorsal, obtendo-se resolução da cólica. Após 1 mês, foi notado aumento de volume no flanco direito, apetite reduzido e perda de peso. Na admissão, o paciente apresentava parâmetros vitais dentro da normalidade. Foi observado aumento de volume circular em região de flanco direito aproximadamente 15cm de diâmetro, consistência firme e sensibilidade dolorosa a palpação. Na palpação transretal foi evidenciada uma massa circular na parede abdominal superior direita de textura lisa e firme. A ultrassonografia revelou estrutura circular sugerindo abscesso na musculatura da fossa paralombar direita, de característica heterogênea trabecular com cerca de 10cm profundidade. No hemograma o animal apresentou leucocitose por neutrofilia com desvio à direita. Inicialmente, o tratamento consistiu em compressa morna, durante 10 minutos, BID; massagem com pomada MAMIL®, BID; penicilina, 40.000 UI/kg, IM, a cada 48 horas; com objetivo de revulsivar o aumento de volume. Cinco dias depois o paciente foi submetido a procedimento cirúrgico de exploração e drenagem do abscesso sob anestesia geral. Foi realizada incisão cutânea elíptica 15 cm no flanco direito, divulsão do subcutâneo e exérese do flap em elipse; incisão na musculatura e drenagem do

conteúdo, consistindo numa secreção purulenta amarelada. Em seguida, lavagem do espaço subcutâneo com solução fisiológica, introdução de gaze embebida com iodo-povidine e sutura de contenção com 2 pontos wolff separados com fio nylon 0,60. O pós-operatório instituiu-se em limpeza da ferida com água destilada e clorexidina degermante, BID; solução hipersaturada com sal via sonda, BID; dimetilsulfóxido tópico ao redor da ferida, BID; pomada metronidazol tópica, BID; flunixinina meglumina, 1,1 mg/kg, IV, SID, durante 3 dias; dexametasona, 0,2 mg/kg, IV, dose única; firocoxib, 0,1 mg/kg, VO, SID, durante 12 dias; a antibioticoterapia foi continuada com penicilina por mais seis dias. O animal teve alta após 14 dias de internação apresentando boa evolução do quadro clínico. Após dois meses retornou às atividades atléticas.

#### **DISCUSSÃO:**

Os abscessos podem apresentar diversos mecanismos de formação. Apesar da antisepsia local, ocorreu desenvolvimento do abscesso provavelmente secundário à punção abdominal decorrente de contaminação por agente colonizador da pele ou flora bacteriana intestinal. A localização, tamanho e tempo de duração podem definir a conduta terapêutica, sendo eficaz o tratamento cirúrgico em casos de longa evolução. (Alonso et al., 2020).

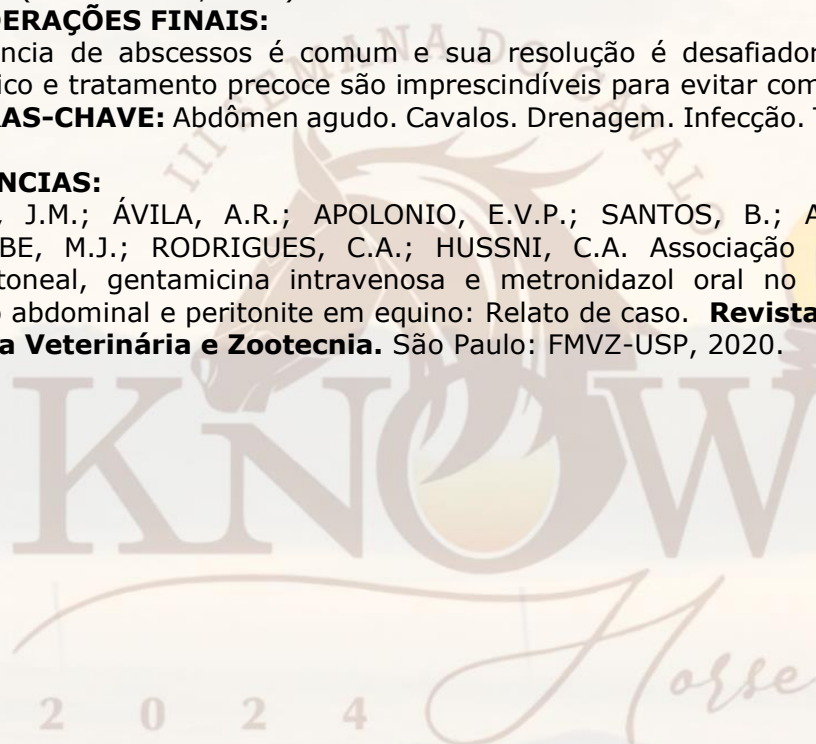
#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A ocorrência de abscessos é comum e sua resolução é desafiadora. Portanto, o diagnóstico e tratamento precoce são imprescindíveis para evitar complicações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abdômen agudo. Cavalos. Drenagem. Infecção. Trocaterização.

#### **REFERÊNCIAS:**

ALONSO, J.M.; ÁVILA, A.R.; APOLONIO, E.V.P.; SANTOS, B.; ALVES, A.L.G.; WATANABE, M.J.; RODRIGUES, C.A.; HUSSNI, C.A. Associação de ceftriaxona intraperitoneal, gentamicina intravenosa e metronidazol oral no tratamento de abscesso abdominal e peritonite em equino: Relato de caso. **Revista Brasileira de Pesquisa Veterinária e Zootecnia**. São Paulo: FMVZ-USP, 2020.



## ACUPUNTURA COMO ALTERNATIVA NO TRATAMENTO DE CAVALOS ATLETAS: REVISÃO DE LITERATURA

Mayra Linhares Bezerra Ferreira

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [mayraferreira@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mayraferreira@medvet.fiponline.edu.br)

José Victor Sousa de Moraes

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [josemoraes@medvet.fiponline.edu.br](mailto:josemoraes@medvet.fiponline.edu.br)

João Vittor de Azevedo Figueirêdo

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [joaofigueiredo@medvet.fiponline.edu.br](mailto:joaofigueiredo@medvet.fiponline.edu.br)

Mariano Lucena Linhares

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [marianolinhaires@medvet.fiponline.edu.br](mailto:marianolinhaires@medvet.fiponline.edu.br)

Micaely Felix Lacerda

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [micaelylacerda@medvet.fiponline.edu.br](mailto:micaelylacerda@medvet.fiponline.edu.br)

Willder Rafael Ximenes Cunha

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [willdercunha@fiponline.edu.br](mailto:willdercunha@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A acupuntura, derivada do latim "*pungere*" (perfurar) e "*acus*" (agulha), tem origens na China entre 2200 e 500 a.C. e parte de um sistema teórico-empírico, envolve técnicas como massagem, medicamentos naturais e exercícios respiratórios para promover equilíbrio orgânico entre corpo e ambiente com a estimulação de pontos específicos por agulhas, buscando a homeostase com propósito terapêutico (Tomacheuski; Belli; de Cápuia, 2017). Na medicina veterinária tem ganhado cada vez mais espaço na clínica médica de equinos, principalmente nos tratamentos de cavalos atletas, como uma terapia de relaxamento após as provas (Vicarivento, *et al.*, 2008).

#### METODOLOGIA:

A revisão bibliográfica foi conduzida através da busca em bases de dados como Google Acadêmico, SciELO e PubMed. Os artigos acadêmicos foram selecionados, considerando critérios de inclusão como relevância para o tema, publicação em português ou inglês.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Os equinos utilizados em práticas desportivas são naturalmente expostos a situações de estresse, tanto na execução das provas, como no deslocamento em transportes não adequados (Lorga *et al.*, 2017). A taquicardia, taquipnéia, sudorese e aumento da temperatura são sinais clínicos presentes em situações de estresse e podem desencadear outras alterações mais graves, como desidratação e até a morte (Paludo *et al.*, 2002). Sendo assim, é de extrema importância métodos que auxiliem a homeostase do corpo e a acupuntura vem se destacando, pela sua eficácia e sem efeitos colaterais (Faria; Scognamillo-Szabó, 2008). Bilhalva (2021) relata que a acupuntura estimula o sistema endógeno inibitório da dor, modificando o

processamento das informações nocivas em diferentes níveis do sistema nervoso central. Isso ocorre através da ativação do "portão da dor" e de feixes que inibem a transmissão do sinal doloroso, desempenhando um papel crucial na regulação da dor (Resende *et al.*, 2021). Tem propriedades que possibilitam o relaxamento, mostrando ser uma terapia promissora para transtornos musculares e esqueléticos em equinos, sendo indicados com eficácia no tratamento de condições como dor lombar crônica, laminite, dor cervical, doença do navicular e problemas de claudicação (Schoen, 2006). Sessões regulares demonstraram alívio significativo e redução dos sintomas em animais acometidos de patologias que levam a um quadro de dor, podendo causar alívio sem a necessidade de medicação, ativando os sistemas nervoso, cardiovascular e respiratório. No entanto, é importante evitar sessões próximas a competições para evitar relaxamento excessivo (Harman, 1997).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Existem muitos indícios científicos que favorecem o uso da acupuntura no tratamento de várias casuísticas, tanto ligados ao estresse, como em casos de patologias que causam dor. Todavia, pesquisas são necessárias para fortalecer ainda mais a base de evidências e compreender completamente os mecanismos subjacentes aos benefícios da acupuntura em equinos. Embora os resultados clínicos e os relatos de casos sejam encorajadores, ainda há lacunas no conhecimento que precisam ser preenchidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acupuntura. Equino. Dor. Terapia.

#### **REFERÊNCIAS:**

BILHALVA, P. B. **Técnicas de medicina integrativa mais utilizadas em cavalos atletas no Rio Grande do Sul**. 34p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS. 2021.

FARIA, A. B.; SCOGNAMILLO-SZABÓ, M. V. R. **Acupuntura veterinária: conceitos e técnicas-revisão**. *Ars Veterinaria*. v. 24, n. 2, p. 83-91. 2008.

HARMAN, J. C. **Complementary (alternative) therapies for poor performance, back problems and lameness. Current therapy in equine medicine**. p. 131-137, 1997.

Lorga, A. D.; Barragan, F. G.; Kovacs, T. S.; Dias, L.; Ribeiro, M. G.; Bortolato, J. **Síndrome dos transportes em equino – Relato de caso**. *Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública*, v.4, p.49– 50. 2017.

PALUDO, G. R; MCMANUS, C.; MELO, R. Q.; CARDOSO, A. G.; MELLO, F. P. S.; MOREIRA, M.; FUCK, B. H. **Efeito do Estresse Térmico e do Exercício sobre Parâmetros Fisiológicos de Cavalos do Exército Brasileiro**. *SciELO*, 2002.

RESENDE, L.; GOMES, A.; TAVARES, A.; MARQUES, J. P.; PINTO, K.; BALDAIA, M. J.; ELIAS, R.; SÁ, C. M. Bases neurofisiológicas da Acupuntura. *Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias*, v. 116, n. 617, 2021.

SCHOEN, A. M. **Acupuntura veterinária: da arte antiga a medicina moderna**. Editora Roca, 2006. 2. Ed. p.91-108.

TOMACHEUSKI, R. M.; BELLI, M.; DE CÁPUA, M. L. B. Medicina veterinária integrativa no trauma crânioencefálico–revisão de literatura. *Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública*, v. 4, p. 137-142, 2017.

VICARIVENTO, N. B.; PUZZI, M. B.; ALVES, M. L.; PEREIRA, D. M. Métodos Fisioterapêuticos em Equinos. *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária* – ISSN: 1679 – 7353. Janeiro de 2008. 7p.

## ALÉM DAS RÉDEAS: A JORNADA DE CURA DA EQUOTERAPIA

João Paulo da Silva

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [joaosilva1@medvet.fiponline.edu.br](mailto:joaosilva1@medvet.fiponline.edu.br)

Lucas Nathan Ferreira da Silva

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [lucassilva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:lucassilva@medvet.fiponline.edu.br)

Eloyze de Sousa Alves

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [eloyzealves@medvet.fiponline.edu.br](mailto:eloyzealves@medvet.fiponline.edu.br)

Sofia Oliveira Correia

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [sofiacorreia@medvet.fiponline.edu.br](mailto:sofiacorreia@medvet.fiponline.edu.br)

Prof.Dr.Gustavo de Assis Silva

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [gustavosilva1@fiponline.edu.br](mailto:gustavosilva1@fiponline.edu.br)

Profa.Dra.Vanessa Diniz Vieira

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [vanessavieira@fiponline.edu.br](mailto:vanessavieira@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO

A Equoterapia representa uma abordagem terapêutica e educacional que incorpora o cavalo em um contexto interdisciplinar, visando promover o desenvolvimento biopsicossocial de indivíduos. Essa prática se fundamenta nos movimentos tridimensionais executados pelos equinos durante a montaria, os quais, assemelhados à marcha humana, desencadeiam uma série de respostas no corpo do participante, contribuindo para aprimorar suas percepções, habilidades motoras e desenvolvimento global (Severo,2010). A prática da equoterapia remonta a milênios, como atestam registros históricos que remontam a 3000 a.C., mencionando os primeiros benefícios da prática. Desde então, estudos e relatos têm destacado os efeitos positivos da equitação para a saúde física e mental (Citterio, 2020).

#### METODOLOGIA

Este estudo baseou-se em uma revisão da literatura disponível sobre a equoterapia, envolvendo análises de documentos históricos e acadêmicos. A pesquisa foi conduzida utilizando-se os bancos de dados do Google Acadêmico e da Biblioteca Digital Brasileira de Monografias, Teses e Dissertações.

#### REVISÃO DE LITERATURA

A equoterapia é enraizada em uma rica tradição terapêutica que remonta a séculos. Desde as antigas práticas hititas até as recomendações de Hipócrates e Thomas Sydenham, a equitação tem sido reconhecida como uma ferramenta valiosa para a promoção da saúde e bem-estar (Lima, 2021). Essa prática ancestral vai além dos simples exercícios físicos, pois sua abordagem multidimensional abarca aspectos terapêuticos e emocionais da interação homem-animal, como destacado por Santos (2002). Além dos benefícios físicos, a equoterapia oferece um espaço seguro e terapêutico para indivíduos com deficiências físicas ou cognitivas, promovendo a integração social, o desenvolvimento emocional e a autoconfiança (Severo, 2010). O impacto da equoterapia foi particularmente evidente após a Primeira Guerra Mundial, quando se tornou uma prática essencial na reabilitação de soldados feridos. Nesse

período, a equoterapia não apenas ajudou na recuperação física dos combatentes, mas também desempenhou um papel fundamental na restauração de sua saúde mental e emocional, oferecendo uma oportunidade única de interação com os cavalos e a natureza (Medeiros, 2012). Nos tempos modernos, a equoterapia continua a desempenhar um papel vital na vida de indivíduos com deficiências físicas, cognitivas ou emocionais. Os benefícios terapêuticos da interação homem-animal são amplamente reconhecidos, incluindo melhorias na coordenação motora, equilíbrio, força muscular e flexibilidade. Além disso, a equitação promove a autoconfiança, a autoestima e o bem-estar emocional, proporcionando um ambiente de apoio e aceitação para os praticantes (Santos, 2002).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A equoterapia é mais do que uma simples forma de reabilitação física; é uma jornada de conexão, cura e transformação. À medida que continuamos a explorar e aprimorar essa prática milenar, é essencial reconhecer seu potencial não apenas para a recuperação física, mas também para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo dos praticantes.

**Palavras-chave:** Equoterapia, Saúde, Bem-estar, Reabilitação.

### **REFERÊNCIAS:**

CITTÈRIO, Danièle. **História da Equoterapia no mundo**. 1ª ed. São Paulo: Editora Atheneu. 2009.

LIMA, Priscila. Equoterapia. 2021. 215p. **Tese de Doutorado (Mestrado em Fisioterapia) - Universidade Bandeirante de São Paulo**, São Paulo, 2021.

MEDEIROS, Mylena; DIAS, Emilia. **Equoterapia, bases e fundamentos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Compypinght, 2012.

SANTOS, R. A. Aplicação das técnicas de equoterapia e os desvios posturais laterais em crianças de 8 a 12 anos. 2002. **Monografia (Graduação em Fisioterapia) - Faculdade de Fisioterapia do Centro Universitário Feevale**, Novo Hamburgo, 2002.

SEVERO, José Torquato. **Equoterapia: Equitação, Saúde E Educação**. Editora SENAC, São Paulo, SP, 2010.

## ALÉM DAS RÉDEAS: EFICÁCIA DA EQUOTERAPIA EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA

Maria Ita Palmeira de Moraes  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [mariamoraes1@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mariamoraes1@medvet.fiponline.edu.br)

Aldemir Batista de Medeiros Júnior  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [aldemirjunior@medvet.fiponline.edu.br](mailto:aldemirjunior@medvet.fiponline.edu.br)

Bianca Magalhães dos Santos  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [biancasantos@medvet.fiponline.edu.br](mailto:biancasantos@medvet.fiponline.edu.br)

João Vittor de Azevedo Figueiredo  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [joaofigueiredo@medvet.fiponline.edu.br](mailto:joaofigueiredo@medvet.fiponline.edu.br)

Talícia Maria Alves Benício  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [taliciabenicio@fiponline.edu.br](mailto:taliciabenicio@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

Desde a antiguidade sabe-se que existe uma grande relação do homem com os animais. Foi através dessa conexão que foram criadas as várias formas de terapias usando os animais como auxílio para o processo de reabilitação de indivíduos com diferentes necessidades (SANTOS, 2022). A equoterapia tem emergido como uma abordagem terapêutica promissora para crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo uma alternativa eficaz para melhorar diversos aspectos do seu desenvolvimento e bem-estar. A terapia assistida por equinos é uma abordagem que utiliza o cavalo como principal instrumento terapêutico, ajudando no desenvolvimento de habilidades motoras e comportamentais (DOMINGES et al., 2016). Este resumo tem como objetivo abordar e analisar os benefícios da equoterapia aplicada a crianças diagnosticadas com TEA.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica, realizada através da pesquisa de artigos científicos no Google Acadêmico e no SciELO utilizando os seguintes descritores: Equoterapia, Transtorno do Espectro Autista, Crianças. Foram utilizados como critérios de inclusão artigos publicados entre 2016 a 2024, nos idiomas português, espanhol e inglês.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

A atividade da equoterapia é uma das práticas mais complexas com diversos benefícios para a socialização dos pacientes com autismo. Proporciona socialização com os animais e interação com as pessoas que estão responsáveis pela condução da técnica (FERREIRA et al., 2022). Os praticantes ganham autonomia sobre o cavalo, além de fortalecer o tônus muscular através do movimento tridimensional e os passos do animal (KOLLING; PIZZI, 2020). Nesta abordagem terapêutica há três fases de contato com o cavalo: a fase de aproximação, onde a criança observa atentamente o cavalo, olhando o seu tamanho, os movimentos que ele realiza e a sua beleza; a fase de descoberta, que ocorre ainda no solo, quando a criança passa a ter um contato físico direto com o cavalo e logo em seguida o ato de montar; e a fase educativa, onde mostra-se à criança que ela

irá voltar a ver o animal, e que o termino da sessão não é algo ruim e sim necessário (SILVA et al., 2023).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Segundo Silva et al., (2023), os benefícios da equoterapia para autistas podem ser vistos em três grandes áreas: social, cognitiva, motora. Constatase que a equoterapia no campo do autismo representa um importante aliado, em especial para as crianças. A interação com os cavalos não só proporciona estímulo sensorial e emocional, mas também promove o desenvolvimento físico e social dos pacientes. Esta abordagem interdisciplinar destaca a importância da colaboração entre profissionais de saúde humana e veterinária para otimizar o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas com autismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Equoterapia. Interação animal-humano. Terapia assistida por equinos.

#### REFERÊNCIAS:

DOMINGES, E., REIS, G., RAMOS, A. Os benefícios da equoterapia no tratamento do transtorno do espectro autista: uma revisão de literatura. **Editora científica**. 2016. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/210906221.pdf>. Acesso em: 16 de abril de 2024.

FERREIRA, J. D. S. et al. (2022). A influência da equoterapia sobre o equilíbrio de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**. 2022. Disponível em: [file:///C:/Users/Maria%20Ita/Downloads/25511-Article-299551-1-10-20220123%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Maria%20Ita/Downloads/25511-Article-299551-1-10-20220123%20(3).pdf). Acesso em 17 de abril de 2024.

KOLLING, A., PIZZI, F. A equoterapia no tratamento do crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Revista Psicologia & Saberes**. 2020. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1122/903>. Acesso em: 17 de abril de 2024.

SANTOS, Dayane. A equoterapia para crianças com necessidades educativas especiais: A experiência do projeto superação em Paulo Afonso-BA. **Repositório.UFAL**. 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/9493>. Acesso em: 16 de abril de 2024.

SILVA, E., GOMES Reis, G. D., & SILVA Ramos, A. Benefícios da equoterapia no tratamento do transtorno do espectro autista. **FisioterBras**. 2023. Disponível em: <https://www.convergenceseditorial.com.br/index.php/fisioterapiabrasil/article/view/4355/8590>. Acesso em: 16 de abril de 2024.

## ANAPLASMOSE EM EQUINOS

Mariana Lima de Abrantes  
Medicina Veterinária – UFCG – Patos – PB  
E-mail: [abrantesmariana295@gmail.com](mailto:abrantesmariana295@gmail.com)

Francisco Vieira de Sousa Júnior  
Medicina Veterinária – UFCG – Patos – PB  
E-mail: [francisco.vieira@estudante.ufcg.edu.br](mailto:francisco.vieira@estudante.ufcg.edu.br)

Beatriz Dantas da Silva  
Medicina Veterinária – UFCG – Patos – PB  
E-mail: [beatrizdantasds@gmail.com](mailto:beatrizdantasds@gmail.com)

Maria dos Milagres Jales Fernandes  
Médica Veterinária - Brejo do Cruz – PB  
E-mail: [milagresfernandes2468@hotmail.com](mailto:milagresfernandes2468@hotmail.com)

Juciê Jales Fernandes  
Médico Veterinário e mestre em Ciência e Saúde Animal - Brejo do Cruz – PB  
E-mail: [juciemedvet@gmail.com](mailto:juciemedvet@gmail.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

As hemoparasitoses em equinos acometem o sistema hematopoiético, diminuindo o rendimento do animal atleta, essas enfermidades são diagnosticadas na rotina hípica, mais comumente babesia e theileria, causadas pelos protozoários *Babesia caballi* e *Theileria equi* (Rego, 2008). Também existe a anaplasma, que é causada por uma Rickettsia, que é uma bactéria intracelular obrigatória e Gram-negativa *Anaplasma phagocytophilum* (Mezerville e Padilla-Cuada, 2007). Devido a semelhança na sintomatologia clínica, e na ausência da utilização dos exames laboratoriais, frequentemente os equinos são diagnosticados com babesiose, negligenciando a presença da anaplasmose. Por conta dessa importância para a saúde dos equinos, o objetivo desse trabalho consiste-se em relatar aspectos clínicos, epidemiológicos e patogênicos, assim como formas de diagnóstico, tratamento e medidas de controle da anaplasmose.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica sobre o tema "ANAPLASMOSE EM EQUINOS", por meio de artigos científicos disponíveis nas plataformas Google Acadêmico, Pub Med e livros físicos de autores reconhecidos na medicina equina.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

A anaplasmose é uma doença transmitida pelos carrapatos, com maior aparecimento entre os meses de março a junho, ocorrendo na maioria dos casos assintomáticos, e cerca de 10% demonstram sinais (Hansen *et al.*, 2010). O carrapato, tido como o vetor da doença, se contamina durante o repasto sanguíneo, podendo transmitir a doença aos animais sadios (Rikihisa, 2011). Quando o equino é infectado, a bactéria se multiplica por divisão binária nos fagossomos, formando as mórulas, que provocam lise no citoplasma, desencadeando bacteremia e infecção de novas células (Saleem *et al.*, 2018). Os animais quando acometidos, apresentam sinais clínicos como anorexia, baixo rendimento nas atividades exercidas, cansaço, hipertermia, edema de membros, letargia e palidez das mucosas, como alterações na hematologia é perceptível corpúsculos de inclusão em neutrófilos, trombocitopenia, anemia leve e leucopenia (Salvangi *et al.*, 2010). Para diagnosticar a anaplasmose, o hípica deverá exercer um cauteloso exame clínico, como também utilizar de meios laboratoriais como: método de ELISA, Reação em Cadeia de Polimerase (PCR), Reação de Imunofluorescência indireta (RIFI) e esfregaço de capa leucocitária

(Salvagni *et al.*, 2010; Silaghi *et al.*, 2017). Quando o diagnóstico da anaplasma é confirmado, o tratamento medicamentoso é prescrito com antibioticoterapia com oxitetraciclina na dose de 6,6 a 7 mg/kg, intravenoso, SID, administrado desde que o animal apresentou febre durante cinco a dez dias, a doxiciclina na dose de 10 mg/kg via oral BID, após duas aplicações de oxitetraciclina intravenoso também pode ser útil, atrelado a terapias de suporte, os animais normalmente reagem de forma positiva e se recuperam rápido, na maioria das vezes sem demonstrar complicações (Pusterla; Madigan, 2013). Além disso, faz-se necessário realizar-se diagnósticos diferenciais, tendo em vista que os sinais clínicos da anaplasmoses mostram-se inespecíficos. Sendo assim, deve ser realizado para babesiose e theileriose, anemia infecciosa equina, leptospirose e hepatopatias (Mghirbi *et al.*, 2012).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É primordial que os médicos veterinários conheçam os aspectos clínicos e epidemiológicos dessa doença e assim possam buscar soluções para diagnosticar corretamente o agente etiológico envolvido em casos que suspeita-se de hemoparasitose ou anaplasmoses, visto que essas enfermidades requerem medidas terapêuticas específicas.

#### REFERÊNCIAS:

HANSEM, M. G. B.; CHRISTOFFERSEN, M.; THUESEN, L. R.; PETERSEN, M. R.; BOJESSEN, A. M. Seroprevalence of *Borrelia burgdorferi* sensu lato and *Anaplasma phagocytophilum* in Danish horses. **Acta Veterinaria Scandinavica**, v. 52, n. 3, p. 1-6, 2010.

HERNÁNDEZ DE MEZERVILLE, V.; PADILLA CUADRA, J. I. Choque séptico por ehrlichiosis. **Acta Médica Costarricense**, [S. l.], v. 49, n. 2, p. 118-120, 2007.

MGHIRBI, Y. *et al.* *Anaplasma phagocytophilum* in horses and ticks in Tunisia. **Parasites and Vectors**, v. 5, n. 1, p. 1-7, 2012.

PUSTERLA, N.; MADIGAN, J. E. Journal of Equine Veterinary Science Equine Granulocytic Anaplasmosis. **Journal of Equine Veterinary Science**, v. 33, n. 7, p. 493-496, 2013.

REGO, B. M. D. **Estudo da infecção natural por protozoários dos gêneros Babesia e Theileria numa exploração coudélica do Ribatejo**. 2008. 78 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) – Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Medicina Veterinária. 2008.

RIKIHISA, Y. Mechanisms of obligatory intracellular infection with *Anaplasma phagocytophilum*. **Clinical microbiology reviews**, v. 24, n. 3, p. 469-489, 2011.

SALVAGNI, C. A.; DAGNONE, A. S.; GOMES, T. S.; MOTA, J. S.; ANDRADE, G. M.; BALDANI, C. D.; MACHADO, R. Z. Serologic evidence of equine granulocytic anaplasmosis in horses from central West Brazil. **Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária**, v. 19, n. 3, p. 135 -140, 2010.

SALEEM, S.; IJAZ, M.; FAROOQI, S. H.; RASHID, M. I.; KHAN, A.; MASUD, A.; AQIB, A. I.; HUSSAIN, K.; MEHMOOD, K.; ZHANG, H. First molecular evidence of equine granulocytic anaplasmosis in Pakistan. **Acta Tropica**, v. 180, p. 18-25, 2018.

SILAGHI, C.; SANTOS, A. S.; GOMES, J.; CHRISTOVA, I.; MATEI, I. A.; WALDER, G.; DOMINGOS, A.; BELL-SAKYI, L.; SPRONG, H. VON LOEWENICH, F.; D.; OTEO, J. A.; DE LA FUENTE, J.; DUMLER, J. S. Guidelines for the direct detection of *Anaplasma* spp. in diagnosis and epidemiological studies. **Vector-borne and Zoonotic Diseases**, v. 17, n. 1, p. 12 -22, 2017.

## APITOXINA COMO CAUSA DA MORTE DE UM EQUINO: RELATO DE CASO

Jordana Ádila Araújo de Sousa  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG – Patos – PB - Brasil  
Email: [jordana.adila@estudante.ufcg.edu.br](mailto:jordana.adila@estudante.ufcg.edu.br)

Ana Maria Leite Costa  
Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos - PB – Brasil  
Email: [anacosta@medvet.fiponline.edu.br](mailto:anacosta@medvet.fiponline.edu.br)

Roberta Simone Bezerra Gomes Ximenes  
Médica Veterinária – São José do Egito – PE – Brasil  
Email: [robertasbgx@gmail.com](mailto:robertasbgx@gmail.com)

Willder Rafael Ximenes Cunha  
Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil  
Email: [willdercunha@fiponline.edu.br](mailto:willdercunha@fiponline.edu.br)

### RESUMO:

#### INTRODUÇÃO:

A apitoxina é o produto da secreção de glândulas das abelhas, sendo guardada na bolsa de veneno destas. Acidentes causados por abelhas são rotineiros em animais domésticos como os equinos, porém há poucos relatos na literatura. A apresentação clínica depende da quantidade de veneno, podendo ir da hipersensibilidade local até a uma reação tóxica sistêmica (Silva *et al.*, 2011).

#### RELATO DE CASO:

Foi atendida na zona rural do município de Itapetim, Pernambuco, uma potra mestiça com dois anos de idade, pelagem castanha, pesando aproximadamente 250 kg. O proprietário relatou que observou uma mudança de comportamento do animal e ao se aproximar percebeu o ataque das abelhas. No exame clínico o animal encontrava-se em decúbito lateral direito, com nível de consciência reduzido, apática, apresentando nistagmo, mucosas hipercoradas, urticária difusa, presença de ferrões em alguns locais, taquicardia e taquipneia. Foi iniciada fluidoterapia usando soro ringer com lactato e complexo vitamínico, dexametasona (4mg/kg/IV), meloxicam associado a dipirona (1ml/25kg/IV) e antitóxico a base de vitaminas do complexo B (40ml/IV). Porém devido a gravidade do quadro o animal veio a óbito ainda no atendimento, impossibilitando a continuação do protocolo terapêutico. Não foi realizada a necropsia pela recusa do proprietário.

#### DISCUSSÃO:

Por não existir um antídoto próprio para a apitoxina, se faz necessário um tratamento de suporte. O protocolo adotado, com uso de analgésicos e fluidoterapia, também foi descrito por Silva e colaboradores (2011). Conforme Lima, Martins e Catalano (2020) descrevem em seu trabalho, os sinais neurológicos são comumente encontrados nestes casos, em conformidade com os sinais clínicos apresentados pela paciente atendida, que se encontrava apática, com nistagmo e níveis de consciência reduzidos, corroborando também com os achados de Terence e colaboradores (2021). De acordo com os sinais clínicos, o animal deve ser submetido a terapia de suporte, iniciando com medicamentos de efeito anti-histamínico, sendo a prometazina e a dexametasona os mais utilizados (Lima; Martins; Catalano, 2020), em conformidade com a terapêutica adotada. O óbito da paciente ainda no início do atendimento pode ser explicado pela grande quantidade de picadas, como também na demora em buscar atendimento veterinário, corroborando com Lima, Martins e Catalano (2020), que descrevem em seus estudos a relação do prognóstico com a quantidade de apitoxina por quilo de peso vivo e que, geralmente, os animais com mais de 24

ferroadas por quilo vão a óbito e com Carvalho *et al.* (2023) no qual diz que a demora para solicitar o médico veterinário pode ocasionar um prognóstico ruim, pois o veneno ficara na circulação sistêmica por mais tempo, elevando o risco de óbito.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As consequências causadas pela apitoxina no organismo podem desenvolver alterações graves, dessa forma se faz necessária a identificação precoce dos sinais clínicos para a adoção de uma terapêutica emergencial, com o intuito de minimizar a disseminação da substância e consequentemente melhorar o prognóstico do animal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Apitoxina. Equino. Abelhas. Óbito.

#### REFERÊNCIAS:

CARVALHO, M. C. P.; SANTOS, T. P.; MOURA, M. B. D.; MATOS, M. P. C.; BRANDSTETTER, L. Nefrite multifocal secundária à apitoxina em equino quarto de milha. **Anais do Simpósio Internacional do Cavalo Atleta (SIMCAV)**, Belo Horizonte, ago. 2023. Disponível em: [www.even3.com.br/Anais/xi-simcav-304492/623908](http://www.even3.com.br/Anais/xi-simcav-304492/623908). Acesso em: 13 abr. 2024.

LIMA, J. C.; MARTINS, M.T.; CATALANO, F. A. Acidente por picada de abelha africanizada em dois equinos – Relato de caso. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, v. 18, e. 18504, set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/cienciaanimal/article/view/27385>. Acesso em: 13 abr. 2024.

SILVA, A. P. T.; SAWADA, M. L.; PINHEIRO, A. O.; TORRES, M. L. M. Acidentes com abelhas (apitoxina): Relato de caso. **12º encontro acadêmico de produção científica**, maio 2011. Disponível em: <http://ibict.unifeob.edu.br:8080/jspui/handle/prefix/985>. Acesso em: 13 abr. 2024.

TERENCE, C. S.; DENADAI, D. S.; GONZAGA, M. S.; PEREIRA, P. A. B.; FERNANDES JR, E. G. Intoxicação por picada de abelha-europeia (*Apis mellifera*) em uma égua: Relato de caso. **Anais do Simpósio Internacional do Cavalo Atleta (SIMCAV)**, Belo Horizonte, abr. 2021. Disponível em: [www.even3.com.br/Anais/SIMCAV2021/331081](http://www.even3.com.br/Anais/SIMCAV2021/331081). Acesso em: 13 abr. 2024.

## APLICABILIDADE DA ARTROSCOPIA NA MEDICINA EQUINA: REVISÃO DE LITERATURA

Pedro Germano Oliveria  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa – PB – Brasil  
E-mail: [pedro.germano@academico.edu.br](mailto:pedro.germano@academico.edu.br)

Ryandro Martins de Sousa  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa – PB – Brasil  
[ryandro.martins@academico.ifpb.edu.br](mailto:ryandro.martins@academico.ifpb.edu.br)

Milla Cordeiro de Souza Cunha  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa – PB – Brasil  
[Milla.cordeiro@academico.ifpb.edu.br](mailto:Milla.cordeiro@academico.ifpb.edu.br)

Fernanda Pereira da Silva Barbosa  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa – PB – Brasil  
[fernanda.barbosa@ifpb.edu.br](mailto:fernanda.barbosa@ifpb.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A artroscopia articular é uma técnica minimamente invasiva que visa diagnosticar e tratar lesões, inflamações ou doenças degenerativas, através de um endoscópio em que se observa a estrutura anatômica e sua conformação de ligamentos e articulações em equinos.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão de literatura do tipo descritiva, cujos artigos selecionados foram obtidos através de pesquisas nas seguintes bases de dados: Google acadêmico, Scielo e Pubmed, onde utilizou-se os seguintes descritores: Artroscopia, Equinos e Ortopedia. Foram incluídos artigos em português e inglês, e publicações entre 2009 a 2021.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

A artroscopia é uma técnica cirúrgica ortopédica minimamente invasiva que vem sendo utilizada desde a década de 80, com finalidade terapêutica e diagnóstica, com a utilização de um endoscópio, trazendo menor impacto para o paciente. Essa alternativa vem crescendo ao decorrer dos anos, como medida alternativa em ambientes hospitalares que não tem uma máquina de ressonância magnética (Canola et al., 2021). A artroscopia se divide em duas técnicas: a convencional e a em agulha. Ambas tem como objetivo trazer menores incisões cirúrgicas para o paciente, mas a em agulha consiste em uma técnica ainda menos invasiva, visto que, é utilizado uma agulha especial e um equipamento de visualização com menor trauma na região que vai ser explorada (Bonilla, 2019; Kadic et al., 2020). Além disso, essa forma de artroscopia é mais segura para o paciente com grandes lesões ortopédicas, já que, o óbito desses animais estão mais relacionados ao uso da anestesia geral nos procedimentos cirúrgicos. Com isso, a artroscopia em agulha surge como uma alternativa mais segura e mais eficaz, pelo fato de poder ser realizada em animais com uma simples sedação, com Detomidina e um bloqueio local com Lidocaína, como foi relatado por Pouyet (2020) e Frisbie (2014). De acordo com Rosa (2009), a técnica de artroscopia convencional já foi relatada e possui indicações em diversas articulações dos equinos (adultos e potros) na articulação do carpo ("Joelho"), metacarpofalangeana/metatarsofalangeana ("Boleto"), femoropatelar, femorotibial, tibiotársica (tarsocrural), escápulo-umeral (ombro), úmero-rádio-ulnar ("cotovelo"), coxofemoral ("quadril") e interfalangeanas. De acordo com Canola (2021), as articulações estão suscetíveis a diversas alterações como osteoartrites, lesões císticas subcondrais, fraturas, osteoartrite, osteocondrose dissecante, degenerações

osseas/articulares, traumas, desmites e tendinites, sendo o padrão ouro para o tratamento e o diagnóstico das patologias articulares (Pouyet et al, 2020).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A artroscopia tem um papel fundamental na medicina equina, com essa técnica, é possível examinar e tratar as articulações dos

cavalos com maior segurança e eficácia, contribuindo para a recuperação mais rápida e a redução do risco de complicações pós-operatórias. Além disso, a artroscopia possibilita uma melhor compreensão das lesões articulares, auxiliando na tomada de decisões clínicas mais assertivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cirurgia. Cavalos. Ortopedia.

#### **REFERÊNCIAS:**

Bonilla AG. Standing needle arthroscopy of the metacarpophalangeal and metatarsophalangeal joint for removal of dorsal osteochondral fragmentation in 21horses. **Vet Comp Orthop Traumatol.** 32 (5): 420-426, 2019

Canola, P.A., Cardenas, J.J., Sa, G.C. & de Paula, V.B. Needle Arthroscopy of the Scapulohumeral Joint and Bicipital BURSA in Horses: An Ex Vivo Study. **Journal of Equine Veterinary Science**, 101, 1-9, 2021.

Frisbie DD, Barrett MF, McIlwraith CW, Ullmer J. Diagnostic stifle joint arthroscopy using a needle arthroscope in standing horses. **Vet Surg.** 43 (1): p.12-18, 2014.

Kadic DTN, Bonilla AG. Diagnostic needle arthroscopy of the tarsocrural joint in standing sedated horses. **Vet Surg** p. 1-10. 2020.

Pouyet M, Bonilla AG. Diagnostic needle arthroscopy of the scapulohumeral joint in standing sedated horses. **Vet Surg.** 1-9, 2020:

ROSA, LILIANA REIS. Indicações da artroscopia em equinos. Botucatu, 2009. 20 p. **Trabalho de conclusão de curso de graduação (Medicina Veterinária, Área de Concentração: Clínica Cirúrgica de Grandes Animais) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Campus de Botucatu, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

## APLICABILIDADE DO ULTRASSOM TERAPÊUTICO NO PROCESSO CICATRICIAL DE QUINOS: REVISÃO DE LITERATURA

Pedro Germano Oliveira

Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - PB -Brasil

Email: [pedro.germano@academico.ifpb.edu.br](mailto:pedro.germano@academico.ifpb.edu.br)

Ryandro Martins de Sousa

Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - PB -Brasil

[ryandro.martins@academico.ifpb.edu.br](mailto:ryandro.martins@academico.ifpb.edu.br)

Milla Cordeiro de Souza Cunha

Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - PB -Brasil

[milla.cordeiro@academico.ifpb.edu.br](mailto:milla.cordeiro@academico.ifpb.edu.br)

Basílio Felizardo de Lima Neto

Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - PB -Brasil

[basilio.felizardo@academico.ifpb.edu.br](mailto:basilio.felizardo@academico.ifpb.edu.br)

Fernanda Pereira da Silva Barbosa

Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - PB - Brasil

[fernanda.barbosa@ifpb.edu.br](mailto:fernanda.barbosa@ifpb.edu.br)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** O ultrassom terapêutico (UST) é uma modalidade reabilitativa não-invasiva utilizada para tratamento de diversas condições musculoesqueléticas, tendinosas e teciduais, por meio de um aparelho que emite energia sonora longitudinal de penetração profunda, produzindo alterações celulares por efeitos mecânicos.

**METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão de literatura do tipo descritiva, cujos artigos selecionados foram obtidos através de pesquisas nas seguintes bases de dados: Google acadêmico e Pubmed, onde utilizou-se os seguintes descritores: Ultrassom terapêutico, equinos e cicatrização. Foram incluídos artigos em português e inglês.

**REVISÃO DE LITERATURA:** O ultrassom terapêutico é uma técnica que utiliza energia ultrassônica para o tratamento de doenças. O aparelho realiza vibrações sonoras rítmicas e oscilantes, com capacidade de penetração e irradiação ao meio elástico que estiver em contato (Guirro et al., 1999). Essa ferramenta é de grande auxílio para a medicina equina, já que promove a reabilitação indolor e auxilia o tratamentos de lesões, como artroses, fraturas ósseas, distensões musculares, tendinites, processos isquêmicos, etc (Starkey, 2001). Seus efeitos terapêuticos têm se mostrado benéficos para estes animais, que sofrem lesões em decorrência de esforço físico, destacando-se o fato de que em cavalos ocorrem altas incidências de injúrias locomotoras (Moraes et al., 2009). Além disso, a pele no local afetado geralmente é escassa e há formação de tecido de granulação, o que afirma a necessidade de intervenções estratégicas (Paganela et al., 2009). Nos equinos, a cicatrização de tecidos envolve uma série de eventos que dependem de fatores sistêmicos e locais (Coelho et al., 2002). O UST induz a cicatrização por meio das vibrações longitudinais que penetram os tecidos, as quais se espalham, sendo parte delas dissipada e parte absorvida, promovendo aquecimento (Arnauld-Taylor, 1999). O sistema circulatório interage de forma característica com energias sonoras, pois apresenta partículas em movimento e vasomotricidade baseada num controle neuro-humoral, o que modifica a dissipação e absorção do feixe sonoro, aumentando o metabolismo local e consequentemente ativando fibroblastos e fibras colágenas, além de promover a vasodilatação da área lesionada (Olsson et al., 2006). Dessa forma, promove efeito antiinflamatório e analgésico, além de reduzir edemas locais (Moraes

et al., 2009). Em média, o tempo de aplicação do UST deve ser de 4 a 10 minutos por área, com frequência que pode variar de 1 a 3 Hz (hertz), sendo o valor da frequência inversamente proporcional à profundidade das ondas (Guirro et al., 1999). A terapia é feita massageando o transdutor na lesão com o auxílio de um gel lubrificante. Essa aplicação pode ser estacionária ou não, a depender do tipo e localização da lesão, pois devido ao aquecimento, tecidos com pouca pele podem superaquecer e causar queimaduras (Paula, 1994). As contraindicações dessa modalidade são mínimas, mas deve-se evitar seu uso próximo de úteros gravídicos e locais com lesões de queimaduras (Paula, 1994).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O ultrassom terapêutico é uma ferramenta de amplo benefício para a medicina equina. Com o seu uso, pode-se aprimorar e acelerar a reabilitação de animais lesionados de forma não-invasiva e indolor, promovendo ao animal uma melhor recuperação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cavalos. Fisioterapia. Reabilitação.

#### REFERÊNCIAS:

ARNOULD-TAYLOR, W. **Princípios e prática de fisioterapia**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 1999. 236p.

GUIRRO, R.; SANTOS, S. C. B. A realidade da potência acústica emitida pelos equipamentos de ultra-som terapêutico: uma revisão. **Revista de Fisioterapia da Universidade de São Paulo**, v. 4, n. 2, p. 76-82, 1997.

MORAES, J. M.; SILVA, A. M. G. B.; XIMENES, F. H. B.; MOTA, A. L. A. A.; MARANHÃO, R. P. A.; GODOY, R. F. Therapeutic ultrasound as treatment in equine wounds. In: 11th Congress of the world equine veterinary association, Guarujá, 2009. **Proceedings of the 11th International Congress of the World Equine Veterinary Association**. Guarujá: 2009. p. 1 – 2.

Disponível em: [Therapeutic Ultrasound As Treatment in Equine Wounds. In: Proceeding of 11th International Congress of World Equine Veterinary Association, Guarujá, SP, Brazil - 2009 \(ivis.org\)](#). Acesso em: 26 abr. 2024.

OLIVEIRA, I. V. P. M.; DIAS, R. V. C. Cicatrização de feridas: fases e fatores de influência. **Acta Veterinaria Brasilica**, v. 6, n. 4, p. 267-271, 2012.

OLSSON, D. C.; MARTINS, V. M. V.; PIPPI, N. L.; MAZZANTI, A.; TOGNOLI, G. K. Ultra-som terapêutico na cicatrização tecidual. **Ciência Rural**, v. 38, n. 4, p. 1199-1207, 2008.

PAGANELA, J. C.; RIBAS, L. M.; SANTOS, C. A.; FEIJÓ, L. S.; NOGUEIRA, C. E. W.; FERNANDES, C. G. Abordagem clínica de feridas cutâneas em equinos. **RPCV**, v. 104, n. 569-572, p. 13-18, 2009.

PAULA, J. L. Ultra-som terapêutico: considerações gerais. **Fisioterapia em Movimento**, v.7, n.1, p. 9-16, 1994.

SILVEIRA, S. D. **O ultra-som terapêutico no processo cicatricial de tendões flexores digitais superficiais em cães**. Dissertação (Mestrado em Cirurgia Experimental) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2003.

STARKEY, C. **Recursos terapêuticos em fisioterapia**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2001. 404p.

## ASPECTOS CLÍNICOS E EPIDEMIOLÓGICOS DA INTOXICAÇÃO POR *Crotalaria retusa* (FABACEAE) EM EQUINOS

Marcelo Caetano de Sousa e Silva  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
[marcelosilva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:marcelosilva@medvet.fiponline.edu.br)

Francisco Inácio de Azevedo Neto  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
[francisconeto@medvet.fiponline.edu.br](mailto:francisconeto@medvet.fiponline.edu.br)

Mariano Lucena Linhares  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
[marianolucena3445@gmail.com](mailto:marianolucena3445@gmail.com)

Thiago de Sousa Galvão  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
[thiagogalvao@medvet.fiponline.edu.br](mailto:thiagogalvao@medvet.fiponline.edu.br)

Prof. Dr. Gustavo de Asis Silva  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
[gustavosilva1@fiponline.edu.br](mailto:gustavosilva1@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

No semiárido nordestino do Brasil existe uma grande incidência de intoxicação em equinos por ingestão de plantas tóxicas. Um exemplo importante é a intoxicação por *Crotalaria retusa*. As plantas do gênero *Crotalaria*, no Brasil, recebem comumente nomes como "xique-xique", "guizo-de-cascavel", "chocalho-de-cascavel" e possuem vagens secas que quando tocadas se assemelham ao som emitido pela cauda da cascavel (Williams & Molyneux, 1987). A intoxicação por *Crotalaria* spp. afeta diversas espécies domésticas e é conhecida em todo o mundo. Mais de 600 espécies são encontradas em diversas regiões do planeta, sendo a maioria tóxica para animais. As variedades tóxicas mais conhecidas são *C. spectabilis*, *C. crispata*, *C. retusa*, *C. dura* e *C. globifera* (BARRI & ADAM 1981).

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através da pesquisa de artigos científicos no Google Acadêmico utilizando o tema "DANOS E EFEITOS DE *Crotalaria retusa* EM EQUINOS".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Diversas espécies deste gênero causam efeitos tóxicos nos animais e em humanos, contendo alcalóides pirrolizidínicos (AP), os quais são hepatotóxicos. O principal encontrado na *C. retusa* é a *monocrotalina* (Ribeiro et al., 1993; Kosogof et al. 2001). Uma dose única pode levar a uma lesão hepática aguda, com necrose hemorrágica centrolobular e morte em poucas horas ou alguns dias. A intoxicação crônica é observada mais frequentemente e caracteriza-se por hepatomegalocitose e fibrose hepática (Baybutt et al., 2002; Copple et al., 2002). Os APs são hepatotóxicos e produzem uma lesão crônica de forma irreversível, caracterizada por inibição da mitose. Os hepatócitos não se dividem, mas continuam sintetizando DNA no núcleo e aumentando seu tamanho (megalcitos). Posteriormente, essas células morrem, e, em consequência, ocorre a fibroplasia e hiperplasia das células dos ductos e canálculos biliares. Como um evento terminal, a fibrose hepática e a lesão hepatocelular, desencadeia hiperamonemia, e consequentemente lesões no sistema nervoso central, denominado encefalopatia hepática. Os sinais clínicos observados em equinos caracterizam-se por apatia, perda de peso, anorexia, icterícia, diarreia,

sonolência, bocejos, incoordenação, dismetria, tremores musculares, andar em círculo ou a esmo, batendo em objetos, pressão da cabeça contra a parede, fortes contrações musculares e gemidos de dor. Outros sinais incluem fotossensibilização, opacidade da córnea e edema no prepúcio e região ventral do abdômen. O curso clínico pode variar de 3 a 60 dias, podendo evoluir para morte (GAVA e BARROS. 1997).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Comparando os achados verificados em outros trabalhos realizados com equinos, pode-se concluir que na região Semiárida ocorre intoxicação por *C. retusa* independente do período do ano, acometendo animais adultos, desencadeando sinais clínicos neurológicos e morte.

**PALAVRA CHAVE:** Plantas tóxica, fígado, encefalopatia hepática.

#### **REFERÊNCIAS:**

BARRI M. E. S. & ADAM S. E. I. 1984. Effects of *Crotalaria saltiana* on Nubian Goats. **Vet. Human. Toxicol.** 26: 476-480.

NOBRE V. M. T., RIET-CORREA F. DANTAS A.F.M., TABOSA I. M., MEDEIROS R. M.T., BARBOSA FILHO J. M. Intoxication by *Crotalaria retusa* in ruminants and equidae in the state of Paraíba, Northeastern Brazil. Cap. 41. **In: Poisonous plants and related toxins.** Edited by: Acamovic T., Stewart C. S. and Pennycott T. W. Ed. Glasgow: CAB International. p. 275-279. 2004<sup>a</sup>.

CHECKE, P.R. Toxicity and metabolism of pyrrolizidini alkaloids. **J anim Sci** v. 66, p. 2343-2350, 1998.

RIET-CORREA, F., SCHILD, A. L., MENDES, M. C., LEMOS, R. 2001. **Doenças de ruminantes e eqüinos.** 2a ed. São Paulo: Livraria Varela. Vol. II, 574 p.

GAVA A., BARROS C.S.L.. Senecio spp. poisoning of horses in southern Brazil. **Pesq. Vet. Bras.** 17: 36-40. 1997.

**AVALIAÇÃO DO MIORRELAXAMENTO E RECUPERAÇÃO  
ANESTÉSICA EM EQUINO PRÉ-MEDICADO COM DIAZEPAM  
SUBMETIDO A ORQUIECTOMIA**

Wesley Marques Rodrigues  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [wesleyrodrigues@medvet.fiponline.edu.br](mailto:wesleyrodrigues@medvet.fiponline.edu.br)

Emmanuel Suedney dos Santos Dantas  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br](mailto:emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br)

Lindebergue Nóbrega Pereira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [haraslp.sm@gmail.com](mailto:haraslp.sm@gmail.com)

Júlio Edson da Silva Lucena  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [juliolucena@fiponline.edu.br](mailto:juliolucena@fiponline.edu.br)

Sóstenes Arthur Reis Santos Pereira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [sostenespereira@fiponline.edu.br](mailto:sostenespereira@fiponline.edu.br)

**INTRODUÇÃO:** O estado de anestesia geral é compreendido por uma série de fatores comportamentais, o que inclui amnésia, hipnose, analgesia, imobilidade e perda ou diminuição dos reflexos autônomos. Tais fatores são alcançados devido à interação dos fármacos anestésicos e seus receptores de ação (KELZ, MASHOUR, MAZE, 2009). A manutenção anestésica intravenosa (TIVA) a campo é realizada por meio do *Triple drip* (associar fármacos), a infusão de solução de Éter-gliceril-guaiacol (EGG), Xilazina e Cetamina, a fim de proporcionar miolorrelaxamento, analgesia e hipnose, e recuperação anestésica adequada (BETTSCART-WOLFENSBERGER, 2015). A associação de fármacos agonistas  $\alpha_2$ -adrenérgicos, como a xilazina, a infusão *Triple drip* visa otimizar o miolorrelaxamento e, principalmente, uma recuperação mais tranquila. No entanto, na ausência desta classe farmacológica, a administração prévia de fármacos benzodiazepínicos também pode promover essas propriedades farmacológicas. O objetivo deste protocolo é avaliar os efeitos do miolorrelaxamento e da recuperação anestésica de um equino pré-medocado com diazepam e submetido a cirurgia de orquiectomia eletiva.

**RELATO DE CASO:** Foi atendido um equino, macho, hígido, ½ bretão, 3 anos, submetido a jejum alimentar e hídrico de 12 horas e 8 horas, respectivamente. O paciente apresentava uma frequência cardíaca de 48 bpm, a frequência respiratória em 16 mpm, hidratado, mucosas rosadas. O animal foi pré-medocado com acepromazina na dose de 0,05 mg/kg e cinco minutos depois, administrou-se diazepam na dose de 0,1 mg/kg, ambas por via intravenosa (IV). A indução anestésica do paciente foi com EGG na dose de 100 mg/kg, associado a cetamina, na dose de 2 mg/kg por via IV. Após decúbito do animal, a anestesia foi mantida em infusão IV contínua de uma solução de EGG a 100 mg/mL e cetamina a 4 mg/mL, na taxa de 1 mL/kg/h. Ainda, associado a TIVA, foi realizado o bloqueio perineural do funículo espermático e o bloqueio infiltrativo da linha de incisão utilizando lidocaína a 2% sem vasoconstritor (s/v) na dose de 0,3 mL/kg. Em seguida, iniciou-se a cirurgia de orquiectomia. Como terapias adjuvantes foi administrado flunixin meglumine (1,1 mg/kg) por via IV, enrofloxacin (2,5 mg/kg) por via intramuscular (IM), soro antitetânico, na dose de 5.000 UI por via IM, e 20 mL de dexametasona por via IV. O protocolo promoveu um miolorrelaxamento satisfatório e recuperação anestésica tranquila com duração de 47 minutos para obtenção do posicionamento quadrupedal.

**DISCUSSÃO:** O animal permaneceu estável durante todo o procedimento cirúrgico, não sendo necessário aumentar a taxa de infusão contínua da TIVA. O protocolo anestésico ideal em equinos é aquele que reúne características como: capacidade de promover dissociação, relaxamento muscular e analgesia. Além de permitir uma recuperação suave, valor econômico baixo e disponível em grande quantidade (LERCHE, 2013). O diazepam promoveu miorelaxamento e sedação suficiente para prevenir episódios de excitação no período de recuperação anestésica (KANWAR, M.S, 2010).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que o diazepam promoveu miorelaxamento satisfatório e recuperação anestésica tranquila em equino anestesiado pela infusão contínua de EGG e cetamina e submetido a cirurgia eletiva de orquiectomia.

**PALAVRAS-CHAVE:** castração, cirurgia, anestésicos

#### REFERÊNCIAS:

BETTSCHART-WOLFENBERGER, R. Equinos. In: GRIMM, K. A. et al. (Eds.). **Lumb & Jones: Anestesiologia e Analgesia em Veterinária**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

LERCHE, P. Total Intravenous Anesthesia in Horses. **Veterinary Clinics of North America - Equine Practice**, v. 29, n. 1, p. 123-129, 2013.

KELZ, M. B.; MASHOUR, G. A.; MAZE, M. Sleep, Memory, and Consciousness. In: MILLER, R. D. et al. (Eds.). **Miller's Anesthesia**. 7. ed. [s.l.] Churchill Livingstone, 2009.

KANWAR, M.S. Clinical evaluation of continuous maintenance anesthesia using guaifenesin or diazepam combined with xylazine and ketamine in equines. **Indian Journal of Veterinary Surgery**, v.31, n.1, p.58, 2010.

SILVA, Luiz Antônio Franco da et al. Emprego da abraçadeira de náilon na orquiectomia em equinos. **Acta Scientiae Veterinariae**. V 34, n 3, p261-266, 2006.

## AVALIAÇÃO E TIPOS DE DORES EM EQUINOS

Paula Natally Cezar Campos  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [paulacampos@medvet.fiponline.edu.br](mailto:paulacampos@medvet.fiponline.edu.br)

Késia Karenine Ferreira da Silva  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [kesiasilva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:kesiasilva@medvet.fiponline.edu.br)

Emmanuel Suedney dos Santos Dantas  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br](mailto:emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br)

Iago Carvalho de Sousa  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br](mailto:emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br)

Janne Simone Idelfonso Sabino  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [jannesabino@medvet.fiponline.edu.br](mailto:jannesabino@medvet.fiponline.edu.br)

Júlio Edson da Silva Lucena  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [juliolucena@fiponline.edu.br](mailto:juliolucena@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

Há anos acreditava-se que a dor estava relacionada com a evolução dos animais, esses por serem menos evoluídos não sentiam dor ou sensibilidade a mesma. Os procedimentos realizados eram feitos sem analgesia, então provocava intensa dor e desconforto (Borja, 2008). A dor foi definida por Sternback (1968) como uma sensação particular e pessoal, de um sofrimento físico, estímulo nocivo, lesão ou dano tecidual, já a Associação Internacional da Dor definiu como uma experiência emocional e sensitiva desagradável associada a uma lesão real ou de um tecido. Objetiva-se descrever uma revisão de literatura acerca da avaliação e tipos de dores que acometem os equinos.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através da pesquisa de artigos científicos no Google Acadêmico utilizando os caracteres "avaliação, dor, equinos".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

A dor somática nos equinos, principalmente nos animais atletas, é em decorrência das afecções locomotoras, caracterizada pela claudicação. Dentre outros sinais da dor somática que caracteriza as afecções locomotoras estão: alteração do peso entre os membros, relutância em andar e inquietação (Wagner, 2010). As enfermidades que acometem o sistema gastrointestinal como a síndrome cólica, por exemplo, são as principais causas de dor visceral. Já que há estímulos mecânicos, químicos, isquêmicos e térmicos nas vísceras estes tornam-se desencadeadores das dores abdominais difusas e mal localizadas (Meintjes, 2012). No contexto em que a dor é uma forma de alerta a um comprometimento orgânico, independente da origem, somática ou visceral, ela é prejudicial ao animal, podendo dificultar as funções gastrointestinais e reduzir o apetite (Flecknell, 2008). A dor pode ainda alterar os parâmetros fisiológicos, como a frequência respiratória e cardíaca, podendo ainda causar desequilíbrio nos níveis de catecolaminas, beta-endorfinas e no cortisol (Flecknell, 2008). Segundo Van Loon & Van Dierendonck (2018), as escalas de dor

necessitam de dois itens para a utilização: confiabilidade, ou seja, obter resultados iguais em todas as escalas que forem executadas, e a viabilidade, se a escala utilizada mede o que está sendo pretendido, pois para cada tipo de dor existe uma escala diferente. As escalas elas são simples de serem utilizadas, não necessitam de equipamentos de alto valor, o resultado é imediato, não estressa o animal, além de diferenciar os cavalos que estão com ou sem dor e pode ser um exame de rotina (Van Loon & Van Dierendonck, 2018)

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Avaliar, diagnosticar e tratar a dor dos equinos é de suma importância, já que esses são altamente sensíveis a processos dolorosos de diferentes origens. A utilização das escalas da dor e uma avaliação clínica completa é essencial para determinar o protocolo analgésico para o animal.

**PALAVRAS-CHAVES:** Cavalos, estímulos dolorosos, dor somática, dor visceral.

#### **REFERÊNCIAS:**

BORJA, Mariana Chaparro. **Avaliação da dor no pós-operatório de artroscopia em equinos**. 2008. 71 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Medicina Veterinária, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, São Paulo, 2008.

FLECKNELL, P. Analgesia from a veterinary perspective. **Br J Anaesth**, v. 101, n. 1, p. 121-4, Jul 2008. ISSN 1471-6771. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18424804> >.

MEINTJES, R. A. An overview of the physiology of pain for the veterinarian. **The Veterinary Journal**, v. 193, n. 2, p. 344-348, 8// 2012. ISSN 1090-0233. Disponível em: < <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1090023312000974> >.

STERNBACH, RA Pain: uma análise psicofisiológica. Nova Iorque: **Academic Press**, 1968. p. 95-115.

Van Loon, J. P. A. M., & Van Dierendonck, M. C. (2018). Objective pain assessment in horses (2014–2018). In **Veterinary Journal** (Vol. 242). <https://doi.org/10.1016/j.tvjl.2018.10.001>

WAGNER, A. E. Effects of Stress on Pain in Horses and Incorporating Pain Scales for Equine Practice. **Veterinary Clinics of North America: Equine Practice**, v. 26, n. 3, p. 481-492, 12// 2010. ISSN 0749-0739. Disponível em: < <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0749073910000659> >.

## BEM-ESTAR EQUINO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA VAQUEJADA

Vítor Sulpino Candeia

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [vitorcandeia@medvet.fiponline.edu.br](mailto: ritorcandeia@medvet.fiponline.edu.br)

Rebeca Salvador de Oliveira

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [rebecaoliveira@medvet.fiponline.edu.br](mailto: rebecaoliveira@medvet.fiponline.edu.br)

Sofia Oliveira Correia

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [sofiacorreia@medvet.fiponline.edu.br](mailto: sofiacorreia@medvet.fiponline.edu.br)

Tarsys Noan Silva Veríssimo

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [tarsysverissimo@fiponline.edu.br](mailto: tarsysverissimo@fiponline.edu.br)

Vitório Alves Barbosa

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [vitoriobarbosa@medvet.fiponline.edu.br](mailto: vitoriobarbosa@medvet.fiponline.edu.br)

Theonys Diógenes Freitas

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [theonysfreitas@fiponline.edu.br](mailto: theonysfreitas@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A vaquejada é uma prática tradicional e popular no Brasil, especialmente na região Nordeste. No entanto, questões relacionadas ao bem-estar dos cavalos atletas têm sido objeto de debate, devido às demandas físicas e ambientais impostas por essa atividade, uma vez que os equinos utilizados nesse contexto são mantidos confinados em estábulos e, como consequência desta estabulação, ocorre o aumento da agressividade, dentre outros problemas comportamentais, devido principalmente ao espaço limitado que ocupam, o que afeta o bem-estar de cada animal (MILLS; NANKERVIS, 2005). Além dos problemas de alojamento, o treinamento físico constante contribui para alterações do bem-estar animal, visto que, durante o exercício físico extenuante, ocorre o aumento da sua taxa metabólica em até 60 vezes, com objetivo de promover o transporte de oxigênio, água, eletrólitos, nutrientes e hormônios para os músculos em contração (MCCUTCHEON e GEOR, 2008). A partir desta revisão, objetivou-se examinar artigos relacionados ao bem-estar dos equinos atletas na vaquejada.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através da pesquisa de artigos científicos nas plataformas Google Acadêmico, Scielo, Pubvet e Science Direct.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Nas provas de vaquejada, os cavalos são extremamente exigidos, realizando um esforço físico de alta intensidade, porém, de curta duração, que se reflete em rápida largada, mudanças de direção e paradas abruptas, além de exigir elevada força física durante a derrubada do boi. Alguns cavalos chegam a disputar várias provas em finais de semana consecutivos (XAVIER, 2002). Atletas de alto desempenho, sejam eles humanos ou cavalos, quase sempre são compelidos a se exercitarem próximos ao limite máximo de esforço suportável pelo seu organismo (MARC et al., 2000). Adicionando-se variáveis ambientais desfavoráveis às condições de vida do animal,

como poluição sonora, exposição à temperatura ambiente elevada, contato com outros animais desconhecidos e de outras espécies, fornecimento de alimento e água fora da rotina, entre inúmeros outros fatores, apresenta-se um quadro que favorece as lesões físicas (ANGELI, 2005). Ademais, segundo Bird (2004), percebe-se uma inversão na distribuição do tempo de um animal estabulado para um em vida livre, ou seja, se na natureza ele passaria 67% do tempo pastejando, enquanto estabulado esse tempo seria dedicado ao ócio ou descanso, sua alimentação é reduzida para 17%, devido a modificação de sua dieta, pois ele passa a consumi-la de forma rápida. Além disso, o tempo de sono aumenta em 5% quando comparado ao animal na natureza, passando para 8%, que pode se justificar pelo fato de se encontrar em um ambiente seguro ou até mesmo pela ausência de interações sociais e necessidade de busca por alimento e água.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

O bem-estar dos equinos atletas na vaquejada é uma questão complexa que exige uma abordagem holística e colaborativa. Através do envolvimento ativo de veterinários, proprietários, vaqueiros e organizações reguladoras, é possível promover condições que permitam o desempenho atlético dos equinos de forma ética e responsável, garantindo ao mesmo tempo boas condições de bem-estar físico e comportamental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Equino. Comportamento. Bem-estar. Vaquejada. Atletas.

#### **REFERÊNCIAS:**

ANGELI, A. L. **Efeito da aquacupuntura sobre a performance de cavalos purosangue-ínglês treinados, em pista e avaliados por meio do teste de velocidade escalonada a campo.** 2005. 107 f. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade Estadual Paulista, Botucatu.

BIRD, J. **Cuidado natural del caballo.** Acanto, 2004. 206p.

MARC, M.; PARVIZI, N.; ELLENDORFF, F.; KALLWEIT, E.; ELSAESSER, F. **Plasma cortisol and ACTH concentrations in the warmblood horse in response to a standardized treadmill exercise test as physiological markers for evaluation of training status.** Journal of Animal Science, v. 78, p. 1936-1946, 2000.

MCCUTCHEON, L. J.; RAYMOND, G.J. **Thermoregulation and exercise-associated heat stress.** Hinchcliff, KW; Geor, RJ; Kaneps, AJ **Equine exercise physiology: the science of exercise in the athletic horse.** Philadelphia: Elsevier, p. 382-386, 2008.

MILLS, D. E K. NANKERVIS. **Comportamento Equino: Princípios e Prática.** Roca, 2005

XAVIER, I. L. G.de S. **Deteção de enfermidades do aparelho locomotor através do exame físico em eqüinos de vaquejada.** Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) – Escola Superior de Agricultura de Mossoró, Mossoró, RN, 2002.

## **CÃIBRA MUSCULAR ASSOCIADA AO EXERCÍCIO INTENSO EM CAVALOS DE VAQUEJADA**

Domini Barreto Silva  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [domini.barreto@estudante.ufcg.edu.br](mailto:domini.barreto@estudante.ufcg.edu.br)

Karoline Alves Araujo  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [karolvi123@gmail.com](mailto:karolvi123@gmail.com)

Mariana Kivia Duarte Vieira  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [mariana.kivia@estudante.ufcg.edu.br](mailto:mariana.kivia@estudante.ufcg.edu.br)

Sarah da Silva Dias  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [sarah.silva@estudante.ufcg.edu.br](mailto:sarah.silva@estudante.ufcg.edu.br)

Antonio Fernando de Melo Vaz  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [antonio.melo@ufcg.edu.br](mailto:antonio.melo@ufcg.edu.br)

### **Resumo**

#### **INTRODUÇÃO:**

A musculatura esquelética é composta por numerosas miofibrilas. Essas estruturas são constituídas por filamentos de actina e miosina responsáveis pela contração muscular, nos quais se localizam os sarcômeros (unidade contrátil do músculo). A contração muscular ocorre quando a cabeça da miosina interage se ligando ao sítio filamentoso da actina, ocasionando o encurtamento do sarcômero. (Carnevali Junior, 2014). Nas provas de vaquejada é comum realizar várias provas em uma mesma competição. Desta forma, os cavalos são extremamente exigidos, pois realizam um esforço físico de alta intensidade e de curta duração, que se reflete em uma rápida largada, mudanças de direção e paradas abruptas, além de exigir um elevado esforço durante a derrubada do boi. (Xavier, 2002 *apud in* Lopes, 2009). Segundo Carnevali Junior (2014), a ocorrência de fadiga e posteriormente câibras musculares devido à rigorosidade que se está praticando a atividade é comum em cavalos de vaquejada. Estes eventos ocorrem a partir do momento em que se chega ao limite da contração muscular, que, consequentemente durante este processo, são liberadas metabólitos do metabolismo oxidativo anaeróbico, tanto no músculo, quanto na corrente sanguínea, tornando o sangue mais ácido e dificultando a oxigenação muscular. Com isso, este resumo visa descrever o que ocorre bioquimicamente na musculatura quando há câibra em decorrência de alto esforço físico pela vaquejada.

#### **METODOLOGIA:**

Trata-se de uma revisão bibliográfica, realizada no google acadêmico utilizando os temas "CAVALOS DE VAQUEJADA" e "CONTRAÇÃO MUSCULAR".

#### **REVISÃO DE LITERATURA:**

As Câibras musculares associadas ao exercício caracterizam-se por ser uma contração muscular involuntária intensa e dolorosa, que pode acontecer em diversas situações e de forma temporária Mendes (2022). Na regulamentação da ABVAQ (2024), cada cavalo puxador poderá se apresentar somente em até 2 (duas) senhas. Sendo permitido o mesmo cavalo se apresentar na terceira senha caso perca uma ou as duas primeiras. Um dos principais causadores da câibra em cavalos de vaquejada ao realizar corridas numerosas e intensas, é o lactato produzido em grandes quantidades. O mesmo é um composto orgânico produzido como resultado do

metabolismo anaeróbico em atividades físicas intensas. A sua produção decorre da decomposição do glicogênio em piruvato, onde também ocorre liberação de energia. Em repouso, a concentração de lactato no organismo é baixa, aumentando apenas em atividades de alta intensidade. (McARDLE, 2011 *apud* Wanderley, 2025). Assim, de acordo com Lowinsohn (2007), na produção de lactato há a liberação do íon hidrogênio advinda da sua ionização, que, quando em excesso, acidifica a região muscular causando fortes reações, como a câibra. As câibras são contrações dadas pela grande ativação das unidades motoras com uma alta frequência de disparos. Esses eventos podem ocorrer em um músculo isolado ou em um grupamento muscular, podendo-se observar o enrijecimento do grupo muscular onde atuam (Miller, 2015 *apud* Carnevali Junior, 2014).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A intensa atividade anaeróbica observada em cavalos de vaquejada que ultrapassam as limitações do esporte, se dão pela falta de oxigênio muscular e alta produção de ácido láctico que acidifica a musculatura, causando encurtamento do sarcômero de forma involuntária (câibra).

**PALAVRAS-CHAVE:** Exercício. Contração. Lactato. Muscular.

#### **REFERÊNCIAS:**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE VAQUEJADA. **ABVAQ. Regulamento geral de Vaquejada 2024.** Disponível em:

<https://nucleos.nyc3.digitaloceanspaces.com/abvaq/documentos/regulamentogeraldavaquejada2024.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2024. ,

CARNEVALI JUNIOR, L. C. Mecanismos bioquímicos da contração muscular promovida pela câibra. **Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício**, v. 13, n. 4, p. 231, 10 set. 2014. Disponível em:

<https://convergenceseditorial.com.br/index.php/revistafisiologia/article/view/141/262>. Acesso em: 26 abr. 2024

LOPES, K. R. F.; BATISTA, J. S.; DIAS, R. V. da C.; SOTO-BLANCO, B. Influência das competições de vaquejada sobre os parâmetros indicadores de estresse em equinos. **Ciência Animal Brasileira / Brazilian Animal Science**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 538–543, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/vet/article/view/962>. Acesso em: 19 abr. 2024.

LOWINSOHN, D. **Desenvolvimento de um sensor para análise de lactato em amostras alimentares e biológicas.** Tese de Doutorado. Instituto de Química, USP. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/7500/1/21129023.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2024

MENDES, P. M.; MENDES, A. P.; LOUREIRO, N.; ARAÚJO, J. P. Exercise-associated muscle cramps: is there any nutritional solution?, **Acta portuguesa de nutrição**, Disponível em: [https://actaportuguesadenutricao.pt/wp-content/uploads/2022/12/09\\_AR.pdf](https://actaportuguesadenutricao.pt/wp-content/uploads/2022/12/09_AR.pdf). Acesso em: 19 abr. 2024.

WANDERLEY, T.; SOUZA, D. Centro universitário de Brasília - UNICEUB Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES **RESPOSTA DO LACTATO SANGUÍNEO A UMA SESSÃO DE EXERCÍCIO RESISTIDO.** Brasília-DF, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/7500/1/21129023.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2024.

Rafael da Silva Cordeiro de Oliveira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [rafaeloliveira@medvet.fiponline.edu.br](mailto:rafaeloliveira@medvet.fiponline.edu.br)

Ashley Evellyn Bezerra de Sousa  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [asheleysousa@fiponline.edu.br](mailto:asheleysousa@fiponline.edu.br)

Bruna Louise Fonseca de Araújo  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [brunaaraujo@medvet.fiponline.edu.br](mailto:brunaaraujo@medvet.fiponline.edu.br)

Denis da Silva Amaro  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [denisamaro@medvet.fiponline.edu.br](mailto:denisamaro@medvet.fiponline.edu.br)

Mayanna Almeida da Silva  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [mayannasilva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mayannasilva@medvet.fiponline.edu.br)

Theonys Diógenes Freitas  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [theonysfreitas@fiponline.edu.br](mailto:theonysfreitas@fiponline.edu.br)

### **RESUMO INTRODUÇÃO:**

A cólica equina é uma condição abdominal dolorosa que afeta cavalos e é uma das principais causas de morbidade e mortalidade nesta espécie. Caracterizada por uma variedade de distúrbios gastrointestinais, a cólica pode resultar de uma série de fatores, incluindo distúrbios alimentares, obstrução intestinal, torção, inflamação ou espasmo dos órgãos abdominais. Por possuir peculiaridades anatômicas em seu aparelho digestório, a espécie equina apresenta predisposição a alterações morfofisiológicas graves, responsáveis por sinais de dores abdominais intensas, conhecidas como cólica ou abdômen agudo (PEIRÓ; MENDES, 2004 apud FILIPPO; SANTANA; PEREIRA, 2008). A presente revisão tem como objetivo examinar artigos relacionados à problemática da cólica equina.

### **METODOLOGIA:**

Trata-se de uma revisão bibliográfica, utilizando como fontes de pesquisa as bases de dados das plataformas: ScienceDirect, PubMed, Scielo e Google acadêmico.

### **REVISÃO DE LITERATURA:**

Os equinos são herbívoros não ruminantes e fermentadores pós-gástricos. Quando são fornecidas dietas com composição suficiente para atender às exigências nutricionais, esses animais selecionam os alimentos no momento da apreensão e corte, por meio de visão, olfato, gustação, sensibilidade e mobilidade labial. Ademais, é necessário tempo para pastejo e diversidade de tipo de vegetal, pois a velocidade de ingestão é lenta e, preferencialmente, são escolhidas folhas, brotos e caules tenros. (FIELDING, 2018;

QUEIROZ, 2019; SOUZA, 2019). Segundo Garber, (2020) Condições onde há escassez de água, desconforto devido ao transporte, mudanças na alimentação, ingestão de alimentos de baixa qualidade, como silagem estragada e capim picado além do ponto ideal, ingestão de objetos estranhos, aerofagia, esforço excessivo, cálculos intestinais, parasitas e infecções, entre outros, podem resultar em cólicas. A síndrome cólica nos equinos causam elevadas perdas econômicas, devido aos tratamentos, medicamentos dentre outros fatores. Os animais acometidos podem mudar o comportamento, como deitar e levantar, se jogar no chão e rolar, além de apresentar dificuldades para se locomover (LARANJEIRA & ALMEIDA, 2008), além de prejuízos em relação ao bem-estar desses animais, tendo em vista que a cólica é uma fonte significativa de sofrimento para os cavalos. Portanto, para evitar problemas com cólicas, deve-se assegurar a qualidade e quantidade de água e comida para os cavalos, considerando o número adequado de refeições e a fase da vida em que se encontram. Para atender às necessidades nutricionais e de repouso dos animais, é vital observar o volume, intensidade e frequência do treinamento esportivo. Deve-se estabelecer programas de treinamento para garantir que os animais sejam exercitados em condições adequadas ao seu condicionamento físico, evitando estresses desnecessários.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Ao longo desta revisão de literatura, podemos destacar a importância do tema da cólica equina na equinocultura contemporânea e na medicina veterinária. Conclui-se que a cólica continua sendo uma das principais causas de morbidade e mortalidade em equinos, representando um desafio significativo para os profissionais da área e para os proprietários de cavalos. Além disso, ressaltamos a necessidade de educação contínua dos proprietários de cavalos e profissionais da área sobre os sinais clínicos da cólica equina, bem como sobre medidas preventivas e procedimentos de emergência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cólica, Equino, Abdômen agudo.

#### **REFERÊNCIAS:**

FAGLIARI, J.J.; SILVA, S.L. Hemograma e proteinograma plasmático de eqüinos hígidos e de eqüinos acometidos por abdômen agudo, antes e após laparotomia. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v.54, p.559-567, 2002.

FIELDING, C. L. PracticalÁuid therapy and treatment modalities for field conditions for horses and foals with gastrointestinal problems. **Veterinary Clinics of North America: Equine Practice**, v. 34, n. 1, p. 155-168, 2018. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0749073917309264>>. Acesso em: 03 mai. 2024.

FILIPPO, P. A. D.; SANTANA, A. E.; PEREIRA, G. T. Equilíbrio ácido-base e hidroeletrólítico em equinos com cólica. **Ciência Rural**, v. 38, n. 4, jul, 2008. Disponível em:<[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/1608/S0103-8478200800040\\_0015.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/1608/S0103-8478200800040_0015.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 03 mai. 2024.

LARANJEIRA, P. V. E. H.; ALMEIDA, F. Q.; PEREIRA, M. J. S.; LOPES, M. A. F.; CAMPOS, C. H. C.; CAIUBY, L. C. A. B.; SOUZA, P. N. B. Perfil e distribuição da síndrome cólica em equinos de três unidades militares do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Ciência Rural**, v. 39, n. 4, p. 1108-1115, 2008.

QUEIROZ, D. L. Influência da alimentação na causa da cólica equina. - Monografia. Ceres, **Instituto Federal Goiano**, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/456/1/TCC%20DANIELA%20DE%20OLIMA%20QUEIROZ.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2024.

Micaely Felix Lacerda

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB

E-mail: [micaelylacerda@medvet.fiponline.edu.br](mailto:micaelylacerda@medvet.fiponline.edu.br)

Emmanuel Suedney dos Santos Dantas

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB

E-mail: [emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br](mailto:emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br)

Amanda Redjane de Sousa Rodrigues

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB

E-mail: [amandarodrigues@medvet.fiponline.edu.br](mailto:amandarodrigues@medvet.fiponline.edu.br)

Iago Carvalho de Sousa

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB

E-mail: [iagosousa@medvet.fiponline.edu.br](mailto:iagosousa@medvet.fiponline.edu.br)

Janne Simone Idelfonso Sabino

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB

E-mail: [jannesabino@medvet.fiponline.edu.br](mailto:jannesabino@medvet.fiponline.edu.br)

Fabricio Kleber de Lucena Carvalho

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB

E-mail: [fabriciocarvalho@fiponline.edu.br](mailto:fabriciocarvalho@fiponline.edu.br)

## **RESUMO**

### **INTRODUÇÃO:**

Estudos epidemiológicos indicam que as enterocolites ocupam o segundo lugar entre as doenças mais comuns nos sistemas de criação de potros, ficando atrás apenas das afecções respiratórias (Cohen, 1994). Estima-se que até 80% dos potros apresentam pelo menos um episódio de diarreia nos primeiros seis meses de vida (Harris et al., 2012). Parreño et al. (2016) acrescenta que esses animais podem desenvolver desidratação severa, levando à morte do potro. Os indivíduos mais vulneráveis ao rotavírus são os mais jovens, com menos de três meses de idade, e os neonatos nos quais houve falha na transferência de imunidade passiva. Isso pode levar a alterações na microbiota intestinal (Mach et al., 2020; Goodman-Davis; Figurska; Cywinska, 2021).

### **METODOLOGIA:**

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através da pesquisa de artigos científicos no Google Acadêmico utilizando o tema "Rotavírus, Potros, Equinos".

### **REVISÃO DE LITERATURA:**

A diarreia é uma enfermidade que afeta equinos de diversas faixas etárias, com maior gravidade em animais jovens, e o rotavírus equino (*equine rotavirus* - ERV) é um dos principais agentes virais responsáveis por essa condição (Ayala; Espinosa, 2015). Transmitido principalmente pela via fecal-oral, sua incidência é alta em populações equinas, com infecções naturais comuns, e a idade média dos potros afetados é de 75 dias, com duração da diarreia de 1 a 9 dias (Dwyer, 2001). A doença é altamente contagiosa, afetando frequentemente múltiplos potros em um curto período. Os infectados podem eliminar o vírus de 10 dias até 8 meses, enquanto ele pode persistir no ambiente por até 9 meses (Slovis et al., 2013). Após a entrada do vírus no trato gastrointestinal, ele se replica rapidamente nas vilosidades intestinais, principalmente no duodeno e jejuno, resultando na diminuição das vilosidades e do epitélio celular, levando à ausência de dissacaridases, como a lactase. Isso faz com que os alimentos ingeridos permaneçam no lúmen intestinal como uma solução

niperossmótica, causando má digestão, deficiência na absorção de nutrientes e diarreia aguda. (Dwyer, 2001). Essa apresentação clínica resulta em significativas alterações metabólicas, incluindo desidratação rápida e desequilíbrio ácido básico e hidroeletrólítico, podendo levar o potro à morte (Meirelles *et al.*, 2011). Identificar os pacientes em risco e determinar o momento ideal para intervir no plano terapêutico depende dos exames complementares e do diagnóstico etiológico, especialmente quando feitos logo no início dos sinais clínicos. Isso possibilita uma intervenção rápida e adequada, aumentando as chances de sobrevivência do potro (Feary; Hassel, 2006). O diagnóstico laboratorial é conduzido por meio de diversas técnicas, como ELISA, microscopia eletrônica e RT-PCR (transcrição reversa da reação em cadeia da polimerase). O RT-PCR é frequentemente empregada na detecção de vírus RNA nas fezes de equinos, devido à sua alta sensibilidade e especificidade (Magdesian; Dwyer; Arquedas, 2014).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

O rotavírus equino é uma afecção de grande relevância, pois é altamente contagiosa, e que afeta principalmente os potros em desenvolvimento. Medidas de controle devem ser tomadas nesses animais quando eles nascerem, como testes para averiguar se o animal já possui alguma deficiência na imunidade.

**Palavras-chave:** Diarreia, Equinos, Vírus.

#### **REFERÊNCIAS:**

Cohen, N. D. Causes of and farm management factors associated with disease and death in foals. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 204(10), p. 1644-1651, 1994. Acesso: 17 abr. 2024.

Dwyer, R. M. Control and prevention of foal diarrhea outbreaks. **Proceedings of the annual convention of the AAEP**, 2001.

Feary, D. J.; Hassel, D. M. Enteritis and Colitis in Horses. **Veterinary Clinics of North America: Equine Practice**, p. 437-479, 2006.

Ayala, M. S. F.; Espinosa, O. J.O. Estudio de la morbilidad, mortalidad y de enfermedades en potros de caballo criollo colombiano durante los 30 primeros días de vida en la sabana de Bogotá. **Rev. Med. Vet. Bogotá**, n.30, p.67-82, 2015.

Goodman-Davis, R.; Figurska, M.; Cywinska, A. Gut Microbiota Manipulation in Foals- Naturopathic Diarrhea Management, or Unsubstantiated Folly?. **Pathogens**, v. 10, n. %, p. 1137, 2021.

Harris, R., Sankar, K., Small, J., Suepaul, R., Stewart Johnson, A., Adesiyun, A. Prevalence and characteristics of enteric pathogens detected in diarrhoeic and non-diarrhoeic foals in Trinidad. **Veterinary Medicine International**, v. 2012, 2012.

Magdesian, K. G.; Dwyer, R. M.; Arquedas, M. G. Viral Diarrhea. In: SELLON, D.C; LONG, M.T. **Equine Infectious Diseases**, 2.ed. Washington: Elsevier, 2014. cap 18, p. 198-205.

Meirelles, M. G. et al. Enterite associada à infecção por coronavírus em potros puro sangue inglês em um haras no Rio Grande do Sul. **Arquivos do Instituto Biológico**, v. 78, p. 605-608, 2011.

Parreno, V. et al. Equine rotavirus in Argentinean foals: an overview. **Jornal of Equine Veterinary Science**. Argentina, 2016.

Slovis N. M. et al. Infectious agents associated with diarrhoea in neonatal foals in central Kentucky: A comprehensive molecular study. **Equine Veterinary Journal**. 2013.

## CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS OCULAR EM ASININO: RELATO DE CASO

Maria Laura Rodrigues de Melo Araújo  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [marialau613@gmail.com](mailto:marialau613@gmail.com)

Arteffio Martins de Oliveira  
Programa Pós-Graduação em Ciência e Saúde Animal - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [arteffio@gmail.com](mailto:arteffio@gmail.com)

Vitória Wanderley Dantas  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [vitoriawdantas@outlook.com](mailto:vitoriawdantas@outlook.com)

Erick Platiní Ferreira de Souto  
Universidade Federal Rural do Semiárido - UFRSA - Mossoró - RN  
E-mail: [erickplatini@gmail.com](mailto:erickplatini@gmail.com)

Draenne Micarla dos Santos Silva  
Programa de Pós-Graduação em Ciência e Saúde Animal - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [draenne.micarla@estudante.ufcg.edu.br](mailto:draenne.micarla@estudante.ufcg.edu.br)

Antônio Flávio Medeiros Dantas  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [antonioflaviomd@gmail.com](mailto:antonioflaviomd@gmail.com)

### INTRODUÇÃO:

Carcinoma de células escamosas (CCE) é uma neoplasia maligna de células epidérmicas frequentemente descrita em bovinos, equinos, felinos e cães, causada principalmente pela exposição prolongada à luz ultravioleta, e acomete sobretudo tecidos despigmentados. O objetivo deste trabalho é descrever um caso de carcinoma de células escamosas ocular em um asinino (FERREIRA *et al.*, 2017).

### RELATO DE CASO:

Um asinino macho, adulto, proveniente do município de Olho D'água-PB, foi admitido no Hospital Veterinário Universitário Professor Dr. Ivon Macêdo Tabosa da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Patos-PB, apresentando no canto medial do olho direito, tecido esbranquiçado, firme e rugoso, com evolução de seis meses. Durante a avaliação clínica verificou-se ainda opacidade de córnea e úlceras no olho direito. No terço rostral da pálpebra inferior esquerda, havia área focal de ulceração com superfície discretamente rugosa, e rosada entremeada por áreas amareladas. Verificou-se também, áreas multifocais de alopecia e hiperqueratose nas regiões periocular, periauricular e dorso nasal. O animal foi submetido a exenteração orbitária direita, e o material foi encaminhado para avaliação histopatológica no Laboratório de Patologia Animal. Na avaliação do globo ocular, observou-se na córnea, uma massa exofítica, bem delimitada, irregular, firme e branco-amarelada, medindo 2,5x2,5x1 cm. A amostra foi acondicionada em formol tamponado a 10%, clivada, processada rotineiramente, e corada por hematoxilina e eosina. Na avaliação histopatológica observou-se neoformação densamente celular, expansiva e mal delimitada, composta por células epiteliais assumindo arranjos em trabéculas e ilhas, por vezes com áreas de ceratinização central, apoiadas em escasso estroma fibrovascular. Células neoplásicas poligonais, com citoplasma amplo, discretamente eosinofílico, e com limites bem evidentes. Núcleo grande, paracentral, variando de redondo a ovalado, com cromatina escassa e até dois nucléolos evidentes. Pleomorfismo moderado, caracterizado por anisocitose e anisocariose, e mitoses

escassas. Além disso, observou-se células binucleadas e em ceratinização individual (disqueratose), e discreto infiltrado inflamatório de neutrófilos íntegros e degenerados na superfície tumoral. Após 15 dias da realização da biópsia, o animal apresentou cicatrização satisfatória e recebeu alta médica.

#### **DISCUSSÃO:**

O diagnóstico foi estabelecido com base nos achados histopatológicos. Carcinoma de células escamosas é o tumor periocular mais frequentemente diagnosticado em equinos, e o mais comum afetando a córnea, entretanto em asininos há escassos relatos sobre a ocorrência desta neoplasia. Esse neoplasma pode originar-se de vários tecidos da região ocular e periocular, incluindo a córnea, limbo, conjuntiva, membrana nictitante, pálpebra e órbita (COPETTI, 2019).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Carcinomas de células escamosas apresentam crescimento invasivo, mas com baixo potencial metastático. No sistema ocular podem cursar com ulceração do globo e tecidos adjacentes, com consequente cegueira e infecções secundárias. O diagnóstico é realizado através da avaliação histopatológica. Neste caso, a exenteração orbitária completa, demonstrou-se uma medida de diagnóstico e tratamento eficiente, sem a observação de recidiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Asinino; neoplasia; globo ocular; exenteração.

#### **REFERÊNCIAS:**

COPETTI, Maíra Munaretto. Carcinoma de células escamosas ocular em equino: relato de caso. 2019.

DA SILVA FERREIRA, Camila et al. Carcinoma de células escamosas ocular em equino. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, v. 15, p. 243-244, 2017.

## CAVALO: O CORAÇÃO DA EQUOTERAPIA

Rebeca Salvador de Oliveira

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [rebecaoliveira@medvet.fiponline.edu.br](mailto:rebecaoliveira@medvet.fiponline.edu.br)

Sofia Oliveira Correia

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [sofiacorreia@medvet.fiponline.edu.br](mailto:sofiacorreia@medvet.fiponline.edu.br)

Vítor Sulpino Candeia

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [vitorcandeia@medvet.fiponline.edu.br](mailto:vitorcandeia@medvet.fiponline.edu.br)

Vitório Alves Barbosa

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [vitoriobarbosa@medvet.fiponline.edu.br](mailto:vitoriobarbosa@medvet.fiponline.edu.br)

Maria Thays Dos Santos Rocha

Faculdade Vale do Pajeú- FVP -São José Do Egito-PE

E-mail: [maria.rocha@faculdadevaledopajeu.com](mailto:maria.rocha@faculdadevaledopajeu.com)

Theonys Diógenes Freitas

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [theonysfreitas@fiponline.edu.br](mailto:theonysfreitas@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A equoterapia é um recurso terapêutico que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas da saúde, educação e equitação, sendo um método que tem por finalidade a reabilitação e melhoramento do desenvolvimento cognitivo e afetivo de pessoas portadoras ou não de necessidades especiais. A escolha cuidadosa do cavalo, levando em consideração suas características físicas e comportamentais, torna-se essencial para o sucesso da terapia. Este texto vem destacando a importância tanto do cavalo no processo de reabilitação e desenvolvimento do praticante.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão integrativa sobre a importância que a equoterapia pode proporcionar, realizado através de pesquisa em artigos científicos nas bases e repositórios: ScienceDirect, Scielo e PubMed.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Esta terapia vem sendo cada vez mais utilizada por todo o mundo devido aos seus diversos benefícios para as pessoas que a praticam. O paciente da equoterapia é levado a acompanhar os movimentos do cavalo, tendo que manter o equilíbrio e coordenação para movimentar simultaneamente tronco, braços, ombros, cabeça e o restante do corpo, dentro de seus limites. Sendo fundamentada no movimento tridimensional proporcionado pela andadura, ao passo e ao corpo do praticante montado no cavalo, representado pelos deslocamentos para frente/para trás, para um lado/ para o outro e para cima e para baixo, associado a movimentos rotacionais da cintura pélvica do praticante (WICKERT,1999). Verifica-se ainda que a escolha do cavalo é muito importante para a terapia, pois a análise de cada característica física do animal fornece suporte para uma andadura mais adequada (STASHAK, 1994). Não existe raça ideal para o cavalo utilizado, porém, características específicas às quais devem ser analisadas individualmente pelo veterinário responsável e profissionais da equipe. (STASHAK, 1994, p. 943) Relata que a dinâmica da locomoção dos equinos é influenciada por inúmeros fatores, como a saúde do animal, nutrição, treinamento,

forma física e conformação. Quais elas são condições físicas do equino, com score corpóreo bom, sem presença de ferimentos, andadura normal, ser calmo e de boa índole, e para isso precisam ter boa qualidade de alimento, cuidados básicos de higiene, controle sanitário (vermifugação e vacinas), baias que proporcionem conforto, piquete com abundância de pastagem e equipamentos equestres em ótimo estado.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A equoterapia emerge como uma prática terapêutica eficaz e abrangente, proporcionando benefícios para os praticantes. A integração dos movimentos do cavalo com os esforços do paciente promove não apenas o desenvolvimento físico, mas também emocional e psicológico. A seleção criteriosa dos cavalos e o cuidado com suas condições físicas são fundamentais para o sucesso dessa abordagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Terapia assistida por cavalos, equitação terapêutica, fisioterapia

#### **REFERÊNCIAS**

ANDE. **Associação Nacional de Equoterapia**. Portal Brasília: Ande-Brasil. Disponível em: <<http://www.equoterapia.org.br/site/>> Acesso em: 18 abr. 24 s.d-a.

CASTELLANI, Stella. Equoterapia: uma nova experiência. **Hippus**, n.161, p.45-47. 1993.

CIRILLO, Lélío de Castro. O cavalo e a equitação: conhecimentos fundamentais. **Brasília: Associação Nacional de Equoterapia**. 2006  
Rev. bras. educ. espec. 29- 2023 - <https://doi.org/10.1590/1980-54702023V29E0155>

Ricati Lima Majewski, & Oliveira, D. S. (2020). Equoterapia – A importância da avaliação do equino como instrumento terapêutico. **Revista Vivências**, 16(30), 233-246.

ALVES, Caroline. et al. Equoterapia e o Alinhamento do Tronco na Postura Sentada do Paralisado Cerebral. Equoterapia – **Revista da Associação Nacional de Equoterapia (ANDE – BRASIL)**, Brasília, n.7, p. 14, julho, 2003.

## **CÓLICA EM EQUINOS RELACIONADA AO MANEJO ALIMENTAR E TIPO DE ALIMENTO OFERTADO**

Fernanda Moraes de Lima  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [fernandalima@medvet.fiponline.edu.br](mailto:fernandalima@medvet.fiponline.edu.br)

Michelly Araújo Santos Monteiro  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [michellymonteiro@medvet.fiponline.edu.br](mailto:michellymonteiro@medvet.fiponline.edu.br)

Edclécio Alex Ferreira dos Anjos  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [edclecioanjos@medvet.fiponline.edu.br](mailto:edclecioanjos@medvet.fiponline.edu.br)

Rafaela Pereira de Oliveira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [rafaelaoliveira@medvet.fiponline.edu.br](mailto:rafaelaoliveira@medvet.fiponline.edu.br)

Ana Raquel Souza Leite  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [analeite@medvet.fiponline.edu.br](mailto:analeite@medvet.fiponline.edu.br)

Claúdia Morgana Soares  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [claudiasoares@fiponline.edu.br](mailto:claudiasoares@fiponline.edu.br)

### **RESUMO**

#### **INTRODUÇÃO:**

A cólica é um distúrbio gastrointestinal caracterizada pela dor abdominal intensa, alterações comportamentais, desidratação, entre outros. (Novaes; Credie, 2019) Dispondo de origem multifatorial, é considerada uma das enfermidades que mais acometem equinos, podendo levar a óbito. Acredita-se que 60% destes distúrbios são ocasionados por erros grosseiros no manejo alimentar dos animais (Silva; Rodrigues; Rodrigues, 2021). Esta revisão bibliográfica possui como objetivo discorrer acerca da predisposição a cólica em equinos referente ao manejo alimentar e ao tipo de alimento ofertado.

#### **METODOLOGIA:**

O presente trabalho, trata-se de uma revisão de literatura em artigos completos publicados em bancos de dados como o Periódico CAPES, PubMed e SciELO, utilizando na busca os seguintes descritores: "manejo alimentar em equinos", "cólica em equinos", e "horse diet". Os trabalhos foram selecionados com base no ano de publicação e as obras selecionadas condizentes com o objetivo do trabalho. Foram excluídos resumos e artigos incompletos com mais de cinco anos de publicação.

#### **REVISÃO DE LITERATURA:**

Equinos são animais herbívoros, monogástricos e possuem sua alimentação a base forrageiras e alimentos volumosos, porém com o tempo foram adicionados a sua dieta alimentos concentrados, compostos pelos grãos e cereais, que são considerados causas para o desenvolvimento da cólica (Carvalho *et al.*, 2021). Em cavalos alojados em estábulos as cólicas são frequentes devido ao manejo alimentar inadequado, e ao tempo limitado que os cavalos passam se alimentando, geralmente menos de quatro horas por dia, bem como à dieta desequilibrada, com alta ingestão de concentrado, rico em carboidratos que leva a fermentação excessiva no trato digestório, além da pouca quantidade de feno ou capim picado (Silva; Travassos, 2021). Uma forma de evitar o acometimento da cólica em equinos e seus prejuízos é a realização do

balanceamento e adequação da dieta conforme as exigências nutricionais e metabolismo do animal, junto ao auxílio de um profissional capacitado, sendo possível identificar o alimento responsável pela enfermidade, para sua limitação ou remoção da dieta (Queiroz, 2019). A adição de pelo menos 50% de volumoso na dieta do cavalo em quantidade de matéria seca (MS), podendo ser ofertado sob a forma de capim fresco, feno, gramíneas ou leguminosas, na forma de silagem, como também sua oferta anterior ao alimento concentrado, auxilia na prevenção a cólica. Portanto, animais que se alimentam com volumoso de qualidade, armazenado adequadamente e solto a pasto, possuem chances mínimas de desenvolverem esta enfermidade (Carvalho *et al.*, 2021).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Alimentos de baixa qualidade, grandes quantidades de concentrado, associado a estabulação são motivos para a predisposição da cólica em equinos. Sendo assim, o bom manejo alimentar e os tipos de alimentos ofertados são fatores cruciais no combate a cólica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cólica. Concentrado. Equinos. Estabulação. Volumoso.

#### **REFERÊNCIAS:**

CARVALHO, G. M.; LEITE, R.; BRAGA, L. S.; TOLEDO, R. S.; GONÇALVES, G. R. INFLUENCE OF STABULATION AND FOOD ON THE DEVELOPMENT OF COLIC SYNDROME IN HORSES. **Uningá Review**, [S. l.], v. 36, p. eURJ4019, 2021. DOI: 10.46311/2178-2571.36. eURJ4019. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/4019>. Acesso em: 13 apr. 2024.

QUEIROZ, D. L. Influência da alimentação na causa da cólica equina. 2019. 33f.

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Zootecnia) -Instituto Federal Goiano**, Ceres, 2019.

NOVAES, A. S.; CREDIE, L. F. G. A. Infusão de lidocaína como parte de anestesia multimodal para laparotomia exploratória em equino com síndrome cólica: revisão de literatura. **Singular, meio ambiente e agrárias**, n. 01, p. 28-30, 2019.

Disponível em:< <http://ulbra-to.br/singular/index.php/SingularMAA/article/view/39/21>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

SILVA, J.; TRAVASSOS, A. E. V. Cólica Equina: revisão de literatura. **Diversitas Journal**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 1721-1732, 2021. DOI: 10.17648/diversitas-journal-v6i1-1698. Disponível em:

[https://diversitasjournal.com.br/diversitas\\_journal/article/view/1698](https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/1698). Acesso em: 13 abr. 2024.

SILVA, T. P; RODRIGUES, M. K. F.; RODRIGUES, F. M. Estado da arte sobre a síndrome cólica por compactação em equinos. **Pubvet**, [S. l.], v. 18, n. 02, p. e1552, 2024. DOI: 10.31533/pubvet. v18n02e1552. Disponível em:

<https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/3497>.. Acesso em: 13 abr. 2024.

## COMPACTAÇÃO DE CÓLON ASSOCIADO À SEMENTE DE JUÁ (*Ziziphus joazeiro*) EM EQUINO

Lídio Ricardo Bezerra de Melo

Residente em Clínica e Cirúrgica de Grandes Animais – UFCG – Patos – PB – Brasil

E-mail: [lidioricardolrbm@hotmail.com](mailto:lidioricardolrbm@hotmail.com)

July Vivianne Gomes Nunes

Discente da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB – Brasil

E-mail: [julyvivianne98@gmail.com](mailto:julyvivianne98@gmail.com)

Alyne Rodrigues da Silva Targino

Discente da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB – Brasil

E-mail: [alyne.rodrigues@estudante.ufcg.edu.br](mailto:alyne.rodrigues@estudante.ufcg.edu.br)

Ygo dos Santos Monteiro

Residente em Clínica e Cirúrgica de Grandes Animais – UFCG – Patos – PB – Brasil

E-mail: [ygomonteiro125@gmail.com](mailto:ygomonteiro125@gmail.com)

Kiára Jéssika Moreira de Oliveira

Residente em Anestesiologia Veterinária – UFCG – Patos – PB – Brasil

E-mail: [kiara.kimo@gmail.com](mailto:kiara.kimo@gmail.com)

Daniel de Medeiros Assis

Médico Veterinário – CSTR/UFCG – Patos – PB – Brasil

E-mail: [danielvetpb@gmail.com](mailto:danielvetpb@gmail.com)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** As compactações intestinais em equinos surgem do acúmulo da ingesta, ocasionando obstrução no trânsito gastrintestinal e consequentemente alterações hemodinâmicas e circulatórias. Quando não há evolução no tratamento clínico, a decisão cirúrgica em tempo hábil é primordial para a recuperação pós-operatória do animal (Thomassian, 2005). Diante disso, objetiva-se relatar um quadro de abdômen agudo por compactação de sementes de juá no sertão da Paraíba.

**RELATO DE CASO:** Foi atendido no HVU/UFCG, um equino, macho, mestiço, quatro anos, pesando 368 kg, com relato de sinais de cólica (inquietação, deitar, rolar) há um dia. O proprietário informou ter administrado Banamine®, no entanto, não notou melhora. Ainda foi mencionado que o animal defecou antes da administração do medicamento, porém não foram observadas mais fezes posteriormente. O animal era criado de forma semiextensiva, permitindo-lhe acesso a pastagens nativas. Durante o exame clínico, apresentava inquietação, taquicardia (88 bpm), taquipneia (24 mpm), desidratação moderada (6 a 8 %) e na ausculta intestinal foi observado silêncio nos quadrantes superior e inferior esquerdo e hipomotilidade nos quadrantes superior e inferior direito. O paciente também apresentava distensão abdominal bilateral e na percussão auscultatória revelou presença de gás na região dos flancos. Durante a sondagem nasogástrica, houve refluxo de aproximadamente quatro litros de coloração esverdeada. Na exploração retal, houve dificuldade devido à presença de gás e a tiflocentese realizada foi improdutiva. A ultrassonografia não evidenciou alterações significativas e a paracentese revelou líquido peritoneal com aspecto fisiológico. O paciente foi submetido à laparotomia exploratória no mesmo dia, identificando-se gás no cólon dorsal. No cólon menor, foi identificado um fecaloma composto por sementes de juá, areia e conteúdo fibroso. Sementes de juá e areia também foram encontradas no cólon ventral. O conteúdo foi ordenhado em direção à incisão na flexura pélvica, permitindo seu esvaziamento.

**DISCUSSÃO:** Presume-se que os cavalos ingeriram uma grande quantidade de frutas

do joazeiro em razão da sua elevada palatabilidade (Oliveira, 2019). No entanto, o pequeno tamanho e consistência dura das sementes, dificulta a passagem pelo trato gastrointestinal, ocasionando compactação e formação de fecaloma. A sablose pode ser resultado de carências nutricionais ou do consumo acidental ao pastar em áreas onde o solo está exposto devido vegetação rasteira (Pereira, 2016).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O manejo semiextensivo de equinos aumenta a probabilidade de acesso às áreas onde o juá pode ser encontrado, tornando-os mais propensos a ingerir as sementes dessa planta. Em casos onde ocorre compactação intestinal devido à ingestão dessas sementes, a intervenção cirúrgica é necessária na maior parte dos casos. Durante esse procedimento, pode se identificar diretamente o local da obstrução e seu conteúdo, o que facilita uma resolução do problema, reduzindo o risco de complicações graves associadas à obstrução intestinal prolongada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abdômen agudo. Fecaloma. Obstrução intestinal. Palatabilidade. Semiárido.

## REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, P. M. L. **Frutos de juá (Ziziphus joazeiro Mart.): caracterização química, nutricional, bioacessibilidade e potencial antioxidante de compostos bioativos.** 2019. Disponível em: <[https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/28850/1/PriscilaMayaraDeLimaOliveira\\_Dissert.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/28850/1/PriscilaMayaraDeLimaOliveira_Dissert.pdf)> Acesso em: 22 abr. 2024.

PEREIRA, T. J. M. **Estereotipias orais em equino confinados: revisão bibliográfica.** 2016. Disponível em: <<https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/848/1/MonografiaTayanneMendonça.pdf>> Acesso em: 20 abr. 2024.

THOMASSIAN, A. **Enfermidades dos cavalos.** 4. ed. São Paulo: Livraria Varela, 2005. Cap. 12.

## COMPACTAÇÃO DE CÓLON MENOR OCASIONADA POR CORPO ESTRANHO

Wênia dos Santos Alves

Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais – IFPB – Sousa – PB – Brasil  
[weniaalves52@gmail.com](mailto:weniaalves52@gmail.com)

Karen Larissa Araújo Arrais

Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais – IFPB – Sousa – PB – Brasil  
[karenarrais.kl@gmail.com](mailto:karenarrais.kl@gmail.com)

Flaviane Teles de Souza

Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais – IFPB – Sousa – PB – Brasil  
[Flavianetelesvet@gmail.com](mailto:Flavianetelesvet@gmail.com)

Pollyana Oliveira Silva

Graduanda – IFPB – Sousa – PB – Brasil  
[Pollyana.oliveira@academico.ifpb.edu.br](mailto:Pollyana.oliveira@academico.ifpb.edu.br)

Anna Hygea Brito Vieira

Graduanda – IFPB – Sousa – PB – Brasil  
[annabritohygea@gmail.com](mailto:annabritohygea@gmail.com)

Fernanda Pereira da Silva Barbosa

Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária – IFPB – Sousa – PB – Brasil  
[Fernanda.barbosa@ifpb.edu.br](mailto:Fernanda.barbosa@ifpb.edu.br)

### RESUMO:

**INTRODUÇÃO:** A síndrome cólica é uma doença causada principalmente por falha no manejo, seja ele alimentar, esportivo ou higiênico-sanitário. Portanto, este trabalho tem por objetivo relatar um caso de compactação de cólon menor ocasionada por corpo estranho em um equino.

**RELATO DO CASO:** Foi atendida uma égua, mestiça, oito anos, com histórico de cólica há 4 dias, deitando e rolando no chão e suspeita de ingestão de silagem fermentada. Parou de se alimentar, ingerindo apenas água. Na propriedade foi realizado o tratamento com 9 L de solução de NaCl 0,9%, 400 mL de Sedacol, 50 mL de dipirona, 50 mL de Flunixin Meglumina e 100 mL de Antitóxico. Não era vermifugado, vivia em sistema de criação semi-extensivo e recebia alimentação à base de trigo e milho duas vezes ao dia, na quantidade de 2kg. No exame físico, apresentou FR 40 mrm FC 92 bpm, TPC 3", desidratação moderada e hipomotilidade nos quatro quadrantes; as mucosas estavam rosa-pálidas, escore de condição corporal 3 e o abdômen distendido. Foi realizada inicialmente a sondagem nasogástrica no qual verificou-se refluxo de pH 7, volume de 20L, coloração esverdeada e odor cítrico. Na palpação retal não se observou fezes na ampola retal, porém ao avançar na palpação na região de colón menor foi encontrada uma obstrução. No exame ultrassonográfico identificou-se perdas das saculações normais do cólon menor, e uma distensão do segmento anterior à área de sombra acústica, sugestiva de compactação. Após esses achados, o animal foi encaminhado para cirurgia, porém o proprietário afirmou não ter condições e preferiu insistir no tratamento clínico. Foi instituída terapia medicamentosa com 1,1 mg/Kg de Flunixin Meglumina IV; 25mg/kg de Dipirona IV e 100 mL Sedacol IV. O animal foi sedado com 0,005mg/kg Detomidina. Em seguida, feita a tiflocentese. Por fim, foi realizado o enema com água aquecida e 80 mL de óleo mineral. Com a palpação retal foi possível retirar parte do corpo estranho, formado por restos de sacolas plásticas, fio

nylon e sandália de borracha, decorrentes de lixos próximos ao local onde o animal pastava. Após isso, o animal apresentou conforto e os parâmetros clínicos se estabilizaram, mas não defecou e permaneceu compactado. No dia seguinte apresentou o mesmo quadro de dor, distensão abdominal e desconforto, não sendo possível desfazer toda compactação e o animal veio a óbito.

**DISCUSSÃO:** Os equinos em condições higiênico-sanitárias deficientes, com alimentação inadequada e acesso as vias públicas, durante a busca por alimento, estão sujeitos a ingerirem corpos estranhos e consequentemente desenvolverem cólicas obstrutivas<sup>1</sup>. As obstruções afetam todos os segmentos do aparelho digestivo, causando alterações hemodinâmicas, hidroeletrolíticas e do equilíbrio ácido-base, que culminam na morte do animal pela falência orgânica. Em casos de obstrução de cólon menor, o tratamento de eleição é o cirúrgico. Entretanto, quando o corpo estranho se localiza caudalmente, pode ser possível sua retirada clinicamente, por meio da palpação transretal<sup>2</sup>.

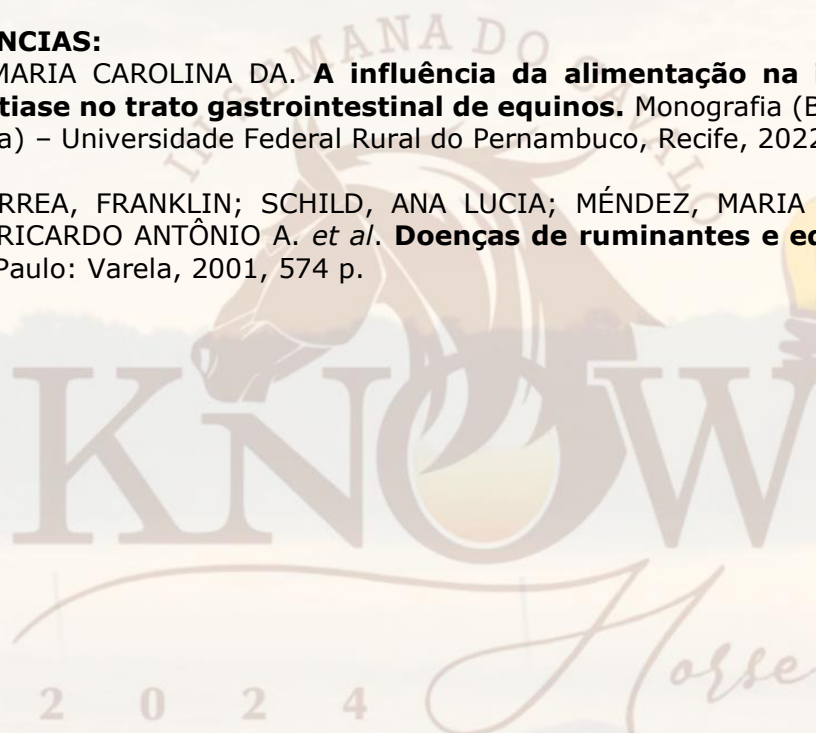
**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** No caso relatado de compactação de cólon menor, mesmo o corpo estranho localizando-se caudalmente, não foi possível reverter o quadro através do tratamento clínico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Manejo. Alimentação. Abdome Agudo. Desconforto Abdominal.

#### REFERÊNCIAS:

SILVA, MARIA CAROLINA DA. **A influência da alimentação na incidência de enterolítiase no trato gastrointestinal de equinos.** Monografia (Bacharelado em Zootecnia) – Universidade Federal Rural do Pernambuco, Recife, 2022.

RIET-CORREA, FRANKLIN; SCHILD, ANA LUCIA; MÉNDEZ, MARIA DEL CARMEN; LEMOS, RICARDO ANTÔNIO A. *et al.* **Doenças de ruminantes e eqüinos.** v.2, 2. ed. São Paulo: Varela, 2001, 574 p.



## COMPACTAÇÃO EM FLEXURA PÉLVICA E FECALOMA EM ÉGUA DE 28 ANOS – RELATO DE CASO

Leticia de Lima Pereira

Centro Universitário Maurício de Nassau-UNINASSAU-Natal-RN

E-mail: [leticialima.medvet@gmail.com](mailto:leticialima.medvet@gmail.com)

Andressa Vinagre Dias

UNIESP centro universitário

E-mail: [andressavinagred@gmail.com](mailto:andressavinagred@gmail.com)

Iorrany Maria Oliveira Lobo Calou

Médica Veterinária - Hospital Poty Equus – São José de Mipibu - RN

E-mail: [iorranycalou@gmail.com](mailto:iorranycalou@gmail.com)

Lídia Stefania Vilela Medeiros

Médica Veterinária - Hospital Poty Equus – São José de Mipibu - RN

E-mail: [lidiamedvet2@gmail.com](mailto:lidiamedvet2@gmail.com)

Maurílio Kennedy Feitoza Soares

Médico Veterinário - Hospital Poty Equus – São José de Mipibu - RN

E-mail: [mauriliokfsoares@gmail.com](mailto:mauriliokfsoares@gmail.com)

Kaliane Costa

Médica Veterinária-Hospital Poty Equus-São José de Mipibu-RN

E-mail: [Kalianecosta15@hotmail.com](mailto:Kalianecosta15@hotmail.com)

### RESUMO:

**INTRODUÇÃO:** A síndrome cólica pode se apresentar de diversas formas como a compactação, fecalomas, torções e deslocamentos. Em casos de fecaloma e compactação, podem estar associadas ao consumo de alimentos pobres em água e até mesmo na ingestão de fibras mal digeridas ou referentes a má mastigação (TADEU et al.,2023). Em equinos idosos, a diminuição natural da eficiência mastigatória e prevalência de doenças dentárias são rotineiras, principalmente em cavalos com mais de 15 anos de idade. Como consequência, os equinos geriátricos terão dentes mais lisos e maior taxa de atrito, tornando a mastigação de fibras grossas menos eficaz (DU TOITE et al.,2023).

**RELATO DE CASO:** Uma égua da raça quarto de milha, 28 anos, pesando 400kg recebeu atendimento emergencial a campo. Ao exame físico, a égua apresentava elevado desconforto abdominal, incluindo olhar frequente para o flanco, inquietação, diminuição dos sons peristálticos e sensibilidade à palpação, a auscultação intestinal revelou diminuição dos sons peristálticos e ausência de motilidade na região do cólon maior. Com suspeita de compactação de cólon maior, sendo constatado através da palpação retal uma massa densa e espessa, na região de flexura pélvica, após 6 horas sem evolução clínica, foi encaminhada para o hospital. No exame clínico, o animal apresentava os seguintes parâmetros: Frequência cardíaca de 84 BPM, frequência respiratória de 28 MPM; Tempo de perfusão capilar maior que 2 segundos, mucosa oral com halo congesto e mucosa ocular congesta com vasos ingurgitados, temperatura retal de 38.1°C com persistência de desconforto abdominal, sendo este intermitente e responsivo a analgesia. A investigação adicional por meio de exames complementares incluiu a realização de ultrassonografia abdominal em estilo FLASH, paracentese para análise física de líquido( avermelhado) e lactato peritoneal no valor 6.3 mmol/L. Devido aos achados e a não resolução clínica, o animal foi encaminhado para o bloco cirúrgico, onde, a partir de uma celiotomia exploratória foi detectado a

presença de compactação na região de cólon maior e fecaloma medindo 15x6 de diâmetro na porção inicial em cólon menor, que se deu em detrimento da ingestão de grandes fibras de capim elefante.

**DISCUSSÃO:** Por se tratar de uma paciente nefropata, hepatopata, cardiopata e geriatria, possui maior risco cirúrgico e sua motilidade intestinal torna-se mais lenta em virtude da sua idade. Todavia, a cirurgia foi bem sucedida e sua recuperação se deu em 22 dias.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Considerando todos esses fatores, a decisão de realizar a cirurgia de cólica foi fundamentada na busca pelo melhor interesse e bem-estar da égua geriatria. A intervenção cirúrgica proporcionou a melhor chance de resolução da obstrução intestinal e recuperação do animal, demonstrando ser a opção mais apropriada e benéfica para o caso em questão.

**Palavras-chave:** Égua geriatria. Compactação de cólon maior. Fecaloma.

#### REFERÊNCIAS:

DU TOIT, Nicole. Advances in dental management in the equine geriatric patient: Strategies for improved welfare. **JAVMA, Wimborne St Giles/Reino Unido**, v.1, p.1-7 August 15, 2023.

FERREIRA, Cintia. Silveira Maristela, PEREIRA, Ubiratan. ARABICANO Valentim, EUSTÁQUIO Cleyton. CÓLICAS POR COMPACTAÇÃO EM EQUINOS: ETIOPATOGENIA, DIAGNÓSTICOS E TRATAMENTO. **ResearchGate, Acta Veterinaria Brasilica**, v.3, n.3, p.117-126, December 2009.

L. L. SOUTHWOOD\*, T. GASSERT and S. LINDBORG. Colic in geriatric compared to mature nongeriatric horses. Part 1: Retrospective review of clinical and laboratory data. **EQUINE VET JOURNAL**, Pennsylvania, USA, v.1 p.1-7, Junho de 2008.

TADEU, Carlos. CAMILA, Nathalia. MENEZES, Priscila. RIBEIRO, Regina. Gregório, Sávio. Fecaloma em égua adulta da raça manga-larga machador-relato de caso. **UNIBH**, Belo Horizonte/MG, v. 1, p.1-16, Novembro, 2023.

## COMPLICAÇÕES DO USO IRRACIONAL DE ANTINFLAMATÓRIOS NÃO ESTEROIDAIIS EM EQUINOS

Eduardo Freitas Brito

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [eduardofreitasb@gmail.com](mailto:eduardofreitasb@gmail.com)

Emmanuel Suedney dos Santos Dantas

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br](mailto:emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br)

Igor Tadeu de Araújo Alves

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [igorvalves1@medvet.fiponline.edu.br](mailto:igorvalves1@medvet.fiponline.edu.br)

Lylian Karlla Gomes de Medeiros

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [lylianmedeiros@fiponline.edu.br](mailto:lylianmedeiros@fiponline.edu.br)

Sóstenes Arthur Reis Santos Pereira

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [sostenespereira@fiponline.edu.br](mailto:sostenespereira@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

Os Antiinflamatórios não esteroidais (AINEs) são fármacos bastante utilizados na medicina equina no tratamento de afecções musculoesqueléticas e gastrointestinais, atuando no controle da dor, inflamação e febre. Os AINEs inibem a síntese de prostaglandinas (PG) mediante a inativação das isoenzimas denominadas ciclooxigenas: COX-1, COX-2 e COX-3. A Food and Drug Administration (FDA), aprova seis AINEs para equinos: flunixin meglumine, fenilbutazona, cetoprofeno, diclofenaco, ácido meclofenâmico (não seletivos) e o firocoxibe (seletivo cox-2), o meloxicam ainda está em investigação em equinos, mas são considerados de uso "extra-label" (finalidade extra da qual foi formulada) (Santos Júnior, 2022). Estes medicamentos são vendidos sem a apresentação de receita, ignorando os efeitos adversos presentes, principalmente em tratamentos de longa duração com dosagens incorretas e quando associados a outros fármacos, podendo ser ainda mais prejudicial à saúde do animal (Santos Júnior, 2020). Os efeitos colaterais relacionados aos AINEs incluem úlceras, complicações gastrointestinais e nefrotoxicidade (Machado, 2023). Devido a isso, o resumo tem como objetivo descrever complicações do uso irracional de AINEs em equinos.

#### METODOLOGIA:

Realizou-se uma revisão bibliográfica de cunho narrativo, utilizando artigos acadêmicos em bases online, através do Google acadêmico utilizando o tema "Uso irracional de antiinflamatórios não esteroidais em equinos".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

A inibição das ciclooxigenases via AINEs leva à síntese reduzida de vários mediadores inflamatórios. As enzimas COX's desempenham papéis homeostáticos importantes em vários sistemas, sua inibição produz benefícios terapêuticos, bem como reações tóxicas associadas aos AINEs. Esses efeitos são atribuíveis a irritação e diminuição de prostaglandinas citoprotetoras como a prostaciclina (PGI<sub>2</sub>), indutora da formação da camada de muco protetora da mucosa gástrica. A COX-1 e COX-2 estão ligadas na produção de PGI<sub>2</sub> e PGE<sub>2</sub> importantes reguladoras do fluxo renal, excreção de água e fluxo eletrolítico. No animal hidratado a inibição da COX pelos AINEs gera pouco efeito hemodinâmico renal, mas no animal desidratado a perda de PGs pode resultar em vasoconstrição da arteríola aferente, perda da perfusão medular e

redistribuição do fluxo sanguíneo no córtex renal (Santos Júnior, 2020). Pela diminuição de prostaglandinas citoprotetoras, o uso de AINEs associa-se a formação de úlceras gástricas, principalmente quando usados em dosagens altas. As formações dessas úlceras podem ocasionar cólicas recorrentes, mudanças comportamentais e queda no desempenho atlético, como também podem gerar lesões intestinais relacionadas ao aumento da permeabilidade e ao desenvolvimento de enteropatias, especialmente a colite dorsal direita (Silva, 2023). Segundo Santos Júnior (2020), existe a teoria de que a inibição da COX-1 gera efeitos adversos, enquanto a da COX-2 responde pelos efeitos terapêuticos, criando uma hipótese de que a inibição seletiva da COX-2 apresentaria efeitos antiinflamatórios, analgésicos e antipiréticos, com menores valores das toxicidades gástricas e renais dos anti-inflamatórios tradicionais, quando dosados corretamente, salientando a importância de quais AINEs utilizar dependendo da clínica do animal e quais associações devem ser feitas.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Devido os AINEs provocarem efeitos adversos significantes, é importante a realização de novos estudos para um melhor direcionamento de qual fármaco usar em determinada apresentação clínica, necessitando também da restrição de sua venda apenas com receita, evitando maiores danos relacionados a sobredosagem e tempo de uso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cavalos, AINEs, dor, efeitos adversos.

#### **REFERÊNCIAS:**

MACHADO, B. F. M.; CERQUEIRA, F. R.; ANDRADE, K. de O.; CARMO, F. M. Da S. Prevenção da dor em animais de estimação: O uso da analgesia preemptiva na medicina veterinária. **Revista de Trabalhos Acadêmicos–Centro Universo Juiz de Fora**, v. 1, n. 18, 2023. Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1JUIZDEFORA2&page=article&op=view&path%5B%5D=12017>. Acesso em: 18 de abr. 2024.

SANTOS JÚNIOR, D. de A.; CARVALHO, D. C. V.; BOMFIM, F. P. de S.; PEREIRA, M. T. B.; CARVALHO, S. de A.; MIRANDA NETO, E. G. de; ESCODRO, P.B. Avaliação do nível de conhecimento da prescrição de AINEs para equinos no Nordeste do Brasil. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 2, pág. e41911225882, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i2.25882. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/25882>. Acesso em: 18 de abr. 2024.

SANTOS JÚNIOR, D. de A.; OLIVEIRA FILHO, E. F. de; MIRANDA NETO, E. G. de; ESCODRO, P.B. Efeitos adversos do uso prolongado de antiinflamatórios não esteroides inibidores da COX-2 em cavalos: revisão. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 9, pág. e609997747, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.7747. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7747>. Acesso em: 18 abr. 2024.

SILVA, M. A. da. **Uso de protetor gástrico associado a anti-inflamatórios não esteroidais em potros e equinos adultos**. 2023. 38 f. Dissertação (Mestrado:Clínica Médica Veterinária) - Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas - RS, 2023, Disponível em: [https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/11760/dissertacao\\_margari\\_da\\_silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/11760/dissertacao_margari_da_silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 18 de abr. 2024.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE MANEJOS NUTRICIONAIS DE POTROS: REVISÃO DE LITERATURA

Maria Aparecida Gomes Leandro  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [marialeandro@fiponline.edu.br](mailto:marialeandro@fiponline.edu.br)

Amanda Luisa Teixeira Leite  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [amandaleite@fiponline.edu.br](mailto:amandaleite@fiponline.edu.br)

João Paulo Monteiro de Souza  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [joaosouza@fiponline.edu.br](mailto:joaosouza@fiponline.edu.br)

Hugo Samuel Gomes Linhares  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [hugolinhaires@fiponline.edu.br](mailto:hugolinhaires@fiponline.edu.br)

Jefferson de Souza Fernandes  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [jeffersonfernandes@fiponline.edu.br](mailto:jeffersonfernandes@fiponline.edu.br)

Júlio Edson da Silva de Lucena  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [juliolucena@fiponline.edu.br](mailto:juliolucena@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A criação de potros representa a fase mais importante na produção de cavalos, onde será formada a base para a performance desejada no futuro do animal (Andriguetto, 2017). É considerado como potro o equino desde seu nascimento até os 36 meses de vida, quando este animal começará a apresentar condições favoráveis para desenvolvimento de atividades físicas e reprodutivas, respeitando seu desenvolvimento físico e metabólico (Cintra, 2018). Embora seja fundamental que o equino tenha aptidões genéticas desenvolvidas para as atividades que irá desempenhar, a alimentação, higiene e o manejo são elementos que também irão influenciar na sua formação. Os potros necessitam de aporte energético e balanço de nutrientes adequado para atender suas necessidades nutricionais, possibilitando a expressão do potencial genético e desenvolvimento do sistema imune adequadamente (Ebing; Rutgers, 1016). Assim, esse resumo tem o objetivo de abordar os aspectos nutricionais e alimentares, da gestação das éguas ao crescimento dos potros.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através da pesquisa de artigos científicos no Scielo, Google Acadêmico, utilizando o tema "MANEJOS NUTRICIONAIS E ALIMENTARES DE POTROS".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Os potros necessitam de aporte energético e balanço de nutrientes adequado para atender suas necessidades nutricionais, possibilitando a expressão do potencial genético e desenvolvimento do sistema imune adequadamente (Vital, 2021). O correto desenvolvimento nutricional dos animais começa ainda com a nutrição da égua reprodutora, sobretudo no terço final da gestação e nos 3 meses iniciais de lactação (Lewis, 2018). Logo é necessária uma boa alimentação, com a utilização de alimentos de maior qualidade para suprir tais necessidades, como, grãos e fenos de

boa qualidade, com aumento do teor de energia e, sobretudo de proteína na dieta (Rezende, 2017). Assim, nesses períodos, as éguas devem receber ração especial com 15% de proteína, sal mineral à vontade e volumoso de qualidade.

Quanto ao potro, após o nascimento, pode consumir ração a partir do sétimo dia de vida. Sua composição deve conter: MOS, Betaglucanas, Minerais Quelatos, DHA, Probiótico (*S. Cerevisiae*). Na fase de lactação, é essencial acostumar o potro à nova dieta. Sendo importante disponibilizar água fresca e acesso à ração da mãe para que, na desmama, ele não sinta tanto as mudanças (Furtado *et al.*, 2011).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

O manejo adequado da alimentação de potros está diretamente associado às taxas de crescimento dos tecidos ósseo, muscular e adiposo, onde se destaca a finalidade da energia, proteína, minerais e vitaminas com o propósito de garantir o seu máximo desempenho e eficiência nas futuras modalidades esportivas a serem desempenhadas, assim, a boa nutrição, desde a fase gestacional da égua, se traduz em adequado desenvolvimento corporal, possibilitando melhores índices de sucesso na criação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Manejo nutricional. Aleitamento. Crescimento. Potros.

#### **REFERÊNCIAS:**

ANDRIGUETTO, J. M. **Nutrição Animal**. 3. ed. vol. 1. São Paulo: Nobel, 2017.  
CINTRA, A.G.C. **O CAVALO: Características, Manejo e Alimentação**. 1.ed. São Paulo: Ed. Roca, 2018. 384p.

EBING, P.; RUTGERS, K. A preparação de laticínios. In: Série Agrodok. 3ª ed., n. 36, 2016. p.14. LEWIS, L. D. **Nutrição Clínica Equina – Alimentação e Cuidados**. 1. ed. São Paulo: Roca, 2018. 430-448p.

FURTADO, C.E.; BRANDI, R.A.; RIBEIRO, L.B. **Utilização de coprodutos e demais alimentos alternativos para dietas de equinos no Brasil**. R. Bras. Zootec., v.40, p.232-241, 2011. Acessado em: 20 de Abril de 2014. Disponível em: <https://www.sbz.org.br/revista/artigos/66278.pdf>

REZENDE, A. S. C.; COSTA, M. L. L.; SANTIAGO, J. M. **Nutrição de potros**. Minas Gerais. 5ª Ed. Vol. 5. p. 33-39, 2017.

VITAL, Glenda Meira. **Percepção do público em relação ao manejo de éguas gestantes e potros recém-nascidos**. Rio de Janeiro. v.5, p.376-379. 2021.

## CONSUMO DA CARNE DE EQUÍDEOS NO BRASIL

Renata Barreiro Prudêncio  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mai: [renataprudencio89@gmail.com](mailto:renataprudencio89@gmail.com)

Claudia Morgana Soares  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [claudiasoares@fiponline.edu.br](mailto:claudiasoares@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

Há cerca de 4.000 anos os cavalos eram caçados antes de serem domesticados e sua carne serviam de alimento. Os Mongóis, Assírios, Egípcios, Persas e Gregos eram povos que consumiam normalmente a carne equina que se apresenta um pouco adocicada com alto teor de glicogênio, que é diminuído com a idade do animal e possui baixo teor de gordura.

Nos registros obtidos no site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), há no sistema de inspeção federal (SIF) cinco estabelecimentos que abatem equídeos no Brasil, mas apenas dois funcionam, sendo a maior parte da produção para exportação. Semelhante a espécie bovina, o fluxograma de abate equino inicia-se pela insensibilização com uso de pistolas de dardos cativo penetrante ou não penetrante, acertando o golpe no ponto de cruzamento de uma linha entre a base da orelha até o olho oposto, em seguida realiza-se a sangria, com secção na região cervical próximo a entrada do peitoral do animal para que vários vasos sejam seccionados fazendo com que a sangria seja mais eficaz; logo após efetua-se a esfolia, onde o couro será removido através do rolete (um equipamento mecânico); por último, a desarticulação da cabeça, onde será destinada para o chuveiro realizando toailete removendo os coágulos, sangue, gordura e resíduos em geral. Portanto o presente trabalho objetiva apresentar dados sobre a produção e consumo de carne equina no Brasil.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão de literatura do tipo descritiva, selecionando artigos a partir da Biblioteca virtual da saúde (BVS) utilizando-se as bases de dados: Pubmed, Google acadêmico, Scielo (Scientific Electronic Library Online), com os seguintes descritores: "Carne de cavalo" e "consumo de carne de equídeo no Brasil", "A indústria da carne equina" e "Abate de Equídeos". Foram considerados como critérios de inclusão: apenas os artigos disponíveis, nos idiomas português, publicação entre 2019 até 2024.

Crítérios de exclusão: Foram excluídos os artigos repetidos na busca e aqueles cujos resultados não eram em cavalos que não são utilizados para comercialização, além dos trabalhos de monografia, teses e resumos de congresso. Foram selecionados 5 artigos e, apenas 4 foram utilizados nesse estudo

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Caracterizando que os equinos são considerados como espécies de açougue, portanto, sem impedimentos para consumo, a carne pode ser consumida desde que os animais sejam abatidos em estabelecimentos sob inspeção veterinária. Essa inspeção pode ser feita em âmbito federal, estadual ou municipal. Apesar da legalidade, o consumo de carne de cavalo no Brasil é relativamente baixo em comparação com outras carnes mais tradicionais, como bovina, suína e de frango. Esse cenário pode ser atribuído, em grande parte, a fatores culturais, no entanto tem apresentado favorável nos últimos anos, principalmente para o mercado exportador.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O mercado mundial de carne equina vem mostrando favorável nos últimos anos, com oportunidades e potencial para o Brasil voltar a ser protagonista no mercado. Para tanto, necessita buscar soluções para o problema da rastreabilidade, principal entrave para o crescimento da produção nacional e desmistificar conceitos culturais

que envolvem o mercado doméstico.

**Palavras-chave:** Equino, consumo, abate.

**REFERÊNCIAS:**

BRASIL; IBGE. **Produção da Pecuária Municipal**. 2013. Disponível em:  
<ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao\_Pecuaria/Producao\_da\_Pecuaria\_Municipal/2013/pm2013.p  
df>. Acesso em: 25 abril de 2024.

JOSEPH, J. D.; ACKMAN, R. G. Capillary column gas chromatography method for analysis of encapsulated fish oil and fish oil ethyl esters: collaborative study. **Journal of AOAC International**, v.75, p.488-506, 2015.

JUNQUEIRA, A. C. A.; BRESSAN, M. C.; REBELLO, F. F. P.; FARIA, P. B.; VIEIRA, J. O.; SAVAIN, S. V. Composição centesimal e teor de colesterol na carne de eqüinos (*Equus caballus*, Linneaus) machos e fêmeas agrupados por peso de carcaça. **Ciência Agrotecnica**, Lavras, v.29, n22, p.362-368, 2018.

BLIGH, E. G.; DYER, W. J. A rapid method of total lipid extraction and purification. **Canadian Journal of Biochemistry**, v.37, p.911-917, 2011.

## DESAFIOS NO MANEJO ALIMENTAR E NUTRICIONAL DE EQUINOS GERIÁTRICOS

João Vittor de Azevedo Figueirêdo

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [joaofigueiredo@medvet.fiponline.edu.br](mailto:joaofigueiredo@medvet.fiponline.edu.br)

Bianca Magalhães dos Santos

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [biancasantos@medvet.fiponline.edu.br](mailto:biancasantos@medvet.fiponline.edu.br)

Santhiago Ramos do Nascimento

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [santhiagonascimento@medvet.fiponline.edu.br](mailto:santhiagonascimento@medvet.fiponline.edu.br)

Danilo Sousa de Andrade

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [daniloandrade@medvet.fiponline.edu.br](mailto:daniloandrade@medvet.fiponline.edu.br)

Stephanya dos Santos Dantas Araujo

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [stephanyaaaraujo@medvet.fiponline.edu.br](mailto:stephanyaaaraujo@medvet.fiponline.edu.br)

Gustavo de Assis Silva

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [gustavosilva@fiponline.edu.br](mailto:gustavosilva@fiponline.edu.br)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** À medida que os equinos avançam em idade, enfrentam uma série de desafios relacionados à saúde, incluindo alterações no sistema digestivo e no metabolismo. O manejo alimentar e nutricional desempenha um papel fundamental na promoção da saúde e bem-estar dos equinos geriátricos, ajudando a mitigar os efeitos do envelhecimento e a manter sua qualidade de vida. Neste contexto, é essencial compreender as necessidades nutricionais específicas desses animais mais velhos e adaptar suas dietas de acordo com suas necessidades. Este resumo abordará os principais desafios enfrentados para garantir uma alimentação adequada e balanceada ao longo da terceira idade equina.

**METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo, com busca nas bases de dados Scielo, Pubvet e Google Scholar, utilizando os seguintes descritores: nutrição, equinos idosos, manejo alimentar. Foram utilizados como critérios de inclusão artigos publicados entre 2011 a 2024, nos idiomas português e inglês.

**REVISÃO DE LITERATURA:** O manejo alimentar para equinos idosos é uma área importante de consideração, pois cavalos mais velhos frequentemente enfrentam desafios específicos relacionados à saúde e à nutrição. É importante monitorar regularmente o seu peso e a condição corporal para ajustar a dieta conforme necessário e evitar problemas de saúde relacionados à obesidade ou à desnutrição (Dugdale et al., 2011). À medida que os equinos envelhecem, enfrentam uma série de desafios relacionados à saúde, incluindo mudanças fisiológicas no sistema digestivo e no metabolismo. A deterioração dentária é comum em equinos idosos, tornando essencial adaptar suas dietas para uma alimentação mais fácil de mastigar e digerir. Isso se dá em decorrência ao desgaste do esmalte periférico nas raízes dentárias individuais, deixando assim a superfície oclusal lisa, que é ineficiente na mastigação, e tornando o dente menos resistente e ineficiente para a mastigação

(Nicholls & Townsend, 2016). Além disso, equinos geriátricos podem apresentar dificuldades na absorção de nutrientes, o que pode levar a deficiências nutricionais se não forem abordadas adequadamente. A velhice é uma das causas de risco para a resistência à insulina o que pode desencadear laminite aguda e crônica (ARGO et al., 2015). A resistência à insulina terá impacto nas escolhas de dieta para perda de peso (ARGO et al., 2012; 2015), sendo necessário avaliar o ambiente e o manejo nutricional (ARGO, 2015). Monitorar regularmente o peso e a condição corporal dos equinos geriátricos é essencial para ajustar a dieta conforme necessário e evitar problemas de saúde relacionados à obesidade ou à desnutrição. O aumento da longevidade em animais geriátricos tem sido associado a melhorias no manejo nutricional, com cerca de 40% dos proprietários relatando ajustes na alimentação à medida que os animais envelhecem (IRELAND, 2011).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Entender as mudanças fisiológicas associadas ao envelhecimento e adaptar as dietas conforme necessário são passos essenciais para promover uma vida longa e saudável para os equinos. Ao implementar práticas de manejo alimentar e nutricional adequadas, podemos ajudar a garantir que os equinos desfrutem de uma qualidade de vida elevada e mantenham sua vitalidade mesmo em idade avançada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Longevidade. Cavalos geriátricos. Manejo nutricional.

#### REFERÊNCIAS:

ARGO, C. M. CURTIS, G. C. GROVE, WHITE D. Weight loss resistance; a further consideration for the nutritional management of obese Equidae. **The Veterinary Journal**, v.194, p.179-188, 2012.

ARGO, C. M. DUGDALE, A. H. A. MCGOWAN, C. M. Management of equine metabolic syndrome and obesity: considerations for the use of restricted, soaked grass hay diets to promote weight loss. **The Veterinary Journal**, v. 206, p.170-177, 2015.

DUGDALE, A. H. et al. Effect of dietary restriction on body condition, composition and welfare of overweight and obese pony mares. **Equine Veterinary Journal**, v. 43, n. 2, p. 201-209, 2011.

IRELAND, J. L; CLEGG, P.D; MCGOWAN, T.W. et, al. Factors associated with mortality of geriatric horses in the United Kingdom. **Prev Vet Med**, p. 204-218, 2011.

NICHOLLS, V. M.; TOWNSEND, N. Dental Disease in Aged Horses and Its Management. **Veterinary Clinic Equine**, v. 32, p.215-227, 2016.

## EQUOTERAPIA: QUALIDADE DE VIDA PARA O IDOSO SOBRE O CAVALO

Jessymara Batista de Brito  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [jessymarabrito@medvet.fiponline.edu.br](mailto:jessymarabrito@medvet.fiponline.edu.br)

Janne Simone Idenfolso Sabino  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [jannesabino@medvet.fiponline.edu.br](mailto:jannesabino@medvet.fiponline.edu.br)

Júlio Edson da Silva Lucena  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [juliolucena@fiponline.edu.br](mailto:juliolucena@fiponline.edu.br)

Denise Vitória Novo Dos Reis  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [denisereis@medvet.fiponline.edu.br](mailto:denisereis@medvet.fiponline.edu.br)

Ana Cecília de Azevedo Alves  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [anaalves@medvet.fiponline.edu.br](mailto:anaalves@medvet.fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A Equoterapia é uma técnica de reabilitação e educação que utiliza a equitação e as atividades equestres para proporcionar ao praticante benefícios físicos, psicológicos, educacionais e sociais. Esta atividade exige a participação do corpo inteiro, trabalhando o praticante de forma global, sendo o cavalo utilizado como método terapêutico que contribuirá para o desenvolvimento do equilíbrio, tônus, força muscular, a conscientização do próprio corpo, o aperfeiçoamento de coordenação motora, atenção, autoconfiança, autoestima e a qualidade de vida. O idoso na Equoterapia irá utilizar o cavalo como um mediador terapêutico no tratamento de diversas patologias proporcionando bem-estar e consequente melhora da qualidade de vida, sendo um tratamento prazeroso, pois se foge de consultórios e ambientes fechados. Além disso, o movimento tridimensional, rítmico e balançante do cavalo irá estimular o sistema vestibular, a melhora da consciência espaço-temporal, a concentração, o equilíbrio e a consolidação da segurança gravitacional, deixando o idoso menos vulnerável a quedas e a incapacidades funcionais. Sendo assim, esse resumo teve como objetivo verificar os efeitos e mostrar a importância da prática da Equoterapia, a fim de obter melhor qualidade de vida e longevidade. (Vale, 2004).

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através da pesquisa de artigos científicos no Google Acadêmico utilizando o tema "QUALIDADE DE VIDA PARA O IDOSO SOBRE O CAVALO".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Wlater e Vendramini (2000), por sua vez, destacam que a equoterapia utiliza equitação e atividades equestres para proporcionar benefícios físicos, psicológicos, educacionais e sociais. Envolve todo o corpo, ajudando no desenvolvimento muscular, relaxamento, consciência corporal, equilíbrio, coordenação motora, atenção, autoconfiança e autoestima. A Equoterapia possui três programas de atuação: Dependência, Semi-autonomia e Autonomia. Cada programa é adaptado de acordo com as condições físicas e mentais do praticante, auxiliando no controle do cavalo e promovendo progresso na reabilitação e reinserção social. (Uzun, 2005). Esse dinamismo visa melhorar padrões anormais, esquema corporal, postura, equilíbrio, coordenação, sistema nervoso, articulações, respiração, reflexos,

relaxamento e desenvolver motivação, autoconfiança e autovalorização para o sucesso dos objetivos. (Freire, 1999). Toigo, Pinto e Nunes (2008) descobriram que a Equoterapia pode melhorar o equilíbrio estático e reduzir quedas em idosos saudáveis. Em suma, Os exercícios são essenciais para manter o vigor e qualidade de vida à medida que envelhecemos. Eles ajudam a prevenir quedas e a manter funções em atividades diárias. (Kauffman, 2001).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Com base na análise dos estudos, conclui-se que a Equoterapia é eficaz no tratamento de idosos, melhorando sua qualidade de vida. O movimento do cavalo estimula o sistema nervoso, reeducando a postura e aumentando autoestima e autoconfiança. Essa abordagem inovadora e prazerosa pode ser mais eficaz do que tratamentos tradicionais em clínicas.

#### **REFERÊNCIAS:**

KAUFFMAN, T.L. **Manual de reabilitação geriátrica**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2001.

FREIRE, H.B.G. **Equoterapia Teoria e Técnica: Uma Experiência com Crianças Autistas**. São Paulo: Vetor, 1999.

TOIGO, T., LEAL JUNIOR, E.C.P., AVILA, S.N. O uso da equoterapia como recurso terapêutico para melhora do equilíbrio estático em indivíduos da terceira idade. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, 11(3), 391-403. Rio de Janeiro: 391-403, 2008.

UZUN, A.L.DE L. **Equoterapia: Aplicação em distúrbios do equilíbrio**. São Paulo: Vetor, 2005.

WALTER, G.B., VENDRAMINI, O.M. **Equoterapia: terapia com o uso do cavalo**. Minas Gerais: CPT/CEE-UFV. (Manual), 2000.

VALE, R.G.S. **Efeitos do treinamento de força e de flexibilidade sobre a autonomia e qualidade de vida de mulheres senescentes**. Dissertação de Mestrado em Ciência da Motricidade Humana. Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2004.

## EXPLORANDO OS ACHADOS MACRO E MICROSCÓPICOS DA PITIOSE: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Rhyan Lacerda Figueiredo

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [rhyanfigueiredo@medvet.fiponline.edu.br](mailto:rhyanfigueiredo@medvet.fiponline.edu.br)

George Resende de Sousa

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [georgesousa@medvet.fiponline.edu.br](mailto:georgesousa@medvet.fiponline.edu.br)

José Victor Sousa de Moraes

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [josemoraes@medvet.fiponline.edu.br](mailto:josemoraes@medvet.fiponline.edu.br)

Ryan Lucas Che Guevara Borges do Nascimento

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [ryanascimento1@medvet.fiponline.edu.br](mailto:ryanascimento1@medvet.fiponline.edu.br)

Lucas de Carvalho Siqueira

Graduado pelo Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [lucas-carvalho64@hotmail.com](mailto:lucas-carvalho64@hotmail.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A pitiose é uma doença desencadeada pelo *Pythium insidiosum*, um oomiceto patogênico de ampla abrangência entre várias espécies animais, incluindo humanos, sendo reconhecida por suas lesões multifacetadas que podem afetar tanto o tecido cutâneo/subcutâneo quanto o gastrointestinal, vascular, ocular e órgãos internos (Zaro *et al.*, 2018). O diagnóstico, complexo, exige uma bateria de testes laboratoriais, incluindo culturas e técnicas imunológicas (Rossato *et al.*, 2018). Este resumo visa destacar achados macro e microscópicos da pitiose, ressaltando sua importância para compreensão da doença e abordagem clínica eficaz.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica ampla, realizada através da pesquisa de artigos científicos em bases de dados acadêmicas como Google Acadêmico, PubMed e SciELO, utilizando termos como "Pitiose" e "Pythium insidiosum" para cobrir amplamente os tópicos relevantes.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Estudos relatam casos variados de pitiose em diferentes espécies animais, destacando a diversidade de apresentações clínicas e achados macro e microscópicos. Caruaíba *et al.* (2023) em sua pesquisa apresentam casos atípicos, como a pitiose nasal em equinos e a pitiose com localização incomum no palato mole de equinos, demonstrando a capacidade do *P. insidiosum* de afetar diferentes tecidos e órgãos. Os achados macroscópicos incluem lesões nodulares, ulceradas e fibrosas, comumente associadas a tecido de granulação imaturo e áreas necróticas. De acordo com Rossato *et al.* (2018), as lesões podem ser observadas em diversas localizações, como mucosa nasal, tecido cutâneo/subcutâneo e órgãos internos, evidenciando a capacidade de disseminação do patógeno. A análise histopatológica revela características típicas da pitiose, como inflamação piogranulomatosa e eosinofílica, presença de hifas intralesionais e no citoplasma de células gigantes multinucleadas, necrose e proliferação de tecido conjuntivo. Conforme descrito por Martins *et al.* (2012), a coloração de Grocott é comumente utilizada para destacar as hifas septadas e ramificadas do *P. insidiosum*, facilitando a confirmação do diagnóstico. A técnica de

Imuno-histoquímica desempenha um importante método para a confirmação do diagnóstico, marcando positivamente as hifas fúngicas com anticorpos específicos contra o *P. insidiosum* (Rossato *et al.*, 2018).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A pitiose apresenta desafios no diagnóstico e tratamento, evidenciando uma variedade de manifestações clínicas em diferentes tecidos e órgãos. A análise histopatológica revela características como inflamação piogranulomatosa e eosinofílica e presença de hifas intralesionais. O tratamento requer abordagem multidisciplinar, incluindo exérese cirúrgica, antifúngicos e imunoterapia. A prevenção realizada através da redução da exposição a ambientes contaminados, é crucial para o controle da enfermidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Equinos; *Pythium insidiosum*; Achados patológicos.

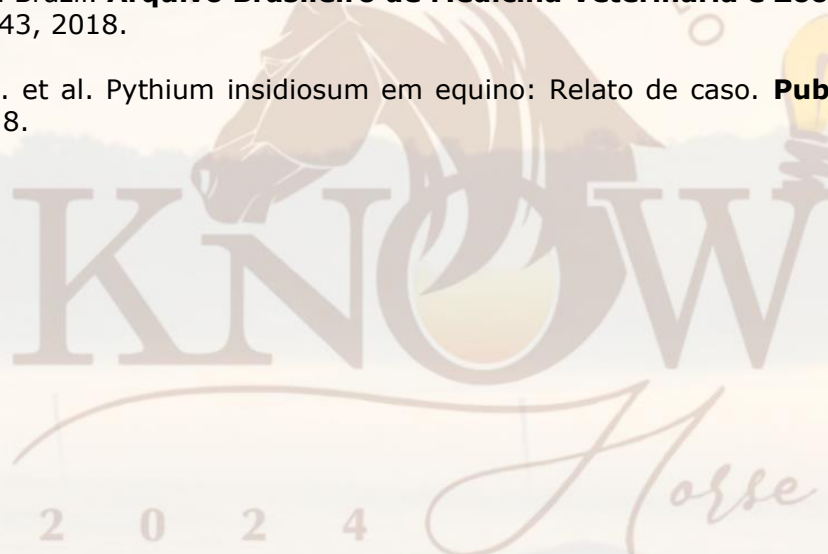
#### REFERÊNCIAS:

CARNAÚBA, R. T. M. S. *et al.* *Pythium insidiosum* E PITIOSE: UMA REVISÃO DE LITERATURA. **Veterinária e Zootecnia**, v. 30, p. 1-12, 2023.

MARTINS, T. B. *et al.* A comparative study of the histopathology and immunohistochemistry of pythiosis in horses, dogs and cattle. **Journal of Comparative Pathology**, v. 146, n. 2-3, p. 122-131, 2012.

ROSSATO, C. K. *et al.* Pythiosis with atypical location in the soft palate in a horse in Southern Brazil. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 70, p. 641-643, 2018.

ZARO, D. *et al.* *Pythium insidiosum* em equino: Relato de caso. **Pubvet**, v. 12, p. 136, 2018.



## EXTRAÇÃO INTRA-ORAL COM ODONTOTOMIA DO ELEMENTO DENTÁRIO 209 DE UM EQUINO

Wênia dos Santos Alves

Universidade de Campina Grande – UFCG – Patos – PB

Email: [weniaalves52@gmail.com](mailto:weniaalves52@gmail.com)

Karen Larissa Araújo Arrais

Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa – PB

Email: [karenarrais.kl@gmail.com](mailto:karenarrais.kl@gmail.com)

José Felipe Gomes de Lucena

Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa – PB Email:

[gomes.lucena@academico.ifpb.edu.br](mailto:gomes.lucena@academico.ifpb.edu.br)

Rafael Luiz Miranda Silva

Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa – PB Email:

[rafael.luiz@academico.ifpb.edu.br](mailto:rafael.luiz@academico.ifpb.edu.br)

Geymenson dos Santos Souza

Clinica especializada em odontologia equina - GVET - Garanhuns - PE

Email: [geymensonsouza@yahoo.com.br](mailto:geymensonsouza@yahoo.com.br)

Fernanda Pereira da Silva Barbosa

Docente do Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa – PB

Email: [fernanda.barbosa@ifpb.edu.br](mailto:fernanda.barbosa@ifpb.edu.br)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A odontologia equina desempenha um papel vital na saúde dos cavalos, através de intervenções cirúrgicas frequentes que lidam com uma variedade de condições dentárias. A exodontia com odontotomia é uma técnica comum empregada para tratar fraturas, abscessos e outras complicações bucais, com o objetivo de garantir a recuperação completa e a integridade dos dentes (Morais *et al.*, 2018). Nesse contexto, propõe-se relatar o caso específico de exodontia intra-oral com odontotomia do elemento dentário 209 de um equino.

**RELATO DE CASO:** Foi efetuado o atendimento de uma égua, com 7 anos de idade, atleta, na Clínica GVET – Odontologia e Medicina Equina, na cidade de Garanhuns – PE. O animal foi trazido à clínica pelo proprietário para avaliação odontológica devido à presença de secreção serosa com odor desagradável na narina esquerda. Após exame clínico geral realizado pelo Médico Veterinário, foi recomendada uma avaliação odontológica mais detalhada através de exame radiográfico, no qual se constatou que os dentes 208/209/210 tinham ligação direta com a concha nasal devido à exposição de todos os canais e à presença de fissura entre o canal 4 e 5, levando ao quadro clínico apresentado pelo animal. Desse modo, foi indicado o tratamento de exodontia intra-oral com odontotomia para resolução de tal alteração. Para isso, foram realizados bloqueios anestésicos do nervo maxilar com lidocaína a 2%, e sedação com Detomidina e Butofanol na dosagem de 0,02mg/kg/IV, respectivos. Após identificação da área a ser trabalhada com base nos exames radiográficos, iniciou-se a remoção, cuidadosamente, dos tecidos moles circundantes e exposição completa do dente, seguida da odontotomia, valendo-se de brocas odontológicas de alta velocidade, do dente na porção caudal entre 210/209 e mesial entre 209/208, sendo cada seção retirada uma a uma. Após extração completa, foi

realizada curetagem no alvéolo para evitar resíduos de fragmento dentário e introdução de plug alveolar, contendo metronidazol como tratamento, sendo removido com 5 dias e o segundo com 10 dias. Para o pós-cirúrgico, foi administrado 10 ml/IV/5 dias do anti- inflamatório (equipalanoze) e ceftiofur (8g)/IM/5dias, além dos plugs alveolares. Depois, o animal recebeu alta médica.

**DISCUSSÃO:** O caso destaca a importância da avaliação odontológica precisa em equinos, especialmente quando sintomas como secreção nasal indicam problemas dentários subjacentes. A identificação da ligação direta dos dentes com a concha nasal e a fissura entre canais demonstra a complexidade do caso. A exodontia intra-oral com odontosecção (Ferreira Filho *et al.*, 2021), combinada com anestesia e cuidados pós-operatórios, foi crucial para o sucesso do tratamento, uma vez que a extração de pré-molares e molares é indicada para várias condições, como exposição de canais, evidenciada no caso. Isso ressalta a necessidade de uma abordagem integrada entre exames clínicos, radiográficos e cirúrgicos para garantir a saúde bucal e o bem-estar dos equinos.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a exodontia intra-oral com odontosecção foi eficaz na resolução do problema da égua, resultando em uma recuperação completa e alta médica satisfatória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Odontologia equina. Recuperação. Exodontia.

#### REFERÊNCIAS:

FERREIRA FILHO, M. J. S *et al.* A importância da técnica de odontosecção em exodontia de terceiros molares: revisão de literatura. The importance of the technique of dental section in exodontology of third molars: literature review, **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 2, p. 13100-13112, fevereiro, 2021. DOI 10.34117/bjdv7n2-091. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/24300/19416>.

Acesso em: 7 maio 2024.

MORAIS, F. F *et al.* Exodontia pela técnica intraoral em égua: Relato de caso, **Pubvet**, v. 12, n. 10, p. 1-5, outubro, 2018. DOI <https://doi.org/10.31533/pubvet.v12n10a187.1-5>. Disponível em:

<https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/1001>. Acesso em: 7 maio 2024.

## FECALOMA EM CÓLON MENOR DE EQUINO: RELATO DE CASO

João Everton Martins de Oliveira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [joaooliveira1@medvet.fiponline.edu.br](mailto:joaooliveira1@medvet.fiponline.edu.br)

José Arthur Lima Santos  
Centro Universitário Maurício de Nassau - UNINASSAU  
[arthursantosvl@outlook.com](mailto:arthursantosvl@outlook.com)

José Victor Sousa de Moraes  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [josemoraes@medvet.fiponline.edu.br](mailto:josemoraes@medvet.fiponline.edu.br)

Maria Fernanda da Nóbrega Marques  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [mariamarques@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mariamarques@medvet.fiponline.edu.br)

Lucas Beserra de Carvalho  
Médico Veterinário Responsável  
[lucascarvalhomedvet@gmail.com](mailto:lucascarvalhomedvet@gmail.com)

Fabricio Kleber de Lucena Carvalho  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [fabriciocarvalho@fiponline.edu.br](mailto:fabriciocarvalho@fiponline.edu.br)

### RESUMO:

**INTRODUÇÃO:** A síndrome cólica é umas das enfermidades que mais ocasiona óbito nos equinos, a qual acomete o trato digestivo ocasionando forte dor abdominal (SALOMÃO, 2021). Uma das suas principais causas é a obstrução por fecaloma, que consiste no acúmulo de fezes que obstrui o lúmen intestinal, geralmente ocasionado por desidratação, fornecimento de um volumoso de má qualidade ou alterações dentárias (Macedo, 2017). Essa predisposição está relacionada à anatomia do cólon, principalmente em locais com diminuição do diâmetro das alças intestinais, flexura pélvica e estreitamento do cólon transversal para o cólon menor (Macedo, 2017). Objetiva-se relatar um caso de cólica obstrutiva por fecaloma em cólon menor em um equino.

**RELATO DE CASO:** Foi atendido em uma clínica particular na cidade de Lagoa Seca, Paraíba, um equino, fêmea, quarto de milha, quatro anos de idade e 436 quilos, com histórico de desconforto abdominal há 48 horas. Nesse período o animal já tinha feito uso de duas doses de flunixin meglumine® (1,1mg/kg) e fluidoterapia por via jugular com oito litros de Cloreto de sódio 9%, porém como o animal não melhorava optou-se em levar ao médico veterinário. No exame clínico, observou-se mucosas cianóticas, distensão abdominal bilateral, frequência cardíaca de 80 bpm. Na ausculta abdominal foi observada atonia nos quatro quadrantes. Na análise do líquido peritoneal foi observado lactato de 19,9 mmol/L. Foi feita a sondagem nasogástrica, retirando um pouco de conteúdo esverdeado. Na ultrassonografia abdominal, foi observada grande distensão das alças intestinais com presença de gás, optando-se pela realização de tiflocentese, para diminuição da distensão. Devido ausência de melhora clínica, associado ao sofrimento do animal, o proprietário optou pela eutanásia do animal. Na necropsia, foi identificada grave isquemia de cólon menor em sentido oral e presença de fecaloma, composto por fibra mal digerida e sementes de *Prosopis juliflora* (algaroba).

**DISCUSSÃO:** Para o líquido peritoneal, alterando assim sua composição fisiológica de acordo com o tempo, localização e gravidade do quadro (Junior, 2019). O lactato está associado ao fornecimento de oxigênio tecidual, e é um dos parâmetros mais relevantes para o diagnóstico e prognóstico, dado que a alta concentração de lactato

no líquido peritoneal está relacionada a lesões isquêmicas em alças intestinais (Junior, 2019). Apesar dos grandes avanços no diagnóstico e no tratamento clínico-cirúrgico, que contribuem de forma crescente para expectativa de vida dos equinos acometidos com cólica, observamos que uma alimentação de má qualidade, manejo inadequado e demora na procura de um profissional qualificado podem aumentar drasticamente a mortalidade de equinos acometidos pela síndrome cólica (Junior, 2019).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** É fundamental que os proprietários estejam atentos aos sinais de alerta, como constipação persistente, desconforto abdominal e alterações no padrão de defecação, e ajam prontamente ao notar tais sintomas. A intervenção precoce e o tratamento adequado são essenciais para garantir o bem-estar e a recuperação do equino afetado. A saúde e o cuidado com os animais devem sempre ser prioridade, e a busca por assistência veterinária qualificada é fundamental para garantir o melhor prognóstico e qualidade de vida para os equinos.

**PALAVRAS CHAVES:** Lactato. Líquido peritoneal. Má alimentação. Síndrome cólica.

#### REFERÊNCIAS:

SALOMÃO, Vivian Volpe; DE ABREU, Rogério Navarro. Resolução cirúrgica de fecaloma em Mini Horse: Relato de caso. **Pubvet**, v. 15, p. 180, 2021.

SALOMÃO, Vivian Volpe; DE ABREU, Rogério Navarro. Surgical resolution of Mini Horse fecaloma: **case report**. 2021.

MACEDO, Iara Nóbrega et al. Síndrome cólica por compactação de cólon transversal em equino: relato de caso. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, v. 15, p. 377-378, 2017.

JUNIOR, Arnaldo Cesar Oliveira Gomes Lira et al. ANÁLISE DO LÍQUIDO PERITONEAL NO DIAGNÓSTICO DE CÓLICA EQUINA. **Iniciação Científica Cesumar**, v. 21, n. 2, p. 95-103, 2019.

## FOTOSENSIBILIZAÇÃO PRIMÁRIA POR FROELICHIA HUMBOLDTIANA (AMARANTHACEAE): RELATO DE CASO

Lidio Ricardo Bezerra de Melo

Residente da Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais - UFCG - Patos-PB

E-mail: [lidioricardolrbm@hotmail.com](mailto:lidioricardolrbm@hotmail.com)

Edna Mylena Guedes Rodrigues

Discente do centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [ednarodrigues@medvet.fiponline.edu.br](mailto:ednarodrigues@medvet.fiponline.edu.br)

Eliaquim Santos Gonçalves

Discente da universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos-PB

E-mail: [eliaquim.santos@estudante.ufcg.edu.br](mailto:eliaquim.santos@estudante.ufcg.edu.br)

Maria Janikelly Pinheiro Nogueira

Residente da Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais - UFCG - Patos-PB

E-mail: [janikellynogueira@gmail.com](mailto:janikellynogueira@gmail.com)

Rhana Beatriz Mendonça Guimarães

Residente da Patologia Animal - UFCG - Patos-PB

E-mail: [ghanabeatriz21@gmail.com](mailto:ghanabeatriz21@gmail.com)

Daniel Medeiros Assis

Méd. Vet. da Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais - UFCG - Patos-PB

E-mail: [daniel\\_medvet@yahoo.com.br](mailto:daniel_medvet@yahoo.com.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

Fotossensibilização é uma alteração caracterizada pela presença de um agente fotodinâmico presente em algumas plantas e quando ingeridas pelos animais resulta em lesões em pele despigmentadas. Ocorre de forma primária quando a substância fotodinâmica é ingerida e absorvida pela corrente sanguínea; na secundária, há lesão hepática provocando disfunção do órgão e acúmulo de filioeritrina no organismo (Embrapa, 1984). *Froelichia humboldtiana* é uma planta presente em todo semiárido nordestino, conhecida popularmente por ervanço, sendo responsável por intoxicações fotodinâmicas em equinos, bovinos e ovinos (Pimentel, *et al.* 2007). Diante disso, objetivou-se relatar um caso de fotossensibilização primária por *Froelichia humboldtiana* em um equino no semiárido potiguar.

#### RELATO DE CASO:

Foi atendido pela HVU-UFCG, PATOS, um equino mestiço, castrado, pelagem pampa, de 380 kg. Foi relatado que há 8 dias o animal apresentava inquietação (cavar e rolar no chão, agitação e olhar para o flanco). Acrescentou-se que durante o dia o animal ficava embaiado e a noite era solto em pasto nativo (que continha ervanço). Na semana do ocorrido, o animal participou de um evento o qual ficou exposto por longos períodos à luz solar. Foi atendido em campo, porém, com a suspeita de síndrome cólica, sendo medicado para tal patologia. Com a persistência dos sinais clínicos, o animal foi encaminhado ao HVU. No exame clínico, observaram-se lesões cutâneas, alopecia, rubor e calor nas áreas despigmentadas e crostas no focinho, garupa e base da cauda. Foi realizado biópsia das lesões que descartaram demais dermatopatias de aspecto semelhante, confirmando o diagnóstico de intoxicação por ervanço. O animal foi submetido ao tratamento de suporte durante 4 dias com 40ml de Mercepton diluído em 2l de soro-NaCl e 20ml de Cort-trat em 500ml de soro-NaCl, IV; e pomada Clobetasol tópica nas lesões; além da restrição a raios solares. Ao final do 4º dia,

com redução dos sinais, o animal recebeu alta com recomendações de continuar o uso da pomada e evitar a exposição UV até completa remissão das lesões.

#### DISCUSSÃO:

Surtos de fotossensibilização são observados principalmente nos meses de maiores chuvas, associados à invasão na pastagem pela planta. O diagnóstico foi baseado nos sinais clínicos, lesões em áreas despigmentadas e presença do ervanço na pastagem. A exposição solar demasiada agravou os sinais de dor, levando a suspeitarem de síndrome cólica. Segundo Pimentel, *et al.* (2007) os equídeos são mais sensíveis ao ervanço do que as demais espécies de produção, podendo estar relacionado à maior palatabilidade para eles, sendo os asininos portadores da maior taxa de mortalidade em decorrência da automutilação. De acordo com Melo, *et al.* (2023) quando não há lesões hepáticas, o quadro pode ser revertido com a retirada do consumo da planta, abrigo contra os raios UV e tratamento de suporte até a remissão dos sinais.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Durante o período chuvoso no semiárido, a ocorrência de intoxicações fotodinâmicas tornam-se frequentes. Portanto, a fim de evitar prejuízos econômicos, o conhecimento toxicológico das plantas e a correta identificação da patologia foram cruciais para o desfecho do caso e evolução do paciente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ervanço. Agente fotodinâmico. Dermatopatia.

#### REFERÊNCIAS:

EMBRAPA: Gado de corte. Circular técnica nº1, jan. 1980. GRAMÍNEAS FORRAGEIRAS DO GÊNERO BRACHIARIA. seção 13, Campo Grande-MS, ed. 1984. Disponível em: <https://old.cnpgc.embrapa.br/publicacoes/ct/ct01/13intoxicacao.html>. Acesso em: 15 abr. 2024

MELO, L. R. B. de; NOGUEIRA, M. J. P; FERNANDES, J. J; SOUZA, V. J. B. L. de; LEITE, I. M; GOMES, T. L. da S.; MACIEL, T. A; GALIZA, G. J. N. de. SURTO DE FOTOSSENSIBILIZAÇÃO PRIMÁRIA POR CHAMAECRISTA SERPENS (L.) GREENE EM REBANHO NELORE NO SEMIÁRIDO DA PARAÍBA: RELATO DE CASO. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BUIATRIA*, 14., 2023, Recife-PE. **Anais eletrônicos**. Recife-PE: Revista Brasileira de Buiatria, 2023. p.166. 136-170. Disponível em: <https://revistabrasileiradebuiatria.com/docs/Anais%20do%20XIV%20CBB%20e%20V%20CONEB%20-%20n2%20-%20Enfermidades%20Metabólicas,%20Minerais%20e%20Intoxicações%20-%20RBB%202023.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2024.

PIMENTEL, L. A; RIET-CORREA, F; GUEDES, K. M. R; MACEDO, J. T. S. A; MEDEIROS, R. M. T; DANTAS, A. F. M. Fotossensibilização primária em equídeos e ruminantes no semi-árido causada por *Froelichia humboldtiana* (Amaranthaceae)1. *Pesquisa Veterinária Brasileira*, p. 23-28, jan 2007. Disponível em: <http://www.pvb.com.br/porta/pesquisa?term=Fotossensibilizao+primaria+em+equideos+e+ruminantes>. Acesso em: 15 abr. 2024.

## FRATURA DE OSSO NASAL EM POTRO – RELATO DE CASO

Rayssa Caroliny da Silva de Medeiros

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG - Patos – PB

E-mail: [rayssacsmedeiros@gmail.com](mailto:rayssacsmedeiros@gmail.com)

Francisco Vieira de Sousa Junior

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG - Patos – PB

E-mail: [franciscovieiradesousajunior@gmail.com](mailto:franciscovieiradesousajunior@gmail.com)

Beatriz Dantas da Silva

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG - Patos – PB

E-mail: [beatrizdantasds@gmail.com](mailto:beatrizdantasds@gmail.com)

Maria dos Milagres Jales Fernandes

Médica Veterinária Autônoma – Brejo do Cruz - PB

E-mail: [millavet@gmail.com](mailto:millavet@gmail.com)

Ygo dos Santos Monteiro

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG - Patos – PB

E-mail: [ygomonteiro125@gmail.com](mailto:ygomonteiro125@gmail.com)

Juciê Jales Fernandes

Médico Veterinário Autônomo – Brejo do Cruz - PB

E-mail: [juciemedvet@gmail.com](mailto:juciemedvet@gmail.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

Devido ao comportamento reativo a situações que causem medo e estresse, equinos adultos e, principalmente, jovens estão predispostos a lesões cutâneas. Somado a isso, instalações zootecnicamente inadequadas e erros de manejos potencializam os incidentes (Casey, 2007; Paganela *et al.*, 2013). Dessa forma, objetiva-se relatar um atendimento, realizado por Médico Veterinário a campo, de um equino, sete meses de idade, quarto de milha, macho, com fratura de osso nasal.

#### RELATO DE CASO:

Na anamnese o proprietário relatou que o animal teria se lesionado há poucas horas, sem causa conhecida. No exame clínico, o animal apresentava taquicardia e taquipneia, além disso, constatou-se ferida perfuro-lacerante na região frontal na altura do osso nasal, “região do chanfro”, que se estendia bilateralmente para a região maxilar. Foi realizado a tranquilização com detomidina (0,015 mg/kg) via endovenosa, na sequência foi realizado bloqueio locorregional infiltrativo com lidocaína a 2%, limpeza e antisepsia da ferida, tendo sido constatado fratura do osso nasal direito com fragmento ósseo de aproximadamente seis centímetros e outros de menores tamanhos. Pela extensão da lesão era possível visualizar a mucosa da concha nasal dorsal. Diante da gravidade do ferimento, não seria possível a consolidação óssea, sendo realizada remoção de todos os fragmentos ósseos. Assim, foi feita divulsão da pele e retirado o fragmento maior do osso nasal direito que se estendia do processo rostral até próximo à incisura nasoincisiva, além dos fragmentos menores. Posteriormente, reduziu-se o espaço morto com fio ácido poliglicólico nº 2-0 e depois realizou dermorrafia com padrão Wolf captonado com fio nylon nº 1. Para o pós-operatório foi instituído tratamento com flunixin meglumine (1,1 mg/kg, endovenoso, SID, três dias), dexametasona (0,2 mg/kg, endovenoso, dose única), soro antitetânico via intramuscular (5.000 UI, dose única), penicilina benzantina (22.000 UI/kg, intramuscular, SID, cinco dias), como também realização de curativo diário com limpeza e aplicação de pomada até a cicatrização. Após seis dias o animal rompeu alguns pontos centrais por traumatizar a região, mas as bordas da ferida estavam ainda próximas e apenas o centro um pouco aberto. Com 12 dias

foram retirados os pontos restantes e continuou-se com os curativos até a completa restauração dos tecidos.

#### **DISCUSSÃO:**

Casos de feridas traumáticas em equinos são bem relatados e não existe um protocolo universal para o tratamento, devendo ser considerado o tipo de ferida, extensão, região acometida, estado geral de saúde, disponibilidade para realização do tratamento de enfermagem, ambiente de atendimento e fatores econômicos (Casey, 2007; Pessoa, 2014). O tempo entre o proprietário perceber a lesão e imediatamente contatar o Médico veterinário foi importante para a resolução deste caso, visto que pela região acometida infecções secundárias poderiam causar quadro respiratório grave.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Pode-se concluir que feridas cutâneas e fraturas são comuns em potros devido ao comportamento natural da espécie, mudanças de ambiente e manejo incorreto. É necessário conhecimento técnico-científico por parte do Médico Veterinário para tratar corretamente a ferida, a fim de evitar agravamento do quadro clínico, infecções secundárias e tecido cicatricial exuberante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Equino. Ferida. Traumas.

#### **REFERÊNCIAS:**

CASEY, R. A. Clinical problems associated with the intensive management of performance horses. In: **The welfare of horses**. Springer Netherlands, p. 19-44, 2007.

PAGANELA, J. C.; RIBAS, L. M.; SANTOS, C. A.; EIJO, L. S.; NOGUEIRA, C. E. W.; FERNANDES, C. G. **Clinical approach in equine skin wounds**, n. 104, p. 569-572, 2009.

PESSOA, A. F.; PESSOA, C. R. M.; MIRANDA NETO, E. G.; DANTAS, A. F. M.; RIET-CORREA, F. **Doenças de pele em equídeos no semiárido brasileiro. Pesquisa veterinária brasileira**, v. 34, n. 8, p. 743 – 748, ago. 2014.

## GESTÃO GEMELAR EM EQUINO DA RAÇA QUARTO DE MILHA - RELATO DE CASO

Wesley Marques Rodrigues  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [wesleyrodrigues@medvet.fiponline.edu.br](mailto:wesleyrodrigues@medvet.fiponline.edu.br)

Lindebergue Nóbrega Pereira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [haraslp.sm@gmail.com](mailto:haraslp.sm@gmail.com)

Fabricio Kleber de Lucena Carvalho  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [fabriciocarvalho@fiponline.edu.br](mailto:fabriciocarvalho@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A presença de gestação gemelar em éguas frequentemente resulta em uma absorção embrionária, aborto durante o terço final da gestação, nascimento de potros prematuros com alta taxa de mortalidade neonatal, podendo colocar em risco a vida e a saúde da égua (Silva., *et al.*). O exame de ultrassonografia é de fundamental importância para um correto diagnóstico de gestação gemelar, devendo ser realizado o mais breve possível durante a estação de monta (Schnobrich *et al.*, 2013). Na maioria dos casos os Médicos Veterinários juntamente aos proprietários optam pela interrupção dessa gestação gemelar utilizando a técnica de esmagamento da menor vesícula gestacional, levando a frente toda a gestação de um único representante ou através do uso de medicações luteolíticas buscando interromper a gestação e realizar nova inseminação artificial e/ou a monta natural da égua (Smith *et al.*, 2003). Este trabalho tem como objetivo relatar um caso de uma gestação gemelar em uma égua da raça Quarto de Milha na cidade de Santa Maria do Cambucá Pernambuco.

#### RELATO DE CASO:

Equino, fêmea, 13 anos de idade, Quarto-de-Milha, 450 Kg, fertilizada em monta natural com equino de 7 anos de idade, Quarto-de-Milha de 490 Kg. Após detecção dos sinais de prenhez do animal, optou-se por administração de ração balanceada Durancho 13LA®, suplementação mineral a base de aminoácidos e vitaminas com Promun Sorb® e Hemo Turbo® ofertados 1x ao dia na dieta do animal. A fertilização e a gestação ocorreram sem o acompanhamento do médico veterinário e sem a utilização de indutores de ovulação, somente após o parto foi observado que se tratava de gestação gemelar. A égua pariu uma potra fêmea, e um potro macho, os potros apresentavam-se completamente hígidos, com presença de reflexo de sucção e ambos com suas características semelhantes e bem desenvolvidos.

#### DISCUSSÃO:

A ocorrência de gestações gêmeares é influenciada por diversos fatores, entre eles a raça, sazonalidade, status reprodutivo, uso de indutores de ovulação, fertilidade do garanhão e a idade da égua (Schnobrich *et al.*, 2013). Destaca-se que a fertilidade do garanhão desempenha um papel crucial nesse processo, uma vez que a longevidade do sêmen no trato reprodutivo feminino está diretamente relacionada às maiores chances de gestação gemelar. É relevante notar que ovulações de diestro a partir do 4º dia após a primeira ovulação ainda podem resultar em fecundação, evidenciando a capacidade de fertilização até sete dias pós cobertura. Adicionalmente, é possível que apenas a segunda ovulação seja fertilizada, o que pode levar a um diagnóstico equivocado de gestação aos 16 dias da primeira ovulação (DAVIES MOREL; NEWCOMBE; SWINDLEHURST, 2005).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que gestações gemelares são oriundas de múltiplas ovulações sendo rara a ocorrência de gêmeos monozigóticos em equinos. É necessário todo o acompanhamento Médico Veterinário durante todo o ciclo estral e a gestação das éguas em todas etapas, a fim de diagnosticar as múltiplas ovulações e/ou reduzir as vesículas entre o 12º e 15º dia de gestação, evitando assim gestações gemelares, o que tornam prejuízo aos criadores, devido ao alto percentual de abortamento ou nascimento de potros prematuros, com dificuldade de desenvolvimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Égua. Obstetrícia Veterinária. Parição. Prenhez

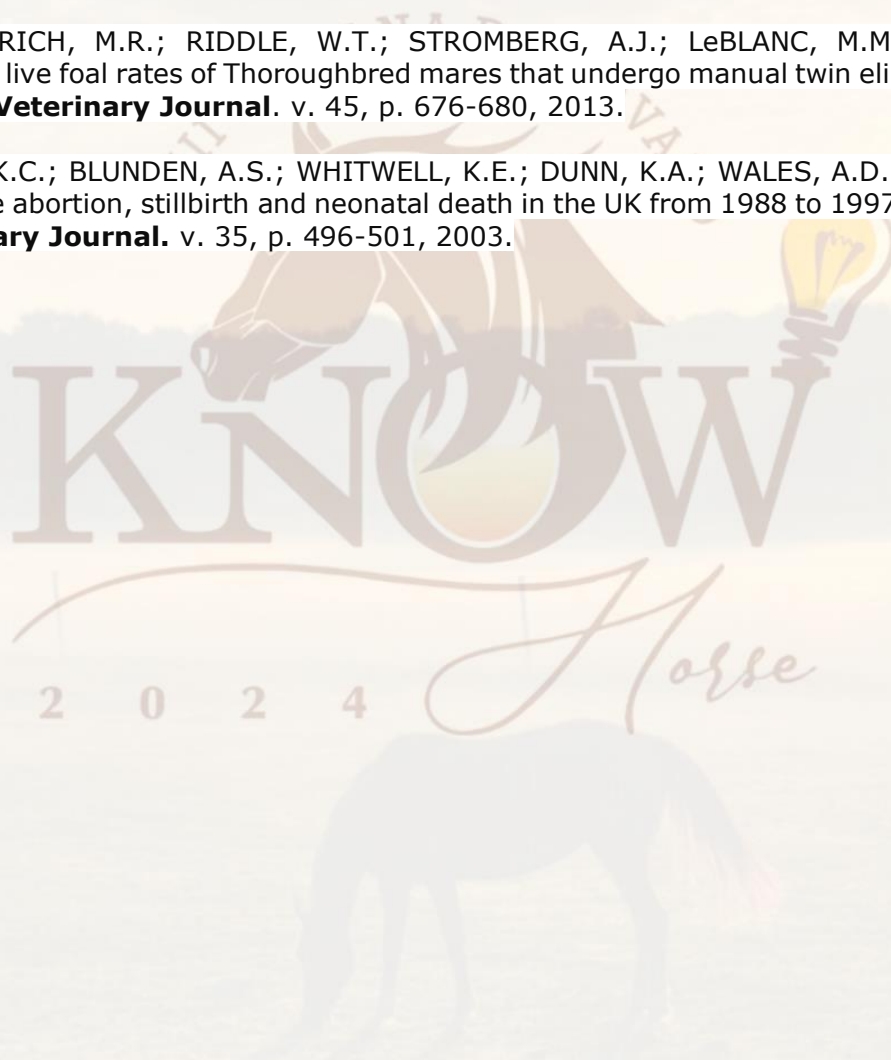
#### REFERÊNCIAS:

DAVIES MOREL, M.C.G.; NEWCOMBE, J.R.; SWINDLEHURST, J.C. The effect of age on multiple ovulation rates, multiple pregnancy rates and embryonic vesicle diameter in the mare. **Theriogenology** v. 63, p. 2482-2493, 2005.

SILVA, T.A.P.; SILVA, P.C.A.; SÁ, M.A.F. Parto gemelar em égua da raça Brasileiro de Hipismo - relato de caso. In: **Anais do I Simpósio Internacional de Reprodução, Clínica e Cirurgia Equina do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Estácio de Sá, 2019.

SCHNOBRICH, M.R.; RIDDLE, W.T.; STROMBERG, A.J.; LeBLANC, M.M. Factors affecting live foal rates of Thoroughbred mares that undergo manual twin elimination. **Equine Veterinary Journal**. v. 45, p. 676-680, 2013.

SMITH, K.C.; BLUNDEN, A.S.; WHITWELL, K.E.; DUNN, K.A.; WALES, A.D. A survey of equine abortion, stillbirth and neonatal death in the UK from 1988 to 1997. **Equine Veterinary Journal**. v. 35, p. 496-501, 2003.



## HEMIPLEGIA ASSOCIADA A HIPERPLASIA FOLICULAR LINFÓIDE EM EQUINO

Livia Horrana Forte Freire  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG – Patos – PB – Brasil  
E-mail: [liviafreirevt@gmail.com](mailto:liviafreirevt@gmail.com)

Janne Simone Idelfonso Sabino  
Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil  
E-mail: [jannesabino@medvet.fiponline.edu.br](mailto:jannesabino@medvet.fiponline.edu.br)

Lydia Darah de Souto Costa  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG – Patos – PB – Brasil  
E-mail: [lydiaasouto@gmail.com](mailto:lydiaasouto@gmail.com)

Eldinê Gomes de Miranda Neto  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG – Patos – PB – Brasil  
E-mail: [eldinemneto@hotmail.com](mailto:eldinemneto@hotmail.com)

Pedro Isidro da Nóbrega Neto  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG – Patos – PB – Brasil  
E-mail: [pedroisidro@gmail.com](mailto:pedroisidro@gmail.com)

Daniel de Medeiros Assis  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG – Patos – PB – Brasil  
E-mail: [daniel\\_medvet@yahoo.com.br](mailto:daniel_medvet@yahoo.com.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A hemiplegia laríngea é uma doença degenerativa do nervo laríngeo recorrente que acomete predominantemente o lado esquerdo, causando paresia ou, em casos graves, paralisia da laringe (Taylor *et al.*, 2006). Os sinais clínicos surgem principalmente da disfunção do músculo abdutor da laringe e da cartilagem aritenóide. O colapso dessas estruturas e da prega vocal ipsilateral durante o exercício causa obstrução inspiratória da rima da glote e aumento da resistência no fluxo de ar (Cramp; Barakzai, 2011). A laringoscopia é a técnica mais indicada para avaliar a função da laringe e classificar em graus: I a V, segundo o sistema Havemeyer (Hackett *et al.*, 1991). Objetivou-se relatar um caso de hemiplegia laríngea grau IV associada a hiperplasia folicular linfóide em uma égua quarto de milha.

#### RELATO DE CASO:

Deu entrada no Hospital Veterinário (UFCG) um equino, fêmea, quarto de milha, cinco anos, pesando 540 kg, atleta de vaquejada. Na anamnese o proprietário relata que há dois meses o animal apresenta ruídos respiratórios durante exercício que se intensificavam à medida que o esforço físico aumentava. Ao exame endoscópico observou-se processo cornicular da cartilagem aritenóide esquerda com desvio axial e posição mais vertical que seu antímero, demonstrando pouca mobilidade e assincronia, além de disseminadas elevações papuliformes na região faríngea, de coloração rosada característica da hiperplasia folicular linfóide. O animal foi diagnosticado com hemiplegia laríngea esquerda grau IV e hiperplasia folicular linfóide leve, sendo encaminhado para correção cirúrgica através de laringoplastia e ventriculectomia esquerdas. Que consistiu na remoção do ventrículo laríngeo esquerdo, no qual após incisão ventral na laringe, foi utilizado o Morango de Williams para eversão da mucosa e posterior ressecção do ventrículo, visando reduzir os ruídos respiratórios. A cicatrização do procedimento se deu por segunda intenção.

#### DISCUSSÃO:

Segundo Steiner et al. (2013) as inflamações da região laríngea podem influenciar negativamente, as cirurgias da região, por isso o animal foi submetido a tratamento anti-inflamatório, previamente a operação de laringoplastia, baseada na ancoragem do processo muscular da cartilagem aritenóide a lâmina caudal da cartilagem cricóide, utilizando duas suturas independentes com fio poliéster número 5, associado a ventriculectomia. Essa técnica é muito usada e tem como princípio uma alteração mecânica que promove abertura permanente da cartilagem afetada e aderência ventricular, prevenindo o colapso laringeal consequentemente perda de performance e produção de ruído respiratório. Outras técnicas de tratamento como reinervação e eletroacupuntura se mostram promissoras, tendo a vantagem de preservar as estruturas anatômicas e suas funções, mas o inconveniente exigirem longo período de tratamento.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

O diagnóstico endoscópico associado ao procedimento cirúrgico utilizando a técnica de laringoplastia em conjunto com a ventriculectomia esquerda, ocorreu satisfatoriamente sem complicações no pós-cirúrgico, após repouso de quatro meses o animal voltará as atividades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Endoscopia. Nervo laríngeo. Ruído.

#### **REFERÊNCIAS:**

CRAMP, P.; BARAKZAI, S. Z. Surgical management of recurrent laryngeal neuropathy. **Equine Veterinary Education**, v. 24, n. 6, p. 307-321, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.2042-3292.2011.00274.x>. Acesso em: 16 abr. 2024.

HACKETT, R. P.; DUCHARME, N. G.; FUBINI, S.L.; ERB, H. N. The reliability of endoscopic examination in assessment of arytenoid cartilage movement in horses. Part I: Subjective and objective laryngeal evaluation. **Veterinary Surgery**, v. 20, n. 3, p. 174-179, 1991. Disponível: <https://doi.org/10.1111/j.1532-950x.1991.tb00331.x>. Acesso em: 16 abr. 2024.

STEINER, D.; ALBERTON, L. R.; BELETTINI, S. T. Hemiplegia laríngea em equinos. **Enciclopédia Biosfera**, v. 9, n. 17, p. 1583, 2013. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2013b/CIENCIAS%20AGRARIAS/Hemiplegia.pdf>. Aceso em: 16 abr. 2024.

TAYLOR, S. E.; BARAKZAI, S. Z.; DIXON, P. Ventriculocordectomy as the sole treatment for recurrent laryngeal neuropathy: long-term results from ninety-two horses. **Veterinary Surgery**, v. 35, n. 7, p. 653-657, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1532-950X.2006.00203.x>. Acesso em: 16 abr. 2024.

## HIDROTERAPIA: UMA FERRAMENTA NA REABILITAÇÃO EQUINA

Sofia Oliveira Correia

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [sofiacorreia@medvet.fiponline.edu.br](mailto:sofiacorreia@medvet.fiponline.edu.br)

Rebeca Salvador de Oliveira

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [rebecaoliveira@medvet.fiponline.edu.br](mailto:rebecaoliveira@medvet.fiponline.edu.br)

Vítor Sulpino Candeia

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [vitorcandeia@medvet.fiponline.edu.br](mailto:vitorcandeia@medvet.fiponline.edu.br)

Vitório Alves Barbosa

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [vitoriobarbosa@medvet.fiponline.edu.br](mailto:vitoriobarbosa@medvet.fiponline.edu.br)

Maria Thays Dos Santos Rocha

Faculdade Vale do Pajeú - FVP - São José Do Egito - PE

E-mail: [maria.rocha@faculdadevaledopajeu.com](mailto:maria.rocha@faculdadevaledopajeu.com)

Theonys Diógenes Freitas

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [theonysfreitas@fiponline.edu.br](mailto:theonysfreitas@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A hidroterapia é uma técnica da fisioterapia que utiliza a água como meio principal de tratamento apresentando excelentes resultados em diversas espécies de animais, incluindo os equinos. As principais formas aplicáveis da hidroterapia são: natação e hidroesteira. Ambas as técnicas promovem diversos efeitos benéficos como, a melhoria da condição física e do bem-estar animal.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão integrativa trazendo informações sobre a hidroterapia em equinos, realizada através de pesquisa em artigos científicos do ScienceDirect, Scielo e PubMed.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

A fisioterapia é um fator importante para a restauração de um indivíduo, principalmente em movimentos e funções (McGowan; Cottriall, 2016). Há muitos anos, a hidroterapia tem sido um elemento essencial em protocolos de reabilitação, sendo uma prática cada vez mais difundida pelo mundo, não apenas para o tratamento de alguma enfermidade, mas uma ferramenta complementar para o melhor condicionamento e desempenho dos animais praticantes (Soto-Quijano; Grabois, 2011). Ela tem se tornado um fator essencial para a reabilitação de equinos, sendo utilizada para promover flexibilidade, mobilidade, fortalecimento muscular, diminuição da dor e inflamação, promovendo o aumento do controle neuro motor. O grande benefício dessa terapia é a possibilidade de não haver sobrecarga em sua realização, uma vez que, na água, o peso do animal é reduzido, assim como o impacto do exercício. Nesse tipo de terapia um animal com os membros paralisados pode realizar na água os movimentos que não conseguiria em solo. Outra vantagem é que a água aquecida promove o relaxamento muscular e o aumento da circulação. Podem ser observados também efeitos comportamentais dessa terapia, pois o alívio da dor em si já é um grande fator que faz o animal ganhar mais confiança e independência. Vale mencionar também que a hidroterapia é usada para promover emagrecimento e perda de calorias. Porém, é importante ressaltar que a hidroterapia deve ser

realizada em uma piscina com largura e profundidade adequadas, com rampas soladas de borracha e correias de sustentação que evitem o afogamento. É necessária também a presença de instrutores capacitados que saibam realizar o procedimento em segurança. Esses fatores podem gerar certa resistência por parte dos proprietários, visto que exige dedicação e gera despesas. Cavalos com doenças respiratórias devem evitar essa prática, pois o aumento da pressão hidrostática pode impedir a ventilação adequada ao influenciar o volume dos pulmões. Também precisa ser evitada se o animal tiver algumas condições como incisões cirúrgicas não cicatrizadas, feridas abertas ou infectadas, claudicação dos membros, ou dor ou lesão toracolombar (King, 2016). Após uma avaliação completa de cada indivíduo e do entendimento dos objetivos desejados, será possível planejar e desenvolver os protocolos de reabilitação através da hidroterapia. Lembrando ainda que, o exercício deve ser feito com moderação pois o excesso pode prejudicar o animal devido a sua postura e exaustão.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A hidroterapia apresenta vantagens e benefícios por promover medidas que garantem uma melhor qualidade de vida e maior bem-estar animal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hidroterapia, equino, reabilitação.

#### **REFERÊNCIAS:**

Arquitetura Equestre. **Benefícios da hidroterapia em cavalos.** Disponível em <https://www.arquiteturaequestre.com.br/conteudo/beneficios-da-hidroterapia-em-cavalos> Acesso em: 25 de abril de 2024.

King MR. Principles and Application of Hydrotherapy for Equine Athletes. **Vet Clin North Am Equine Pract.** 2016 Apr;32(1):115-26. doi: 10.1016/j.cveq.2015.12.008. Epub 2016 Feb 19. PMID: 26898962.

MCGOWAN, Catherine M; COTTRILL, Suzane. Introduction to Equine Physical Therapy and Rehabilitation. **Veterinary Clinics of North America: Equine Practice, ScienceDirect**, Volume 32, Issue 1, Pages 1-12, April 2016.

SOTO-QUIJANO, David A; GRABOIS, Martin. Pain Management (Second Edition). Chapter 134 – **Hydrotherapy**. W.B. Saunders, 2011.

## HIPOIDROSE EQUINA: RELATO DE CASO

Antonia Lorena Menezes Primo

Residente da Clínica e Cirúrgica de Grandes Animais – UFCG – Patos – PB – Brasil

Email: [loremenezesvet@gmail.com](mailto:loremenezesvet@gmail.com)

Laysa de Assis Viturino

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB – Brasil

Email: [laysa.assis@estudante.ufcg.edu.br](mailto:laysa.assis@estudante.ufcg.edu.br)

Ana Gabrielly Soares Dantas

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB – Brasil

Email: [ana.gabrielly@estudante.ufcg.edu.br](mailto:ana.gabrielly@estudante.ufcg.edu.br)

Livia Horrana Forte Freire

Reidente da Clínica e Cirúrgica de Grandes Animais – UFCG – Patos – PB – Brasil

Email: [liviafreirevt@gmail.com](mailto:liviafreirevt@gmail.com)

Janne Simone Idelfonso Sabino

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

Email: [jannesabino@medvet.fiponline.edu.br](mailto:jannesabino@medvet.fiponline.edu.br)

Daniel de Medeiros Assis

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB – Brasil

Email: [danielvetpb@gmail.com](mailto:danielvetpb@gmail.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

Equinos são animais homeotérmicos que utilizam mecanismos para realizar a dissipação de calor, uma vez que, exercícios físicos, processos metabólicos e fermentativos, geram uma alta produção de energia térmica, que é trocada com o ambiente por diversos meios. O principal mecanismo é a evaporação, predominantemente pela sudorese, ou também no trato respiratório. Quando um desses dois mecanismos é desregulado, o outro entra em compensação ocorrendo desequilíbrio nos parâmetros fisiológicos, gerando uma taquipneia compensatória, afetando o bem-estar e performance atlética (Seabra; Dittrich, 2017). Distúrbios de sudorese são classificados em hiperidrose (excessiva), hipoidrose (diminuída), e anidrose (ausente). Objetivou-se relatar um caso de hipoidrose em equino de vaquejada.

#### RELATO DE CASO:

Foi atendido no HVU/UFCG, um equino, macho, oito anos, mestiço, que há duas semanas apresentava cansaço em repouso, principalmente nos períodos mais quentes do dia. Ao exame físico, apresentava temperatura retal (TR) de 38.5°C e taquipneia em repouso (112 mpm), atenuadas após banho para 38.1°C e 64 mpm, respectivamente. Além destas alterações, existiam áreas de alopecia na garupa e sudorese reduzida, limitada a região pré-escapular e ganacha. Foram realizados hemograma e bioquímicos, ultrassonografia pulmonar e lavado broncoalveolar, a fim de investigar doenças inflamatórias pulmonares, mas sem evidências de anormalidades. Foi efetuado o teste de sudoração, utilizando diluições de salbutamol, administradas via intradérmica (0,1 ml) na região do pescoço do paciente e de mais dois animais controle. O paciente foi considerado positivo para as diluições de  $10^{-3}$  até  $10^{-6}$ . Os animais controle responderam até a diluição  $10^{-8}$ . O animal ficou internado para acompanhamento. Foi instituído enrofloxacin (5 mg/kg, IM, SID) e clenbuterol (0,8 mcg/kg, VO, BID). Após os primeiros dias de terapia, o padrão de suor aumentou e a taquipneia e TR foram reduzindo, mesmo nas horas mais quentes do dia. Após dez dias de internamento o paciente recebeu alta e foi prescrito o clenbuterol, na mesma posologia, por mais 20 dias. Também foi recomendado alojar

o animal em local arejado e repouso durante um mês.

#### DISCUSSÃO:

O objetivo do teste de sudorese foi estimular a transpiração local e classificar o paciente em hipodrótico ou anidrótico. Foi atribuído o diagnóstico de hipoidrose, pois o mesmo respondeu a algumas diluições. Animais anidróticos não respondem a nenhuma (Mackay *et al.*, 2015). O tratamento consistiu na administração de um broncodilatador agonista  $\beta$ 2-adrenérgico (clenbuterol), promovendo relaxamento na musculatura lisa alveolar, permitindo o aumento no fluxo de ar, e na dissipação de calor. O mesmo também tem ação nos receptores  $\beta$ -adrenérgicos das glândulas sudoríparas, promovendo aumento na sudorese. A elevação da FR foi secundária a dificuldade de dissipação de calor por meio da sudorese. A antibioticoterapia foi instituída de forma preventiva devido a manipulação durante o lavado broncoalveolar.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os diagnósticos diferenciais para cavalos com dispneia em repouso incluem principalmente hipoidrose/anidrose e doenças inflamatórias pulmonares, estas que foram descartadas diante da ausência de anormalidades na ausculta e ultrassonografia pulmonares e no lavado broncoalveolar. O sucesso da terapia se dá não somente ao tratamento farmacológico, mas também às melhores condições climáticas e ambientais para os animais afetados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cansaço. Cavalos. Sudorese. Taquipneia.

#### REFERÊNCIAS:

MACKAY, R. J. *et al.* A review of anhidrosis in horses: Epidemiology, physiology and the clinical condition. **Equine veterinary education**, v. 27, n. 4, p. 192-199, 2015. Disponível em: <https://beva.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/eve.12220>. Acesso em: 16 abr. 2024.

SEABRA, J. C.; DITTRICH, J. R. SISTEMA TERMOREGULATÓRIO DE CAVALOS ATLETAS - REVISÃO. **Revista Acadêmica de Ciência Equina**: Grupo de Pesquisa e Ensino em Equideocultura, v. 01, ed. 1, p. 15-28, 2017. Disponível em: <http://www.gege.agrarias.ufpr.br/grupeequi/racequi/artigos/2017/sistema%20termoregulatorio.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.

## IMPORTÂNCIA DA INGESTÃO DO COLOSTRO EM POTROS NEONATOS: REVISÃO DE LITERATURA

Maria Vitória da Conceição Andrade  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [mariaandrade@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mariaandrade@medvet.fiponline.edu.br)

Maria Aparecida Gomes Leandro  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [marialeandro@medvet.fiponline.edu.br](mailto:marialeandro@medvet.fiponline.edu.br)

Fabricio Kleber de Lucena Carvalho  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [fabriciocarvalho@fiponline.edu.br](mailto:fabriciocarvalho@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A lactação é uma fase muito importante para desenvolvimento de todos os mamíferos, pois crescimento saudável do neonato vai depender dos nutrientes, imunoglobulinas, selecionadas pela glândula mamária antes do nascimento, são a principal fonte de imunidade, provenientes da mãe (Lang *et al.*, 2007). O colostro é a primeira secreção produzida pela glândula mamaria da égua e seus componentes tem um poder crucial na vida dos neonatos e desenvolvimento de potro saudável. Vale salienta-se que é de extrema importância o recém-nascido faça a ingestão de uma quantidade adequada e boa qualidade do colostro, para que aconteça uma transferência adequada de imunidade ao potro (Albuquerque *et al.*, 2019; Vasconcelos *et al.*, 2019).

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através da pesquisa de artigos científicos no Google Acadêmico e pubvet utilizando o tema "IMPORTÂNCIA DO COLOSTRO EM POTROS NEONATOS".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

O processo de síntese do leite pela glândula mamária, começa no final da gestação e é chamada de lactogênese. Antes ou depois do parto se inicia a formação da primeira secreção denominada de colostro (Barreto *et al.*, 2020;). Na gestação da égua, existe uma particularidade que é de extrema importância para entender e desmistificar os mitos em relação a importância do colostro para desenvolvimento do potro. Em alguns mamíferos, como Homem, boa parte desses anticorpos circulam no feto através da placenta, que nesse caso é chamado de placenta coriônica (Vasconcelos *et al.*, 2019). Já nas éguas e outros animais domésticos como (ruminantes e suínos), não permite essa passagem para feto pois ela é formada por números de camadas entre a circulação materna e fetal, é chamada de placenta epiteliocorial. Dessa forma essa transferência é através do colostro, que possui um teor mais elevado de proteínas, vitaminas, mineiras, gordura, imunoglobulinas e até fatores antimicrobianos e anti-inflamatórios específicos, vale lembra que o colostro só é produzido uma vez a cada prenhez, após o período inicial, se torna leite (Albuquerque *et al.*, 2019). Potros saudáveis geralmente ingerem o colostro dentro de duas a três horas após o nascimento, e não ingerir o colostro pode causar inúmeros problemas, pois o potro ficar suscetível a doenças, devido á falta de anticorpos essenciais, podendo levar a infecções bacterianas ou virais e até mesmo agravando a evolução para morte (Albuquerque *et al.*, 2019; 2020; Vasconcelos *et al.*, 2019).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

No resumo, foi destacada a relevância da singularidade do colostro equino em relação às outras espécies de animais domésticos. Isso ocorre devido à transferência de

imunidade através do colostro e aos possíveis problemas causados pela falta dessa transmissão de imunidade da mãe para o potro. Além disso, é importante ressaltar que a eliminação do mecônio é fundamental para o desenvolvimento de um potro saudável.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lactação. Colostro. Anticorpos. Amamentação.

#### REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, S. C. M., SILVA, C. B., DIAS, F. E. F., SILVA, C. M. G., ARRIVABENE, M., SOUZA, A. P., RODRIGUES, S. D. C., & CAVALCANTE, T. V. (2019). **Determinação da qualidade imunológica do colostro de cadelas por refratometria.** PUBVET, 13(11), 1–6. Acessado em: 20 de Abril de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.31533/pubvet.v13n11a458.1-6>

ALCANTARA, I. N., Alvarenga, V. P., Rabelo R. N. (2023). **Importância do colostro em equinos: Revisão.** PUBVET, v.17, n.8, e1429, p.1-9. Acessado em: 20 de Abril de 2024. Disponível em: <https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/3171>

BARRETO, Í. M. L. G., URBANO, S. A., OLIVEIRA, C. A. A., MACÊDO, C. S., BORBA, L. H. F., CHAGS, B. M. E., & RANGEL, A. H. N. (2020). Chemical composition and lipid profile of mare colostrum and milk of Lang, A., SOUZA, M. V., SALCEDO, J. H. P., SOSSAI, S., ARAÚJO, R. R., LOURENÇO, G. G., & MAIA, L. (2007). **Imunidade passiva em eqüinos: comparação entre a concentração de IgG do soro materno, colostro e soro do neonato.** Revista Ceres.

VASCONCELOS, A. L. A. P., LÔBO, R. P., & SAQUETTI, C. H. C. (2019). **Avaliação da transferência passiva de anticorpos pela ingestão de colostro em equinos no Distrito Federal. In Programa de Iniciação Científica.** Acessado em: 20 de Abril de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5102/pic.n0.2019.7591>

## IMPORTÂNCIA DO USO DO PLASMA HIPERIMUNE EM POTROS NEONATOS

Maria Helena de Lucena Dantas Araújo  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [mariahelenadantasvet@gmail.com](mailto:mariahelenadantasvet@gmail.com)

João Everton Martins de Oliveira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [joaooliveira1@medvet.fiponline.edu.br](mailto:joaooliveira1@medvet.fiponline.edu.br)

José Victor Sousa de Moraes  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [josemoraes@medvet.fiponline.edu.br](mailto:josemoraes@medvet.fiponline.edu.br)

Maria Fernanda da Nóbrega Marques  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [mariamarkes@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mariamarkes@medvet.fiponline.edu.br)

Fabricio Kleber de Lucena Carvalho  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [fabrinciocarvalho@fiponline.edu.br](mailto:fabrinciocarvalho@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A transfusão de plasma é usada rotineiramente em neonatos equinos por diversas razões que vão desde profilaxia de doenças ao tratamento complementar de condições em curso. A indicação mais frequente é de que o plasma aumenta significativamente os níveis de imunoglobulinas circulantes, na medicina equina a administração do Plasma é utilizada para o tratamento de falha na transferência passiva de imunoglobulinas, sepse e condições de perda de proteínas (McTaggart, Penhale, Raidal, 2005). O Plasma hiperimune é feito através da retirada de sangue do cavalo doador. Deste sangue é retirado as hemácias (parte vermelha) e ficamos com o plasma (parte líquida) e células de defesa (anticorpos). O plasma produzido pode ser armazenado e congelado em bolsas de até 1L e o momento ideal para administração é de até 48 horas após o nascimento do potro. (Cruz, 2011). Falhas fisiológicas nas transferências passivas do colostro para o potro são umas das causas mais comuns de doenças em potros até 4 anos, devido a isso, esse resumo tem como objetivo demonstrar a importância do plasma hiperimune em potros.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através da pesquisa de artigos científicos no Google Acadêmico utilizando o tema "PLASMA HIPERIMUNE EM POTROS".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

McTaggart, Penhale, Raidal (2005) observaram uma maior concentração de IgG em potros hipermunes, que consequentemente resultou em uma maior eficiência na resposta inflamatória comparando a potros que não receberam esse mesmo tratamento. Uma justificativa de se aplicar o soro hiperimune está relacionado ao epitélio da placenta das éguas que diminui a passagem de anticorpos ao potro, mas que a após o nascimento o colostro acaba suprimindo essa ausência das imunoglobulinas (Francesca *et al.*, 2016). Porém, após 12 horas de vida, as células do intestino delgado não são mais capazes de absorver imunoglobulinas colostrais devido ao fechamento intestinal, os potros que não ingerem ou absorvem uma quantidade significativa de anticorpos colostrais incorrem em falha de transferência passiva da imunidade que pode ser diagnosticada pela dosagem sérica de IgG. Um

estudo retrospectivo, abrangendo 65 casos de septicemia em potros, mostrou que a transfusão de plasma na admissão estava significativamente associada à sobrevivência (Gayle, Cohen, Chaffin, 1998). Em outro estudo comparativo, concluiu-se que o uso do soro não melhorou função de potros saudáveis, porém em relação aos enfermos, pode-se observar uma melhora significativa em relação inflamatória diminuindo as alterações e tempo da inflamação (Francesca *et al.*, 2016).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A falha da transferência de imunidade é um fator que contribui para diversas enfermidades que podem levar a morte do animal, e o Plasma Hiperimune tem sido um grande aliado para recuperação desses animais, pois após a administração os níveis de IgG são elevados sem trazer efeitos adversos a saúde do animal.

**PALAVRAS CHAVES:** Colostro, Imunoglobulinas, Imunidade passiva.

#### **REFERÊNCIAS:**

CRUZ R. Utilização do Plasma Hiperimune. **Ouro Fino, Saude Animal**. 2011.

Disponível em:

<https://www.ourofinosaudeanimal.com/ourofinoemcampo/categoria/artigos/utilizacao-do-plasma-hiperimune>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

FRANCESCA F.; JOLE M.; ALIAI L.; CHIARA C.; CAROLINA C. Efficacy and Safety of a Commercial Fresh-Frozen Hyperimmune Plasma in Foals With Failure of Passive Transfer of Immunity. **Journal of Equine Veterinary Science**. 1-8, 2016.

Gayle J. M.; Cohen N.D.; Chaffin M.K. Factors associated with survival of septicaemic foals: 65 cases (1988-1995). **Journal Veterinary Internal Medicine** 12: 140-6. 1998.

MCTAGGART C., PENHALE J. & RAIDALA S.L. Effect of plasma transfusion on neutrophil function in healthy and septic foals. **Australian Veterinary Journal**. 83(8):499-505. 2005.

## IMPORTÂNCIA DOS BLOQUEIOS PERINEURAIS UTILIZADOS EM DIAGNÓSTICOS EM EQUINOS

Diogo Monteiro Lima

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [diogolima@medvet.fiponline.edu.br](mailto:diogolima@medvet.fiponline.edu.br)

José Felipe Leite Silva

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [josesilva3@medvet.fiponline.edu.br](mailto:josesilva3@medvet.fiponline.edu.br)

Sóstenes Arthur Pereira

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [sostenespereira@fiponline.edu.br](mailto:sostenespereira@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

Os equinos, em geral, são animais predispostos a alterações e patologias relacionadas ao sistema locomotor. Desde a domesticação, eles desempenham diversas habilidades, sejam elas utilizadas em diversos tipos de trabalho até práticas esportivas e formas de lazer, assim gerando um enorme impacto econômico (Maia et al., 2020). Porém, quando são acometidos por lesões musculoesqueléticas, sejam elas de forma aguda ou crônica, acabam levando a perdas econômicas, ao gerar gastos para o diagnóstico e tratamento. Comumente, o afastamento dos equinos de suas atividades está associado às lesões do aparelho locomotor. O bloqueio perineural é uma técnica muito utilizada na Medicina Veterinária para auxiliar no diagnóstico de claudicação em equinos (Luna, 1998). Ela possui diversas indicações, tanto como ferramenta diagnóstica, quanto para fins terapêuticos. Espera-se que após a realização desses bloqueios o animal deixe ou diminua o grau de claudicação, voltando a colocar carga e utilizar temporariamente no membro acometido, enquanto a área que contém a lesão estiver dessensibilizada (Carvalho et al., 2021).

#### METODOLOGIA:

Refere-se a uma revisão bibliográfica, realizada em abril de 2024, utilizando-se os seguintes descritores: bloqueio anestésico, claudicação, diagnostico em equinos. Foram selecionados artigos e revistas, disponibilizados nas plataformas SciELO e no Google Acadêmico, publicados nos anos de 1998 e 2022.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

A claudicação é um termo que refere-se a alterações no movimento da pata, popularmente conhecida como manqueira. Seu diagnóstico exige conhecimentos específicos, já que possui diversas causas e tipos. Para a técnica de bloqueio são utilizados anestésicos locais, uma vez que, são fármacos que bloqueiam temporariamente a condução nervosa, atuando na perda de sensibilidade dolorosa (Cavalcante, 2022). Ainda existe a possibilidade de ocorrer complicações por conta das propriedades ácidas dos fármacos, que causa irritação nos tecidos, além de formação de edemas, causadas pela administração errônea que pode provocar hematomas, infecção subcutânea, por má antisepsia prévia e em casos mais grave, a sinovite (Carvalho et al., 2021). Os anestésicos utilizados em bloqueio locais são Lidocaína, Bupivacaína, Ropivacaína e Mepivacaína, entre elas destacam-se a lidocaína que é comumente aplicada a essa técnica. Os princípios básicos para promover a técnica de bloqueios perineurais estão associados ao bom conhecimento anatômico da estrutura em questão, perícia da aplicação, com cuidados no respeito do limite de aplicação dos anestésicos para cada região, além da palpação para localizar a área desejada. A ultrassonografia tem um papel importante para tornar a aplicação desse método com mais eficiência e precisão, pois com a ajuda da mesma será mais fácil identificar o nervo a ser aplicado o anestésico (Maia et al., 2020).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Portanto, os bloqueios perineurais são muito utilizados na prática clínica, dessa forma, o amplo conhecimento anatômico das estruturas são de extrema importância para os médicos veterinários de equinos, assim como a utilização da ultrassonografia como meio auxiliar para tornar o bloqueio anestésico mais preciso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Equinos. Anestesia. Sistema Locomotor. Bloqueios.

### REFERÊNCIAS:

CARVALHO M, et al. Bloqueios perineurais distais para o exame ortopédico em equinos. **Mineiros**, p. 10, 2021.

CAVALCANTE, M. Bloqueios perineurais e intra-articulares de membros locomotores utilizados em diagnósticos em equinos: revisão de pontos relevantes e anestésicos locais utilizados. **TCC ( bacharel em Medicina Veterinária), Gama - DF**, p. 34, 2022.

LUNA, Stelio Pacca Loureiro. Anestésias perineurais e regionais em equinos. **Revista de Educação Continuada do CRMV-SP**. São Paulo, fascículo I, volume I, p.024-030,1998.

MAIA B, et al. Bloqueios perineurais diagnósticos em equinos: Revisão de pontos relevantes e a contribuição da ultrassonografia. **Vet. e Zootec.** 2020 dez; 27: 001-010.



## INCIDÊNCIA DA LAMINITE EQUINA EM ANIMAIS ATLETAS

Fernanda Lima de Araújo  
Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos-PB, Brasil  
Email: [fernanda19arj@gmail.com](mailto:fernanda19arj@gmail.com)

Izaelle Medeiros Ferreira  
Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos-PB, Brasil  
Email: [izaelle.davi370@gmail.com](mailto:izaelle.davi370@gmail.com)

Lucas Dantas Campêlo  
Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos-PB, Brasil  
Email: [lucascampelo2703@icloud.com](mailto:lucascampelo2703@icloud.com)

Edjane Tumaz da Silva  
Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos-PB, Brasil  
Email: [edjanetumaz6@gmail.com](mailto:edjanetumaz6@gmail.com)

Rafael Lopes Soares  
Zootecnista - UFRPE/UAST  
Mestre em Produção Animal - UFPB  
Doutor em Nutrição de Ruminantes – UFPB  
Email: [rafael.lopes.soares@gmail.com](mailto:rafael.lopes.soares@gmail.com)

**INTRODUÇÃO:** A laminite equina é considerada a doença mais grave que acomete o casco dos equídeos. É uma patologia complexa cujo sinal clínico mais visível é a inflamação das lâminas sensíveis do casco. Se esta lesão for suficientemente grave pode originar a rotação ou mesmo afundamento da falange distal (Stashak, 2004). Entre os principais fatores predisponentes desta patologia, destacam-se, excesso de ingestão de alimentos ricos em carboidratos simples ou rapidamente fermentáveis (grãos ou pasto exclusivo de gramíneas), sobrepeso e apoio excessivo e prolongado nos membros.

**MATERIAIS E MÉTODOS:** Para o desenvolvimento do presente trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo executada com a utilização de questionários, segundo a metodologia de Cartoni (2007). Todos os resultados obtidos foram apresentados de forma descritiva (análise estatística descritiva) segundo Sampaio (2007). Para a coleta, foi aplicado um questionário em 14 proprietários de cavalos atletas, com intuito de levantar dados a cerca do manejo e relacionar com a incidência de casos da enfermidade.

**RESULTADOS:** Dos animais pesquisados, 35,7% recebiam alimentação de boa qualidade em baias, enquanto 64,3% tinham alimentação mista, com baixo valor nutricional no pasto. Quanto ao tipo de alimentação, 7,1% recebiam apenas concentrados, 21,5% ração comercial e 71,5% variavam entre concentrados e ração formulada na propriedade. Em relação à frequência, 14,3% recebiam alimentação uma vez ao dia, 35,7% duas vezes e 50% três vezes ou mais. O peso dos animais variou de 350-600 kg, com 21,4% dos proprietários relatando sobrepeso em algum momento. Quanto ao quadro clínico da laminite, 28,6% relataram que já tiveram animais diagnosticados com a enfermidade, onde 75% foram diagnosticados clinicamente e 25% por exames de imagem. Quanto aos sinais clínicos, 100% dos animais apresentaram dor e desconforto, destes, em 75% dos casos, os criadores observaram sensibilidade nos cascos. Ademais, 50% dos proprietários observaram os animais com espessamento da parede do casco, cólica e sudorese, e 25% afundamento do casco e aumento de temperatura. Em relação ao tratamento, 100% utilizaram de repouso, destes, 75% fizeram uso de medicamentos e 25% a fisioterapia.

**DISCUSSÃO:** Os resultados indicam uma influência significativa da alimentação no quadro de laminite, pois 100% dos animais que apresentaram a doença recebiam alimentação concentrada comercial e/ou formuladas na propriedade. O peso dos animais também foi um fator relevante, com incidência mais alta em animais mais pesados.

**CONCLUSÃO:** A prevenção da laminite equina passa pelo manejo nutricional adequado e controle do peso dos animais. É fundamental conscientizar os proprietários sobre práticas preventivas para garantir a saúde e o bem-estar dos equídeos.

**PALAVRAS-CHAVES:** Laminite eqüina. Manejo nutricional. Prevenção.

#### REFERÊNCIAS:

Stashak, T. S. (2004). Claudicación, el pie. In T.S. Stashak, ADAMS: Claudicación en el caballo, (5ª ed.).(pp.685-706). **Editorial Inter-Médica:** Buenos Aires, Argentina.

Cartoni, D. M. 2007. Manual de monografia geral. Valinhos: FAV – **Faculdade de Valinhos**, 2007.

Sampaio, I. B. M. Estatística aplicada à experimentação animal. 3ª ed. Belo Horizonte. Editora FEPMVZ – **Fundação de Ensino e Pesquisa em Medicina Veterinária e Zootecnia**. 275p. 2007.



## INFUSÃO ANALGÉSICA PARA EXPLORAÇÃO E REMOÇÃO DE SINUS EM EQUINO

Emmanuel Suedney dos Santos Dantas  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br](mailto:emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br)

Rafaela de Araújo Medeiros  
Médica Veterinária Autônoma - Porto Alegre - RS  
E-mail: [rafaela.araujo.mdrs@gmail.com](mailto:rafaela.araujo.mdrs@gmail.com)

Vitória de Paiva Gama  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [vitoriagama9467@gmail.com](mailto:vitoriagama9467@gmail.com)

Caio Lima Queiroz  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [queiroz28.caio@gmail.com](mailto:queiroz28.caio@gmail.com)

Lídio Ricardo Bezerra de Melo  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [lidioricardolrbm@hotmail.com](mailto:lidioricardolrbm@hotmail.com)

Pedro Isidro da Nóbrega Neto  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [pedroisidro@ymail.com](mailto:pedroisidro@ymail.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A associação de fármacos anestésicos em infusão intravenosa contínua permite anestesia e analgesia do paciente (Moreira *et al.*, 2011), reduzindo a concentração alveolar mínima de anestésico inalatório (Amorim *et al.*, 2013). Na espécie equina utiliza-se a associação de vários grupos farmacológicos visando bloquear a dor em suas diferentes vias (Valverde, 2013). Objetivou-se relatar uma infusão analgésica para exploração e remoção de sinus.

#### RELATO DE CASO:

Foi atendido no Hospital Veterinário Universitário Prof. Dr. Ivon Macêdo Tabosa, um equino macho, Quarto de Milha, 8 anos de idade e 415 kg, com histórico de lesão traumática na região costal direita, à altura do 15º espaço intercostal, resultando na formação de um abscesso com sinus, sendo necessário tratamento cirúrgico. Na avaliação pré-anestésica o animal apresentava-se alerta, normocorado, dor moderada a palpação, frequência cardíaca (FC) de 28 bpm, frequência respiratória (FR) de 16 mpm, tempo de preenchimento capilar de 2 segundos e temperatura retal (TR) de 37,4 °C. O animal foi tranquilizado com acepromazina (0,05 mg/kg), via intravenosa (IV), e, 15 minutos após, administrou-se detomidina (0,02 mg/kg, IV). A indução anestésica foi realizada com éter gliceril guaiacol (EGG) (100 mg/kg, IV) e cetamina (2 mg/kg, IV). Após a indução procedeu-se à intubação orotraqueal com sonda nº 22, e a anestesia foi mantida com isoflurano em oxigênio puro, em sistema anestésico circular com reinalação. Logo após a intubação, iniciou-se a administração IV contínua, na dose de 0,5 mL/kg/hora, da solução composta por EGG (50 mg/mL), lidocaína (2 mg/mL), cetamina (0,14 mg/mL), detomidina (0,01 mg/mL) e fentanil (1 mcg/mL), diluídos em solução fisiológica a 0,9%. Em seguida realizou-se anestesia local intercostal de T14 a T18 com bupivacaína 0,5% (5 mL/ponto). Durante o procedimento cirúrgico a FC variou de 23 a 39 bpm, FR de 14 a 34 mpm, saturação periférica de oxihemoglobina (SpO<sub>2</sub>) de 98 a 100 %, pressão arterial média de 70 a

110 mmHg e TR de 36,6 a 37,3 °C. O procedimento cirúrgico durou 1 hora e 33 minutos e a extubação, o decúbito esternal e a posição quadrupedal ocorreram respectivamente aos 18, 23 e 38 minutos após o término da anestesia. A recuperação anestésica foi tranquila, sem agitação.

#### **DISCUSSÃO:**

Durante toda a anestesia o paciente manteve-se estável, sem sinais de dor durante o procedimento cirúrgico, além de uma recuperação anestésica tranquila e rápida. Valverde (2013), afirma que associações de fármacos visam a homeostase do paciente durante o transcirúrgico, auxiliando também a recuperação, devido a analgesia intensa transoperatória. Bettschart-Wolfensberger (2012), cita que a associação de subdoses de agentes anestésicos e analgésicos durante o transoperatório é conhecida como anestesia geral balanceada. Klaumann *et al.*, (2008), expõe a analgesia balanceada como a utilização de mais de uma modalidade analgésica, incluindo bloqueios locorregionais, já que os processos nociceptivos são diversos.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Conclui-se que a infusão analgésica e sua associação ao bloqueio local promoveu analgesia satisfatória para realização da exploração de sinus, mantendo os parâmetros estáveis e promovendo uma excelente recuperação anestésica.

**PALAVRAS-CHAVES:** Anestesia, Bloqueio locorregional, Trauma.

#### **REFERÊNCIAS:**

AMORIM, S. C. *et al.*. Effects of constant rate infusion of anesthetic or analgesic drugs on general anesthesia with isoflurane: A retrospective study in 200 dogs. **Semina: Ciencias Agrarias**, (2013). 34 (4), 1807–1822. <https://doi.org/10.5433/1679-0359.2013v34n4p1807>

BETTSCHART-WOLFENSBERGER, R. Modern Injection Anesthesia for Horses. In: AUER, J. A.; STICK, J. A. **Equine Surgery**. 4ª ed St. Louis, Missouri: Elsevier Saunders, 2012. p. 224-225.

KLAUMANN, P.R.; WOUK, A.F.P.F.; SILAS, T. Patofisiologia da dor. **Archives of Veterinary Science**, v. 13, n.1, p.1-12, 2008.

MOREIRA, A. V. *et al.*. Utilização da infusão contínua de morfina (mlk) ou fentanila (flk), associados à lidocaína e cetamina: revisão bibliográfica. **In: Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, 19., 2014, Cruz Alta. Anais. Cruz Alta, 2014.

VALVERDE, A. "Balanced Anesthesia and Constant-Rate Infusions in Horses". **Veterinary Clinics of North America: Equine Practice**, v.295 n1, 89-122, 2013.

## INJÚRIA DE REPERFUSÃO APÓS PROCESSOS ISQUÊMICOS GASTROINTESTINAIS EM EQUINOS

Vytória Mylena Fernandes Freitas

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [vytoriafreitas@medvet.fiponline.edu.br](mailto:vytoriafreitas@medvet.fiponline.edu.br)

José Mykael da Silva Santos

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [josesantos@medvet.fiponline.edu.br](mailto:josesantos@medvet.fiponline.edu.br)

Valéria Araújo Vilar

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [valeriavilar@medvet.fiponline.edu.br](mailto:valeriavilar@medvet.fiponline.edu.br)

Ana Heloísa Paiva Clementino

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [anaclementino@medvet.fiponline.edu.br](mailto:anaclementino@medvet.fiponline.edu.br)

Claudemerson Oliveira de Lima

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [claudiemersonlima@medvet.fiponline.edu.br](mailto:claudiemersonlima@medvet.fiponline.edu.br)

Júlio Edson da Silva Lucena

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [juliolucena@fiponline.edu.br](mailto:juliolucena@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A isquemia, uma das principais causas de dano tecidual, é definida como uma redução ou interrupção do fluxo sanguíneo (Cotran *et al.*, 1994; Metze, 1998). Tal processo patológico se inicia após um período crítico em que o fluxo sanguíneo em um determinado órgão não é restaurado prontamente (Júnior *et al.*, 2002), estabelecendo assim condições teciduais na reperfusão, momento em que as enzimas ativadas contribuem para a diminuição do oxigênio molecular, produzindo oxirradicais (Ferro *et al.*, 2010). As enfermidades intestinais primariamente associadas à isquemia compreendem os infartos não estrangulatórios e as obstruções estrangulatórias e são comumente associadas a síndrome cólica. O animal pode apresentar intussuscepção, vólvulo, torção ou encarceramento de segmentos intestinais, ocasionando sempre comprometimento vascular grave e desidratação severa (Silva, 2011). O presente trabalho tem como objetivo esclarecer acerca das injúrias de lesões por reperfusões envolvendo o trato gastrointestinal em equinos.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão de literatura descritiva. Realizou-se uma busca ativa de artigos científicos na plataforma do google acadêmico e ScienceDirect, utilizando como descritores: "Reperfusão em equinos" e "Reperfusão em intestino de equinos".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Os infartos intestinais não estrangulatórios resultam de obstrução vascular e, nos equinos, uma das suas causas é o trombo-embolismo nas artérias mesentéricas devido à infestação por *Strongylus vulgaris* (Sullins; Stashak; Mero *et al.*, 1985), assim como, o vólvulo intestinal, as hérnias e torções que aumentam o retorno venoso agravando a lesão de reperfusão devido ao aumento da pressão intraluminal, assim como a constrição arteriovenosa consequente do encarceramento das alças intestinais (Smith, 2002). Embora o oxigênio seja essencial para ressuscitar células previamente isquêmicas, o sistema de defesa inato delas respondem a reperfusão

com uma resposta inflamatória graças aos metabólitos oxigenados reativos e a ação exacerbada dos neutrófilos que, através do retorno do fluxo sanguíneo normal, gera uma resposta hiperêmica acelerando os danos celulares (Mair *et al.*, 2002; Smith, 2002). Esses são estimados por medidores inflamatórios como o fator ativador de plaquetas, metabólitos do ácido araquidônico, leucotrieno B<sub>4</sub>, tromboxina A<sub>2</sub> (Robinson; Sprayberry, 2003), e a produção de radicais livres que envolve principalmente a enzima xantina oxidase, presente no intestino delgado equino (Rowe; White, 2002).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A lesão por reperfusão caracteriza uma condição clinicopatológica que envolve desde danos teciduais à distúrbios fisiológicos, provocando uma série de processos bioquímicos com consequente liberação de citocinas e ativação de cascatas inflamatórias. Entender esses processos e seus fatores desencadeantes é importante no estabelecimento de terapias adequadas como também na determinação de um prognóstico ao paciente.

**PALAVRAS-CHAVE:** isquemia; fluxo sanguíneo; gastrointestinal.

#### REFERÊNCIAS:

COTRAN, R.S., KUMAR, V., ROBBINS, S.L. **Robbins pathologic basis of disease**. 5. ed. Philadelphia : Saunders. Cellular injury and cellular death: p.1-34, 1994.

FERRO, C. O.; CHAGAS, V. L. A.; OLIVEIRA, M. F.; OLIVEIRA, P. L.; SCHANAIDER, A. Atividade da catalase no pulmão, rim e intestino delgado não isquemiado de ratos após reperfusão intestinal. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 37, n. 1, p.31-38, 2010.

JÚNIOR, O. C. S.; CENTURION, S.; PACHECO, E. G.; BRISOTTI, J. L.; OLIVEIRA, A. F.; SASSO, K. D. Aspectos básicos da lesão de isquemia e reperfusão e do pré-condicionamento isquêmico. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v. 17 (Suplemento 3), p. 96-100, 2002.

MAIR, T.; DIVERS, T.; DUCHARME, N. Etiology, risk factors, and pathophysiology of colic – III. In: \_\_\_\_\_. **Manual of Equine Gastroenterology**. London: Saunders. cap.8, p. 101-106, 2002.

METZE, K. Distúrbios da circulação. In: BRASILEIRO FILHO, G. (Ed). Bogliolo – **Patologia geral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. p.80-110, 1998.

ROBINSON, N.E.; SPRAYBERRY K.A. Large Colon Volvulus and Reperfusion Injury– III. In: \_\_\_\_\_. **Current Therapy in Equine Medicine**. 5 ed. Philadelphia: Saunders. cap. 3, p. 135-137, 2003.

ROWE, E. L.; WHITE, N. A. Reperfusion Injury in the Equine Intestine. **Clinical Techniques in Equine Practice**, v. 1, n. 3, p. 148-162, 2002.

SILVA, V. R. M. **Isquemia e reperfusão no intestino equino**. Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre, 2011.

SMITH, B. P. Diseases of elementary tract- III. In: **Large animal internal medicine**. 3 ed. Barueri: Manole. cap.30, p.593-789, 2002.

SULLINS, K. E.; STASHAK, T. S.; MERO, K. N. Pathologic changes associated with induced small intestinal strangulation obstruction and nonstrangulating infarction in horses. **American Journal of Veterinary Research**, v. 46, n. 4, p.913-916, 1985.

## INTOXICAÇÃO CAUSADA POR *CROTALARIA RETUSA* L. EM EQUINOS NO BRASIL

José Laurindo Ventura Ferreira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [joseferreira1@medvet.fiponline.edu.br](mailto:joseferreira1@medvet.fiponline.edu.br)

Francisco Carlos da Silva Segundo  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [franciscosegundo@medvet.fiponline.edu.br](mailto:franciscosegundo@medvet.fiponline.edu.br)

Rafaelly Lucena Lacerda  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [rafaellylacerda@medvet.fiponline.edu.br](mailto:rafaellylacerda@medvet.fiponline.edu.br)

Flaviane Neri Lima de Oliveira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [flavianeoliveira@fiponline.edu.br](mailto:flavianeoliveira@fiponline.edu.br)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** Plantas que causam lesões hepáticas em equinos constituem um grupo importante de plantas tóxicas no Brasil, sendo reconhecidas no país pelo menos 35 espécies (Santos, 2004). Dentre essas, a intoxicação por *Crotalaria retusa* L. em equinos é comum, é uma espécie herbácea que pertence à família Fabaceae, conhecida como guizo de cascavel e chocalho de cobra, essa planta se desenvolve anualmente em todo território brasileiro (Dantas et al. 2004). Enquanto que casos de intoxicação por *Senecio pp.* em equinos são menos frequentes do que em bovinos, embora estas sejam consideradas duas das espécies mais suscetíveis à ação da planta (Santos, 2004). Os sinais clínicos de insuficiência hepática são variados, podendo representar uma dificuldade na interpretação e confirmação do diagnóstico de insuficiência hepática em equinos. Dessa forma, torna-se importante o reconhecimento as principais plantas hepatotóxicas em equinos no Brasil (Mazaro et al. 2012).

**METODOLOGIA:** Foi feito um estudo por meio de uma revisão bibliográfica sobre a ocorrência de intoxicação por plantas hepatotóxicas em equinos no Brasil. Para encontrar as pesquisas publicadas, utilizou-se os dados científicos Scielo, tendo como diretriz da busca: plantas hepatotóxicas em equinos.

**REVISÃO DE LITERATURA:** Em um artigo que foi descrito sobre intoxicação por *Senecio brasiliensis* no Sul do país (Panziera et al. 2017) e outro no Nordeste (Riet-Correa et al. 2004). Equinos intoxicados por *Crotalaria retusa* L. apresentam um quadro clínico de anorexia, irritabilidade, espasmos musculares e são mais agressivos que o normal (Nobre et al. 2004). Na necropsia foram reveladas características com uma doença hepática crônica como o fígado com aumento de volume e mais rígido (Nobre et al. 2004). Já nos pulmões foram encontradas alterações como congestão pulmonar (Nobre et al. 2004). Em um estudo realizado em que um cavalo recebeu diariamente uma dieta contendo 100g de sementes de *Crotalaria retusa* L. e o mesmo faleceu 52 dias após o início do experimento. Os sinais clínicos e as patologias apresentadas no estudo foram similares aos casos que ocorrem espontaneamente como perda de peso, anorexia, encefalopatia hepática, fotossensibilização e icterícia (Riet-Correa et al. 2000). Destaca-se que a toxidade da *Crotalaria retusa* L. contem presença de alcaloides como a monocrotalina responsáveis pelos efeitos hepatotóxicos nos animais intoxicados (Riet-Correa et al, 2000).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A intoxicação por *Crotalaria retusa* L. representa uma questão relevante, pois tanto a intoxicação natural quanto experimental resultou em um quadro de encefalopatia hepática (Dantas, 2004). É fundamental compreender a

planta e seus efeitos tóxicos e sinais clínicos para lidar e prevenir, é possível evitar a contaminação aos animais adotando medidas e um manejo adequado nas propriedades (Dantas et al, 2004).

**PALAVRAS CHAVE:** equinos, intoxicação, plantas hepatotóxicas.

**REFERÊNCIAS:**

BARROS, C.S.L., RIET-CORREA, F., SIMÕES, S.V.D., SANTOS, J.C.A. **Patogênese, sinais clínicos e patologia das doenças causadas por plantas hepatotóxicas em ruminantes e eqüinos no Brasil.** SciElo. 14/01/2008.

BIANCHI, R.M., FIGHERA, R.A., GIARETTA, P.R., MAZARO, R.D., PANZIERA, W., SILVA, D.R.P., SILVA, G.B. **Intoxicação natural por Senecio brasiliensis em equinos.** SciElo. 04/2017.

NOBRE, V.M.T., RIET-CORREA, F., DANTAS, A.F.M., FILHO, J.M.B., TABOSA, I.M., VASCONCELOS, J.S. **Intoxicação por Crotalaria retusa (Fabaceae) em Eqüídeos no semi-árido da Paraíba.** Brasil. SciElo. 27/10/2004.



## INTOXICAÇÃO POR CAPIM BRACHIARIA SPP. EM EQUINOS

Jackson Oliveira Sousa

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [jacksonsousa@medvet.fiponline.edu.br](mailto:jacksonsousa@medvet.fiponline.edu.br)

Davi Ezequiel Medeiros Linhares

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [davilinhares1026@gmail.com](mailto:davilinhares1026@gmail.com)

Denise Vitória Novo dos Reis.

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [denisereis@medvet.fiponline.edu.br](mailto:denisereis@medvet.fiponline.edu.br)

Paulo Sérgio Leite Mororó Filho

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [paulofilho@medvet.fiponline.edu.br](mailto:paulofilho@medvet.fiponline.edu.br)

Érika Mariana da Silva Siqueira

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [mariana35siqueira@hotmail.com](mailto:mariana35siqueira@hotmail.com)

Gustavo de Assis Silva

Docente do Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [gustavosilva1@fiponline.edu.br](mailto:gustavosilva1@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A cara inchada é uma condição comum em animais que consomem certos tipos de plantas tóxicas, incluindo o capim *Brachiaria spp.* (Costa, 2024). Esta planta, amplamente encontrada em pastagens tropicais, pode conter substâncias que causam inflamação e retenção de líquidos nos tecidos faciais de animais, esse tipo de capim é muito oferecido a equinos por suas condições de fácil acesso e de plantio (Pinto, 2019).

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica com base de dados coletados através de pesquisa em revistas, artigos científicos, e TCC's no Google Acadêmico utilizando o tema "Cara inchada em equinos causada por consumo de capim *Brachiaria spp.*".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

O capim *Brachiaria spp.* é conhecido por conter alcaloides, especialmente a esporinolamina, que é tóxica para equinos. Estes alcaloides causam uma condição chamada fotossensibilização hepatógena, que afeta principalmente o fígado e a pele. (Barbosa, 2006). Essa enfermidade é causada pelo desequilíbrio mineral envolvendo cálcio e o fósforo, o que leva a hipertrofia do osso nasal. (Puoli Filho et al., 1999; Hintz, 2000; Estepa et al., 2006). Além disso, a ingestão de *Brachiaria spp.* pode levar a outros sinais clínicos, como salivação excessiva, dificuldade de mastigação, rarefação óssea e a cara inchada. (Curcio, 2010). Alguns tipos de *brachiaria spp.* são ricos em oxalato, e dessa forma, devem ser evitadas para não provocar o excesso desse elemento no organismo dos equinos, desencadeando os sinais presentes nessa doença (Pinto, 2019). O oxalato, uma vez ingerido pelos equinos, se liga ao Cálcio (Ca) no intestino delgado formando um composto insolúvel denominado de oxalato de cálcio, tornando o Ca indisponível para os animais. Assim sendo, para compensar essa deficiência e manter a relação fisiológica normal entre o Ca e o Fósforo (P) o animal, por meio do paratormônio, começa a retirar Ca dos ossos e a lançá-lo na corrente sanguínea, provocando distúrbios na formação óssea, comumente conhecido como osteodistrofias (Puoli Filho et al., 1999; Hintz, 2000; Estepa et al., 2006). A mais notória é o hiperparatireoidismo nutricional secundário,

conhecido também por osteodistrofia fibrosa ou cara inchada. (Swartzman et al., 1978). Para realizar diagnóstico da causa da cara inchada, é preciso realizar exame clínico completo do equino, incluindo avaliação visual, exames de sangue, avaliação radiológica (podendo apresentar redução da densidade óssea na região afetada), exame bromatológico das pastagens. (Curcio, 2010)

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A cara inchada em equinos é um sinal clínico que requer atenção veterinária imediata para determinar a causa subjacente e iniciar o tratamento adequado. A rápida identificação e intervenção podem levar a uma recuperação mais rápida e reduzir o desconforto do animal. É crucial que os proprietários estejam cientes dos riscos associados ao consumo de *Brachiaria spp* e tomem medidas preventivas, como o monitoramento constante dos animais e a implementação de pastagens mistas que reduzam a exposição à planta tóxica. Além disso, é recomendável a utilização de outras espécies de capim, a fim de buscar um capim adequado para uma boa nutrição dos equinos, buscando sempre detectar precocemente intoxicações, garantindo assim o bem-estar e a saúde dos animais.

**PALAVRAS-CHAVES:** *Brachiaria*, toxina, equino, enfermidade.

#### REFERÊNCIAS:

BARBOSA J.D; Oliveira C.M.C; Tokarnia C.H; Peixoto P.V. Fotossensibilização hepatógena em eqüinos pela ingestão de Fotossensibilização hepatógena em eqüinos pela ingestão de *Brachiaria humidicola* *Brachiaria humidicola* (Gramineae) no Estado do Pará (Gramineae) no Estado do Pará. **Pesquisa Veterinária Brasileira**. Escola de Medicina Veterinária, Campus Castanhal, Universidade Federal do Pará, Castanhal, PA, Brazil, 2006.

<https://www.scielo.br/j/pvb/a/WHbg3mvjLd5zLbtGjFbKNsb/?format=pdf&lang=pt>

COSTA I. S; Silva C. A. D; Santana E. P; Gouveia A. J; Souza A. P; Silva D. F; Bromerschenkel I. TIPOS DE PASTAGENS PARA EQUINOS. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**. Instituto Federal de Rondônia –IFRO campus Jaru v6,p964-987,2024.

<https://bjihis.emnuvens.com.br/bjihis/article/view/1899/2107>

CURCIO B.R; Lins L.A; Boff A.L.N; Ribas L.M; Nogueira C.E.W. Osteodistrofia fibrosa em equinos criados em pastagem de *Panicum maximum* cultivar Aruana: relato de casos. **Faculdade de Veterinária – UFPel**, Capão do Leão, RS. n.1, p.37-41, 2010. <https://www.scielo.br/j/abmvz/a/qS3c5dPgP9gz8mpRq85tCvb/?format=pdf>

PINTO I. M. Y. P; Marciano L. E. A; Bessa A. F. O; Comportamento alimentar de éguas e potros em pastagem de *Brachiaria decumbens*. Costa M. L. L. **Revista Craibeiras de Agroecologia**. Universidade Federal da Paraíba. v4, n.1, p. e7724, 2019. <https://www.seer.ufal.br/index.php/era/article/view/7724/5587>

PUOLI FILHO, J.N.P.; COSTA, C.; ARRIGONI, M.B. et. al. Suplementação mineral e mobilização de cálcio nos ossos de equinos em pastagem de *Brachiaria humidicola*. **Pesq. Agrop. Bras.**, v.34, p.873-878, 1999.

<https://www.scielo.br/j/pab/a/mPzycSm8FgTXsFcNwrDPn3r/?lang=pt&format=pdf>

## INTOXICAÇÃO POR *Crotalaria retusa* EM EQUINOS

Lucas Dantas Campêlo

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos-PB, Brasil

Email: [lucascampelo@medvet.fiponline.edu.br](mailto:lucascampelo@medvet.fiponline.edu.br)

Izaelle Medeiros Ferreira

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos-PB, Brasil

Email: [izaelleferreira@medvet.fiponline.edu.br](mailto:izaelleferreira@medvet.fiponline.edu.br)

Fernanda Lima de Araújo

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos-PB, Brasil

Email: [fernndaaraujo@medvet.fiponline.edu.br](mailto:fernndaaraujo@medvet.fiponline.edu.br)

Edjane Tumaz da Silva

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos-PB, Brasil

Email: [edjanesilva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:edjanesilva@medvet.fiponline.edu.br)

Claudia Morgana Soares

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos-PB, Brasil

Email: [claudiasoares@fiponline.edu.br](mailto:claudiasoares@fiponline.edu.br)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A *Crotalaria retusa*, é uma planta encontrada em diversas regiões do Brasil, especialmente no nordeste, apesar de sua aparência atraente, suas sementes contêm alcalóides pirrolizidínicos, substâncias altamente tóxicas para equinos (Cheecke, 1988; Palomino & Vasquez, 1991). Quando ingerida, a planta pode causar danos graves ao sistema hepático dos animais (Mattocks, 1986; Huxtable, 1990). Os alcalóides presentes na *Crotalaria retusa* são metabolizados no fígado, onde se transformam em compostos hepatotóxicos que interferem no funcionamento normal do órgão, levando a danos hepáticos graves e potencialmente fatais, como a insuficiência hepática aguda e até a morte dos animais em poucos meses se não tratada no início (McLean, 1970; Cheecke & Shull, 1985; Prakash et al, 1999; Cheecke, 1988).

**METODOLOGIA:** Foi realizada uma revisão da literatura científica utilizando bases de dados como Google Scholar e relatos de casos de artigos da Scielo Brasil. Foram selecionados estudos que investigaram a relação da *Crotalaria retusa*, com intoxicações hepatotóxicas em equinos, com ênfase em artigos revisados por pares e estudo de campo.

**REVISÃO DE LITERATURA:** Equinos intoxicados por *Crotalaria retusa* apresentam um quadro clínico de anorexia, atordoamento, mal estado geral, irritabilidade, bocejos, espasmos musculares, cabeça baixa, agressividade, andar a esmo e galope sem rumo (Gardiner et al. 1965, Nobre et al. 2004). A gravidade dos sinais clínicos pode variar de acordo com a quantidade de sementes ingeridas e a duração da exposição. *Crotalaria retusa* em crescimento é palatável para equinos, que comem a planta desde a fase de muda até quando está com aproximadamente 12 a 18 cm (Rose et al. 1957). Equinos submetidos a estresse metabólico ou nutricional na seca, carga de trabalho pesada ou gestação, são mais prováveis a serem afetados pela doença (Curran et al 1996). A doença crônica é a forma usual da intoxicação e os sinais clínicos ocorrem semanas a meses após a planta ter sido ingerida. Os danos hepáticos são progressivos e a morte pode ocorrer meses ou até mesmo anos após a ingestão de plantas contendo AP (Cheecke 1998). Os metabólitos hepatotóxicos interferem nas vias metabólicas normais do fígado, levando à necrose dos hepatócitos, inflamação e disfunção hepática. Isso resulta em danos graves ao fígado, podendo levar à insuficiência hepática aguda e até mesmo à morte do animal. Além disso, nos pulmões as principais alterações observadas são edema e congestão

pulmonar com áreas consolidadas no parênquima (Gardiner et al. 1965, Nobre et al. 1994).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Ao concluir este estudo, é vital enfatizar a importância de um diagnóstico precoce, obtido por meio da observação atenta de sinais clínicos como fraqueza, icterícia e distúrbios neurológicos, aliado a exames laboratoriais específicos, como dosagem de enzimas hepáticas e análise histopatológica de tecidos. No controle da intoxicação, medidas como a remoção da planta do pasto, o uso de cercas para evitar o acesso dos equinos e a oferta de forragem de qualidade são fundamentais. Quanto à profilaxia, destaca-se a necessidade de campanhas educativas para os proprietários, alertando sobre os perigos da planta e promovendo a adoção de práticas de manejo que evitem a exposição dos animais. A colaboração entre médicos veterinários, pesquisadores e criadores é essencial para o controle e prevenção, visando preservar a saúde e o bem-estar dos equinos.

#### REFERÊNCIAS:

ASSIS, Tales S. et al. Intoxicações por plantas diagnosticadas em ruminantes e equinos e estimativa das perdas econômicas na Paraíba. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 30, p. 13-20, 2010.

Curran J.M., Sutherland R.J. & Peet R.L. 1996. A screening test for subclinical liver disease in horses affected by pyrrolizidine alkaloid toxicosis. **Aust. Vet. J.** 74: 236-240.

Cheecke PR. 1998. Natural toxicants in feeds, forages and poisonous plants. **Danville: Interstate Publishers.**

Gardiner MR, Royce R, Bokor A 1965. Studies on *Crotalaria crispata*, a newly recognised cause of Kimberley horse disease. **J Comp Pathol** 89; 43-53.

Mattocks AR 1986. Toxicology of pyrrolizidine alkaloids in animal. In: Mattocks A R. Chemistry and toxicology of pyrrolizidine alkaloids. **New York: Academic Press**, p. 191-219.

McLean EK 1970. Detox actions of pyrrolizidine (Senecio) alkaloids. **Pharm Vet** 22: 429-483.

NOBRE, Verônica Medeiros da Trindade et al. Intoxicação por *Crotalaria retusa* (Fabaceae) em eqüídeos no semi-árido da Paraíba. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 24, p. 132-143, 2004.

OLIVEIRA, Getúlio Luiz Camboim de et al. Aspectos clínicos e epidemiológicos da intoxicação por *Crotalaria retusa* (Fabaceae) em equinos atendidos no Hospital Veterinário da UFCG. **Monografia** 2008.

Prakash AS, Pereira TN, Reilly PE, Seawright AA 1999. Pyrrolizidine alkaloids in human diet. **Mutat Res** 5: 53-67.

Rose A.L., Gardner C.A., McConnell J.D. & Bull L.B. 1957b. Field and experimental investigation of "walk about" disease of horses (Kimberley horse disease) in Northern Australia: *Crotalaria* poisoning in horses. **Part II. Aust. Vet. J.** 34: 49-62.

## INTOXICAÇÃO POR *LEUCAENA LEUCOCEPHALA* EM EQUINOS

Giovanna Waleska Leite Silva

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [giovannasilva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:giovannasilva@medvet.fiponline.edu.br)

Mateus Jales Diniz Saraiva

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [mateussaraiva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mateussaraiva@medvet.fiponline.edu.br)

Mayra Linhares Bezerra Ferreira

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [mayraferreira@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mayraferreira@medvet.fiponline.edu.br)

Micaely Felix Lacerda

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [micaelylacerda@medvet.fiponline.edu.br](mailto:micaelylacerda@medvet.fiponline.edu.br)

Sandra Wilma Brandão Absalão Maciel

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [sandramaciel@medvet.fiponline.edu.br](mailto:sandramaciel@medvet.fiponline.edu.br)

Gustavo de Assis Silva

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [gustavosilva1@fiponline.edu.br](mailto:gustavosilva1@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

*Leucaena leucocephala* é uma leguminosa arbórea de ampla distribuição muito utilizada na alimentação de ruminantes nas regiões tropicais e subtropicais (Halliday *et al.* 2013). Tem um alto valor nutritivo, com grande índice protéico, boa digestibilidade, perenidade e palatabilidade, mas seu consumo excessivo pode levar o animal a um quadro de intoxicação (Jones *et al.* 1978, Almeida *et al.* 2006, Peixoto *et al.* 2008). A intoxicação por *L. leucocephala* foi relatada em bovinos, equinos, caprinos, ovinos e coelhos, o principal sinal clínico é a perda de pelos em consequência a um quadro de hipotireoidismo (Jones *et al.* 1978). O objetivo deste trabalho é abordar uma revisão de literatura acerca da intoxicação por Leucena em equinos.

#### METODOLOGIA:

A revisão bibliográfica foi conduzida utilizando os bancos de dados do Google Acadêmico, Scielo e Pubmed. Foram selecionados artigos acadêmicos publicados entre 2020 e 2024, seguindo critérios de inclusão que abrangiam a relação com o tema, artigos publicados em português ou inglês e de acesso livre. Artigos que não contribuíram diretamente para o tema foram excluídos.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

A intoxicação pela *L. leucocephala* ocorre quando seu consumo ultrapassa 30% da alimentação diária (Holmes 1981, Halliday *et al.* 2013) e tem como princípio ativo o aminoácido não protéico denominado mimosina (Riet-Correa *et al.* 2004). O hipotireoidismo secundário à intoxicação reduz o metabolismo e a função de inúmeros sistemas, sendo a causa das apresentações clínicas (Jones *et al.* 1978). A principal lesão associada à ingestão excessiva da planta é a alopecia, mas efeitos tóxicos menos frequentes também podem ocorrer como emagrecimento, ulcerações da língua e esôfago, atrofia de gengiva, sialorreia, bócio, infertilidade e até mesmo a morte (Oliveira Jr *et al.* 2009). A alteração cutânea é caracterizada por acantose, hiperqueratose e atrofia da derme, com folículos pilosos em número e tamanho

reduzidos, a maioria desses em fase telógena ou catágena (Almeida *et al.* 2006). A leucena apresenta toxicidade quando é o principal constituinte da dieta. No Brasil, a intoxicação tem sido diagnosticada em ovinos, caprinos e equinos (Pimentel *et al.*, 2009). No trabalho de (Pimentel *et al.*, 2009), equinos e bovinos eram alimentados com galhos de *L. leucocephala*, sendo que os equinos foram afetados após 10 dias de consumo e os bovinos não. Para a utilização desta leguminosa como forrageira, o acesso aos piquetes com leucena deve ser limitado a uma hora diária de pastejo e, se for administrada após o corte, a quantidade diária não deve superar 25%-30% da dieta.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A leucena contém toxinas, como mimosina e alcaloides, que podem causar danos ao fígado, rins, lesão de pele e outros órgãos dos equinos. A gravidade da intoxicação pode variar dependendo da quantidade de planta ingerida e da sensibilidade individual do animal.

#### REFERÊNCIAS:

Almeida A.P.M.G., Kommers G.D., Nogueira A.P.A., Júnior L.G.B., Prado Marques B.M.F. & Lemos R.A.A. 2006. Avaliação do efeito tóxico de *Leucaena leucocephala* (Leg. Mimosoideae) em ovinos. **Pesq. Vet. Bras.** 26:190- 194.

Halliday M.J., Padmanabha J., McSweeney C., Kerven G. & Shelton H.M. 2013. Leucena toxicity: a new perspective on the most widely used forage tree legume. **Trop. Grassl. Forraj. Trop.** 1:1-11.

Holmes J.H.G. 1981. Toxicity of *Leucaena leucocephala* for steers in the wet tropics. **Trop. Anim. Health Prod.** 13:94-100.

Jones R.J., Blunt C.G. & Nurnberg B.I. 1978. Toxicity of *Leucaena leucocephala*: effect of iodine and mineral supplements on penned steers fed a sole diet of leucaena. **Aust. Vet. J.** 54:387-392.

Oliveira Jr L.A.T., Fregona M.G., Souza V.R.C., Fernandes W.R. & Coelho C.S. 2009. Intoxicação natural por leucena (*Leucaena leucocephala*) em um equino. **Ciênc. Vet. Trop.** 12:55-59.

PEIXOTO, P.V. et al. Intoxicação espontânea por *Leucaena leucocaphala* em uma cabra, no Rio de Janeiro, Brasil. **Ciência Rural** v.38, n.2, p.551-555, 2008. Acesso em: 26 abril de 2024. doi: 10.1590/S0103-84782008000200044.

PIMENTEL, L.A. et al. Intoxicação espontânea por *Leucaena leucocephala* em equinos. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PATOLOGIA VETERINÁRIA**, 14., 2009. Anais... Águas de Lindóia-SP: Associação Brasileira de Patologia, 2009. (CD Room).

RIET-CORREA, F.; MEDEIROS, R.M.T. Intoxicações por plantas em ruminantes no Brasil e no Uruguai: importância econômica, controle e riscos para a saúde pública. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.21, n.1, p.38-42, 2001. Acesso em: 26 de abril de 2024. doi: 10.1590/S0100-736X2001000100008.

## LAMINITE CRÔNICA COM ROTAÇÃO E AFUNDAMENTO DA FALANGE DISTAL: RELATO DE CASO

Andressa Vinagre Dias  
UNIESP Centro Universitário - João Pessoa - PB  
E-mail: [andressavinagred@gmail.com](mailto:andressavinagred@gmail.com)

Davi Araujo da Silva Ferreira  
Universidade Federal do Piauí - UFPI - Bom Jesus - PI  
E-mail: [daviferreira2000silva@gmail.com](mailto:daviferreira2000silva@gmail.com)

Iorrany Maria Oliveira Lobo Calou  
Médica Veterinária - Hospital Poty Equus - São José de Mipibu - RN  
E-mail: [iorranycalou@gmail.com](mailto:iorranycalou@gmail.com)

Kaliane Costa  
Médica Veterinária - Hospital Poty Equus - São José de Mipibu - RN  
E-mail: [kalianecosta15@hotmail.com](mailto:kalianecosta15@hotmail.com)

Lídia Stefania Vilela Medeiros  
Médica Veterinária - Hospital Poty Equus - São José de Mipibu - RN  
E-mail: [lidiamedvet2@gmail.com](mailto:lidiamedvet2@gmail.com)

Maurílio Kennedy Feitoza Soares  
Médico Veterinário - Hospital Poty Equus - São José de Mipibu - RN  
E-mail: [mauriliokfsoares@gmail.com](mailto:mauriliokfsoares@gmail.com)

### RESUMO:

**INTRODUÇÃO:** A laminite é a inflamação das lâminas do casco devido a diminuição da perfusão capilar do membro, sendo ela a principal e mais grave enfermidade que acomete os cascos dos equinos (STASHAK, 2006). Essa patologia pode atingir os quatro membros dos animais, porém os mais afetados são os membros torácicos (THOMASSIAN et al., 2000).

**RELATO DE CASO:** Foi encaminhado para o Hospital Poty Equus, equino, macho, QM, 8 anos. Na anamnese, o proprietário relatou que o animal apresentava claudicação dos quatro membros após uma vaquejada e desde então, permanecia por muito tempo em decúbito lateral. No exame clínico, observou-se mucosa oral congesta e ocular com petéquias, taquicardia, taquipneia e hipertermia (39,8°C). No exame clínico específico foi possível observar claudicação grau 5, pulso forte em todos os membros e semblante de dor. Diante das evidências clínicas, foi concluído o diagnóstico de laminite. Como protocolo de tratamento inicial para laminite aguda foi instituído crioterapia (36 horas), dipirona (25mg/kg, IV, SID, 1 dia), dimetilsulfóxido (1g/kg em 3L de soro, IV, SID, 3 dias), fenilbutazona (4,4mg/kg, IV, SID, 5 dias), antitóxico (30ml em 1L de soro, IV, SID, 3 dias), ácido acetilsalicílico (10mg/kg, VO, BID, 5 dias) e pentoxifilina (10mg/kg, VO, BID, 7 dias). Após 5 dias de tratamento, foi observada a melhora no quadro, tendo em vista que houve regressão do pulso nos membros torácicos. Todavia, após alguns dias o prognóstico do paciente regrediu, onde o mesmo apresentava pulso firme e ficava mais tempo do dia em decúbito lateral. Foi realizado o estudo radiográfico dos membros torácicos do animal, observando rotação e afundamento da terceira falange em ambos os membros torácicos, osteólise em terceira falange e reação óssea proliferativa em processo extensor do membro torácico esquerdo. Como novo protocolo de tratamento foi estabelecido a limpeza dos cascos, uso de liga de descanso, omeprazol (2mg/kg, VO, SID), cetamina (0,3 mg/kg diluído em 500 ml de soro, BID, 10 dias), amitriptilina (7,5mg/kg, VO, BID, 10 dias), sulfato de condroitina A (10g, VO, BID,

10 dias) e perfusão regional com gentamicina (4mg/kg, 48 horas, 3 aplicações), firocoxibe (0,2 mg/kg, VO, SID, 15 dias). Foi adicionado ao tratamento, o ferragamento ortopédico, com o tamanco de madeira com a intenção de estabilizar a terceira falange e diminuir a dor do animal.

**DISCUSSÃO:** O tratamento inicial consistiu em estabilizar o paciente e controlar as toxinas que causam a lesão nas lâminas do casco, contudo o grau de acometimento já era significativo, e por isso o resultado inicial não foi o esperado. Vale salientar a importância do monitoramento diário para acompanhar a evolução do paciente, e a partir daí, instituir um novo protocolo de tratamento adequado para controlar a dor e alcançar a melhora do quadro. Após 10 dias como o novo protocolo de tratamento, o animal apresentou melhora significativa, havendo regressão da claudicação e redução da dor.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Assim, a intervenção emergencial desses casos é essencial e associada ao diagnóstico efetivo e tratamento intenso instituído corretamente foi possível observar a melhora considerável do quadro do paciente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Casco. Equino. Inflamação.

#### REFERÊNCIAS:

STASHAK, Ted S. Claudicação em equinos: **Segundo Adams**. 5. edição. São Paulo: Roca, 2017.

THOMASSIAN, Armen. NICOLETTI, José Luiz de Mello. HUSSNI, Carlos Alberto. ALVES, Ana Liz Garcia. Patofisiologia e tratamento da pododermatite asséptica difusa nos equinos – (Laminite equina). **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, Volume 3, Páginas 16-22, 2000.



Iago Carvalho de Sousa

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [iagosousa@medvet.fiponline.edu.br](mailto:iagosousa@medvet.fiponline.edu.br)

Emmanuel Suedney dos Santos Dantas

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br](mailto:emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br)

Fabricio Kleber de Lucena Carvalho

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [fabriciocarvalho@fiponline.edu.br](mailto:fabriciocarvalho@fiponline.edu.br)

### **INTRODUÇÃO:**

As lesões locomotoras estão entre as principais patologias de equinos e dessas a laminite se destaca por ser uma doença grave e comum na rotina, a qual se apresenta com uma inflamação no casco (Ross; Dyson, 2011). É uma afecção perivascular periférica que cursa afetando especialmente a vascularização dos membros, associado a rotação da falange distal, como perda de função do membro acometido em casos de gravidade acentuada, pode levar a processos de isquemia enecrose naqueles casos de cronicidade acentuada (Busch, 2009; Hunt; Wharton, 2010). Objetiva-se uma revisão de literatura da abordagem clínica e terapêutica da laminite em equinos.

### **METODOLOGIA:**

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através da pesquisa de artigos científicos no Google Acadêmico utilizando o tema "laminite, clínica, tratamento".

### **REVISÃO DE LITERATURA:**

Normalmente a laminite ocorre como uma sequela de entidades clínicas diferentes, como doenças associadas a sepse/endotoxemia, síndrome de Cushing em cavalos idosos, excesso de peso, síndrome metabólica, síndrome cólica, partos distórcicos e lesões traumáticas (Belknap; Parks, 2011). Considerada crônica quando ultrapassa 72 horas do início dos primeiros sinais, manejar e controlar a dor é de extrema importância, pois evita que o animal entre em decúbito, dificultando a melhora clínica e consequentemente tendo-se que optar pela eutanásia em razão da progressão irreparável do quadro (Hunt; Wharton, 2010). A laminite é descrita em quatro estágios: 1. Prodrômico (ou de desenvolvimento), no contato inicial com o agente etiológico; 2. Agudo, apresentando sinais de desconforto no membro; 3. Sub-agudo, quando estabelece um tratamento e é capaz de reduzir a claudicação; 4. Crônico, quando não houver sucesso no controle e já se agravou a afecção vascular (Busch, 2009). Os sinais clínicos mais observados são claudicação, dificuldade da permanência na posição quadrupedal, intenso desconforto podal. O diagnóstico é baseado na associação dos sinais clínicos, exame físico e exames complementares. Precisa-se avaliar esse conjunto para estabelecer o diagnóstico correto e a terapêutica adequada (Laskoski et al., 2016). O tratamento deve ser de caráter emergencial, controlando a dor com uso da crioterapia associada a anti-inflamatórios, melhorando a perfusão local com o uso de vasodilatadores como a acepromazina e a isoxsuprina (Sanchez, 2014), dietas com redução de carboidratos, (Costa et al., 2018; Kullmann et al., 2014). A crioterapia auxilia na redução da inflamação, alívio da dor e previne danos adicionais. O ferrageamento terapêutico é muito importante, devendo-se levar em consideração a clínica e o estágio da laminite, já que existem diversos tipos de ferragem que podem ser utilizadas (Kullmann et al., 2014, Baker, 2012). Os anti-inflamatórios principalmente aqueles não estereoidais, auxiliam na redução da inflamação e do dano às lâminas do casco (Eades; Fugler; Mitchell, 2014).

Já a tenotomia do flexor digital profundo é uma técnica utilizada e com altas taxas de sucesso, atentando-se aos danos futuros (Morrison, 2011).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A laminite é uma das afecções que exigem um exame clínico bem elaborado, assim como exames complementares, para estabelecer um diagnóstico precoce e tratamento assertivo baseado nos sinais clínicos.

#### **REFERÊNCIAS:**

BAKER, WILLIAM R. **Treating Laminitis. Beyond the Mechanics of Trimming and Shoeing.** Veterinary Clinics of North America - Equine Practice, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 441- 455, 2012.

BUSCH, L. **Atualidades no tratamento da laminite em equinos. Congresso de Iniciação Científica da Fundação Educacional de Ituverava.** p. 1-18, 2009

COSTA, *et al.* LAMINITE CRÔNICA EM EQUINO – RELATO DE CASO CHRONIC. Revista Unimar Ciências, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 1-9, 2018.

HUNT, R. J.; WHARTON, R. E. **Clinical Presentation, Diagnosis, and Prognosis of Chronic Laminitis in North America.** Veterinary Clinics of North America: Equine Practice, v. 26, n. 1, p. 141-153, abr. 2010.

KULLMANN, A. *et al.* **Prophylactic digital cryotherapy is associated with decreased incidence of laminitis in horses diagnosed with colitis.** Equine Veterinary Journal, [s. l.], v. 46, n. 5, p. 554-559, 2014

LASKOSKI, L. M. *et al.* **Atualização sobre laminite equina.** Ciência Rural, [s. l.], v. 46, n. 3, p. 547-553, 2016.

MORRISON, S. **Long-term Prognosis Using Deep Digital Flexor Tenotomy and Realignment Shoeing for Treatment of Chronic Laminitis.** Journal of Equine Veterinary Science, v. 31, n. 2, p. 89-96, 2011.

SANCHEZ, L.C.; ROBERTSON, S.A. **Pain control in horses: what do we really know?** Equine Vet. J., v.46, p.517 523, 2014.

## LEPTOSPIROSE COMO CAUSA DE ABORTO EM ÉGUAS: REVISÃO DE LITERATURA

Ana Maria Leite Costa  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [anacosta@medvet.fiponline.edu.br](mailto:anacosta@medvet.fiponline.edu.br)

Jordana Ádila Araújo de Sousa  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [jordana.adila@estudante.ufcg.edu.br](mailto:jordana.adila@estudante.ufcg.edu.br)

Roberta Simone Gomes Bezerra Ximenes  
Médica Veterinária - São José do Egito - PE  
E-mail: [robertasbgx@gmail.com](mailto:robertasbgx@gmail.com)

Willder Rafael Ximenes Cunha  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [willdercunha@fiponline.edu.br](mailto:willdercunha@fiponline.edu.br)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A leptospirose é uma zoonose causada por bactérias do gênero *Leptospira*, com distribuição mundial e maior prevalência em áreas com clima tropical e subtropical (Caselani *et al.*, 2012). Na equinocultura acarreta em prejuízos econômicos e sanitários, por ocasionar abortos e mortalidade perinatal (Batista *et al.*, 2015).

**METODOLOGIA:** Foi realizado uma pesquisa utilizando como base de dados o Google Acadêmico e a biblioteca digital SciELO, empregando o tema "Leptospirose Equina" como meio de seleção.

**REVISÃO DE LITERATURA:** A leptospirose é uma doença bacteriana, de notificação compulsória, que possui mais de duzentos sorovares (Machry *et al.*, 2010; Brasil, 2013). Comumente a contaminação ocorre pela pele ou mucosas, pode ser passada através do esperma, que se infecta com urina durante a monta convencional ou na coleta para inseminação artificial (Pereira, 2016). Nos equinos as bactérias responsáveis pela enfermidade têm preferência pelo tecido renal, olhos e sistema reprodutivo das fêmeas e cursa, na maioria dos casos, de forma subclínica (Batista *et al.*, 2015; Braga *et al.*, 2011 Da Silva, 2020). As fêmeas contaminadas durante a gestação podem ocasionar infecção sistêmica no feto, mortes embrionárias e aborto, (Pinna *et al.*, 2013;). Conforme Batista *et al.* (2015), o aborto é desencadeado pela presença de bactérias no corpo do feto, provocando danos em diversos órgãos, tais como rim, fígado e baço. Os sintomas apresentados nos equinos não possuem características exclusivas, podendo surgir de maneira repentina ou persistente (Fagre *et al.*, 2020). Quando são causados pela *Leptospira*, a infecção ocorre geralmente de 1 a 4 semanas antes. Para o diagnóstico, é preciso realizar a análise de anticorpos em uma única amostra de sangue, que deve ser coletada após a perca gestacional (Pereira, 2016). As mostras de tecidos fetais oriundos de abortos apresentam diversas alterações, entre elas lesões císticas nodulares, trombozes, edema, enquanto nos fetos é possível observar aumento do fígado e rins, acompanhadas de anomalias medulares (Verma; Steveson; Adler, 2013). A introdução de animais de outras propriedades sem avaliação de leptospirose ou sem a observância do período de quarentena pode levar à contaminação do plantel. Portanto, é recomendado adotar medidas como controle de roedores, quarentena, testes para detecção de leptospirose, implementação de um programa de vacinação, que é realizada por meio de imunização com vacinas inativadas (Ribeiro, 2015).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Abortos em éguas podem resultar em perdas econômicas consideráveis na criação de equinos, a vacinação contra o agente da

leptospirose, é o melhor meio de prevenção. Para que o problema seja sanado, é necessária conscientização sobre a gravidade da leptospirose como uma possível causa de aborto em éguas e a implementação de medidas preventivas, essenciais para proteger a saúde reprodutiva dos equinos e a saúde pública.

**PALAVRAS-CHAVES:** Aborto. Éguas. Leptospirose. Zoonose.

#### REFERÊNCIAS:

BATISTA, J.S.; PAIVA, C.C.P.L.; SILVA, J.B.; COSTA, M.A.; CAVALCANTE, P.H.; PRAÇA, L.M.; OLINDA, R.G.; PAIVA, K.A.R. Avaliação de cinco casos de abortamento associado à leptospirose em éguas no Rio Grande do Norte. Avaliação de cinco casos de abortamento, **Revista Brasileira de Ciência Veterinária**, v. 22, p. 165-168, jul/dez 2015.

BRAGA, J.; HAMOND, C.; MARTINS, G.; ABREU, R. N.; LILENBAUM, W. Ophtalmic alterations in horses with leptospirosis by serovar Icterohaemorrhagiae in Rio de Janeiro, Brazil. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.31, p.147-150, fev. 2011.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa nº 50, de 23 de setembro de 2013. **Diário Oficial da União, Brasília**, DF, 23 set. 2013. Seção 1, p. 13-17.

CASELANI, K.; OLIVEIRA, P.R.; FERRAUDO, A.S.; LIMARIBEIRO, A.M.C.; GÍRIO, R.J.S. Estudo soropidemiológico de leptospirose em equinos utilizados para tração urbana. **Revista do Instituto Adolfo Lutz**, v. 71, n. 3, p.582-587, jul/set 2012.

DA SILVA, A. S.; JAQUEZESKI, A. M.; LABER, I. F.; LAER, I. E. V.; LOVATO, L. T.; SILVA, M. O.; MOURA, A. B. Leptospira spp. in horses in southern Brazil: Seroprevalence, infection risk factors, and influence on reproduction. **Comparative Immunology, Microbiology and Infectious Diseases**, v. 73, dez. 2020.

FAGRE, A. C.; MAYO, C. E.; PABILONIA, K. L.; LONDOLT, G. A. Seroprevalence of Leptospira spp. in Colorado equids and association with clinical disease. **Journal of Veterinary Diagnostic Investigation**, v. 32, n. 5, p. 718-721, set. 2020.

MACHRY, L.; RIBEIRO, R.L.; VITAL-BRAZIL, J.M.; BALASSIANO, I.T.; OLIVEIRA, I.C.M.; AVELAR, K.E.S.; PEREIRA, M.M. Caracterização de cepas de referência de Leptospira sp utilizando a técnica de pulsed field gel electrophoresis. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 43, n. 2, 2010.

PEREIRA, R.J.L. **Infecção por Leptospira spp., Herpesvírus equino tipo1 (HVE-1) e Toxoplasma gondii e a sua relação com o aborto em éguas no Brasil: Uma revisão**. 2016. 32f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em medicina veterinária) – Centro de saúde e tecnologia rural, Universidade Federal de Campina Grande, Patos, dez. 2016.

PINNA, A.; MARTINS, G.; SOUZA, G.; LILENBAUM, W. Influence of seroreactivity to Leptospira and reproductive failures in recipient mares of Equine Embryo Transfer Programmes. **Reproduction in Domestic Animals**, v. 48, n. 4, p. 55-57, ago. 2013.

RIBEIRO, T.M.P. **Soroepidemiologia da infecção por Leptospira spp. em equinos do município de Rorainópolis, estado de Roraima**, Brasil. 2015. 84f. Dissertação (mestrado em ciência animal) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, ago. 2015.

VERMA, A.; STEVENSON, B.; ADLER, B. Leptospirosis in horses. **Veterinary Microbiology**, v. 167, n. 1-2, p. 61-66, jan. 2013.

## MANIHOT ESCULENTA NA ALIMENTAÇÃO EQUINA E SEUS RISCOS DE INTOXICAÇÕES

Lucas Assis Lourenço

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [lucaslourenco@medvet.fiponline.edu.br](mailto:lucaslourenco@medvet.fiponline.edu.br)

Fabricio Kleber de Lucena Carvalho

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [fabriociocarvalho@fiponline.edu.br](mailto:fabriociocarvalho@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

As plantas cianogênicas são aquelas que possuem como princípio ativo o ácido cianídrico (HCN) um líquido incolor, volátil e altamente tóxico, sendo considerado uma das principais substâncias tóxicas. O HCN encontra-se ligado aos carboidratos denominados glicosídeos cianogênicos, onde são armazenados nas organelas chamadas vacúolos (Silva *et al.*, 2006). Quando ocorre o processo físico de mastigação ou trituração, os glicosídeos cianogênicos entram em contato com as enzimas presentes na parede celular e no citoplasma da célula vegetal, que através desse contato irá fazer uma reação de hidrólise, consequentemente liberando o HCN (Tokarnia *et al.*, 2012). As plantas do gênero *Manihot* são consideradas as mais importantes da sua classe e responsáveis pela grande maioria dos casos de intoxicação, causando perdas econômicas na produção animal, se destacando a "*M. esculenta*" com o nome popular de mandioca brava (Amorim *et al.*, 2006).

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica através de artigos científicos, que foram extraídos dos sites Scielo e Google Acadêmico. No qual foram utilizados os descritores "*Manihot esculenta*", "Intoxicação" e "Equinos".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

As plantas do gênero *Manihot* conhecidas como mandioca, macaxeira ou aipim possuem ótima palatabilidade para os animais, com grande importância na alimentação dos mesmos e matéria prima de produtos alimentícios (Amorim *et al.*, 2005). Utiliza-se as folhas e tubérculos, principalmente na dieta dos ruminantes e com menor frequência na alimentação dos equinos (Canella *et al.*, 1968). As intoxicações podem ocorrer quando animais famintos invadem culturas ou após ocorrerem as primeiras chuvas seguidas de uma estiagem de vários dias onde os animais ingerem as plantas em brotação ou secas. Ocorrendo intoxicações quando é disponibilizado uma grande quantidade em um curto espaço de tempo ou quando são alimentados com folhas frescas e tubérculos recém colhidos sem os devidos cuidados quanto a eliminação do princípio ativo (Amorim *et al.*, 2005). Nos equinos essa intoxicação não é comum por conta da alta seletividade alimentar da espécie, mais animais que são ofertados a mandioca ou sub produtos de forma continuada por vários dias apresentaram síndromes de cólica, com sinais clínicos condizentes a intoxicação por planta, caracterizados por dificuldade de deglutição e dispneia, seguidos por mucosas cianóticas, incoordenação, tremores musculares e quedas, com permanência em decúbito lateral com movimentos de pedalagem e opistótono (Silva *et al.*, 2006). O grande fato é que os equinos são mais resistentes ao ácido cianídrico, devido a possuir um pH mais ácido no estômago, o que resulta na inibição das enzimas e na não atuação das mesmas, dessa forma a liberação do HCN ocorrerá de forma devagar, o que dará um melhor tempo para a eliminação das toxinas sem alcançar a dose letal (Amorim *et al.*, 2006).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As plantas do gênero *Manihot* podem ser uma alternativa alimentar em períodos de seca. Porém deve-se atentar ao manuseio, visto que a planta apresenta ácido

cianídico na sua composição, desta forma ao realizar o descanso pós colheita, tratamento e trituração dos tubérculos mediante a moagem ou ralação, faz com que elimine sua toxicidade.

**Palavras-Chave:** Mandioca. Cianogênicas. Cólica.

#### REFERÊNCIAS:

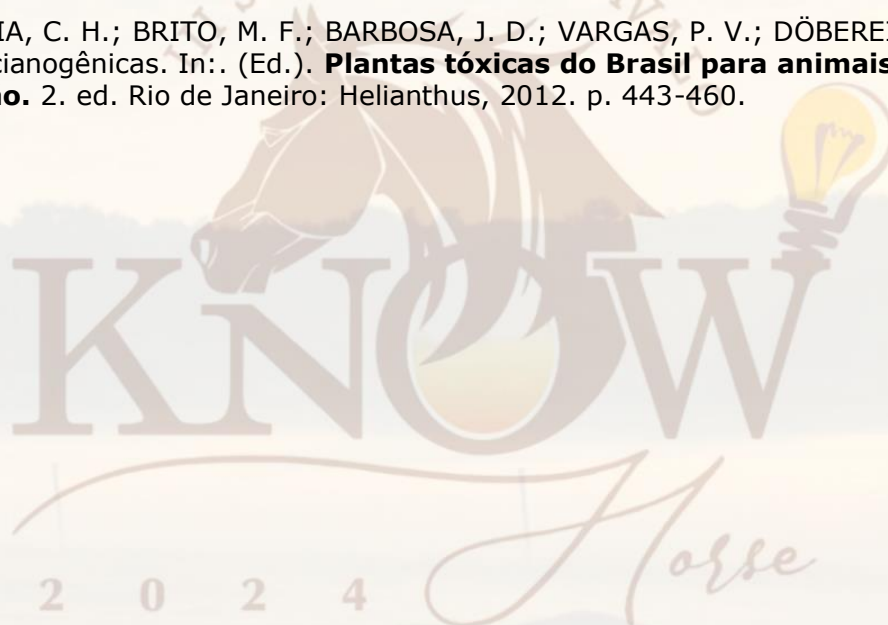
AMORIM S.L., MEDEIROS R.M.T. & RIET-CORREA F. Intoxicação experimental por *Manihot glaziovii* (Euphorbiaceae) em caprinos. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, 25:179-187, 2005.

AMORIM S.L., MEDEIROS R.M.T. & RIET-CORREA F. Intoxicações por plantas cianogênicas no Brasil. **Revista Ciência Animal**, 16:17-26, 2006.

CANELLA, C. F. C.; DOBEREINER, J.; TOKARNIA, C. H. I. Intoxicação experimental pela maniçoba (*Manihot glaziovii* Muell. Arg.) em bovinos. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 3, p.347-50, 1968.

SILVA D.M., RIET-CORREA F., MEDEIROS R.M.T. & OLIVEIRA O.F. Plantas tóxicas para ruminantes e eqüídeos no Seridó Ocidental e Oriental do Rio Grande do Norte. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, 26:223-236, 2006.

TOKARNIA, C. H.; BRITO, M. F.; BARBOSA, J. D.; VARGAS, P. V.; DÖBEREINER, J. Plantas cianogênicas. In:.. (Ed.). **Plantas tóxicas do Brasil para animais de produção**. 2. ed. Rio de Janeiro: Helianthus, 2012. p. 443-460.



## MORMO E ANEMIA INFECCIOSA EQUINA

Davi Ezequiel Medeiros Linhares

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [davilinhares1026@gmail.com](mailto:davilinhares1026@gmail.com)

Jackson Oliveira Sousa

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [jacksonsousa@medvet.fiponline.edu.br](mailto:jacksonsousa@medvet.fiponline.edu.br)

Denise Vitória Novo Dos Reis

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [denisereis@fiponline.edu.br](mailto:denisereis@fiponline.edu.br)

Paulo Leite Ferreira Neto

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [PauloLeiteFerreiraNeto@gmail.com](mailto:PauloLeiteFerreiraNeto@gmail.com)

Francisco Ryam Andrade de Sousa

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [franciscosousa@medvet.fiponline.edu.br](mailto:franciscosousa@medvet.fiponline.edu.br)

Júlio Edson da Silva Lucena

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [juliolucena@fiponline.edu.br](mailto:juliolucena@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

O Mormo e Anemia Infecciosa Equina (AIE) são duas doenças de grande relevância na equinocultura, causadas por agentes infecciosos que afetam a saúde e o bem-estar dos equinos. O mormo, causado pela bactéria *Burkholderia mallei*, é uma zoonose de notificação obrigatória devido ao seu potencial impacto na saúde pública. Já a AIE, causada pelo vírus da família *Retroviridae*, pode ter consequências devastadoras para a indústria equina devido às suas restrições de controle e erradicação. Este estudo busca fornecer uma visão informativa sobre essas duas doenças.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através da pesquisa de artigos científicos no Google Acadêmico utilizando o tema "MORMO E ANEMIA INFECCIOSA EM EQUINOS".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

O mormo é uma doença infecciosa que afeta equinos, muar e, ocasionalmente, outras espécies, incluindo humanos. Sua disseminação é ocasionada principalmente por secreção oral e nasal em cochos e bebedouros (SILVA, 2017). Caracteriza-se por lesões nas vias respiratórias superiores e cutâneas, podendo levar à formação de abscessos e sepse, podendo ser classificada em mormo nasal, pulmonar e cutâneo, sendo possível a ocorrência de mais de uma forma clínica ao mesmo tempo (SILVA, 2017). O diagnóstico é baseado em testes sorológicos, cultivo bacteriano e reação em cadeia da polimerase (PCR), sendo o sacrifício dos animais positivos uma medida de controle crucial, evitando assim sua disseminação. Por outro lado, a AIE é uma doença viral crônica que afeta equinos e é transmitida principalmente por vetores hematofílicos, como moscas, mosquitos e através do uso de materiais contaminados como esporas, agulhas, instrumentais cirúrgicos, etc (RODRIGUES, 2019). Os sinais clínicos variam de leves a graves e incluem anemia, perda de peso, hipertermia que

curso com a viremia, fraqueza e trombocitopenia (SILVA, 2017). O diagnóstico é realizado por testes sorológicos, como o teste de agar gel imunodifusão (AGID) e o ensaio de imunofluorescência indireta (IFI). A erradicação da AIE é desafiadora devido à persistência do vírus em portadores assintomáticos e à falta de vacinas eficazes.

Os criadores precisam manter seu plantel diagnosticado como livre, status esse conquistado com resultados oficiais negativos aos testes, com validade de 60 dias. Com isso, o equideocultor pode participar de eventos relacionados à equideocultura e ter uma Guia de Transporte Animal (GTA) emitida para o transporte de seus equídeos (RIBEIRO *et al*, 2023).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Em conclusão, o mormo e a AIE representam importantes desafios para a equinocultura devido aos riscos para a saúde pública e animal, bem como às consequências econômicas associadas. O controle eficaz dessas doenças requer medidas preventivas abrangentes, incluindo vigilância epidemiológica, diagnóstico precoce, quarentena de animais positivos e implementação de boas práticas de manejo. A conscientização e a colaboração entre profissionais de saúde animal, proprietários de equinos e autoridades reguladoras são fundamentais para mitigar o impacto dessas doenças na equinocultura.

**PALAVRAS-CHAVES:** Mormo, anemia infecciosa, diagnóstico, equino.

#### **REFERÊNCIAS:**

RIBEIRO, Fabiana Souza; DE REZENDE ACURCIO, Talitha Oliveira; ACURCIO, Leonardo Borges. Cenário do Mormo e Anemia Infecciosa Equina no Brasil: Revisão de literatura. **Seven Editora**, 2023. Disponível em: <https://sevenpublicacoes.com.br/index.php/editora/article/view/2820>

RODRIGUES, Davi dos Santos. **Anemia infecciosa equina: revisão de literatura**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasil. Disponível em: <https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/1971>

SILVA, Márcio Luís Pontes Bernardo da. **Construção de vídeo informativo sobre Anemia Infecciosa Equina e Mormo**. 2018. Tese de Doutorado. UEMA. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/handle/123456789/1162>.

## O CAVALO NORDESTINO: INTEGRAÇÃO, PRODUÇÃO E CONSERVAÇÃO DE RECURSOS GENÉTICOS

José Felipe Gomes de Lucena  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa - PB  
Email: [gomes.lucena@academico.ifpb.edu.br](mailto:gomes.lucena@academico.ifpb.edu.br)

Vera Lúcia Gonçalves Ayres Martins  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa - PB  
E-mail: [veraluciaam@yahoo.com.br](mailto:veraluciaam@yahoo.com.br)

Antonielson dos Santos  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa - PB  
E-mail: [antonielsonvet@gmail.com](mailto:antonielsonvet@gmail.com)

Gabriel Leandro Nogueira  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos - PB  
E-mail: [gabriel.leandro@estudante.ufcg.edu.br](mailto:gabriel.leandro@estudante.ufcg.edu.br)

Katarine de Souza Rocha  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa - PB  
E-mail: [katarinemv@gmail.com](mailto:katarinemv@gmail.com)

Patricy de Andrade Salles  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB - Campina Grande - PB  
E-mail: [patricysalles2018@gmail.com](mailto:patricysalles2018@gmail.com)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** O cavalo nordestino, altamente adaptado às condições do semiárido brasileiro, desempenha um papel fundamental no âmbito econômico, social e cultural dos criadores ainda existentes. Nesse contexto, o objetivo foi avaliar a integração, produção e conservação dos recursos genéticos dessa espécie na região mencionada.

**MATERIAL E MÉTODOS:** Para isso, foram entrevistados, via telefone e e-mail, 16 criadores, totalizando 529 animais, aplicando-se questionários para avaliar dados como localização das propriedades, manejo alimentar, sanitário e informações sobre sua participação nos setores cultural, social e econômico, distribuídos nos estados da Paraíba, Bahia, Pernambuco e Piauí. Os dados foram avaliados por meio de estatística descritiva e qualitativa.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O estado do Piauí apresentou 508 animais, correspondendo a 96,03% de todos os rebanhos pesquisados, com destaque para 450 cabeças (85%) pertencentes a um único criador, contribuindo assim para a conservação da raça, dada sua adaptação às condições ambientais locais devido à rusticidade e resistência intrínsecas. Em relação ao sistema de criação e aos manejos empregados, observou-se uma predominância de 70% para o regime extensivo, oferecendo total liberdade aos animais em campos de grandes pastagens, porém com algumas desvantagens, como mudanças climáticas e baixo teor nutricional dos alimentos fornecidos à vontade. Quanto ao controle parasitário, os criadores relataram tratamento contra ecto e endoparasitas, mesmo considerando a resistência da raça. No aspecto social, o cavalo nordestino é principalmente utilizado para o trabalho, com a Paraíba tendo 100% dos animais destinados a essa função, como o manejo e a lida do gado, seguida pelo Piauí (42%), Bahia (40%) e Pernambuco (33%). Em termos econômicos, nota-se sua contribuição na geração de empregos para vaqueiros nas fazendas e renda para artesãos, devido à demanda por gibões e outros apetrechos. Em termos culturais, estão fortemente associados à figura do vaqueiro, à lida do gado, às competições de pega de boi, à participação em exposições, festas tradicionais e cavalgadas no Semiárido Brasileiro. Esforços para a

preservação e conservação da raça estão sendo realizados pela Associação Brasileira de Criadores do Cavalo Nordestino (ABCCN), Associação Equestre de Preservação do Cavalo Nordestino (AEPCN) e o Instituto Nacional do Semiárido (INSA), levando ao resgate da raça na região. Durante a pesquisa, 100% dos criadores entrevistados expressaram interesse em conhecer os resultados das pesquisas sobre a criação da raça, o que é importante para a manutenção do recurso genético em questão.

**CONCLUSÃO:** Destaca-se a notoriedade da importância do cavalo nordestino para os criadores ainda existentes, sendo crucial estimular a retomada da expansão de seu potencial genético, pois é a única raça equina nativa do Nordeste Brasileiro e contribui social, cultural e economicamente para a região.

**PALAVRAS-CHAVE:** Equino. Preservação. Efetivo.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DO CAVALO NORDESTINO - ABCCN. Regulamento do Registro Genealógico do cavalo Nordestino. Recife - Pernambuco. 33p. 1987.

COSTA, H.E.; MANSO FILHO, H.; FERREIRA, L. Exterior e treinamento do cavalo. Recife: UFRPE - Imprensa Universitária, 169p. 2001.

COSTA, N.; VAL, L.J.; LEITE, G.U. Estudo da preservação do cavalo Nordestino. Recife: Departamento de Produção Animal, 36p. 1974.

DOMINGUES, O. A raça e demais grupos zootécnicos. In: \_\_\_\_ Introdução à Zootecnia. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Ministério da Agricultura: SAI, 378p. 1960.

DOMINGUES, O.; SANFORD, P.; MELO, J.M.; MAIA, A.L.; COELHO, A.A. Preservação e seleção das raças nativas do Nordeste. Seção de Fomento da Agrícola do Ceará. 24p. Fortaleza, 1957.

SALLES, P. A; Cavalo Nordestino: Um animal brasileiro em extinção. Redação Pensamento Verde. 2016. Disponível em: <[https://www.pensamentoverde.com.br/animais-emextincao/cavalo\\_nordestino-animal-brasileiro-extincao/](https://www.pensamentoverde.com.br/animais-emextincao/cavalo_nordestino-animal-brasileiro-extincao/)>. Acesso em 12 de Junho de 2024.

TRAVASSOS, A.E.V. Caracterização fenotípica do cavalo nordestino no estado de Pernambuco. 59f. Dissertação (Mestrado em Zootecnia) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. 2004

## O USO DO PRP ASSOCIADO A ENXERTOS CUTÂNEOS NO TRATAMENTO DE LESÕES

João Vittor de Azevedo Figueirêdo  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [joaofigueiredo@medvet.fiponline.edu.br](mailto:joaofigueiredo@medvet.fiponline.edu.br)

José Victor Sousa de Moraes  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [josemoraes@medvet.fiponline.edu.br](mailto:josemoraes@medvet.fiponline.edu.br)

Mayra Linhares Bezerra Ferreira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [mayraferreira@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mayraferreira@medvet.fiponline.edu.br)

Micaely Felix Lacerda  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [micaelylacerda@medvet.fiponline.edu.br](mailto:micaelylacerda@medvet.fiponline.edu.br)

Maria Deuzimara Vieira da Costa  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [mariacosta@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mariacosta@medvet.fiponline.edu.br)

Talicia Maria Alves Benício  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [taliciabenicio@fiponline.edu.br](mailto:taliciabenicio@fiponline.edu.br)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A frequência de ferimentos cutâneos em cavalos é notavelmente alta, comparada a outras espécies. A cicatrização dessas feridas é um processo complexo que envolve interação entre eventos celulares e moleculares, resultando em cicatrizes. No entanto, a cicatrização em cavalos é geralmente lenta e difícil. Estudos clínicos recentes sugerem que o uso de Plasma Rico em Plaquetas (PRP) associado a enxertos cutâneos pode reduzir significativamente o tempo de cicatrização e melhorar a qualidade da regeneração tecidual em equinos (Smith et al., 2020). Nesse contexto, o PRP, um concentrado de plaquetas obtido a partir do próprio sangue do paciente, tem ganhado destaque devido às suas propriedades regenerativas e de suporte à cicatrização. A combinação de PRP e enxertos cutâneos tem demonstrado promover uma cicatrização mais rápida e eficaz em lesões cutâneas equinas (Carmona et al., 2018). Este resumo analisará a eficácia e as aplicações dessa abordagem combinada no tratamento de lesões em equinos, destacando os principais achados e tendências na pesquisa atual.

**METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo, com busca nas bases de dados Scielo, Pubvet e Google Scholar, utilizando os seguintes descritores: Enxertos de pele em equinos e Plasma rico em plaquetas. Foram utilizados como critérios de inclusão artigos publicados entre 2017 a 2024, nos idiomas português e inglês.

**REVISÃO DE LITERATURA:** O PRP é uma fração do sangue do paciente que contém uma alta concentração de plaquetas e fatores de crescimento, que desempenham um papel crucial na regeneração tecidual. A aplicação desse plasma em conjunto com enxertos cutâneos tem sido associada a uma redução significativa na formação de tecido de granulação e a uma maior taxa de sucesso na cicatrização de feridas complexas em cavalos (García-López et al., 2021). O PRP combinado com enxertos cutâneos oferece uma abordagem terapêutica promissora para o tratamento de lesões em equinos, estimulando a angiogênese, a proliferação celular e a produção de matriz extracelular na área lesionada (Santos et al., 2017). Além disso, pode

reduzir a inflamação e a dor associadas à lesão, promovendo um ambiente mais propício para a regeneração tecidual.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O uso de PRP associado a enxertos cutâneos representa uma estratégia terapêutica promissora no tratamento de lesões em equinos. A combinação dessas duas técnicas oferece benefícios significativos, incluindo uma melhoria na regeneração tecidual, redução do tempo de cicatrização e minimização de complicações pós-operatórias. A crescente evidência científica e os relatos clínicos indicam que essa abordagem combinada pode ser eficaz em uma variedade de lesões cutâneas equinas, oferecendo uma alternativa valiosa aos métodos convencionais de tratamento. No entanto, são necessários mais estudos clínicos controlados e randomizados para validar esses resultados e determinar os protocolos ideais de aplicação do PRP em conjunto com enxertos cutâneos. Com uma compreensão mais aprofundada de sua eficácia e mecanismos de ação, essa terapia combinada tem o potencial de se tornar uma ferramenta fundamental no arsenal terapêutico veterinário, melhorando a qualidade de vida e o bem-estar dos equinos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Plasma Rico em Plaquetas. Enxertos Cutâneos. Lesões Equinas.

## REFERÊNCIAS

Carmona, J. U., López, C., Fernández, P., Rubio, M., Gómez, S., & Granados, M. M., et al. (2018). Use of platelet-rich plasma to treat cutaneous lesions in the horse.

**Revista Colombiana de Ciencias Pecuarias**, 31(3), 159-167.

García-López, J. M., Johnson, C. R., Jones, J. C., Roberts, D. W., & Swanson, J. G. (2021). Effect of platelet-rich plasma on wound contraction and closure in horses.

**Veterinary Surgery**, 50(4), 826-833.

Santos, A., López, C., & Carmona, J. U. (2017). Treatment of cutaneous wounds in horses with platelet-rich plasma. **Veterinary Record**, 180(17), 420.

Smith, J. M., Johnson, A. B., & Thompson, D. L. (2020). Effect of platelet-rich plasma on healing of equine cutaneous wounds treated with split-thickness skin grafts: a controlled experimental study. **Veterinary Surgery**, 49(2), 373-382.

## O USO DA TERAPIA COM CÉLULAS-TRONCO MESENQUIMAIS NA RECUPERAÇÃO DE LESÕES TENDÍNEAS EM CAVALOS

José Victor Sousa de Moraes

Discente do Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [josemoraes@medvet.fiponline.edu.br](mailto:josemoraes@medvet.fiponline.edu.br)

João Everton Martins de Oliveira

Discente do Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [joaooliveira1@medvet.fiponline.edu.br](mailto:joaooliveira1@medvet.fiponline.edu.br)

Maria Helena de Lucena Dantas Araújo

Discente do Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

E-mail: [mariahelenadantasvet@gmail.com](mailto:mariahelenadantasvet@gmail.com)

Mariano Lucena Linhares

Discente do Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

[marianolinhaires@medvet.fiponline.edu.br](mailto:marianolinhaires@medvet.fiponline.edu.br)

Mayra Linhares Bezerra Ferreira

Discente do Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

[mayraferreira@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mayraferreira@medvet.fiponline.edu.br)

Rodrigo Palmeira Barbosa

Docente do Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

[rodrigopalmeira@fiponline.edu.br](mailto:rodrigopalmeira@fiponline.edu.br)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A terapia com células-tronco emergiu como uma abordagem promissora na recuperação de lesões tendíneas em equinos, oferecendo uma alternativa terapêutica eficaz e inovadora. As lesões tendíneas representam uma preocupação significativa na saúde e no desempenho dos cavalos, frequentemente resultando em perda de função e dor persistente. Este resumo expandido tem como objetivo evidenciar a capacidade regenerativa das células-tronco mesenquimais, sendo assim agentes terapêuticos atraentes, permitindo a reparação do tecido danificado de forma mais eficaz do que as abordagens convencionais, levando a recuperação do paciente.

**METODOLOGIA:** A revisão bibliográfica foi conduzida utilizando os bancos de dados do Google Acadêmico, Scielo e Pubmed. Foram selecionados três artigos acadêmicos publicados entre 2020 e 2024, seguindo critérios de inclusão que abrangiam a relação com o tema, artigos publicados em português ou inglês e de acesso livre. Artigos que não contribuíram diretamente para o tema foram excluídos.

**REVISÃO DE LITERATURA:** As células-tronco mesenquimais são amplamente utilizadas na medicina regenerativa devido à sua capacidade de se autorrenovar, facilidade de isolamento e expansão *in vitro* e diferenciar em tecidos especializados. Sua origem pode ser a partir da medula óssea, tecido adiposo e outras fontes. Estudos demonstram que as CTMs têm potencial terapêutico na regeneração de lesões tendíneas, promovendo a cicatrização e reduzindo a inflamação. A coleta pode ser realizada a partir da medula óssea ou tecido adiposo do próprio paciente (autóloga) ou de animais doadores (alógena). Os fragmentos ou aspirados são enviados para cultivo celular, onde passam pelo processo de fração mononuclear e são cultivados por algumas semanas antes da aplicação. As CTMs são então administradas de forma intratecal, na região da lesão tendínea, para promover a regeneração local. Estudos clínicos em equinos demonstraram que o tratamento com

CTMs resulta em melhora significativa na cicatrização de lesões tendíneas, com redução da dor e melhora na função locomotora, também possuem propriedades imunomoduladoras, que ajudam a modular a resposta inflamatória e promover a regeneração do tecido lesionado, e não possuem efeitos adversos, pois demonstram ligeira efetividade com altos índices de sucesso nas primeiras doses. A associação com o plasma rico em plaquetas otimiza os resultados terapêuticos, aumentando a taxa de sucesso. Foi visto, inclusive, que a ultrassonografia é uma ferramenta de extrema importância para diagnosticar a lesão, pois ajuda a acompanhar o processo de cicatrização do tendão.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** As lesões tendíneas, como a tendinite, são enfermidades comuns entre os equinos, sendo considerada de grande importância, visto a perda econômica e o animal sentir muita dor. A terapia com células-tronco mesenquimais mostra-se uma abordagem promissora na recuperação de lesões tendíneas em equinos. Apesar dos desafios relacionados à padronização dos protocolos de tratamento, elas representam uma opção terapêutica viável para melhorar o bem-estar e o desempenho dos cavalos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cavalos. Células-tronco. Mesenquimais. Lesões tendíneas.

#### REFERÊNCIAS:

SOUZA, T. S. R.; BARBOSA, J. P. B. CUIDADO E TRATAMENTO DE EQUINOS ATLETAS: REVISÃO DE LITERATURA SOBRE TENDINITE: CARE AND TREATMENT OF EQUINE ATHLETES: LITERATURE REVIEW ON TENDINITIS. **Academic Journal of Studies in Society, Sciences and Technologies–Geplat Papers**, v. 4, n. Special Issue, 2023.

NEVES, J. M. **Tendinite em Equinos**. 2022. 23p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Universidade Norte do Paraná, Londrina, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/handle/123456789/61368>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SOUZA, L. A. O. **Uso de células tronco mesenquimais como terapia regenerativa na osteoartrite em equinos: uma revisão sistemática qualitativa**. 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/13792>. Acesso em: 15 abr. 2024.

## ODONTOLOGIA EQUINA: SUA RELEVÂNCIA PARA A SAÚDE DOS CAVALOS

João Paulo Monteiro de Souza  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [joaosouza1@fiponline.edu.br](mailto:joaosouza1@fiponline.edu.br)

Maria Aparecida Gomes Leandro  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [marialeandro@fiponline.edu.br](mailto:marialeandro@fiponline.edu.br)

Amanda Luisa Teixeira Leite  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [amandaleite@fiponline.edu.br](mailto:amandaleite@fiponline.edu.br)

Hugo Samuel Gomes Linhares  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [hugolinhaires@fiponline.edu.br](mailto:hugolinhaires@fiponline.edu.br)

Jefferson de Souza Fernandes  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [jeffersonfernandes@fiponline.edu.br](mailto:jeffersonfernandes@fiponline.edu.br)

Sóstenes Arthur  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [sostenesarthur@fiponline.edu.br](mailto:sostenesarthur@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A odontologia equina é considerada imprescindível quando se trata da saúde dos equinos, está diretamente relacionada com a condição corporal e a performance desportiva do animal (Dixon, 2015). Os equinos, desde o seu nascimento até em sua vida adulta, apresentam alterações no desenvolvimento dentário em resposta a mudança dos seus hábitos alimentares, como alimentos menos volumoso e mais abrasivos, que pode causar má formações dentárias, levando a sérios problemas odontológicos (Di fillipo *et al.*, 2018). Os animais com comprometimento dentário apresentam dificuldades na apreensão, mastigação e deglutição dos alimentos, emagrecimento, comprometimento do ciclo reprodutivo e queda na performance em competições esportivas (Allen, 2013). Alterações dentárias podem ocorrer desde o nascimento e deve ser devidamente avaliada, como: falhas na oclusão, presença de dentes supranumerários, tumores ou fenda palatina, que podem prejudicar na amamentação e levar até a morte do potro (Baker, 2012).

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através da pesquisa de artigos científicos no Google Acadêmico utilizando o tema "ODONTOLOGIA EQUINA".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Di fillipo *et al.* (2018) e Meirelles *et al.* (2016) observaram que a prestação de cuidados odontológicos é considerada essencial para a saúde dos equinos, influenciando tanto a condição corporal como a performance desportiva do animal, e deles faz parte a execução de exames periódicos de rotina da cavidade oral, de modo a corrigir possíveis alterações que resultaram da domesticação e estabulação dos cavalos. Para melhor perceber essas alterações dentárias é necessário ter em conta a anatomia dos dentes, assim como os constituintes dos mesmos (Dixon, 2015). O domínio da odontologia é importante, sobretudo, quando se pretende estimar a idade

de um cavalo recorrendo a sua dentição, e compreender a mecânica de mastigação, que sofreu inúmeras alterações ao longo dos séculos consoante a variação do tipo de alimento ingerido, tendo como principal consequência o possível aparecimento de patologias dentárias (Allen, 2013). Como medida terapêutica, um bom tratamento odontológico periódico e uma boa avaliação dos elementos dentários e da cavidade oral dos equinos, desde uma boa profilaxia e até exodontia do elemento dentário cometido por alguma patologia, são essenciais para promover uma boa saúde bucal e garantir o bem-estar do animal (Di Filippo *et al.*, 2018). Além de um acompanhamento com o um bom manejo alimentar que garanta uma excelente mastigação, deglutição e absorção dos alimentos, associado ao precoce diagnóstico e ao tratamento correto no início da doença, permite uma excelente recuperação e um prognóstico favorável ao animal (Baker, 2012).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A prevenção, identificação e posterior resolução de todas estas alterações odontológicas é essencial com o uso dos principais métodos de inspeção da cavidade oral, assim como os instrumentais e metodologias terapêuticas utilizados na resolução dos problemas dentários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Odontologia equina. Alterações dentárias. Tratamento odontológico. Saúde.

#### **REFERÊNCIAS:**

ALLEN, T. (EDS.) (2003). **Manual of Equine Dentistry**. (pp. 25-55). USA: Mosby, Inc.

BAKER, G. J. **Anomalias del desgaste y enfermedad periodontal**. Odontologia equina. Buenos Aires: Intermédica, p. 79-98, 2012.

DI FILIPPO P. A., VIEIRA V., RONDON D. A., QUIRINO C. R. **Effect of Dental Correction on Fecal Fiber Length in Horses**. Journal of Equine Veterinary Science v.64 p. 77-80. 2018. <https://doi.org/10.1016/j.jevs.2018.02.016>. Acessado em: 12 de Novembro de 2023. Disponível em: [http://www.j-evs.com/article/S0737-0806\(18\)30034-0/fulltext](http://www.j-evs.com/article/S0737-0806(18)30034-0/fulltext)

DIXON, P.M.; DACRE, I. **Uma revisão dos distúrbios dentais em equinos**. The Veterinary Journal, v. 169, n. 2, pág. 165-187, 2015.

MEIRELLES J. R. S, CASTRO M. L., GUEDES R. L., DECONTO I., RIBEIRO M. G., Dornbuschp. T. **Prevalência de afecções da cavidade oral de cavalos de tração da região metropolitana de Curitiba – Paraná**. Archives of Veterinary Science v.21, n.4, p.101-106. 2016. <http://dx.doi.org/10.5380/avs.v21i4.47226>. Acessado em: 28 de Setembro de 2023. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/veterinary/article/view/47226>.

## OSTEODISTROFIA FIBROSA EM EQUINOS NO BRASIL

Francisco Carlos da Silva Segundo  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [franciscosegundo@medvet.fiponline.edu.br](mailto:franciscosegundo@medvet.fiponline.edu.br)

José Laurindo Ventura Ferreira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [joseferreira1@medvet.fiponline.edu.br](mailto:joseferreira1@medvet.fiponline.edu.br)

Vitória Gregório de Assis Lima  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [vitorialima@medvet.fiponline.edu.br](mailto:vitorialima@medvet.fiponline.edu.br)

Flaviane Neri Lima de Oliveira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [flavianeoliveira@fiponline.edu.br](mailto:flavianeoliveira@fiponline.edu.br)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A osteodistrofia fibrosa, é um exemplo de patologia que acomete os equinos, quando há um desequilíbrio entre os minerais cálcio (Ca) e fósforo (P), seja por deficiência de Ca ou excesso de P na dieta (PRIANO, 2010). O principal sinal clínico em equinos é o aumento dos ossos da face, geralmente bilateral e simétrico, atribuído à tumefação e ao amolecimento dos ossos. Esses ossos apresentam-se salientes, proporcionando o aspecto característico da "cara inchada", devido à perda de mineral e cálcio, deixando-os "moles", esponjosos e deformados". (THOMASSIAN, 2005).

**METODOLOGIA:** Para produção dessa revisão utilizou-se dados de revisões de literatura e de pesquisas disponíveis no Google Acadêmico e Scielo com os descritores "osteodistrofia fibrosa em equinos".

**REVISÃO DE LITERATURA:** Em um estudo realizado, relata-se a ocorrência da osteodistrofia em 38 equinos criados em pastagem de Panicum maximum cultivar Aruana, da raça Mangalarga Marchador. Os equinos são adaptados para digerir e utilizar dietas com altos níveis de fibra vegetal, portanto utiliza as pastagens como principal fonte de alimentação. Porém, existem compostos nas pastagens que indisponibilizam certos nutrientes (Pagan, 1998). O oxalato é uma substância presente em algumas forragens que, ao ser absorvido pelo organismo, se une ao Ca formando oxalato de cálcio, impedindo a metabolização desse mineral pelo organismo (Puoli Filho et al., 1999; Miyazaki et al., 2003; Méndez e Riet-Correa, 2007). Em consequência da baixa absorção de Ca ocorre o aumento da reabsorção ossea e consequentemente a substituição do tecido ósseo por tecido fibroso. O desequilíbrio de Ca:P pode ser de causa primária ou secundária, para Meldau (2010) a deficiência primária pode ser por causa de uma deficiente ingestão de Ca, devido a uma baixa oferta, resultando na redução do aproveitamento deste mineral pelo organismo do animal, diminuindo a relação Cálcio-Fósforo da corrente sanguínea, havendo uma mobilização do Ca presente nos ossos. Secundariamente, a "cara inchada" pode ocorrer devido a uma deficiência de vitamina D, pois ela é necessária para a absorção do Ca pelo organismo. Esta deficiência é muito comum em animais estabulados, devido à baixa irradiação solar UV na pele. Em fêmeas, é frequente ocorrer alterações no equilíbrio Ca:P, principalmente no terço final da gestação e início da lactação (MELDAU, 2010). Destaca-se que a osteodistrofia pode ser causada por um fator nutricional, como a ingestão de pastagens que contém oxalato, como relatado por Curcio et al. (2016), e quando há uma baixa oferta do Ca na alimentação dos equinos, e de vitamina D, ambos contribuem para a ocorrência da Osteodistrofia fibrosa.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A osteodistrofia fibrosa é uma doença que pode ser facilmente evitada se forem seguidas boas práticas de manejo nutricional dos

animais, e observando a alimentação dos animais contribui muito para manter o equilíbrio Ca:P. Dessa forma, (Meldal 2010) diz que para a prevenção da doença nos equinos criados soltos em pastagens de forma natural é crucial fornecer uma dieta balanceada que contenha todos os nutrientes necessários.

**PALAVRAS-CHAVES:** Equinos, Hiperparatireoidismo, Osteodistrofia.

**REFERÊNCIAS:**

COOREIRA, A.; CARVALHO V. **Osteodistrofia Fibrosa em Equinos.** Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Faculdade Unileão. Juazeiro do Norte, CE. 2023.

CURCIO, B. R.; LINS, L. A.; BOFF, A., L., N.; RIBAS, I. N.; NOGUEIRA, C. E. W. Osteodistrofia Fibrosa em Equinos Criados em Pastagens de *Panicum maximum* Cultivar Aruana: Relato de Caso. **SciELO**. 2016.

PEREIRA, R. D.; ALVES, C.; FURIAN, D. **Hiperparatireoidismo Nutricional Secundário.** Sexto Seminário de Pesquisa e Extensão da Universidade de Desenvolvimento Regional Unicruz. Cruz Alta, RS. 2011.



## OZONOTERAPIA INTRA-ARTICULAR EM CAVALOS COM OSTEOARTRITE

Kevelyn Araújo da Silva  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [kevelynsilva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:kevelynsilva@medvet.fiponline.edu.br)

Mateus Galdino da Costa  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [mateuscosta@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mateuscosta@medvet.fiponline.edu.br)

Gabriele Mendes Xavier  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [gabrielexavier@medvet.fiponline.edu.br](mailto:gabrielexavier@medvet.fiponline.edu.br)

Pedro Henrique Medeiros Xavier  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [pedroxavier@medvet.fiponline.edu.br](mailto:pedroxavier@medvet.fiponline.edu.br)

Rodrigo Palmeira Barbosa  
Docente do Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [rodrigopalmeira@fiponline.edu.br](mailto:rodrigopalmeira@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A osteoartrite é uma patologia das articulações que pode se apresentar de formas variadas, desde a destruição da cartilagem articular, que pode apresentar fibrilações e fissuras, até uma esclerose do osso subcondral e formação de osteófitos marginais, também podem apresentar lesões na cartilagem sem envolvimento ósseo. (McIlwraith CW, 2001). A osteoartrite é uma das principais causas de claudicação em equinos, especialmente aqueles utilizados em competições, havendo uma grande variabilidade sintomatológica associada ao grau de comprometimento. Visto que os objetivos do tratamento da osteoartrite é a diminuição da dor, o melhoramento da mobilidade articular e a redução do processo inflamatório, a ozonoterapia intra-articular é uma das mais recentes alternativas a ser considerada como viável para o tratamento desta patologia, havendo já muitos estudos que comprovam a eficácia do ozônio intra-articular, sobretudo realizados na medicina humana (J. Joaquim, 2017).

#### METODOLOGIA:

A revisão bibliográfica foi conduzida utilizando os bancos de dados do Google Acadêmico. Foi selecionado um artigo acadêmico publicado em 2018, que abrangiam a relação com o tema "OZONOTERAPIA INTRA-ARTICULAR EM BOLETOS DE CAVALOS COM OSTEOARTRITE", e artigos publicados em português.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

A osteoartrite é uma patologia que pode causar claudicação em equinos, contendo uma grande variedade sintomatológica associada a etiologia, patogenia, localização e grau de lesão, esta patologia acomete especialmente cavalos atletas, causando limitação na execução de práticas esportivas pela presença de dor decorrente do processo inflamatório, para tal existem alguns fatores determinantes que predispõem a ocorrência desta afecção como, sexo, idade, peso, raça, trauma direto e estresse mecânico repetitivo, excesso de carboidratos e energia na dieta, com consequente ocorrência de hiperglicemia e aumento do peso, que causa uma predisposição para a ocorrência de doenças ortopédicas. (Douglas J, 2011). Visto que o ozônio possui

propriedades terapêuticas como, melhorar o sistema imunológico, aumentar o metabolismo do oxigênio, influenciar a síntese e a libertação de autacóides, e age também como um modulador de estresse oxidativo biológico e germicida potente. O ozônio é um excelente terapêutico que pode ser aplicado de forma local ou parenteral, isolado ou em combinação com o objetivo de exercer um efeito sinérgico. A ozonoterapia intra-articular é uma das mais recentes alternativas a ser considerada como viável para o tratamento desta patologia, com a sua atividade anti-inflamatória e analgésica, essencial para o alívio dos sintomas e para atenuar a inflamação associada a esta patologia. A escassez de efeitos secundários associados à ozonoterapia nas doses e concentrações corretas e indicadas é um dos fatores que torna esta alternativa extremamente útil (Bocci V, 2005).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Na medicina veterinária o uso de ozonoterapia vem sendo cada vez mais utilizado e com resultados bastante satisfatórios. O uso do ozônio poderá vir a ser útil para reduzir doses de outros fármacos e conseqüentemente, reduzir os seus efeitos secundários, e para melhores respostas cada protocolo deve ser adaptado com o caso do animal, levando em consideração a decisão das doses e a sua variação, a durabilidade do protocolo terapêutico, a frequência das administrações, entre outras variantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Osteoartrite. Ozonoterapia. Tratamento.

#### **REFERÊNCIAS:**

MENDES, João Filipe da Silva. **Ozonoterapia intra-articular em boletos de cavalos com osteoartrite: quais os seus efeitos melhoradores da patologia?** 2018. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina Veterinária.

SHIOSI, Reinaldo Kazuiti. **Ozonoterapia: um tratamento clínico em ascensão na medicina veterinária.** Revisão de literatura. 2018.

SERRÃO, Mariana Rafael Pedro. **Patologia e clínica de equinos.** 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.

## PIROPLASMOSE EQUINA: REVISÃO DE LITERATURA

Ryandro Martins de Sousa

Discente do Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - Paraíba - Brasil

Email: [ryandro.martins@academico.ifpb.edu.br](mailto:ryandro.martins@academico.ifpb.edu.br)

Pedro Germano Oliveira

Discente do Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - Paraíba - Brasil

Email: [pedro.germano@academico.ifpb.edu.br](mailto:pedro.germano@academico.ifpb.edu.br)

Basílio Felizardo de Lima Neto

Discente do Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - Paraíba - Brasil

Email: [basilio.felizardo@academico.ifpb.edu.br](mailto:basilio.felizardo@academico.ifpb.edu.br)

Iasmim Vieira Alves

Discente do Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - PB - Brasil

Email: [iasmim.vieria@academico.ifpb.edu.br](mailto:iasmim.vieria@academico.ifpb.edu.br)

Milla Cordeiro de Souza Cunha

Discente do Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - Paraíba - Brasil

Email: [milla.cordeiro@academico.ifpb.edu.br](mailto:milla.cordeiro@academico.ifpb.edu.br)

Fernanda Pereira da Silva Barbosa

Docente do Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - Paraíba - Brasil

Email: [fernanda.barbosa@ifpb.edu.br](mailto:fernanda.barbosa@ifpb.edu.br)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A piroplasmose equina (PE) é uma doença de grande relevância no cenário internacional, trazendo prejuízos para a saúde de equinos em diversos países do mundo, sendo transmitida através da picada de carrapatos tendo como principais agentes etiológicos envolvidos são dois hemoprotozoários: *Theileria equi* e *Babesia caballi* (Scoles & Ueti, 2015). A PE possui um impacto veterinário e econômico considerável na indústria equina em todo o mundo, sendo necessário o conhecimento sobre a mesma, a fim de combatê-la (Zhao et al., 2020).

**METODOLOGIA:** Foram feitas pesquisas de textos científicos nas plataformas PubMed e Google Acadêmico, utilizando palavras-chave sobre o tema. Não houve distinção quanto ao ano de publicação e idioma.

**REVISÃO DE LITERATURA:** A piroplasmose equina (PE) é uma enfermidade transmitida pela picada de carrapatos em equinos, sendo causada pelos hemoparasitos eucarióticos *Theileria equi* e *Babesia caballi* (Qablan et al., 2013). Esses parasitos pertencem ao filo Apicomplexa e à ordem Piroplasmida. Os ciclos de vida de *T. equi* e *B. caballi* possuem estágios replicativos sexuais (gametogonia) e assexuais (esporogonia) que acontecem no vetor e estágios replicativos assexuais (merogonia) em eritrócitos do hospedeiro equino (Tirosh-Levy et al., 2020). Costa e Mello (1963) descreveram o primeiro caso de babesiose diagnosticada clínica e microscópicamente em um equino no Estado do Rio de Janeiro. Na Paraíba, 61,6% (85/119) foram soropositivos na RIFI e 49,6% (59/119) foram positivas na PCR para *T. Equi*, evidenciando uma alta prevalência do agente etiológico da piroplasmose (Ribeiro, 2015). De acordo com Wise et al., (2013), a doença pode ter manifestação aguda ou crônica, desenvolvendo sinais clínicos inespecíficos, como febre, letargia, anorexia, perda de peso, edema periférico, anemia hemolítica que levam as mucosas ictéricas ou pálidas, taquicardia, taquipneia e fraqueza, que podem resultar em óbito. Em infecções crônicas os animais infectados podem se tornar reservatórios e em casos de éguas prenhez, ocorrer aborto ou infecção transplacentária (Sant et al., 2016). Para o tratamento, pode ser utilizado

dipropionato de imidocard, com a dosagem no caso de *B. caballi* de 2 mg/kg em duas doses com intervalo de 24 horas e 4 mg/kg em quatro doses com intervalo de 72 horas para *T. equi*, mas além desses fármacos, outros produtos têm mostrado eficiência no tratamento, como amicarbalida, aceturato de diminazina e oxitetraciclina (Onyche et al., 2019). A profilaxia da doença é feita através de cuidados com transfusão sanguínea e controle da população de vetores (Joachim, Cavalleri & Berger, 2022).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A piroplasmose equina é uma doença que causa manifestações clínicas diversas nos equinos que afetam no desempenho reprodutivo, esportivo, sanitário e produtivo. Por isso, estudos acerca dessa enfermidade são necessários para conhecer suas características e sinais clínicos, além de estabelecer um tratamento e controle eficiente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hemoparasitoses. Sanidade. Prevenção.

#### REFERÊNCIAS:

COSTA, R. P.; MELLO, R. P. Nota prévia sobre a ocorrência de "Babesia cabali/i" (Nuttall, 1910) em "Equus caballus" (L.) no Brasil. **Veterinária**, v. 16-18, n. 74-76, p. 2-4, 1963.

JOACHIM, A.; CAVALLERI, J. V.; BERGER, S. Equine Anaplasmosis und equine Piroplasmose in Deutschland, Österreich und der Schweiz – früher anekdotisch, heute relevant? [Equine anaplasmosis and equine piroplasmosis in Germany, Austria and Switzerland - previously anecdotal, now relevant?]. **Schweiz Arch Tierheilkd**, v. 164, n. 1, p. 35-50, 2022.

ONYICHE, T. E.; SUGANUMA, K.; IGARASHI, I.; YOKOYAMA, N.; XUAN, X.; THEKISOE, O. A Review on Equine Piroplasmosis: Epidemiology, Vector Ecology, Risk Factors, Host Immunity, Diagnosis and Control. **Int J Environ Res Public Health**, v. 16, n. 10, p. 1736, 2019.

QABLAN M.A.; OBORNIK M.; PETRŽELKOVÁ K.J.; SLOBODA M.; SHUDIEFAT M.; HOŘÍN P.; MODRÝ D. Infections by *Babesia caballi* and *Theileria equi* in Jordanian equids: Epidemiology and genetic diversity. **Parasitology**, v. 140, n. 9, p.1096–1103, 2013.

RIBEIRO, L. P. S. **DETECÇÃO SOROLÓGICA E MOLECULAR *Theileria equi* EM EQUINOS DO ESTADO DA PARAÍBA**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) - Centro de Ciências Agrárias - Universidade Federal da Paraíba, 2015.

SANT, C.; D'ABADIE, R.; PARGASS, I.; BASU, A. K.; ASGARALI, Z.; CHARLES, R. A.; GEORGES, K. C. Prospective study investigating transplacental transmission of equine piroplasmosis in thoroughbred foals in Trinidad. **Vet Parasitol**, v. 226, n. 7, p. 132-137, 2016.

Scoles, G. A.; Ueti, M. W. Vector ecology of equine piroplasmosis. **Annu Rev Entomol**, v. 7, n. 60, p. 561-80, 2015.

TIROSH-LEVY, S.; GOTTLIEB, Y.; FRY, L. M.; KNOWLES, D. P.; STEINMAN, A. Twenty Years of Equine Piroplasmosis Research: Global Distribution, Molecular Diagnosis, and Phylogeny. **Pathogens**, v. 9, n. 11, p.926, 2020.

WISE, L. N.; KAPPMAYER, L. S.; MEALEY, R. H.; KNOWLES, D. P. Review of equine piroplasmosis. **J Vet Intern Med**, v. 27, n. 6, p.1334-46, 2013.

Zhao, S.; Wang, H.; Zhang, S.; Xie, S.; Li, H.; Zhang, X.; Jia, L. First report of genetic diversity and risk factor analysis of equine piroplasm infection in equids in Jilin, China. **Parasit Vectors**, v. 13, n. 1, p. 459, 2020.

## PITIOSE EM EQUINOS FORMA DE TRANSMISSÃO E ASPECTOS

Mateus Galdino da Costa

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [mateuscosta@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mateuscosta@medvet.fiponline.edu.br)

Gabriele Mendes Xavier

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [gabrielexavier@medvet.fiponline.edu.br](mailto:gabrielexavier@medvet.fiponline.edu.br)

Pedro Henrique Medeiros Xavier

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [pedroxavier@medvet.fiponline.edu.br](mailto:pedroxavier@medvet.fiponline.edu.br)

Kevelyn Araújo da Silva

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [kevelynsilva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:kevelynsilva@medvet.fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A pitiose é uma doença piogranulomatosa, causada pelo oomycete *pythium insidiosum*. É de ocorrência mundial, sendo mais frequente em regiões de clima temperado, tropical e subtropical. A maioria dos casos de pitiose são observados durante ou após a estação chuvosa, e acredita-se que existe um período de incubação de várias semanas antes da manifestação clínica da doença (SANTURIO et al, 2001). A espécie equina é mais atingida pela doença, havendo vários relatos da doença no Brasil. Geralmente as lesões causadas pelo *P. insidiosum* estão localizadas nas regiões do corpo onde o animal tem contado com a água, como a extremidade dos membros, região ventral do abdômen e peito, face, narinas e cavidade oral. Os principais achados clínicos são: prurido, edema, dor, apatia, inapetência, emagrecimento progressivo, hipoproteinemia e piodermites secundárias (MEIRELES et al., 1993; CHAFFIN, SCHUMACHER e McMULLAN, 1995; LEAL et al., 2001). Seu diagnóstico pode ser realizado pelo aspecto clínico, histopatológico, cultura e isolamento do *P. insidiosum*, imunohistoquímica, ELISA e por meio métodos moleculares. Os métodos terapêuticos mais utilizados para o tratamento da pitiose são: cirurgia, químico, imunoterapia e a combinação destes.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica, realizado através da pesquisa de artigos científicos no Google Acadêmico utilizando o tema "PITIOSE EM EQUINOS".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

O gênero *Pythium* possui mais de 120 espécies conhecidas, sendo a maioria de importância fitopatogênica e causando grandes perdas econômicas na agricultura (ALEXOUPoulos, 1996). Dentre as espécies, apenas *Pythium insidiosum* é patógeno para mamíferos. É um microrganismo que requer ambiente aquático para desenvolver seu ciclo biológico que se inicia pela colonização de plantas aquáticas, que servem de substrato para o desenvolvimento e reprodução do micélio formando os zoosporângios. Os zoósporos liberados ficam livres na água movimentando-se até encontrar outra planta, dando origem a um novo micélio onde completam seu ciclo. A pitiose ocorre quando os zoósporos são atraídos por quimiotaxia para tecidos danificados, onde se fixam e emitem tubos germinativos (MILLER, 1983). A porta de entrada estabelece uma solução de continuidade, onde o microrganismo penetra e coloniza o tecido do animal, formando um piogranulomaeosinofílico, onde o mesmo fica envolto por uma massa necrótica amorfa chamada "kunker" (PEREIRA e MEIRELES 2007). Os kunkers são massas irregulares, firmes, necróticas, amarelas e granulares com aspecto arenoso (MENDOZA e ALFARO, 1986; LEAL et al., 2001). O prurido intenso e a dor, levam o animal a auto-mutilação, na tentativa de aliviar o

desconforto. A claudicação é frequente nos animais com lesões nos membros (MENDOZA e ALFARO, 1986; LEAL et al., 2001). O diagnóstico diferencial para pitiose inclui: habronemose, sarcóide, tecido de granulação exuberante e granulomas fúngicos e bacterianos (CHAFFIN; SCHUMACHER e HOOPER, 1992).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A pitiose tem sua prevalência em regiões com muitos reservatórios hídricos ou logo após períodos chuvosos, a contaminação geralmente ocorre quando o animal entra na água e há uma porta de entrada no animal, tais como feridas e arranhões. Ela é uma doença granulomatosa que se não tratada a tempo pode provocar a morte dos animais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Equino. Pitiose. Aspectos.

#### **REFERÊNCIAS:**

BROMERSCHENKEL, Ingrid; FIGUEIRÓ, Giuliano Moraes. Pitiose em equinos. **PubVet**, v. 8, p. 2675-2805, 2014.

BECEGATTO, Daniela Bortoli et al. Pitiose equina: revisão de literatura. **Arquivo Ciência Veterinária Zoologia. UNIPAR**, v. 20, n. 2, p. 87-92, 2017.

SILVA, Taiara Müller da et al. **Caracterização das lesões vasculares na pitiose em cães e eqüídeos**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.



## PITIOSE EM EQUINOS NO BRASIL

Pedro De Lima Ferreira Júnior  
Discente - Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [pedrojunior1@medvet.fiponline.edu.br](mailto:pedrojunior1@medvet.fiponline.edu.br)

Wandher Kleber Fernandes Macedo  
Discente - Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [wandhermacedo@medvet.fiponline.edu.br](mailto:wandhermacedo@medvet.fiponline.edu.br)

Francivaldo Silva de Araújo Filho  
Discente - Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [Francivaldofilho@medvet.fiponline.edu.br](mailto:Francivaldofilho@medvet.fiponline.edu.br)

Flaviane Neri Lima De Oliveira  
Docente - Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [flavianeoliveira@fiponline.com](mailto:flavianeoliveira@fiponline.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A doença granulomatosa crônica que pode atingir os equinos, denominada pitiose é caracterizada na espécie por nódulos ou massas com ulcerações e secreção serossanguinolenta, com superfície de corte apresentando tratos fistulosos contendo *kunkers* (MENDOZA & ALFARO, 1986; MEIRELES *et al.*, 1993), principalmente nas extremidades distais dos membros, e na parede toracoabdominal ventral. Essas regiões, são mais propícias ao contato com a água, durante a ingestão de água ou alimentos em ambientes aquáticos. Nestas áreas alagadas, o agente consegue se proliferar, e quando em contato com a pele destes animais, causar infecção e lesões cutâneas. Menos comumente, também pode ser encontrada em equinos o acometimento intestinal causada pelo *Pithium insidiosum* (MENDOZA *et al.*, 1996).

#### METODOLOGIA:

Foi realizado um estudo exploratório descritivo por meio de uma revisão bibliográfica da literatura, acerca da ocorrência de casos em equinos sobre consequências da pitiose desses animais acometidos pelo Oomiceto *Pythium insidiosum*. Para isso, foi utilizado a base de dados científico SciELO, e as estratégias de busca foram (pythiosis) AND (equine) AND (brazil).

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Foram encontrados apenas dois trabalhos publicados na plataforma referentes ao tema. Em um estudo sobre o histórico da pitiose no território nacional brasileiro, onde se tinha equinos de variadas raças, de ambos os sexos, com idades entre 3 e 11 anos, com evolução das lesões de pelo menos 35 dias. Esses animais apresentavam sinais clínicos como emagrecimento excessivo, e ulcerações na pele. Usando a taxonomia e epidemiologia onde se obtém dados ao qual mostra um fato importante descrevendo a capacidade da infecção pelo agente etiológico *P. insidiosum*, que se tem como destaque sempre o período mais chuvoso, assim como os períodos pós chuvas. Os ambientes nacionais com maior proporção de reservatórios de água, apresentam o maior número de casos de pitiose equina do Brasil, tendo em vista que o agente etiológico desenvolve os zoósporos em meio ambiente aquático até o momento da incubação. A imunoterapia que vem tendo bastante sucesso na questão de tratamento por se tratar de um tratamento biológico que tem o objetivo de potencializar o sistema imunológico, vem deixando sempre notório o aumento dos anticorpos anti-Pythium nos equinos doentes, acreditando assim que o aumento de anticorpos ajuda na cura.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Apesar de ser uma doença conhecida na equideocultura, ainda há poucos relatos acerca da condição de tratamento e prevenção da mesma, especialmente na região Nordeste. Dessa forma, espera-se, estimular futuros estudos que investiguem os

aspectos epidemiológicos, clínicos e anatomopatológicos da pitiose equina.

**PALAVRAS CHAVES:** Doença de equinos; doença crônica; *Pythium insidiosum*.

**REFERÊNCIAS:**

TRINDADE, Alexandre; BARDEMAKER, Adriana; FURTADO, Eduardo; MORAIS, Janio.

**Pythiosis.** Scielo, 2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cr/a/kst634Wk8RMMh3gPsZCyVHs/>. Acesso em: 24 abril 2024.



## PITIOSE EQUINA NO VALE DO RIO DO PEIXE-PB: RELATO DE CASO

José Felipe Gomes de Lucena  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa – PB  
Email: [jfelipegomes456@gmail.com](mailto:jfelipegomes456@gmail.com)

Sherezaid Jeruza Fernandes Dantas Rocha  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa – PB  
E-mail: [sherezaid@gmail.com](mailto:sherezaid@gmail.com)

Antonielson dos Santos  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa – PB  
E-mail: [antonielsonvet@gmail.com](mailto:antonielsonvet@gmail.com)

Katarine de Souza Rocha  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa – PB  
E-mail: [katarinemv@gmail.com](mailto:katarinemv@gmail.com)

Fabírcia Geovânia Fernandes Filgueira  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa – PB  
E-mail: [fabricia.filgueira@ifpb.edu.br](mailto:fabricia.filgueira@ifpb.edu.br)

Luan Aragão Rodrigues  
Instituto Federal da Paraíba – IFPB – Sousa – PB  
E-mail: [luan.veterinaria@gmail.com](mailto:luan.veterinaria@gmail.com)

### RESUMO

**Introdução:** A pitiose equina é uma doença infecciosa causada pelo oomiceto aquático *Pythium insidiosum*, encontrado em ambientes úmidos, o que contribui para a transmissão da doença, sendo caracterizada por lesões cutâneas e subcutâneas, principalmente na porção ventral da parede abdominal e membros, podendo se manifestar de forma aguda ou crônica. Nesse viés, objetivou-se relatar um caso de pitiose equina no Vale do Rio do Peixe-PB. **Relato de Caso:** Um equino, macho, com 2 anos de idade, SRD, 434 kg, pelagem alazão, foi atendido a campo por um médico veterinário autônomo no município de Poço José de Moura na região do Vale do Rio do Peixe - PB, com queixa de apresentar uma ferida na região distal do membro anterior direito, há dois meses, cujo aspecto evoluiu para granulação exuberante. Ao exame físico específico, observou-se uma lesão circular (medindo aproximadamente 12 x 11 x 5,5 cm), de aspecto granulomatoso, ulcerativo e com intenso prurido. Como tratamento foi realizada a exérese cirúrgica da lesão, onde constatou-se a presença de estruturas granulomatosas de aspecto arenoso, sugestivas de kunkeres, formações necróticas presentes na pitiose. Bem como tratamento medicamentoso com acetonida de triancinolona na dose de 50mg/animal/IM a cada 15 dias. Também foram solicitados hemograma e histopatológico, que confirmaram o diagnóstico de pitiose cutânea, posteriormente. Com o protocolo realizado, observou-se resposta eficaz da enfermidade evidenciada pela cicatrização absoluta da ferida. **Discussão:** O diagnóstico presuntivo de pitiose cutânea no equino foi estabelecido por meio da anamnese e exame físico, e posterior confirmado pelo histopatológico. Embora este último forneça o diagnóstico definitivo, no campo, rotineiramente, é pouco empregado. Os achados foram semelhantes aos descritos na literatura, tais como secreção serossanguinolenta, alterações no tecido cutâneo e subcutâneo, prurido intenso, presença de lesões granulomatosas. A lesão na porção distal do membro torácico direito, local de elevada ocorrência, justifica-se pelo contato do mesmo com a água. No leucograma, evidenciou-se uma leucocitose por neutrofilia, podendo originar-se do estresse inflamatório da automutilação e lesões recobertas por

"kunkers", caracterizadas por massas branco-amareladas formadas por células necróticas recobrimdo hifas, sendo esses achados histopatológicos compatíveis com pitiose cutânea, confirmando a suspeita clínica. Os tratamentos utilizados apresentaram resultados favoráveis, uma vez que já no décimo primeiro dia de pós-operatório, o animal apresentou cicatrização promissora, diminuição do tamanho da lesão, prurido e expulsão dos "kunkers". No tratamento com acetonida de triancinolona recomenda-se de três a quatro na dose de 50mg/animal IM com intervalo de 15 dias, porém nesse caso, duas aplicações, foram suficientes para regressão total da lesão em 60 dias. **Considerações finais:** Com base no relato, observou-se uma resposta terapêutica efetiva através da remoção cirurgica da lesão associado à administração de acetonida de triancinolona com intervalo de 15 dias, havendo, portanto, cicatrização total da ferida com 60 dias.

**Palavras-chave:** Acetonida de triancinolona. Cavalo. Desbridamento. Kunkers.

#### Referências:

ÁLVAREZ, J.C; VILORIA, M.V; A, S.P. Pitiose cutânea em equinos: uma revisão. **Revista CES Medicina Veterinaria y Zootecnia**, v. 8, n. 1, p. 58-67, 2013.

BARBOSA, J.D. et al. Pitiose cutânea em equídeos no Bioma Amazônico. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 43, p. e07167, 2023.

BECEGATTO, D. B. et al. Pitiose equina: revisão de literatura. **Arq. Ciênc. Vet. Zool. UNIPAR**, Umuarama, v. 20, n. 2, p. 87-92, abr./jun. 2017.

BROMERSCHENKEL, I.; FIGUEIRÓ, G.M. Pitiose em equinos. **PubVet**, v. 8, p. 2675-2805, 2014.

CARDONA A.J; VARGAS V.M; PERDOMO A. S. Pitiose cutânea em equinos: uma revisão. **CES Medicina Veterinaria y Zootecnia**, v. 8, n. 1, p. 104-113, 2013..

## PLEUROPNEUMONIA EM EQUINOS

Julia Vitória Nóbrega Nunes  
Centro Universitário de Patos-UNIFIP-Patos-PB  
E-mail [julianunes@medvet.fiponline.edu.br](mailto:julianunes@medvet.fiponline.edu.br)

Maria Eduarda dos Santos Silva  
Centro Universitário de Patos- UNIFIP- Patos-PB  
E-mail [mariasilva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mariasilva@medvet.fiponline.edu.br)

Thais Batista de Oliveira  
Centro Universitário de Patos-UNIFIP-Patos- PB  
E-mail [Thaisoliveira@medvet.fiponline.edu.br](mailto:Thaisoliveira@medvet.fiponline.edu.br)

Flaviane Neri Lima de Oliveira  
Centro Universitário de Patos-UNIFIP-Patos- PB  
E-mail [flavianeoliveira@fiponline.edu.br](mailto:flavianeoliveira@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A pleuropneumonia é uma doença que consiste na colonização bacteriana do parênquima pulmonar, desenvolvimento de uma pneumonia ou abscessos pulmonares e a consequente extensão do processo em direção à pleura visceral e espaço pleural causando pleurite (TC Almeida, 2016). Geralmente, seu desenvolvimento está associado a qualquer condição que favoreça a aspiração de secreções ou impedir sua eliminação (transporte, doenças virais, exercício extenuante, anestesia geral etc.) (REDEVET, 2009). As infecções bacterianas do trato respiratório inferior em cavalos adultos ocorrem quando bactérias da nasofaringe atingem as vias aéreas inferiores e sobrecarregam os mecanismos normais de defesa. (REUSS SM; GIGUÈRE S; 2015). Seu tratamento concentra-se na terapia antimicrobiana sistêmica, drenagem do excesso de líquido pleural, administração de terapia anti-inflamatória e analgésica e tratamento de suporte a base de fluido terapia, oxigenioterapia e broncodilatadores (VETINDEX, 2015). A intervenção precoce e a seleção adequada de antimicrobianos resultam em um bom prognóstico tanto para a sobrevivência quanto para o retorno à função atlética na maioria dos cavalos. (REUSS SM; GIGUÈRE S; 2015).

#### METODOLOGIA:

Foi realizado um estudo exploratório descritivo por meio de uma revisão bibliográfica da literatura acerca da ocorrência de pleuropneumonia em equinos. Para isso foi utilizado a base de dados científico PubMed e Google Acadêmico, sendo a estratégia de busca foi (pleuropneumonia in horses). Foram selecionados artigos que descrevessem a ocorrência da condição em equinos nos últimos 10 anos. Foram encontrados 24 resultados, sendo excluídos 20 por não atenderem aos critérios de inclusão pré-estabelecidos.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Dos 4 resultados incluídos nessa revisão, os animais apresentavam problemas infecciosos que eram desencadeados na maioria das vezes por situações de medo, dor, aumento de estresse, que resultavam uma depressão imunológica desencadeando alterações sistêmicas que levam a vários problemas, inclusive a pleuropneumonia (TC Almeida, 2016). Muitos dos sinais clínicos são de febre, letargia, descarga nasal, tosse, intolerância ao exercício, dispneia, perda de peso, pleurodinia nos casos agudos e edema subesternal nos casos crônicos (VETINDEX, 2015). O diagnóstico da patologia é feito através da auscultação e percussão do tórax, ultrassonografia, cultura, citologia e toracoscopia, tendo algumas anormalidades comuns nos resultados de hemogramas, como neutrofilia e hematócrito aumentado e o tratamento é feito a partir de antibióticos e fluidoterapia, em alguns casos é necessário a toracotomia para drenagem do derrame pleural

(VETINDEX, 2020). Uma intervenção rápida com antimicrobianos adequados, e outros tratamentos eficazes leva a bons resultados tanto na saúde quanto para o retorno desse animal em suas funções. (REUSS SM; GIGUÈRE S; 2015).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A pleuropneumonia acomete principalmente animais de esporte, essa revisão de literatura tem como objetivo explicar brevemente sobre os sintomas, diagnósticos, tratamentos e melhorias, pois ainda enfrenta algumas dificuldades no sucesso da terapia para essa doença. É uma patologia que também afeta a indústria econômica, pois atinge primeiramente a saúde e o físico do animal, assim impossibilitando sua excelência em suas atividades esportivas, trazendo perda de produtividade, custos com consultas e tratamento bastantes complexos e significativos, prejudicando não só o animal, mas também seus proprietários.

#### **REFERÊNCIAS:**

Reuss SM, Giguère S. Update on bacterial pneumonia and pleuropneumonia in the adult horse. **Vet Clin North Am Equine Pract.** Apr;31(1):105-20. Epub Jan 2015.

ARROYO, M. G.; SLOVIS, N. M.; MOORE, G. E.; TAYLOR, S. D. Factors Associated with Survival in 97 Horses with Septic Pleuropneumonia. **Journal of Veterinary Internal Medicine**, v. 31, p. 894 – 900, 2017.

Almeida, TC, Oliveira, JM, Andrade, BG, Júnior, JB, Batista, JC, Andrade, RL, Ferreira, HN, & Nantes, JH. Pleuropneumonia em equino causada por estresse durante transporte rodoviário. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, 36, 230-23. 2016.

Colla, Tarima Baralla; Paiola, Igor A A; Barbuio, Suelen Maira B; Ortolan, Ana Stela de O; Cholfe, Bruno F. Pleuropneumonia equina: relato de dois casos atendidos no Hospital veterinário de São José do Rio Preto - SP, **R. bras. Med. equina**; | VETINDEX | 11(61): 8-11. Set, 2015.

Aguilera Tejero, Escolástico; Díez de Castro; Elisa; Mayer Valor, Rafael. Pleuropneumonia equina. REDVET. **Revista electrónica de Veterinária**. ISSN: 1695-7504 Vol. 10, Nº 3, p. 2-9, 2009.

Almeida, Taygor Carneiro de et al. "Pleuropneumonia em equino submetida a estresse durante transporte rodoviário." **Pesquisa Veterinária Brasileira** 36, 230-231, 2016.

Maia, Beatriz Tofani; Soares, Paolo Neandro Bona. **Revista Brasileira de Medicina Equina**; | VETINDEX | 14(87): 28-32, jan.-fev. 2020.

TC Almeida, J. Oliveira, BG Andrade, JCP Júnior, JC Batista, R. Andrade, HN Ferreira, JH Nantes. *Biologia Pesquisa Veterinária Brasileira*. Publicado em 2016.

## PNEUMOVAGINA EM ÉGUA: RELATO DE CASO

Ana Maria Leite Costa

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos - PB – Brasil

Email: [anacosta@medvet.fiponline.edu.br](mailto:anacosta@medvet.fiponline.edu.br)

Jordana Ádila Araújo de Sousa

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG – Patos – PB - Brasil

Email: [jordana.adila@estudante.ufcg.edu.br](mailto:jordana.adila@estudante.ufcg.edu.br)

Willder Rafael Ximenes Cunha

Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil

Email: [willdercunha@fiponline.edu.br](mailto:willdercunha@fiponline.edu.br)

Roberta Simone Bezerra Gomes Ximenes

Médica Veterinária – São José do Egito – PE – Brasil

Email: [robertasbgx@gmail.com](mailto:robertasbgx@gmail.com)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A pneumovagina é descrita como a presença de ar no canal vaginal, de forma contínua ou intermitente e pode causar infertilidade em éguas. O tratamento é cirúrgico e prognóstico favorável (Jimenez Filho *et al.*, 2015; Silva, 2023).

**RELATO DE CASO:** Foi atendida na zona rural de São José do Egito, Pernambuco, uma égua de 6 anos, mestiça, pesando 430kg, utilizada na prática de vaquejada, tendo como queixa do proprietário um barulho estranho na vagina quando corria. No exame clínico ela apresentava-se ativa, com todos os parâmetros fisiológicos normais. Ao caminhar era audível o som do ar vindo da vagina, que se intensificava ao correr. Foi realizada a palpação transretal e ultrassonografia, que foi confirmatório da pneumovagina. Como a égua já estava de jejum prévio, foi realizada a correção cirúrgica com a realização da vulvoplastia. Foi administrada 5.000UI de soro antitetânico IM, sedada utilizando detomidina (0,2ml/100kg/IV), realizada a antisepsia com clorexidina e, em seguida, foi realizada a anestesia local com lidocaína no subcutâneo da comissura vulvar dorsal e feito um cordão anestésico nas margens de cada lábio vulvar. A secção foi feita na junção mucocutânea de cada lábio, as margens seccionadas foram aproximadas por sutura no padrão simples contínuo, usando fio cirúrgico de nylon nº2-0. Foi realizada antibioticoterapia a base de penicilina (1ml/20kg/IM), meloxicam com dipirona (1ml/25kg/IV) e prescrito flunixin meglumine (1ml/45kg/SID/3 dias), continuação do antibiótico por 3 dias, limpeza da ferida cirúrgica, uso de spray repelente e spray com ação antiinflamatória e antibiótica, ambos duas vezes ao dia até a retirada dos pontos, que ocorreu dez dias após o procedimento.

**DISCUSSÃO:** Nos casos de pneumovagina, o sinal clínico marcante é o som oriundo da vagina quando ao animal se locomove, a hiperemia da mucosa vaginal, a secreção espumosa e os problemas reprodutivos também são achados comuns (Hipólito, 2019; Souza, 2008). A paciente, embora não apresentasse exsudato ou anormalidades ligadas a reprodução, tinha o som audível do ar na vagina como queixa principal. Foi realizada a palpação e a ultrassonografia transretal, sendo observada a presença de ar no canal, com áreas hiperecoicas no exame de imagem conforme Silva (2023) relata. A vulvoplastia utilizando a técnica de Caslick é amplamente utilizada e consiste na limpeza do local com solução degermante, anestésico local com lidocaína e sedação, após a secção dos lábios vulvares, utilizando uma tesoura, as margens são unidas com padrão de sutura simples separada ou contínua e retirados após 10 a 14 dias (Brito; Cavalcante Neto, 2023; Brinsko *et al.*, 2012), técnica esta utilizada na paciente. A sedação usando detomidina, descrita por Ventura (2022) também foi empregada no caso, juntamente com o uso de antibioticoterapia de amplo espectro,

antibiótico, analgésico e tratamento tópico corroborando com os trabalhos de Pacheco, Oliveira e Vago (2021) e de Silva (2023).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A pneumovagina é uma enfermidade que pode levar a problemas reprodutivos. O diagnóstico é clínico, podendo ser usada ultrassonografia de forma complementar e o tratamento é cirúrgico. O prognóstico é bom, com recuperação rápida e sem complicações.

**PALAVRAS CHAVE:** Pneumovagina. Égua. Vulvoplastia. Caslick.

#### REFERÊNCIAS:

BRINSKO, S.P; BLANCHARD, T. L.; VARNER, D. D.; SCHUMACHER, J.; LOVE, C. C.; HINRICHS, K.; HARTMAN, D. Surgery of the mare reproductive tract. In: BRINSKO, S.P; BLANCHARD, T. L.; VARNER, D. D.; SCHUMACHER, J.; LOVE, C. C.; HINRICHS, K.; ARTMAN, D. **Manual of equine reproduction**. 3ª Ed., Mosby Elsevier, China, 2012. Cap. 15, p. 228-241.

BRITO, M. L.; CAVALCANTE NETO, M. P. Vulvoplastia com técnica de caslick para tratamento de pneumovagina em éguas: Revisão de literatura. **I Conferência Brasileira de especialidades em medicina veterinária**. Recife, ago. 2023.

PACHECO, B. M. S.; OLIVEIRA, N. H.; VAGO, P. B. Vulvoplastia para tratamento de pneumovagina em égua: relato de caso. **Conexão Unifametro 2021**, Fortaleza, dez. 2021.

SILVA, R. A. **Vulvoplastia para tratamento de pneumovagina em égua**: Relato de caso. 2023. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em medicina veterinária) - Universidade Federal de Sergipe, Nossa senhora da glória, 2023.

JIMENEZ FILHO, D. L.; DALL'ACQUA, P. L.; MARIANA, R. S. G.; BRASIL, R. C.; OLIVEIRA, M. G.; BONATO, D. V.; VRISMAN, D. P.; TEEIXEIRA, P. P. M. Pneumovagina e urovagina em éguas: Revisão de literatura. **Nucleus animalium**, v. 7, n. 1, 2015.

HIPÓLITO, J. M. F. **Laceração perineal de terceiro grau em égua**. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em medicina veterinária) – Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2019.

VENTURA, L. P.; **Reparação vaginal e vulvoplastia em égua com técnica de Goetze e Caslick**. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em medicina veterinária) – Universidade Brasil, Fernandópolis, 2022.

SOUZA, A. M. **Variações da espessura da unidade útero placentária (EUUP) e características da conformação vulvar em éguas gestantes da raça crioula**. 2008. Dissertação (Mestrado em ciências veterinárias na área de reprodução animal) – Faculdade de veterinária – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

## PRÓTESES AURICULARES E PRP NO TRATAMENTO DE OTOHEMATOMA EM UM EQUINO

Maria Vitoria Soares Cardoso  
Centro Universitário de Campina Grande - UNIFIP - Campina Grande - PB  
E-mail: [oria.soares@hotmail.com](mailto:oria.soares@hotmail.com)

Andressa Vinagre Dias  
Centro Universitário de João Pessoa - UNIESP - João Pessoa - PB  
E-mail: [andressavinagred@gmail.com](mailto:andressavinagred@gmail.com)

Iorrany Maria Oliveira Lobo Calou  
Médica Veterinária Hospital Poty Equus, São Jose do Mipibu, PB  
E-mail: [iorranycalou@gmail.com](mailto:iorranycalou@gmail.com)

Lídia Stefânia Vilela Medeiros  
Médica Veterinária Hospital Poty Equus, São Jose do Mipibu, PB  
E-mail: [lidiamedvet2@gmail.com](mailto:lidiamedvet2@gmail.com)

Maurílio Kennedy Feitoza Soares  
Médico Veterinário Hospital Poty Equus, São Jose do Mipibu, PB  
E-mail: [mauriliokfsoares@gmail.com](mailto:mauriliokfsoares@gmail.com)

Kaliane Costa  
Médica Veterinária Hospital Poty Equus, São Jose do Mipibu, PB  
E-mail: [kalianecosta15@hotmail.com](mailto:kalianecosta15@hotmail.com)

### RESUMO:

**INTRODUÇÃO:** As orelhas entre os equídeos são longas e formadas por cartilagens, as quais são normalmente lesionadas e deformadas. O otomematoma consiste na formação de uma coleção de sangue entre a cartilagem auricular e a pele, principalmente na face interna do pavilhão auricular, devido a diversos traumas, como por exemplo: lacerações; ectoparasitas, choques e dentre outros.

**RELATO DE CASO:** O presente trabalho relata o caso de uma potra, fêmea, Mangalarga Marchador, 6 meses de idade. Na anamnese, o proprietário relatou que o animal havia machucado as orelhas no piquete, acumulando seroma e que foi feita a drenagem da secreção no haras, porém não houve melhora significativa e houve uma queda do pavilhão auricular bilateral. O animal foi encaminhado ao Hospital Poty Equus. Ao exame clínico, observou-se os parâmetros vitais dentro da normalidade, contudo ambos os pavilhões auriculares caídos, com acúmulo de secreção na face interna. O animal foi encaminhado para a cirurgia, sendo feita a assepsia adequada e escarificação, usando detomidina (0,2 mg/kg, IV) para sedação, além da anestesia local com o lidocaina (0,1 ml/kg, SC). A escarificação e drenagem foi feita na face interna da orelha. Durante a drenagem, foi realizado incisão elíptica no local de maior flutuação do líquido, e em sequência a moldagem das próteses, sendo duas densidades de polietileno (PEAD), que devido a sua rigidez e flexibilidade se adequariam como modelos de ambas as orelhas. Depois de pronta foi fixado através de suturas padrão Wolf associada a captans para melhor fixação, usando fio de nylon-2-0, fazendo com que o fio ultrapassasse a prótese, a pele e a cartilagem, em diferentes partes sempre pelas bordas e no meio, com isso o tornando a ortese ereta. No pós-operatório foi utilizado, dexametasona (0,1 mg/kg, IV, SID, 3 dias), penicilina (25.000 UI, IM, SID, 5 dias), Flunixin Meglumine (1,1 mg/kg, IV, SID, 5 dias), e nos cuidados com o tratamento da ferida usou a clorexidina a 2% e pomada a base de

penicilina até a retirada dos pontos. Somado a isso, foi realizada aplicações do Plasma Rico de Plaquetas (PRP) , de forma injetável, em um volume de 1 ml de PRP em ambas as cartilagens auriculares, tendo em vista que esse método consiste em fornecer fatores de crescimento, quimiotaxia e suporte aos tecidos e cartilagem, dessa forma, o que estimula a cicatrização. Após 20 dias foi realizado a retirada dos pontos e das próteses, e as mesmas se mantiveram firmes e eretas.

**DISCUSSÃO:** o PRP atua agilizando no processo de cicatrização, devido a substâncias como a ocitocina e quiomocinas quando liberadas no início da reparação com a ativação das plaquetas iram liberar o fator de crescimento, e assim reduzindo o tempo de reparo tecidual. Além disso, a utilização das próteses auxiliou diretamente na conformação dos pavilhões auriculares, reduzindo o risco de atrofia e estenose dos mesmos.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** conclui-se o uso do PRP associado a prótese foram bastante benéficas para uma melhor cicatrização e reparo das cartilagens auriculares, além do tratamento em questão apresentar um custo baixo com alta resolutividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pavilhão auricular; terapia celular; cavalos; trauma.

#### REFERÊNCIAS :

CORREA, Mayara Gomes. PLASMA AUTÓLOGO CENTRIFUGADO ASSOCIADO À ÓRTESE NA RECONSTRUÇÃO DE CARTILAGEM AURICULAR EM DOIS EQUINOS. 2014. n. 25. Categoria: **Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais - Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2014.

DE OLIVEIRA, Débora Maria Marques Callado; CASTRO, Jorge Luiz Costa; SCHOSSLER, João Eduardo. Plasma rico em plaquetas (PRP) na reparação osteo-articular em pequenos animais-**revisão**. 2012. 10 (32); 62-66.



## REALIDADE SOBRE O ABATE E CONSUMO DE EQUINOS NO BRASIL

Mateus Galdino da Costa  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [mateuscosta@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mateuscosta@medvet.fiponline.edu.br)

Gabriele Mendes Xavier  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [gabrielexavier@medvet.fiponline.edu.br](mailto:gabrielexavier@medvet.fiponline.edu.br)

Pedro Henrique Medeiros Xavier  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [pedroxavier@medvet.fiponline.edu.br](mailto:pedroxavier@medvet.fiponline.edu.br)

Kevelyn Araújo da Silva  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [kevelynsilva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:kevelynsilva@medvet.fiponline.edu.br)

Maria Deuzimara Vieira da Costa  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [mariacosta@medvet.fiponline.edu.br](mailto:mariacosta@medvet.fiponline.edu.br)

Claudia Morgana Soares  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [claudiasoares@fiponline.edu.br](mailto:claudiasoares@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

O Brasil possui o quarto maior rebanho equino do mundo, sendo o consumo desta carne insignificante no país. No entanto, abates ocorrem e seus produtos são destinados à exportação. Os frigoríficos brasileiros que abatem equinos, geralmente abatem animais doentes, idosos e descartados de atividades equestres e trabalho no campo, pois não há no país criações específicas para corte, e os animais abatidos possuem peso e/ou rendimento de carcaça inferior ao de outros países onde existem criações comerciais de equinos destinados ao abate (RAINERI; SANTOS, 2018). O convívio entre os humanos e o cavalo gera emoções positivas, tais como afeto, proximidade ou ternura, e por esta razão os cavalos são considerados um animal de estimação, o que diminuiu o consumo da carne dessa espécie em vários países, inclusive no Brasil (RAINERI; SANTOS, 2018).

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através de artigos científicos no Google Acadêmico utilizando o tema "abate de equinos no Brasil". A busca foi realizada no mês de abril de 2024 e foram selecionados três artigos. Também foram coletados dados do registro de abate no PGASISIF no site do Ministério da agricultura Pecuária e abastecimento (MAPA).

#### REVISÃO DE LITERATURA:

É indubitável a importância econômica e cultural da equideocultura no Brasil como um todo, porém o setor de abates de equinos apresenta dificuldades e restrições, que poderia ser melhor aproveitado, visto o contingente atual do rebanho nacional, a extensão territorial, além da já existente estrutura, regulações técnicas, qualidade da carne e a crescente necessidade mundial de proteínas de origem animal. A inexistência de criações especificamente para produção com foco na carne equina gera escassez de oferta de animais para este fim, e devido a tal, o abate ocorre somente de animais enfermos e refugos de outras atividades equestres e,

normalmente, de idade mais avançada, descartados do trabalho e esporte. O volume de equinos abatidos vem sofrendo queda, uma vez que em 2021 foram abatidas 47.596 cabeças no Brasil, e em 2022 o quantitativo foi de 41.230 cabeças e em 2023 foram abatidos 33.500 cabeças, atualmente há abate de equinos apenas com Inspeção Federal no Brasil, ocorrendo somente em quatro estados, sendo três abatedouros no estado da Bahia, um no Rio Grande do Sul, um em Santa Catarina e outro no Paraná (MAPA, 2024).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

O consumo de carne equina no Brasil não é proibido, porém é uma questão cultural. No Brasil não há tradição, diferente de outros países. O abate de equídeo é visto pela sociedade como maus tratos e crueldade ao animal, porém não é bem assim, pois quando o animal é abatido em frigoríficos seguem um correto fluxograma de abate, no qual é visado o bem-estar do animal durante todo o processo de abate, desde a chegada do animal ao frigorífico até seu abate. A diminuição do volume de abate, pode ser correlacionado ao pequeno número de estabelecimentos de abate em atividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Equinos, Brasil, Abate

#### **REFERÊNCIAS:**

Informações Gerenciais do SIF. Relatório de Abates por Ano e UF. Disponível em: [https://sistemas.agricultura.gov.br/pga\\_sigsif/pages/view/sigsif/abateporano/indexAbatePorAno.xhtml](https://sistemas.agricultura.gov.br/pga_sigsif/pages/view/sigsif/abateporano/indexAbatePorAno.xhtml). Acesso em: 19 abril. 2024.

CALDERAN, Cristian et al. Fluxograma e lesões encontradas em abate de equinos. **R. bras. Med. equina**, p. 4-8, 2017.

RAINERI, Camila; SANTOS, Brenda Alves. **PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE CARNE EQUINA BRASILEIRA.**

FERNANDES<sup>1</sup>, Reginaldo Meira; DENADAI, Daniela Scantamburlo. 5-SITUAÇÃO DO ABATE DE EQUINOS NO BRASIL: REVISÃO DE LITERATURA. **ESPÉCIE EQUINA**, v. 5, n. 2, p. 31, 2023.

## RELAÇÃO DE FORRAGEIRAS COM CÓLICA EQUINA

Renata Barreiro Prudêncio  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [renataprudencio89@gmail.com](mailto:renataprudencio89@gmail.com)

Gustavo de Assis Silva  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [gustavosilva1@fiponline.edu.br](mailto:gustavosilva1@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

Os equinos são muito utilizados desde o começo da história da domesticação dos animais. Seu uso pelos humanos é feito principalmente para trabalhos rurais e para esportes e/ou lazer. São animais monogástricos com hábitos bem definidos de pastejo, por isso, é importante estudar a melhor forma e qualidade de ofertar alimento para esses animais. Uma das doenças mais comuns em equinos é a síndrome cólica, que pode ser ocasionada por diversos fatores (inclusive alimentação), podendo levar o animal a óbito. (Barker, 2019). A cólica não é um sintoma isolado, específico, mas um conjunto de patologias decorrentes de certas disfunções viscerais intra-abdominais, que acarretam enormes prejuízos para o produtor, devido aos elevados gastos necessários para o tratamento, além do tempo subtraído das atividades normais do animal e em casos mais graves, perdas econômicas com a morte do cavalo. Esse resumo tem como objetivo demonstrar a relação de forrageiras com a cólica equina.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica, onde para a busca de trabalhos como fontes de pesquisa, foram empregados os descritores: cólica equina; forrageiras na alimentação de equinos; e causas de cólica equina; no período de março a setembro de 2024.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

A quantidade e espécie das forragens fornecidas aos cavalos devem ser pautas de preocupação no momento de sua escolha, pois algumas espécies possuem alta quantidade de carboidratos não estruturais em sua composição, que irá fermentar rapidamente gerando excesso de gases, toxinas e ácido lático no aparelho digestório desses animais. As pastagens de *Panicum* sp. (Massai, Tanzânia e Mombaça) e algumas espécies de *Brachiaria* spp., foram as que mais causaram incidência de cólicas em equinos segundo as bibliografias consultadas. Isso ocorre pois estas, principalmente na região Norte do Brasil, se desenvolvem de forma rápida produzindo assim grande quantidade de amido, que ao ser consumido pelos animais possui fermentação muito rápida ocasionando na formação de muitos gases e consequentemente a cólica equina. As regiões em que a intoxicação acomete os animais com maior frequência estão localizadas mais ao Norte do país, provocando as cólicas, e acontecem em maior parte em épocas de chuva, já que nessa estação a planta apresenta maior quantidade de carboidratos não fibrosos. Desta forma, o capim Massai para alimentação dos equídeos é recomendado com devidas precauções, se preocupando principalmente em manter a qualidade e quantidade de biomassa da pastagem composta por esse capim (EMBRAPA, 2012).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Sendo assim, é muito importante que animais submetidos a pastagens sejam inseridos em pastos bem planejados e com boas estratégias de manejo. É importante sempre se atentar também a qualidade da forrageira e o tamanho das partículas. Para garantir a saúde e evitar cólicas, é essencial manter a qualidade e a quantidade de água e ficar atento ao tipo de forragem que tá sendo oferecido, levando em consideração o número adequado de refeições e a fase da vida na qual o equino se encontra, garantindo maior estabilidade ao animal e diminuindo custos financeiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Forragens, Equídeos, Pastagens.

**REFERÊNCIAS:**

EMBRAPA. **Oferecer gramíneas do gênero Panicum na alimentação de equinos pode causar algum problema para o animal?** Embrapa Gado de Corte. Campo Grande/MS. 2012. Disponível em: <https://cloud.cnpgc.embrapa.br/sac/2012/09/28/a-mombaca-pode-causar-intoxicacao-em-equinos-ate-causar-morte/>. Acesso em: 18 abril . 2024.

BARKER, Isobel; FREEMAN, Sarah L. Assessment of costs and insurance policies for referral treatment of equine colic. **Veterinary Record**, v. 185, n. 16, p. 508-508, 2019.



## RELEVÂNCIA DA VARIAÇÃO DA FREQUÊNCIA CARDÍACA EM CAVALOS ATLETAS: REVISÃO DE LITERATURA

Gustavo Lima Rodrigues

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [gustavorodrigues@medvet.fiponline.edu.br](mailto:gustavorodrigues@medvet.fiponline.edu.br)

Joanderson Gomes de Araújo

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [joandersonaraujo@medvet.fiponline.edu.br](mailto:joandersonaraujo@medvet.fiponline.edu.br)

Fabricio Kleber de Lucena Carvalho

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [fabriciocarvalho@fiponline.edu.br](mailto:fabriciocarvalho@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

O cavalo é empregado em atividade física como em outras funções, sendo necessário um bem-estar físico para um bom rendimento nessas atividades. Essa condição pode ser avaliada por meio da variabilidade da frequência cardíaca (VFC), que é uma medida da flutuação do intervalo entre os batimentos cardíacos (Bezerra *et.al* 2022). A VFC reduzida é indicada pela baixa recuperação cardíaca após exercício, ou que indica um equino com preparo físico insuficientemente para atividades intensas. (Bezerra *et.al* 2022). A avaliação da variação da frequência cardíaca é uma técnica não invasiva amplamente usada para monitorar o sistema nervoso autônomo. A análise computadorizada ajuda na interpretação de dados extensos, sendo crucial em diagnósticos. Assim, os parâmetros da VFC, analisados por sistemas computacionais, são valiosos para diagnósticos precisos. (Acharya. *et. al.* 2006)

#### METODOLOGIA:

Foi realizado uma revisão bibliográfica através do Google Acadêmico utilizando as palavras-chaves "cavalos, atividade física, frequência cardíaca".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

O crescimento anual das competições tem sido impulsionado pelo desenvolvimento dos esportes equestres. Os cavalos passam por um treinamento intenso e meticulosamente planejado para concentrar-se em melhorar sua condição física para que possam ter um melhor desempenho nos circuitos e assim evitar fadiga e desgaste (Bogossian, *et.al.* 2017). As mudanças na VFC são indicativas da saúde dos cavalos atletas. Uma alta variabilidade sugere boa adaptação e saúde, enquanto baixa variabilidade pode indicar problemas fisiológicos (Hoshi, 2009). A avaliação utilizada como teste de esforço é uma análise da variabilidade da frequência cardíaca que envolve monitorar as oscilações da frequência cardíaca antes, durante e após o exercício físico e analisar o tempo necessário para que a frequência cardíaca retorne ao equilíbrio (Bogossian, *et.al.* 2017). Nos esportes equestres como salto e enduro, há uma inspeção pré-competição chamada "Vet Check". Aqui, o veterinário faz um exame físico básico e monitora a Frequência Cardíaca (FC) do cavalo. A Variabilidade da Frequência Cardíaca (VFC) é analisada via software, indicando o tempo de recuperação pós-exercício. Uma rápida recuperação é ideal para determinar a capacidade do cavalo de continuar na prova sem estresse ou fadiga excessiva. (Binda, 2016). Um cavalo em descanso normalmente tem uma frequência cardíaca (FC) que varia de 28 a 44 batimentos cardíacos por minuto (bpm). Fisiologicamente, um FC aumenta durante atividades físicas, alcançando o máximo de 215 bpm. Mas, é crucial que não sejam fora dos valores de referência por longos prazos após o término do exercício. A boa variabilidade da frequência cardíaca (VFC) é dada que, após 20 minutos de exercício, um FC tenha diminuído pelo menos 64 bpm, dando informação de um animal em bom estado físico e com capacidade real para envolver-

se em atividades esportivas (Coelho *et.al.* 2021).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O monitoramento, por meio da análise dos indicadores fisiológicos durante as competições, torna-se um componente essencial para garantir a prontidão do animal para participar e continuar no desempenho atlético sem colocar seu corpo em risco. Com isso, é crucial que os animais com baixa variabilidade da frequência cardíaca (VFC) apresentem outras avaliações para garantir sua condição de saúde competitiva para seguir a competição, evitando sobrecargas e assegurando o bem-estar dos participantes.

#### REFERÊNCIAS:

ACHARYA, R. *et. al.* HEART RATE VARIABILITY: A REVIEW. **Med Bio Eng Comput**, v.44(12),p.103-151, 2006. Disponível em:

<https://link.springer.com/article/10.1007/s11517-006-0119-0#rightslink>. Acesso em: 07 mai. 2024.

BEZERRA, Luiza Moraes de Souza *et al.* A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DA VARIABILIDADE DA FREQUÊNCIA CARDÍACA EM CAVALOS ATLETAS. **X Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/63812062-fd94-4f91-bbc8-46480a883292-a-importancia-da-avaliacao-da-vfc-em-cavalos-atletas--pdf-revisadopdf.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2024.

COELHO, Mariana Santos *et al.* INFLUÊNCIA DA VARIABILIDADE CARDÍACA EM EQUINOS DE ENDURO-REVISÃO SISTEMATIZADA NA LITERATURA. **Repositório UNICEUB**, BRASÍLIA, 2021.

Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15418>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BINDA, Marcela Bucher. **Avaliação do condicionamento atlético de equinos da raça quarto de milha usados em provas de três tambores**. Orientador: Coelho, Clarisse Simões. 2016. 80 p. DISSERTAÇÃO (PÓS GRADUAÇÃO EM CIENCIA ANIMAL) - UNIVERSIDADE VILA VELHA, VILA VELHA, 2016.

Disponível em: <https://repositorio.uvv.br/handle/123456789/299>. Acesso em: 24 abr. 2024.

BOGOSSIAN, P.M; *et.al.* Testes de esforço em cavalos: índices úteis ao ajuste do treinamento. **Ciência Animal**. Brasil, 2017. 27. 99-117. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/319762746\\_Testes\\_de\\_esforco\\_em\\_cavalos\\_indices uteis\\_ao\\_ajuste\\_do\\_treinamento](https://www.researchgate.net/publication/319762746_Testes_de_esforco_em_cavalos_indices uteis_ao_ajuste_do_treinamento). Acesso em: 24 abr.2024.

HOSHI, Rosangela Akemi. Variabilidade da frequência cardíaca como ferramenta de análise da função autonômica: revisão de literatura e comparação do comportamento autonômico e metabólico em recuperação pós-exercício. *In*: HOSHI, Rosangela Akemi. **Variabilidade da frequência cardíaca como ferramenta de análise da função autonômica: revisão de literatura e comparação do comportamento autonômico e metabólico em recuperação pós-exercício**. 2009. Dissertação (Fisioterapia).UNESP, SãoPaulo, 2009.

Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP\\_a3dedf5a17c2dc56fe002bd5479809c4](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_a3dedf5a17c2dc56fe002bd5479809c4). Acesso em: 7 maio 2024.

## RESOLUÇÃO CLÍNICA DE ACIDENTE OFÍDICO EM EQUINO: RELATO DE CASO

Gabriel Leandro Nogueira  
Medicina Veterinária – UFCG – Patos – PB  
E-mail: [gabriel.leandro@estudante.ufcg.edu.br](mailto:gabriel.leandro@estudante.ufcg.edu.br)

Francisco Vieira de Sousa Júnior  
Medicina Veterinária – UFCG – Patos – PB  
E-mail: [francisco.vieira@estudante.ufcg.edu.br](mailto:francisco.vieira@estudante.ufcg.edu.br)

Luiz Henrique de Souza Rodrigues  
Programa de Pós-graduação em Ciência e Saúde Animal - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [luiz.veterinaria@gmail.com](mailto:luiz.veterinaria@gmail.com)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** Acidentes ofídicos ocorrem com frequência em equinos criados em zonas rurais, sendo os animais jovens mais propensos por apresentarem curiosidade e tentar reconhecer algo estranho (BELLO; MALSCHITZKY, 2021). Envenenamentos por serpentes é considerado um desafio diagnóstico para profissionais, sendo a associação clínica, patológica e epidemiológica essencial. O inchaço local, hemorragias disseminadas, incoagulabilidade sanguínea e urina escura são as principais alterações observadas (COSTA, 2019). O presente trabalho tem como objetivo auxiliar na identificação do quadro clínico e relatar um acidente ofídico em equino.

**RELATO DE CASO:** Uma égua da raça Quarto de Milha, com 2,6 anos de idade, vítima de acidente ofídico causado por picada de Cascavel (*Crotalus durissus terrificus*) foi atendida à campo na zona rural de Parelhas/RN apresentando edema de focinho, andar cambaleante, intensa sudorese, perda da visão, frequência respiratória e frequência cardíaca elevadas, temperatura elevada, mucosas congestas e em decúbito lateral apresentando movimentos de pedalagem. Após avaliação geral e estabelecido prognóstico reservado, foi estabelecido o tratamento com aplicação de soro antiofídico polivalente (100ml IV dose única), fluidoterapia repositora com Solução NaCl 0,9%, Dexametasona IV (0,05mg/kg) SID por 5 dias, Antitóxico IV BID na dose de 20ml por 5 dias, Vitamina B1 IM (3mg/kg) SID por 4 dias, antibioticoterapia à base de Penicilina potássica associada a Gentamicina (Gentopen®) BID na dose de 1ml para cada 20kg de peso vivo por 7 dias e Vitamina K IV (2mg/kg) por 2 dias. Após o segundo dia de tratamento, o animal voltou a se alimentar e beber água, ainda com dificuldades. Do terceiro dia em diante o mesmo já se alimentava bem, parâmetros vitais normais e edema de focinho bastante reduzido. Após 7 dias de tratamento a melhora completa dos sinais clínicos foi alcançada.

**DISCUSSÃO:** Os sinais clínicos observados condizem com o relato de um acidente ofídico em equino feito por Cano et al. (2016), porém os autores citados instituíram um tratamento diferente do estabelecido neste trabalho. No relato descrito por Bello; Malschitzky. (2021) onde foi instituído um tratamento semelhante ao descrito neste trabalho, os autores apontam o reestabelecimento completo das funções vitais do equino tratado, mostrando que o protocolo estabelecido no caso descrito neste trabalho apresenta bons resultados.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Os sinais clínicos apresentados pelo equino neste relato condizem com a literatura, sendo característico de acidente ofídico causado por serpentes do gênero *Crotalus*. O tratamento instituído mostrou-se eficaz, restaurando a saúde do animal, sem deixar sequelas. Vale ressaltar que o tratamento emergencial feito de forma rápida colaborou para a recuperação completa do animal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bothrops spp. Toxina. antiofídico

**REFERÊNCIAS:**

BELLO, A. J. M.; MALSCHITZKY, J. Acidente ofídico em equino –relato de caso. **Innovatio**: revista de tecnologia e ciência da terra, União de Vitória, v. 1, n. 8, p. 4-9, 2021

CANO, L. S. *et al.* Acidente ofídico em equino no município de Ituverava-SP – relato de caso. **Nucleus Animalium**, Ituverava, v. 8, n. 1, p. 7-14, 31 maio 2016. Fundacao Educational de Ituverava. <http://dx.doi.org/10.3738/1982.2278.1584>.

COSTA, Mizael Machado da. **Envenenamento botrópico natural fatal em equinos no centro-oeste do Brasil: caracterização epidemiológica, clínico-patológica e ultraestrutural**. 2019. 58 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Animal, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.



## RESOLUÇÃO CLÍNICA DE FRATURA E OSTEOARTRITE EM CAVALO ATLETA: RELATO DE CASO

Janne Simone Idelfonso Sabino  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [jannesabino@medvet.fiponline.edu.br](mailto:jannesabino@medvet.fiponline.edu.br)

Edna Mylena Guedes Rodrigues  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [ednarodrigues@medvet.fiponline.edu.br](mailto:ednarodrigues@medvet.fiponline.edu.br)

Rayssa Caroliny da Silva de Medeiros  
Universidade Federal de Campina Grande - Patos - PB  
E-mail: [rayssacsmedeiros@gmail.com](mailto:rayssacsmedeiros@gmail.com)

Ygo dos Santos Monteiro  
Universidade Federal de Campina Grande - Patos - PB  
E-mail: [ygomonteiro125@gmail.com](mailto:ygomonteiro125@gmail.com)

Lucas Daniel da Nóbrega  
Médico Veterinário Autônomo  
E-mail: [lucas.nobrega2009@hotmail.com](mailto:lucas.nobrega2009@hotmail.com)

Maria Cristina Cordeiro de Oliveira  
Universidade Federal de Campina Grande - Patos - PB  
E-mail: [mariacristina\\_sta@hotmail.com](mailto:mariacristina_sta@hotmail.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

O cavalo atleta está mais exposto a lesões devido a dinâmica do esporte e treinos intensos. Segundo Rodrigues *et al.* (2019), dentre as afecções relatadas no esporte equestre, a ocorrência de fraturas, osteoartrites társicas e bursites são mais comuns. A osteoartrite pode surgir como consequência de microtraumas que geram processo inflamatório local e resultam na deterioração gradativa da cartilagem articular, podendo progredir para alterações ósseas e de tecidos moles articulares (Rocha, 2008; Serrão, 2015). Diante disso, este trabalho tem como objetivo relatar um caso de fratura e osteoartrite em um equino atendido por médico veterinário autônomo no semiárido paraibano.

#### RELATO DE CASO:

Um equino macho, mestiço, 6 anos de idade, utilizado para vaquejada, apresentou claudicação após competição. No exame clínico, observou-se teste positivo para flexão de jarreto do membro pélvico direito (MPD) e claudicação grau IV do mesmo membro. Posteriormente, foi realizado bloqueio do nervo tibial e ramo proximal do ligamento suspensório, ao qual o animal não se mostrou responsivo. No estudo radiográfico foi visto fratura do terceiro tarsiano e osteoartrite da intertársica distal e tarso metatarsiana. Pelos achados mencionados concluiu-se o diagnóstico de osteoartrite secundária a fratura do terceiro tarsiano. Portanto, instituiu-se o tratamento com fenilbutazona 2,2 mg/kg, via endovenoso, uma vez ao dia durante cinco dias; firocoxibe 0,1 mg/kg, via oral, uma vez ao dia, durante 20 dias; suplementação com Cal-d-mix®, 50 mL, uma vez ao dia, por 60 dias. Após esse período de tratamento, houve melhora da claudicação que envolveu para grau II, porém sem evolução no fechamento da linha de fratura, optando pela infiltração das articulações tarso metatarsiana e intertársica proximal com metilprednisolona 80 mg em cada articulação e acetone de triancinolona 12 mg na tibiotársica. Além disso, foi preconizado o casqueamento e ferrageamento corretivo do casco. Após 45 dias o

animal não apresentava claudicação e as imagens radiográficas mostraram significativa melhora, sendo realizado última infiltração da articulação intertársica distal e tarso metatarsiana com metilprednisolona, posologia já mencionada, e liberado animal para voltar às atividades atléticas gradativamente.

#### **DISCUSSÃO:**

O exame radiográfico é a principal ferramenta no auxílio do diagnóstico de suspeitas de fraturas e osteoartrites, possibilitando ao veterinário o aporte necessário para um diagnóstico mais preciso. A utilização das infiltrações corrobora com Serrão (2015) que relata a utilização acetinado de triacilonona como elemento essencial para tratamento de claudicação em cavalos acometidos com fraturas, podendo o resultado variar de acordo com a gravidade da lesão. Os AINES agem de forma analgésica e redutores da inflamação, que consequentemente auxilia no processo cicatricial, sendo a fenilbutazona o AINE de principal escolha em cavalos, tendo vista a boa eficácia (Rocha, 2008).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

O potencial atleta do cavalo é bastante explorado nos esportes equestres, porém deve ser realizado com cautela, sendo indispensável o acompanhamento do médico veterinário para prevenção das lesões, diagnóstico e resolução da afecção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Claudicação. Infiltração. Sistema locomotor.

#### **REFERÊNCIAS:**

RODRIGUES, B. C. C.; BORGES, M. D. L.; LACERDA, M. A. S.; SCHELLIN, P. C.; LEITE, J. E. B. Fraturas em cavalos mestiços usados em vaquejadas: localização predominante e tipo. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 17, n. 1, p. 78-78, maio 2019. Disponível em: <https://www.revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/37885>. Acesso em: 20 abr. 2024.

ROCHA, F. J. M. **Osteoartrites em equinos**. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) - Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, p. 76. 2008. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/6220/1/FranciscoRochaJul08.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SERRÃO, M. R. P. **Patologia e Clínica de Equinos**. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina Veterinária) - Universidade de Évora, Escola de Ciências e Tecnologia, Departamento de Medicina Veterinária. Évora, p. 125. 2015. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/18045/1/tese%20final%2012664.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

## RUPTURA DO TENDÃO PRÉ-PÚBLICO EM ÉGUAS: REVISÃO DE LITERATURA

Jackson Oliveira Sousa  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [jacksonsousa@medvet.fiponline.edu.br](mailto:jacksonsousa@medvet.fiponline.edu.br)

Davi Ezequiel Medeiros Linhares  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [davilinhares1026@gmail.com](mailto:davilinhares1026@gmail.com)

Júlio Edson da Silva Lucena  
Docente do Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [juliolucena@fiponline.edu.br](mailto:juliolucena@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

O tendão pré-púbico é uma estrutura anatômica que possui a função de ligar os músculos reto do abdômen ao esqueleto pélvico e, juntamente à linha alba, possui uma grande importância nos equídeos, pois realiza a sustentação de todos os órgãos abdominais. As aponeuroses dos músculos das fossas paralombares formam a linha alba que na região ventral do abdômen une-se aos tendões dos músculos retos do abdômen para a formação do tendão pré-púbico. Sua ocorrência é mais observada em animais de tração, não condicionados e éguas gestantes. Tal enfermidade pode ocorrer de forma lenta durante o final da gestação, sendo precedida por edema abdominal ventral e, após alguns dias a ruptura do tendão, ou de forma aguda apresentando geralmente histórico de trauma recente (Macpherson, 2011). Objetivou-se por esse trabalho realizar uma revisão literária sobre o tema "Ruptura do Tendão Pré-Púbico em equinos".

#### METODOLOGIA:

Nesse trabalho foi realizada uma revisão de literatura analisando artigos científicos, TCCs, tese e dissertações dos últimos 10 anos relacionadas ao tema "Ruptura do Tendão Pré-Púbico em equinos".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

A enfermidade se caracteriza pela ruptura do tendão pré-púbico, as causas envolvidas na ruptura são desconhecidas. Todavia, fatores predisponentes são quaisquer que levem ao aumento da pressão intra-abdominal (Duarte *et al.*, 2018), sendo relacionada há presença de gestação gemelar, gigantismo fetal, hidroalantoide, éguas gestantes com idade avançada, fraqueza musculotendínea (Freitas, 2023). Podendo ocasionar uma herniação pela parede muscular afetada, devendo ser encarada como uma emergência, em função do risco de eventração. Embora de ocorrência incomum, esses episódios constituem um importante desafio para os profissionais envolvidos. Os sinais clínicos mais comuns são dor abdominal, tumores isquiática elevada, edema ventral, edema de úbere, quadros de cólicas e dificuldade ao decúbito. O diagnóstico é realizado a partir de um exame clínico específico; por meio da palpação abdominal e ultrassonografia evidenciando se a presença de eventração (Janiszewski, 2018). Em casos em que a égua está próximo ao parto pode ser realizada a indução, controlar a dor do animal com analgésicos e anti-inflamatórios, utilizar bandagens compressivas e uma dieta nutritiva, porém com redução na qualidade da ingesta. O prognóstico desses animais é reservado, pelo fato de o acesso para a realização do reparo cirúrgico do tendão ser praticamente impossível em equídeos, entretanto a métodos conservativos onde o animal é retirado das atividades reprodutivas e de trabalho, entretanto à indicação de eutanásia em muitos casos (Sena *et al.*, 2016).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em conclusão, a ocorrência ruptura do tendão pré-púbico é incomum, sendo a gestação gemelar em éguas, uma das causas principais, por isso se faz necessário o acompanhamento reprodutivo do desenvolvimento de fetos em éguas por meio da ultrassonografia.

**Palavras-chaves:** Éguas, Enfermidade, Gestação, Ruptura de tendão.

### REFERÊNCIAS:

FREITAS Bruna Waddington; MARLIÈRE Júlia Parisi. **Manejo das Principais anormalidades gestacionais em éguas.** Belo Horizonte MG, Brasil, 2023.

Disponível em:

[https://www.researchgate.net/profile/Julia-Marliere/publication/372289384\\_Manejo\\_das\\_principais\\_anormalidades\\_gestacionais\\_em\\_éguas\\_Management\\_of\\_the\\_main\\_gestational\\_abnormalities\\_in\\_mares/links/64ae736ac41fb852dd6c3ae8/Manejo-das-principais-anormalidades-gestacionais-em-éguas-Management-of-the-main-gestational-abnormalities-in-mares.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Julia-Marliere/publication/372289384_Manejo_das_principais_anormalidades_gestacionais_em_éguas_Management_of_the_main_gestational_abnormalities_in_mares/links/64ae736ac41fb852dd6c3ae8/Manejo-das-principais-anormalidades-gestacionais-em-éguas-Management-of-the-main-gestational-abnormalities-in-mares.pdf)

JANISZEWSKI Jéssica do Rocio; CALOMENO Stéfano Strano. RELATO DE CASO: RUPTURA DE TENDÃO PRÉ-PÚBLICO EM ÉGUA PSI COM 330 DIAS DE GESTAÇÃO.

**Revista Academica de Ciencia Equina**, 2018.

Disponível

em:

<http://www.gege.agrarias.ufpr.br/grupeequi/racequi/artigos/2018/relato%20de%20caso%20tendao.pdf>

SENA, Larissa Marchiori; MERCHID Nara Clara Lazaroni; ALMEIDA Ítalo Câmara; SANTOS Jacymara Dutra; MARTINS Carla Braga. Principais causas de perdas gestacionais na espécie equina: Revisão de literatura. **PUB BET**, 2016.

Disponível

em:

[https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=ruptura+de+tend%C3%A3o+pr%C3%A9+p%C3%BAbico+&oq=#d=gs\\_qabs&t=1714157783657&u=%23p%3DtIB1\\_4kblEJ](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=ruptura+de+tend%C3%A3o+pr%C3%A9+p%C3%BAbico+&oq=#d=gs_qabs&t=1714157783657&u=%23p%3DtIB1_4kblEJ)

## SÍNDROME CÓLICA APÓS INGESTÃO DE MANGA E SABLOSE: RELATO DE CASO

Lohanna Clara Monteiro Rodrigues  
Faculdade Nova Esperança - FACENE - João Pessoa - PB  
E-mail: [lohannarodrigues03@gmail.com](mailto:lohannarodrigues03@gmail.com)

Maria Júlia de Oliveira Xavier  
Faculdade Nova Esperança - FACENE - João Pessoa - PB  
E-mail: [mariajulix085@gmail.com](mailto:mariajulix085@gmail.com)

Guilherme Chaves Medeiros  
Faculdade Nova Esperança - FACENE - João Pessoa - PB  
E-mail: [guilhermec.14@outlook.com](mailto:guilhermec.14@outlook.com)

William Douglas Florentino Ferreira  
Faculdade Nova Esperança - FACENE - João Pessoa - PB  
E-mail: [medvetwilliam02@gmail.com](mailto:medvetwilliam02@gmail.com)

João Pedro Borges Barbosa  
Faculdade Nova Esperança -  
FACENE - João Pessoa - PB  
E-mail: [joaopedro.vet@gmail.com](mailto:joaopedro.vet@gmail.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A síndrome cólica é caracterizada por uma dor abdominal aguda, de origem multifatorial. Essa é a enfermidade mais comum na clínica médica de equinos, e é responsável por muitos óbitos nessa espécie, por isso, deve ser tratada como emergência. Os equinos são animais muito suscetíveis a mudanças alimentares, por isso, se mantidos a um manejo inadequado, podem perder a seletividade alimentar e ingerir corpos estranhos, causando graves distúrbios gastrointestinais. Nessas situações, o animal pode fazer a ingestão de areia e alimentos que obstruem o seu trato gastrointestinal. Este resumo tem como objetivo descrever um relato de caso de síndrome cólica após ingestão de manga e sablose.

#### RELATO DE CASO:

Um equino fêmea, de cinco anos de idade, SRD, pesando 400 kg, foi encaminhado ao setor de Clínica Médica de equinos da FACENE, apresentando síndrome cólica com progressão de cerca de 10 horas. O animal apresentava histórico de ingestão de manga e dilatação gasosa abdominal severa, taquipneia, taquicardia, ausência de motilidade em quadrantes dorsais e hipomotilidade em quadrantes ventrais com dor parcialmente responsiva ao tratamento de anti-inflamatórios não esteroidais (Flunixin 1.1 mg/kg). Além disso, o equino também se mostrava desidratado e persistia em deitar durante todo o atendimento. Foi feita a sondagem nasogástrica e através dela foi possível observar polpa de manga, sablose e um conteúdo pastoso, caracterizando uma sobrecarga gástrica. Durante a lavagem gástrica, foi instituída fluidoterapia com cálcio em infusão contínua e 200ml D-Sorbitol, além disso, também foi feita tiflocentese, que em conjunto com as outras técnicas ajudou a aliviar os sintomas. Após a realização desses procedimentos, o animal apresentou melhora em seus parâmetros fisiológicos e timpanismo, porém, manteve-se com hipomotilidade. Foi administrado Docusato de sódio 20mg/kg por via oral em dose única. O animal foi mantido em piquete com grama e apresentou melhora dos sintomas, sendo liberado com alta no dia seguinte.

#### DISCUSSÃO:

O animal apresentou timpanismo, complicação comumente vista em cavalos com cólica. O timpanismo é caracterizado por uma grande distensão do trato

gastrointestinal devido um acúmulo de gases. Foi realizada tiflocentese, procedimento veterinário muito comum na clínica médica equina, realizado para aliviar a distensão abdominal e, através de informações sobre o líquido peritoneal, ajudar no diagnóstico. Enquanto que, a afecção gastrointestinal relacionada ao consumo de areia, conhecida como enteropatia arenosa ou sablose, trata-se de uma enfermidade comumente observada em equinos criados a campo, em regiões de solo arenoso frouxo. Podendo também ocorrer o ato da ingestão, quando o equino ingere água de córregos ou açudes, e ainda a ingestão de feno em grandes quantidades, contendo areia (THOMASSIAN, 1997; HUSTED et al., 2005).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

O diagnóstico precoce e o tratamento emergencial são essenciais para evitar complicações e óbito. Nesse relato, a abordagem terapêutica, incluindo sondagem nasogástrica, lavagem gástrica, fluidoterapia e administração de medicamentos, demonstrou eficácia na melhora dos sintomas e na recuperação do equino. No entanto, se faz necessário ressaltar a importância do manejo adequado e da prevenção para evitar recorrências e complicações futuras desta condição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sobrecarga Gástrica. Areia. Corpo estranho.

#### **REFERÊNCIAS:**

RADOSTITS, Otto. GAY, Clive. BLOOD, Douglas. HINCHCLIFF, Kenneth. **Clínica veterinária: um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e equinos**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

NUNES, Isadora. NEVES, Sheila. SILVA, Bruno. Compactação Duodenal por sablose em equino: Relato de caso. **Revista Sinapse Múltipla**. Betim, MG. v.11, n.1, p. 133-136, jan./jul. 2022.

FILGUEIRAS, J. M.; MELO, U. P.; FERREIRA, C.; FRANÇA, S. A.; SHIMODA, E. Características das fezes e excreção fecal de areia em equinos mantidos a pasto no município de Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo, Brasil. **Ciência animal brasileira**, v.10, n. 4, p. 1200-1206, out./dez. 2009.

## SÍNDROME CÓLICA ASSOCIADA À INTOXICAÇÃO POR AMITRAZ EM EQUINOS: RELATO DE CASO

Maria do Carmo Sales da Silva  
Univesidade Federal de Campina Grande - Patos - PB  
E-mail: [mariadocarmosalesdasilva6@gmail.com](mailto:mariadocarmosalesdasilva6@gmail.com)

Maria Lindervania Pajeú da Silva  
Univesidade Federal de Campina Grande - Patos - PB  
E-mail: [lindervaniasilvap1@gmail.com](mailto:lindervaniasilvap1@gmail.com)

Ygo dos Santos Monteiro  
Univesidade Federal de Campina Grande - Patos - PB  
E-mail: [ygomonteiro125@gmail.com](mailto:ygomonteiro125@gmail.com)

Julie Heide Nunes Paz  
Univesidade Federal de Campina Grande - Patos - PB  
E-mail: [julienunes\\_jphotmail.com](mailto:julienunes_jphotmail.com)

Beatriz Mano e Silva  
Centro de desenvolvimento da pecuária- UFABA  
E-mail: [mv.beatrizmano@gmail.com](mailto:mv.beatrizmano@gmail.com)

Eldinê Gomes de Miranda Neto  
Univesidade Federal de Campina Grande - Patos - PB  
E-mail: [indervaniasilvap1@gmail.com](mailto:indervaniasilvap1@gmail.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

O amitraz é um acaricida utilizado para o controle de ectoparasitas em diversas espécies de animais, no entanto, é contraindicado em equinos, devido a sua característica de toxicidade. A sua utilização na concentração de até 0,025% costuma ser seguro, podendo ocorrer apenas uma estase intestinal transitória (Riet-correa, 2007). Devido sua ação agonista sobre os receptores  $\alpha_2$ -adrenérgicos, sua utilização uso em equinos em forma de banhos de aspersão, tem sido associada a episódios de intoxicação, com sinais de sonolência, ataxia, depressão, impactação progressiva do intestino grosso e fraqueza muscular, ocorrendo geralmente de 24 a 48 horas após a aplicação (Duarte, *et al.*, 2003). O objetivo do trabalho é relatar um caso de síndrome cólica associada ao uso indevido do amitraz.

#### RELATO DE CASO:

Foi atendido no Hospital Veterinário Prof. Ivon Macêdo Tabosa-UFCG, duas éguas, uma prenha, quarto de milha, de 12 anos de idade e outra mestiça, 8 anos de idade, com queixa de dor abdominal. Na anamnese foi relatado que durante o manejo sanitário foi realizada a aplicação tópica de amitraz no dorso dos animais para controle de carrapatos. Após isso apresentaram inquietação, olhar ao flanco, cavar e rolar na baia. Durante o exame físico, os animais apresentavam-se apáticos, com distensão abdominal bilateral, taquicárdicos, taquipnéicos, mucosas oculares hiperêmicas, hipomotilidade intestinal e desidratação moderada. Diante da história clínica e exame físico, constatou-se cólica causada por intoxicação por amitraz. Foi realizado o tratamento inicial com a sondagem nasogástrica; hidratação enteral; banho para retirada do produto tóxico excedente; antitóxico (30mL) diluído em 1L de soro ringer com lactato; flunixin, 1,1mg/kg, IV; sedacol® (100mL), cálcio (100mL), lidocaína em bolus (1,3mg/kg) e infusão (0,05mg/kg/h), todos diluídos isoladamente em 1L de soro, além da bromoprida, 0,025mg/kg, VO, a cada duas horas, que foram

administrados até o restabelecimento da motilidade intestinal. Na égua que não estava prenha também foi utilizado atipamezole na dose de 0,05mg/kg, IM, juntamente com o tratamento anterior, obtendo melhora significativa do seu quadro clínico horas após sua administração, apresentando flatulência e restabelecimento da motilidade, resultando na evacuação de fezes com presença de muco. Devido a contraindicação de atipamezole em caso de prenhez, foi realizado apenas o tratamento de suporte para dor e impactação intestinal, nas doses já mencionadas, por mais dois dias, quando estabilizou-se o quadro.

#### **DISCUSSÃO:**

Intoxicações em equino por amitraz são atípicas, o que leva a poucos estudos acerca do tratamento, entretanto, de acordo com Plumb, 2015, o uso do atipemazole é indicado para reverter os efeitos farmacológicos dos agonistas  $\alpha_2$ -adrenérgicos, como a dexmedetomidina, xilazina, sendo também descrita para reverter os efeitos do amitraz a nível gastrointestinal e SNC. Corroborando com os resultados do caso exposto, tendo em vista a recuperação mais rápida do animal tratado com o reversor  $\alpha_2$ -adrenérgicos, se comparado com o paciente que não recebeu tal medicamento, que resultou em uma resolução clínica mais lenta,

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A utilização indiscriminada de fármacos pelos produtores sem recomendações técnicas favorecem às intoxicações em equinos. Portanto, o diagnóstico preciso da intoxicação por amitraz contribuiu para resolução clínica em tempo hábil dos animais atendidos.

**PALAVRA-CHAVES:** Abdômen agudo. Cavalos. Formamidinas.

#### **REFERÊNCIAS:**

DUARTE, M.D.; PEIXOTO, P.V.; JÚNIOR, P.S.; OLIVEIRA, K.D.; LORETTI, A.P.; TOKARNIA, C.H. Intoxicações natural e experimental por amitraz em eqüídeos: aspectos clínicos. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 23, p. 105-118, 2003.

RIET-CORREA, F. intoxicação por amitraz In: **Doenças de Ruminantes e Equinos**. 3 ed. São Paulo, 2007.

PLUMB, D. C. (2015b). **Plumb's Veterinary Drug Handbook** (8ª ed., p.88). Iowa: Wiley Blackwell.

## SÍNDROME CÓLICA POR SABLOSE: RELATO DE CASO

Andressa Vinagre Dias  
UNIESP Centro Universitário - João Pessoa - PB  
E-mail: [andressavinagred@gmail.com](mailto:andressavinagred@gmail.com)

Ana Paula Lima de Oliveira  
Centro Universitário Maurício de Nassau - Campina Grande - PB  
E-mail: [ana.plo1911@gmail.com](mailto:ana.plo1911@gmail.com)

Iorrany Maria Oliveira Lobo Calou  
Médica Veterinária - Hospital Poty Equus - São José de Mipibu - RN  
E-mail: [iorranycalou@gmail.com](mailto:iorranycalou@gmail.com)

Kaliane Costa  
Médica Veterinária - Hospital Poty Equus - São José de Mipibu - RN  
E-mail: [kalianecosta15@hotmail.com](mailto:kalianecosta15@hotmail.com)

Lídia Stefania Vilela Medeiros  
Médica Veterinária - Hospital Poty Equus - São José de Mipibu - RN  
E-mail: [lidiamedvet2@gmail.com](mailto:lidiamedvet2@gmail.com)

Maurílio Kennedy Feitoza Soares  
Médico Veterinário - Hospital Poty Equus - São José de Mipibu - RN  
E-mail: [mauriliokfsoares@gmail.com](mailto:mauriliokfsoares@gmail.com)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A Enteropatia Arenosa, conhecida por sablose, é uma patologia gastrointestinal comumente relacionada a animais que estão a campo por solo arenoso frouxo, vícios de estresse e não fornecimento de sal mineral (HUSTED et al., 2005). Os equinos são seletivos em questão de alimentação, mas quando mantidos em pastagem inadequada ou com manejo incorreto, pode haver a ingestão de areia (LARANJEIRA e ALMEIDA, 2008; THOMASSIAN, 2005).

**RELATO DE CASO:** Foi encaminhado ao hospital veterinário, um equino, macho, 4 anos de idade, da raça Quarto de Milha, apresentando síndrome cólica. Este animal deu entrada com diarreia, e intenso desconforto abdominal, irresponsivo a analgesia, onde foi administrado dipirona sódica (25mg/kg, IV). Ao exame clínico, observou-se mucosas oculares e oral congestas, TPC 3", FC: 38, FR: 18, TP: 38.3°, hipomotilidade intestinal e distensão ventral bilateral. No exame clínico específico, foi realizada a palpação retal, no qual foi observada fezes em pouca quantidade com bastante areia. Já na ultrassonografia abdominal observou-se a presença de gás, porém com retorno da motilidade. O tratamento inicial se deu a partir da sondagem e lavagem nasogástrica, o que resultou na drenagem de excessivo conteúdo gasoso. Como protocolo terapêutico inicial foi realizada fluidoterapia parenteral associado a Cálcio (1mg/kg), D-Sorbitol (1,5mg/kg), Dipirona (25mg/Kg). Após algumas horas de tratamento, o animal eliminou síbalos em pouca quantidade e com presença de areia, sendo realizado o teste de sedimentação, confirmando assim a suspeita de sablose. O paciente apresentava instabilidade dos parâmetros na auscultação e frequência cardíaca. Tendo em vista a instabilidade do quadro do paciente e responsividade ao uso posterior de flunixin meglumine (1,1mg/kg), o animal foi encaminhado para cirurgia, contudo a mesma não foi autorizada pelo proprietário. Uma abordagem alternativa foi o uso da hidratação enteral com *Psyllium*, laxante de origem vegetal, e tem como objetivo diminuir a consistência de toda a compactação presente, principalmente em colón maior, fazendo com que o conteúdo de areia presente seja aderido às fibras e expulso ao longo dos dias. Mesmo após a continuidade do

protocolo terapêutico instituído, o animal continuava com dor irresponsiva a analgesia em ambiente ambulatorial. E pelo estado crítico demonstrado, o paciente foi encaminhado a eutanásia. Na necropsia, os achados macroscópicos revelaram compactação e laceração em todo cólon maior por excesso de areia e fibras de capim, obtendo-se o diagnóstico definitivo de sablose.

**DISCUSSÃO:** O diagnóstico realizado de forma correta no relato atual como o teste de sedimentação, a palpação transretal, e a ausculta do abdômen, se tornam importantes aliados de uma resposta rápida sobre a situação que o animal se encontra. É o protocolo de tratamento estabelecido para analgesia e o uso do *Psyllium* que vai atuar auxiliando na proteção da mucosa do intestino e conduzir o conteúdo intestinal até a sua excreção.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Torna-se necessário avaliar o manejo alimentar e o ambiente em que os animais se encontram. Sendo fundamental também, a intervenção emergencial desses casos e correlacionando um diagnóstico assertivo e tratamento intensivo para evolução de quadros de cólica por sablose.

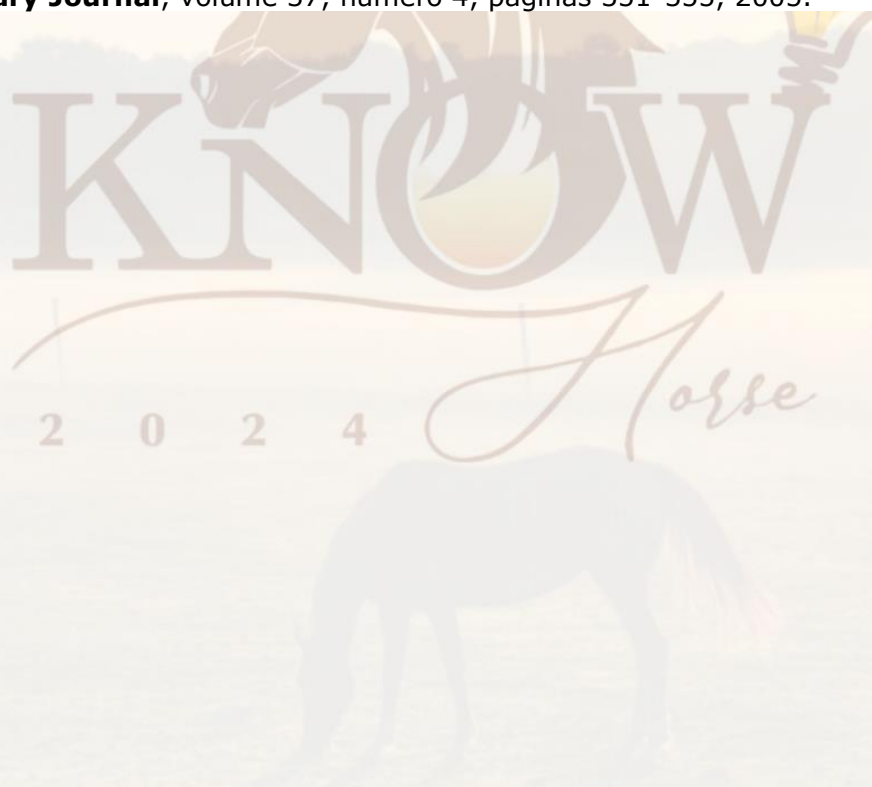
**PALAVRAS-CHAVE:** Areia. Cólon maior. *Psyllium*.

#### REFERÊNCIAS:

THOMASSIAN, Armen. **Enfermidades dos Cavalos**. São Paulo: Varela, 2005, p.

LARANJEIRA Paula Vieira Evans. Hossell. ALMEIDA, Fernando Queiroz de. Síndrome Cólica em eqüinos: ocorrência e fatores de risco. **Revista de Ciência da Vida**, Rio de Janeiro, EDUR. Volume 28, Número 1, 2008, p. 64-78

HUSTED, Louise. ANDERSEN, M.S. BORGGGAARD, Ole. HOUE, Hans. OLSEN, Susanne Nautrup. Risk factors for faecal sand excretion in Icelandic horses. **Equine Veterinary Journal**, volume 37, número 4, páginas 351-355, 2005.



## SÍNDROME DO ABDÔMEN AGUDO EM EQUINOS DECORRENTE DA MÁ DIGESTÃO DE CARBOIDRATOS

Sarah da Silva Dias

Discente da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG - Patos – PB

E-mail: [sarah.silva@estudante.ufcg.edu.br](mailto:sarah.silva@estudante.ufcg.edu.br)

Domini Barreto Silva

Discente da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB

E-mail: [domini.barreto@estudante.ufcg.edu.br](mailto:domini.barreto@estudante.ufcg.edu.br)

Mariana Kivia Duarte Vieira

Discente da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG - Patos – PB

E-mail: [mariana.kivia@estudante.ufcg.edu.br](mailto:mariana.kivia@estudante.ufcg.edu.br)

Antônio Fernando de Melo Vaz

Docente da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB

E-mail: [antonio.melo@ufcg.edu.br](mailto:antonio.melo@ufcg.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

Os carboidratos, de acordo com Morgado e Galzerano (2008), são compostos orgânicos alimentares de extrema importância na dieta animal, sendo as fontes primárias de energia para o organismo, e correspondem aproximadamente 75% do conteúdo dos vegetais volumosos; as únicas formas de carboidratos que podem ser absorvidos pelo intestino delgado são os monossacarídeos, sendo os carboidratos mais complexos hidrolisados no intestino grosso, a partir da fermentação microbiana. A síndrome do abdômen agudo, ou mais conhecida por cólica equina, é uma afecção recorrente caracterizada por dores que podem variar de leves a intensas, considerada uma das afecções mais graves em equinos, estando relacionada principalmente a alimentação de baixa qualidade e ingestão de altos níveis de carboidratos não estruturais (PESSOA et al., 2012). Logo, segundo Morgado e Galzerano (2008), a nutrição adequada e alimentação de qualidade se faz necessário para prevenção da cólica equina, tendo em vista que sua fisiologia e aparelho digestivo pode ser acometido devido aos fatores que interferem na boa digestão dos carboidratos. Este resumo visa descrever a falha na digestão de carboidratos e a cólica em decorrência do erro.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica, realizada através do Google Acadêmico utilizando o tema "SÍNDROME DO ABDÔMEN AGUDO DEVIDO A DIGESTÃO DE CARBOIDRATOS"

#### REVISÃO DE LITERATURA:

O processo de digestão dos equídeos ocorre de forma simultânea e associada as enzimas digestivas e microbiota. Quando os carboidratos não estruturais são consumidos em grandes quantidades, escapam a hidrólise no intestino delgado e passam para o intestino grosso onde irão fermentar rapidamente, produzindo excesso de gases e ácido lático; a alta concentração de ácido lático retém água e reduz o pH do lúmen intestinal, o que aumenta o risco de desordens digestivas sem aproveitamento da fibra e uma possível compactação (COHEN et al., 1999). No ceco e cólon a flora é composta principalmente de bactérias celulolíticas, com maior abundância no ceco indicando que é o principal componente do intestino capaz de digerir fibras. Segundo Hoffman (2003), no intestino grosso são digeridos os carboidratos que não foram aproveitados no intestino delgado, produzindo AGV. A absorção dos ácidos graxos voláteis no intestino grosso ocorre na forma de ácidos livres, por difusão passiva através da mudança do gradiente de pH. A absorção é

essencial para a manutenção do pH que é essencial para as bactérias digestivas de fibras (BRANDI, Roberta Ariboni; FURTADO, Carlos Eduardo, 2009). A alta quantidade de carboidratos não estruturais fermentados favorecem a proliferação de bactérias e produção de lactato, porém o acúmulo do mesmo afeta a capacidade tampão do ceco e cólon, diminuindo o PH e ocasionando a cólica.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A grande ingestão de carboidratos não estruturais e uma alimentação de baixa qualidade em fibras são fatores que contribuem para o aparecimento da Síndrome do abdômen agudo podendo levar à morte do animal. Logo, uma dieta balanceada tem sido uma grande aliada para evitar a afecção e manter a saúde do animal.

**PALAVRAS-CHAVE:** carboidratos; cólica; digestão; equinos; síndrome.

#### **REFERÊNCIAS:**

BRANDI, Roberta Ariboni; FURTADO, Carlos Eduardo. IMPORTÂNCIA NUTRICIONAL E METABÓLICA DA FIBRA NA DIETA DE EQUINOS. **Revista brasileira de zootecnia**, v. 38, p. 246-258, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-35982009001300025>. Acesso em: 17 abr. 2024.

HOFFMAN, R.M. METABOLISMO DE CARBOIDRATOS EM EQUINO. **Avanços recentes na nutrição equina**. Serviço Internacional de Informações Veterinárias, 2003. Disponível em: <http://www.veterinaria.org/revistas/redvet/n101008/101008.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MORGADO, Eliane. DIGESTÃO DOS CARBOIDRATOS DE ALIMENTOS E DIETAS EM EQUINOS. **RIMA - Repositório Institucional de Múltiplos Acervos da UFRJ**, Instituto de Zootecnia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/14910>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MORGADO, Eliane; GALZERANO, Leandro. A IMPORTÂNCIA DOS CARBOIDRATOS NA ALIMENTAÇÃO DOS EQUINOS. **REDVET. Revista Electrónica de Veterinaria**, v. 9, n. 10, p. 1-24, 2008. Disponível em: <http://www.veterinaria.org/revistas/redvet/n101008/101008.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.

COHEN, N.D.; P.G. GIBBS; WOODS, A.M.; DIETÉTICOS E OUTROS FATORES DE MANEJO ASSOCIADO À CÓLICA EM EQUINOS. **AVMA - Jornal da Associação Médica Veterinária da América**, v. 215, p. 53-60, 1999. Disponível em: [https://avmajournals.avma.org/configurable/content/journals\\$002fjavma\\$002fjavma-overview.xml?t:ac=journals%24002fjavma](https://avmajournals.avma.org/configurable/content/journals$002fjavma$002fjavma-overview.xml?t:ac=journals%24002fjavma). Acesso em: 17 abr. 2024.

## SUPLEMENTAÇÃO LIPÍDICA PARA EQUINOS: MELHORIA ENERGÉTICA E PREVENÇÃO DE TRANSTORNOS GASTROINTESTINAIS

Mariana Kivia Duarte Vieira

Discente da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB

E-mail: [mariana.kivia@estudante.ufcg.edu.br](mailto:mariana.kivia@estudante.ufcg.edu.br)

Domini Barreto Silva

Discente da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB

E-mail: [domini.barreto@ufcg.estudante.edu.br](mailto:domini.barreto@ufcg.estudante.edu.br)

Sarah da Silva Dias

Discente da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB

E-mail: [sarah.silva@estudante.ufcg.edu.br](mailto:sarah.silva@estudante.ufcg.edu.br)

Antonio Fernando de Melo Vaz

Docente da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB

E-mail: [antonio.melo@ufcg.edu.br](mailto:antonio.melo@ufcg.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A demanda energética e nutricional dos equinos deve ser ajustada às suas atividades físicas e laborais. O equídeo é um monogástrico, mas, por possuir características particulares, pode ser classificado como herbívoro não ruminante. Os equinos apresentam capacidade digestiva limitada, e os altos níveis de amido presentes nas dietas compostas de grãos e sementes afetam o nível de digestibilidade dos carboidratos não fibrosos. Um equídeo de 500 kg de peso vivo possui um aparelho digestivo de capacidade total de cerca de 130 litros, portanto, se o alimento for concentrado, cuja digestão ocorre principalmente no estômago e início do intestino delgado, o fornecimento deste deve estar limitado a 2,5 kg por refeição, sendo o ideal em torno de 1,5 - 2,0 kg de concentrado por refeição. Em uma ingestão elevada de alimento concentrado de uma só vez, ele vai apresentar dificuldade de digestão, a qual numa sobrecarga gástrica, pode acarretar ruptura do estômago pelo excesso de concentrado. Dessa forma, o aumento da quantidade de carboidratos fermentados no ceco e no cólon pode culminar em complicações digestivas e metabólicas, como por exemplo, os problemas de cólica e laminite. Portanto, a inclusão de óleos na dieta de equinos pode diminuir os transtornos gastrintestinais, pois esses têm reconhecido valor energético sendo bastante úteis como fonte de energia e de ácidos graxos essenciais.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica, realizada através do Google Acadêmico, SciELO e a Pubvet utilizando o tema " **SUPLEMENTAÇÃO LIPÍDICA NA DIETA DE EQUINOS PARA AUMENTO DE DESEMPENHO ENERGÉTICO E PREVENÇÃO DE TRANSTORNOS GASTROINTESTINAIS** "

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Cavalos de esporte, devido ao seu intenso fluxo de exercícios, como os utilizados em corridas, que podem atingir de 110 a 150 batimentos por minuto, demandam muita energia metabolizável. Uma dieta à base de óleos vegetais promove ganhos metabólicos para essa maior necessidade energética. Desse modo, ocorre a conversão de triglicerídeos em energia através do processo de beta oxidação, que envolve o metabolismo oxidativo de ácidos graxos para a produção de energia (Mattos et al., 2006). Esse processo é dividido em três etapas: a ativação dos ácidos

graxos na mitocôndria, seguida pelo processo de oxidação e, posteriormente, pela respiração celular. Durante esse processo, ocorre a remoção sucessiva de dois átomos de carbono na forma de Acetil-CoA, iniciando pela extremidade carboxila do ácido graxo, resultando na formação de uma molécula de acetil-CoA e de intermediadores de energia como as Coenzimas Nicotinamida Adenina Dinucleotídeo (NADH) e Flavina Adenina Dinucleotídeo (FADH) em sua forma reduzida, os quais são fundamentais para produção de Adenosina Trifosfato (ATP) (Mattos et al. 2006).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A inclusão de óleos vegetais em proporção preconizada e de acordo com peso e aptidão do animal pode gerar um melhoramento energético na dieta de equinos, crucial para animais em práticas desportivas. Resultando na melhoria da execução de exercícios e no equilíbrio da dieta pela redução de carboidratos fornecidos, visando evitar possíveis transtornos gastrointestinais, laminite e cólicas causadas pelo consumo excessivo de carboidrato não estruturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** lipídios; equinos ; triglicerídeos ; digestibilidade.

#### **REFERÊNCIAS:**

DOS SANTOS NASCIMENTO, J. C. ; FONSECA FILHO, L. B.; PEREIRA, L. ; SILVA, T. G. P. ; ALBUQUERQUE, P. V., ANDRADE, G. P.; PEREIRA, F. M.; AMORIM, M. J. A. A.

**UTILIZAÇÃO DE ÓLEOS VEGETAIS NA ALIMENTAÇÃO DE EQUINOS:** Revisão. Pubvet. v. 12, n. 03, 2018 p. 130, 2018. Disponível em: <https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/1172> Acesso em: 23 de abr. 2024.

SANTOS, E. L.; CAVALCANTI, M. C. A., LIRIA, J. E.; MENESES, D. R.; FORTES, C.R.; SILVA, A.V.; TEMOTEO, M.C.; SILVA, L. P. **MANEJO NUTRICIONAL E ALIMENTAR DE EQUINOS** Revista eletrônica Nutritime . Rio Largo, AL. v. 9 , n.05 , p. 1911 – 1943. 2012

Disponível em : <https://nutritime.com.br/wp-content/uploads/2020/02/Artigo-174.pdf>. Acesso em: 23 de abr. 2024.



## SUPLEMENTAÇÃO MINERAL EM EQUINOS

Júlio Everson Serafim da Silva

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB

E-mail: [juliosilva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:juliosilva@medvet.fiponline.edu.br)

Petruccio Hennio Silva Teixeira Filho

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB

E-mail: [petrucciofilho@medvet.fiponline.edu.br](mailto:petrucciofilho@medvet.fiponline.edu.br)

Yann Medeiros de Lucena

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB

E-mail: [yannlucena@medvet.fiponline.edu.br](mailto:yannlucena@medvet.fiponline.edu.br)

Brendo Walker Rezende de Oliveira

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB

E-mail: [brendooliveira@medvet.fiponline.edu.br](mailto:brendooliveira@medvet.fiponline.edu.br)

Brigyda Oliveira dos Santos

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB

E-mail: [brigydasantos@medvet.fiponline.edu.br](mailto:brigydasantos@medvet.fiponline.edu.br)

Claudia Morgana Soares

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB

E-mail: [claudiasoares@fiponline.edu.br](mailto:claudiasoares@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A nutrição equina é uma área fundamental para garantir a saúde e o desempenho dos cavalos em todas as fases da vida. Dentro desse vasto campo de atuação, a suplementação mineral emerge como um componente essencial, preenchendo lacunas nutricionais que podem surgir mesmo em dietas aparentemente equilibradas. Os equinos, assim como os humanos, requerem uma variedade de minerais para manter funções fisiológicas vitais, desde a formação óssea até o funcionamento adequado dos sistemas muscular e imunológico.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica descritiva com análise qualitativa de dados sobre o tema, realizada em abril de 2024. As buscas foram feitas no banco de dados do Google Acadêmico, com as seguintes palavras: “minerais na dieta de equídeos”, “suplementação mineral em equinos”, “minerais essenciais em equinos”. Foram selecionados três artigos atuais e completos com base no tema deste trabalho.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Segundo Antonello (2011), os minerais são essenciais para o aproveitamento da energia e dos alimentos, além de serem fundamentais para a saúde dos tendões, cascos, articulações, musculatura, circulação e respiração dos equinos, sendo portanto a suplementação mineral, crucial na manutenção da saúde e no desempenho dos cavalos. Atendendo as necessidades nutricionais desses animais e garantindo alimentação adequada, os minerais para equinos, incluindo cálcio, fósforo, magnésio, potássio, sódio, enxofre, ferro, cobre, zinco, manganês, selênio e outros oligoelementos essenciais, desempenham papéis vitais em funções como formação óssea, contração muscular, função nervosa e muitos outros processos fisiológicos. Os problemas de saúde podem estarem associados à deficiência ou excesso de minerais na dieta dos equinos. Deficiências de cálcio e fósforo podem levar a distúrbios ósseos, enquanto o excesso de ferro pode causar danos oxidativos. Também é importante abordar como as interações entre minerais podem afetar sua

absorção e utilização no organismo. Há fatores que podem influenciar a absorção de minerais pelos equinos, como o pH do trato gastrointestinal, a presença de outros nutrientes na dieta e a qualidade dos ingredientes alimentares. Ressaltando a importância de considerar esses fatores ao formular dietas equinas para garantir a eficácia da absorção mineral. Recomendações práticas para formulação de ração pelos proprietários desses animais podem incluir orientações sobre seleção de alimentos, uso de suplementos minerais, análise de água potável e monitoramento de sinais de deficiência ou toxicidade mineral. A utilização de sal mineral específico para equinos também é uma prática importante na prevenção de distúrbios alimentares que pode ocorrer em éguas lactantes e em cavalos submetidos a grande estresse físico, como a hipocalcemia ou "febre do leite".

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

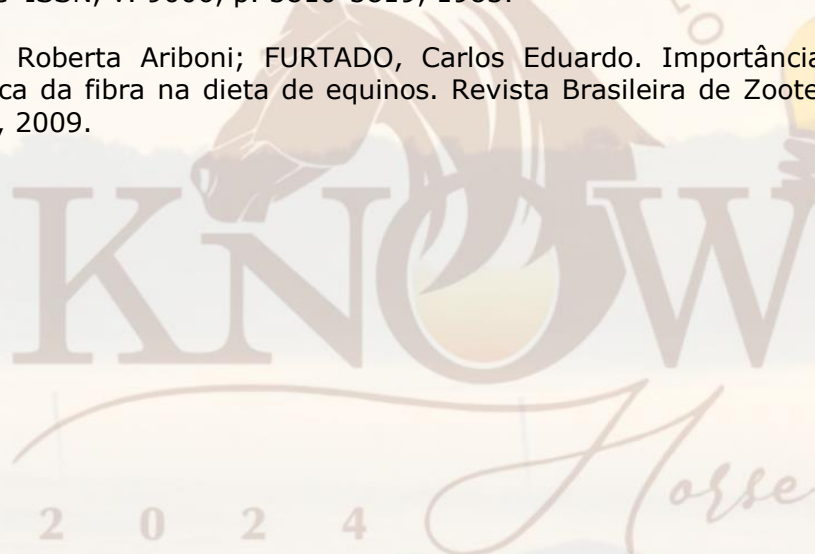
Assegurar uma dieta equilibrada e personalizada para cada cavalo, incluindo a adequada suplementação com sal mineral, é de suma importância para promover regimes de cuidados equinos eficazes. Essa abordagem destaca a nutrição como uma base essencial no manejo equino, crucial para garantir a saúde e o bem-estar desses animais.

#### **REFERÊNCIAS:**

ANTONELLO, Thais; ARALDI, Daniele F. Suplementação mineral em cavalos atletas. XVI seminário interinstitucional de pesquisa e extensão, 2011.

DA SILVA, Alex Lopes et al. Suplementação para equinos–revisão. Revista Eletrônica Nutritime–ISSN, v. 9006, p. 3810-3819, 1983.

BRANDI, Roberta Ariboni; FURTADO, Carlos Eduardo. Importância nutricional e metabólica da fibra na dieta de equinos. Revista Brasileira de Zootecnia, v. 38, p. 246-258, 2009.



## SURTOS DE ENCEFALOMIELTE EQUINA NO NORDESTE DO BRASIL: REVISÃO DE LITERATURA

Maria Carolina dos Santos Nogueira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [marianoqueira@medvet.fiponline.edu.br](mailto:marianoqueira@medvet.fiponline.edu.br)

Fernanda Moraes de Lima  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [fernandalima@medvet.fiponline.edu.br](mailto:fernandalima@medvet.fiponline.edu.br)

Flaviane Neri Lima de Oliveira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [flavianeoliveira@fiponline.edu.br](mailto:flavianeoliveira@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A encefalomielite equina, conhecida em certas regiões como “mormo de roda”, é uma doença causada pelo complexo de vírus da encefalomielite equina oriental (EEEV), o vírus da encefalomielite equina ocidental (WEEV) e o vírus da encefalomielite equina venezuelana (VEEV) (Gil, 2021). As encefalomielites são doenças infecto-contagiosas, zoonóticas, de caráter agudo, causadas por vírus da família Togaviridae, gênero Alphavirus, com uma gravidade de hospedeiros e reservatórios, incluído aves e mamíferos e que apresentam intenso tropismo pelo sistema nervoso central (Kotail, et al 2006). No Brasil, os isolamentos mais recentes de Vírus Madariaga (MDAV), do complexo de Vírus encefalomielite oriental, ocorreram no Estado da Paraíba e Ceará, em 2009, no nordeste do Brasil. Por conta disso as autoridades sanitárias tem recomendado a vacinação dos animais nessa região (Gil, 2021).

#### METODOLOGIA:

Foi realizado um estudo exploratório descritivo por meio de uma revisão bibliográfica da literatura em busca de artigos que descrevessem a ocorrência de encefalomielite equina Leste no Nordeste do Brasil. Para isso, foram utilizadas as bases de dados científicos do Periódico CAPES, PubMed e SciELO, sendo a estratégia de busca: “encefalomielite equina” e seu correspondente em inglês “equine encephomyelites”.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Foram encontrados 3 trabalhos publicados na plataforma referentes ao tema Encefalomielite Equina. No Brasil a encefalomielite equina não é frequente, visto que humanos e equinos são hospedeiros acidentais, e sua transmissão é atribuída principalmente a aves silvestres e mosquitos dos gêneros *Aedes* sp., *Culex* sp. e *Mansonia* sp. (Nunes, 2021). Porém ao longo dos anos foram notados surtos da doença na região Norte e Nordeste do país. Na Ilha do Marajó-PA, moradores relataram a ocorrência de óbitos de equinos com sinais neurológicos (Campos, 2013). Em 2019, nos Estados da Paraíba e Ceará, foram registrados casos de equinos que vieram a óbito por um vírus membro do complexo viral da encefalite equina oriental (Gil, 2021). Os sinais clínicos foram os mesmos verificados, como andar a esmo, cambaleante e em círculo, cegueira, salivação, ranger de dentes, pressão da cabeça contra objetos, quedas, movimentos de pedalagem e decúbito seguido de morte em cerca de três dias, alterações essas que, estão associadas a lesões cerebrais. (Campos, et al 2013). A doença tem grande importância na saúde pública, com relatos de complicações neurológicas graves e óbitos em humanos (Campos, et al 2013). Devido a semelhança entre os sinais clínicos com a raiva, a obtenção de dados epidemiológicos, só são obtidos após a morte dos animais em virtude da falta de confiabilidade nas informações. Todos os animais estudados eram provenientes de propriedades que não realizavam vacinação contra o EEEV, raiva ou outras

doenças (Campos, et al 2013)

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Por se tratar de um vírus que acomete animais e humanos, e ser considerada uma zoonose, a Vigilância Epidemiológica juntamente com Médicos Veterinários e vigilância Sanitária, devem se manter atentos aos casos, para que ocorra a notificação precoce dos mesmos, prevenindo possíveis surtos ou mortes.

**Palavras chave:** Doença viral, sinais nervosos, equinos, zoonose.

#### REFERÊNCIAS:

CAMPOS, K. F.; De Oliveira, C. H. S.; Reais, A. B.; Yamasaki, E. M.; Brito, M. F.; Andrade, S. J. T.; Duarte, D. M.; Barbosa, J. D.; Surto de encefalomielite equina Leste na Ilha de Marajó, Pará. **Pesquisa Veterinária Brasileira**. Castanhal, PA. 2013.

Gil, L. H. V. G; Magalhães, T.; Santos, B. S. A. S; Oliveira, L.V; Oliveira-Filho, E. F; Cunha, J. L. R; Fraiha, E. L. A; Rocha, B. M. M; Longo, B. C; Ecco, R.; e outros. Circulação Ativa do Vírus Madariaga, Membro do Complexo do Vírus da Encefalite Equina Oriental, no Nordeste do Brasil. *Patógenos* **2021**, 10, 983.  
<https://doi.org/10.3390/pathogens10080983> Acesso em: 12 abr. 2024.

NUNES, J. S. S. S., Casseb, L. M. N., Guimarães, R. J. P. S., Reis, W. D. M., Barros, B. C. V., Ferreira, M. S., Chiang, J. O., Pinheiro, H. H. C., Vasconcelos, P. F. C., & Cruz, A. C. R. (2021). Evidência sorológica de encefalite equina oriental circulação em equídeos no estado do Pará, Brasil. **Brasileiro Revista de Medicina Veterinária**, 43, e001720.

Kotail, I.; Brandão, P. E.; Correia, M. L. Vigilância Epidemiológica das Encefalites Equinas, São Paulo. Boletim Hepidemiológico Paulista. 2006. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/> Acesso em: 08 maio 2024.

Ana Julia Cabral de Medeiros Silva

Discente da Universidade Potiguar - UNP - Natal - RN - Brasil

E-mail: [anajcms2013@hotmail.com](mailto:anajcms2013@hotmail.com)

Adailana de Medeiros Costa

Discente do Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - PB - Brasil

E-mail: [limaada@outlook.com](mailto:limaada@outlook.com)

Francisco Leo Nascimento de Aguiar

Docente no Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - PB - Brasil

E-mail: [francisco.aguiar@ifpb.edu.br](mailto:francisco.aguiar@ifpb.edu.br)

Marcelo Augusto Emerenciano Maia

Médico Veterinário da Clínica HorseVet - Macaíba - RN - Brasil

E-mail: [marcelomaiavet@hotmail.com](mailto:marcelomaiavet@hotmail.com)

## **RESUMO:**

### **INTRODUÇÃO:**

Tenossinovite equina é um processo inflamatório que ocorre dentro da bainha tendínea, acometendo sobretudo cavalos atletas. As manifestações são locais, na região dos tendões, apresentando calor excessivo, dor à palpação, aumento de volume, distensão e espessamento. Dispõe de etiologia diversa e multifatorial, o qual requer repouso absoluto atividades. Caso contrário, esta patologia pode ter quadro agravado com severidade e rapidez, capaz de estender-se a sinais sistêmicos, como depressão, anorexia e hipertermia.

### **RELATO DE CASO:**

Encaminhou-se para a clínica veterinária HorseVet, município de Macaíba/RN, uma fêmea equina de 5 anos, raça quarto de milha, ativa na modalidade atleta do esporte vaquejada, apresentando sinais clínicos em fase aguda, como dor, alto grau de claudicação do membro anterior direito e edema na região do boleto. Consequentemente, o animal somente conseguia apoio com a pinça do casco. A partir disto, foram realizados exames radiográficos e ultrassonográficos, constatando tenossinovite asséptica. Detectou-se a partir do exame ecográfico, imagem hipoeecóica da parede da bainha condigno a sua densidade, validando a fase inflamatória e mais adiante tornando-se mais ecogênica, progressivamente a hipertrofia da membrana sinovial. Deste modo, não apresentou infecção, e sua natureza idiopática desenvolveu-se de forma aguda, potencialmente desinente de algum aprumo inadequado, ao tempo de descanso que o animal se encontrava solto em piquete. Como terapêutica aplicada, realizou-se drenagem da porção abundante de líquido sinovial, justaposto do teor de células e enzimas inflamatórias, presente na bainha tendínea do tendão flexor digital superficial e subsequentemente infiltrada solução isotônica de hialuronato de sódio - Osteonil® Plus, em duas aplicações de 40mg. Adicionalmente, realizou-se o uso de ferradura ortopédica ao longo de 3 meses. Assim, para uso tópico, utilizou-se como anti-inflamatório o dimetilsulfóxido - DMSO - DM Gel®, em um período de 7 dias, simultaneamente ao emprego da liga de descanso. Durante 28 dias utilizou-se o ultrassom terapêutico, associado a crioterapia, para alívio de dores e inflamação local e dá termoterapia em função do aumento da agitação molecular e melhor circulação sanguínea na zona afetada, com aplicações 2 vezes ao dia. Concomitantemente, a fim de acelerar a recuperação, sucedeu-se terapia por ondas de choque (shockwave), 1 vez por semana, totalizando 4 seções. O animal recebeu alta após 28 dias de internamento e tratamento constante. Ademais, realizou-se ainda o repouso no decorrer de 3 meses, com uso da ferradura ortopédica, retomando aos trabalhos gradativamente, sem apresentar

nenhuma alteração ou consequência do problema.

#### **DISCUSSÃO:**

O ácido hialurônico condigno a sua textura viscosa, melhora a lubrificação local da região sinovial, ao qual dentro da bainha tendínea detêm como mecanismo de ação o efeito anti-inflamatório. Similarmente possibilita-se infiltrações de outros medicamentos como corticoide. Pode-se realizar hidroterapia e métodos cirúrgicos como a tenoscopia. Tenossinovite dispõe de cura, entretanto, quando não há repouso, pode-se agravar a um quadro crônico, capaz de danificar o tendão.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Conclui-se que a partir do tratamento correto e contínuo, com auxílio de métodos fisioterapêuticos e inatividade por determinado período de tempo, os resultados foram satisfatoriamente mais rápidos e precisos, promovendo a reversão da inflamação sem produzir sequelas.

#### **PALAVRAS-CHAVE:**

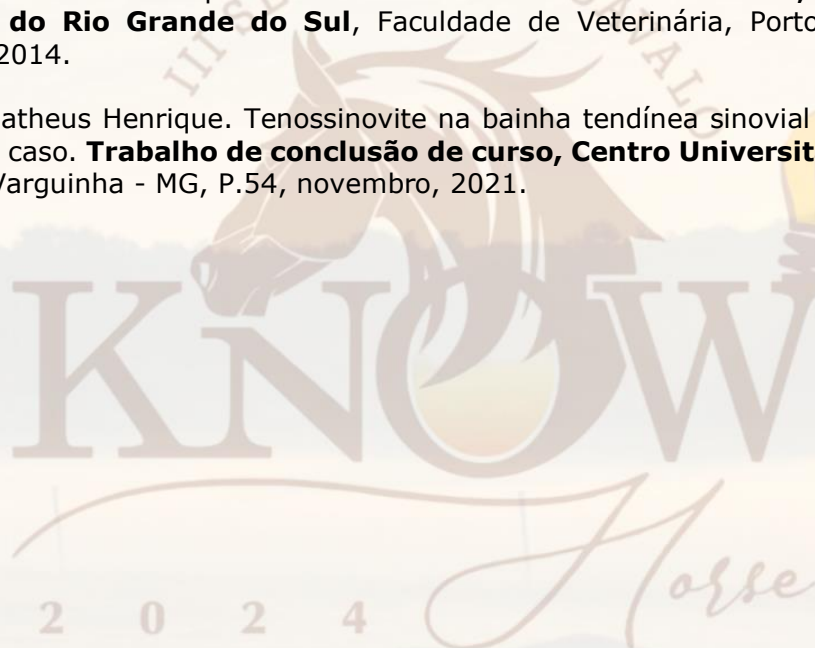
Ácido hialurônico. Inflamação do tendão. Fisioterapia Equina. Quarto de milha.

#### **REFERÊNCIAS:**

THOMASSIAN, Armen. **Enfermidades dos cavalos**. 4ª edição. Editora Varela, 2005.

STEINBACH DÍAZ, Verônica. Principais patologias, diagnósticos e tratamentos de lesões tendíneas em equinos. **Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Faculdade de Veterinária, Porto Alegre, P.41, janeiro, 2014.

LELIS, Matheus Henrique. Tenossinovite na bainha tendínea sinovial digital equina: relato de caso. **Trabalho de conclusão de curso, Centro Universitário do Sul de Minas**, Varguinha - MG, P.54, novembro, 2021.



## TENOSSINOVITE SÉPTICA EM POTRO – RELATO DE CASO

Wellington Vicente da Silva Centro  
Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU - Natal -RN  
E-mail: [wellington\\_vicente@hotmail.com](mailto:wellington_vicente@hotmail.com)

Deryck Vinicius Goes Medeiros Centro  
Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU - Natal -RN  
E-mail: [deryckgoes@hotmail.com](mailto:deryckgoes@hotmail.com)

Lídia Stefânia Vilela  
Medeiros Médica Veterinária do Hospital Veterinário Poty Equus  
E-mail: [lidiamedvet2@gmail.com](mailto:lidiamedvet2@gmail.com)

Iorrany Maria Oliveira Lobo Calou Médica Veterinária do  
Hospital Veterinário Poty Equus  
E-mail: [iorranycalou@gmail.com](mailto:iorranycalou@gmail.com)

Maurílio Kennedy Feitosa Soares  
Médico Veterinário do Hospital Veterinário Poty Equus  
E-mail: [mauriliokfsoares@gmail.com](mailto:mauriliokfsoares@gmail.com)

Kaliane Costa Médica Veterinária do  
Hospital Veterinário Poty Equus  
E-mail: [kalianecosta15@hotmail.com](mailto:kalianecosta15@hotmail.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A tenossinovite séptica é uma condição patológica inflamatória da bainha tendínea, que pode ser especificado por duas formas: à tenossinovite asséptica e a séptica. Na tenossinovite asséptica, pode ocorrer de maneira idiopática sem apresentação de processos inflamatórios (Lapa, 2009), e onde não há infecção; já por outro lado, na tenossinovite séptica temos uma infecção estabelecida através de varias decorrências traumáticas, exemplo: perfurações, lacerações e/ou infiltrações, que podem levar a desenvolver focos bacterianos para o interior da estrutura, á bainha tendínea. Normalmente, a lesão pode não ser detectada se não houver nenhum dano inicial grave; os sintomas clínicos só aparecerão após o estabelecimento do processo infeccioso na bainha, em um período de 24 a 48 horas após o momento em que a lesão foi gerada (Colahan, 1999)

#### RELATODECASO:

Foi atendido pela equipe veterinaria do Hospital Poty Equus, um paciente da raça Mangalarga Machador, 4 (quatro) meses, Zaina. O mesmo apresentava um corte há três dias em região de quartela na face plantar do membro posterior direito. O paciente se apresentava com claudicação grau 3, descansando em pinça, e com presença de sinais intensos de inflamação como dor, calor e edema ascendente até a região de boleto, e demais parâmetros normais. Ao exame complementar, realizado com auxilio do ultrassom, notou-se presença de efusão com fibrina em região flexora. Sendo assim, decidiu-se coletar o líquido sinovial para análise microscópica. O exame de laboratório confirmou presença de bactérias Streptococcus (+++), dessa forma, o paciente foi encaminhado para a realização da lavagem na baia do tendão. Durante o procedimento, foi utilizado na sedação um farmaco a2 agonista, a detomidina (15mcg/kg); na indução uma dissociativa, a cetamina (2,2mg/kg), associado ao benzodiazepínico, o midazolam (0,1mg/kg). A partir daí, foi feito a lavagem com soro ringer com lactato até o líquido sair limpo; e por fim, infiltrado 1g de amicacina, e repetido o procedimento com 8 dias para chegar o êxito e retirar

toda a contaminação focal. No pós operatório, foi utilizado: Fenilbutazona (4,4 mg/kg, IV, SID, 5 dias); Firocoxibe (0,1 mg/kg, VO, SID, 15 dias); Perfusão regional com ampicilina (1g, IV, a cada 48 horas, 3 aplicações) limpeza da ferida diariamente com colocação de bandagem.

#### **DISCUSSÃO:**

Por se tratar de uma região de quartela e boleto, uma região nobre de inserção de tendões flexores digitais; A tenossinovite séptica é uma condição desafiadora que requer um diagnóstico precoce e tratamento imediato para prevenir complicações graves. Este caso clínico exemplifica a importância da vigilância e cuidados adequados, especialmente em áreas como essa onde lesões aparentemente menores podem evoluir para infecções sépticas debilitantes.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Conclui-se, que o manejo terapêutico eficaz, incluindo a lavagem da bainha tendínea e o uso de antibióticos apropriados, resultou em uma recuperação bem-sucedida para o paciente. No entanto, ressalta-se a necessidade contínua de acompanhamento pós-operatório e medidas preventivas para evitar recorrências e garantir o bem-estar a longo prazo do animal. Este caso destaca a importância da educação contínua sobre cuidados com feridas e infecções em potros, visando a saúde e o desempenho atlético futuro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Séptico, Lavagem tendínea, Reabilitação.

#### **REFERÊNCIAS**

LAPA. Diana Abril Pereira. Diagnóstico e tratamento das principais lesões tendinosas e ligamentosas dos equinos. Dissertação de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Medicina Veterinária, Lisboa. P. 99. 2009.

COLAHAN, Patrick T. Equine Medicine and Surgery. 5ª edição. Mosby; 1999.



## TERAPIA CLÍNICA NO TRATAMENTO DA ÚLCERA DE CÓRNEA EM EQUINOS

Jordana Ádila Araújo de Sousa  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG – Patos – PB – Brasil  
Email: [jordana.adila@estudante.ufcg.edu.br](mailto:jordana.adila@estudante.ufcg.edu.br)

Ana Maria Leite Costa  
Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil  
Email: [anacosta@medvet.fiponline.edu.br](mailto:anacosta@medvet.fiponline.edu.br)

Willder Rafael Ximenes Cunha  
Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB – Brasil  
Email: [willdercunha@fiponline.edu.br](mailto:willdercunha@fiponline.edu.br)

Roberta Simone Bezerra Gomes Ximenes  
Médica Veterinária – São José do Egito – PE – Brasil  
Email: [robertasbgx@gmail.com](mailto:robertasbgx@gmail.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

As úlceras de córnea se apresentam entre as patologias mais comuns em equinos devido a anatomia dos olhos, que são mais expostos, como também ao fato de sua utilização para esportes e tração, estando assim mais propícios ao trauma (Bezerra Neto, Moura e Vago, 2020). Devido ao risco da perda de visão se faz necessário um diagnóstico rápido e um tratamento preciso (Queiroz e Reis, 2023). A terapêutica tem como base a utilização de colírios ou soluções com ação midriática, lubrificante, colangenolítica, antibióticos, antifúngicos, antivirais e anti-inflamatório não esteroidal (AINES) tópicos e sistêmicos (Bonow, 2021).

#### METODOLOGIA:

Foi realizada uma pesquisa utilizando como base de dados o Google Acadêmico e a biblioteca digital Scielo e como critério de inclusão artigos publicados nos últimos 10 anos.

#### REVISÃO DE LITERATURA:

As úlceras de córnea podem ser classificadas como superficiais e profundas, de acordo com as estruturas envolvidas (Oliveira *et al.*, 2019) e comumente os sinais clínicos são o blefaroespasma, epífora, hiperemia conjuntiva e fotofobia (Bonow, 2021). O diagnóstico consiste na avaliação clínica e nos testes oftalmológicos, como a fluoresceína, o rosa bengala e o teste lacrimal de Schimer (Sequeira, 2021; Queiroz e Reis, 2023). O tratamento clínico é realizado de forma individualizada, porém o uso tópico de antibióticos a base de tobramicina, gentamicina ou ciprofloxacina em casos de infecções bacterianas secundárias são recomendados. Em infecções fúngicas a Nistatina e o cetoconazol são empregados e em infecções virais o Aciclovir ou Idoxuridina podem ser utilizados em forma de colírios ou pomadas. Soluções ou pomadas a base de atropina são prescritos pela sua função midriática, porém em pacientes com ceratoconjuntivite seca e glaucoma associados, não devem ser utilizadas (Sequeira, 2021; Braga, 2023; Queiroz e Reis, 2023). Os AINES são amplamente empregados para esta patologia de forma tópica e sistêmica. O diclofenaco de sódio é o anti-inflamatório local mais descrito em literatura nesta patologia e, para o uso sistêmico, opta-se pelo flunixin meglumine (Sequeira, 2021). Para auxiliar no processo de cicatrização recomenda-se o uso de vitaminas A e D (Pinho Neto *et al.*, 2017). Colírios a base de EDTA e soro autólogo, que contém plasma rico em plaquetas, são utilizados pela ação redutora de metaloproteínases de matriz, impedindo a progressão das úlceras e ação lubrificante (Perches *et al.* 2015;). O período de tratamento irá variar de acordo com a apresentação e a gravidade do

quadro clínico. Em casos de dor intensa recomenda-se o uso de opióides nas primeiras 24 horas. O uso de corticosteroides e anestésicos tópicos devem ser evitados pois agravam o quadro oftalmológico (Queiroz e Reis, 2023). O prognóstico da úlcera de córnea é variável e depende do tamanho, profundidade e presença de infecções secundárias (Bonow, 2021).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Por se tratar de uma enfermidade rotineira na clínica de equinos é fundamental que haja o diagnóstico preciso e precoce, para adoção de um protocolo terapêutico eficiente evitando a perda de visão e procedimentos cirúrgicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Equino. Úlcera de córnea. Tratamento clínico.

#### **REFERÊNCIAS:**

BEZERRA NETO, L. H. S.; MOURA, M. V. L.; VAGO, P. B. Uso do plasma rico em plaquetas associado a colírios no tratamento de ceratite ulcerativa em equino. **Ciência animal**, v. 30, n. 1, p. 137-144, dez. 2020.

BONOW, M. O.; **Afecções oftálmicas em equinos de um regime de cavalaria e suas implicações clínicas.** Trabalho de conclusão (Residência em clínica e cirurgia de grandes animais) – Faculdade de agronomia e medicina veterinária da Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

BRAGA, M. J. A. **Ceratomicose por *Aspergillus spp.* em equino:** Relato de caso. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em medicina veterinária) – Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2023.

OLIVEIRA, M. B.; SANTOS, R. S.; BRANDÃO, R. F. F.; ARAÚJO, J. M. R. P.; FRAGA, G. J. M. F.; ULIAN, C. M. V.; FERREIRA, H. N. Uso do soro autólogo como adjuvante no tratamento de úlcera de córnea em equino: Relato de caso. **PUPVET medicina veterinária e zootecnia**, v. 13, n. 1, jan. 2019.

PERCHES, C. S.; PELLIZZON, C. H.; RANZANI, J. J. T.; DONATTI, C.; PADOVANI, C. R.; MERLINI, N. B.; FONZAR, J. F.; BESERRA, H. E. O.; ROCHA, N. S.; BRANDÃO, C. V. S. Expressão de metaproteínas de matriz e PCNA em úlceras de córnea profundas, induzidas em coelhos, tratados com plasma rico em plaquetas. **Arquivo brasileiro de medicina veterinária e zootecnia**, v. 67, n. 6, p. 1607-1615, 2015.

PINHO NETO, A. C.; SENA, E. M. S.; FERNANDES FILHO, J. I. C.; BARROSO, C. G.; PEDROSA, H. P.; RIBEIRO, R. M.; SILVA, O. P. Úlcera de córnea em equino – Relato de caso. **Revista acadêmica ciência animal**, v. 15, p. 405-406, 2017.

QUEIROZ, O. A. A.; REIS, A. L. S. Úlcera de córnea – Revisão bibliográfica. **Real repositório institucional**, v. 2, n. 1, 2023.

SEQUEIRA, I. R. **Oftalmologia equina:** Úlcera de córnea e perfuração de córnea com prolapso de íris. Relatório final de estágio (Mestrado integrado em medicina veterinária) – Instituto de ciências biomédicas Abel Salazar – Universidade do Porto, Porto, 2021.

## TERAPIA SHOCKWAVE E SUAS APLICAÇÕES NA MEDICINA EQUINA: REVISÃO DE LITERATURA

Ryandro Martins de Sousa

Discente do Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - Paraíba - Brasil

Email: [ryandro.martins@academico.ifpb.edu.br](mailto:ryandro.martins@academico.ifpb.edu.br)

Pedro Germano Oliveira

Discente do Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - Paraíba - Brasil

Email: [pedro.germano@academico.ifpb.edu.br](mailto:pedro.germano@academico.ifpb.edu.br)

Basílio Felizardo de Lima Neto

Discente do Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - Paraíba - Brasil

Email: [basilio.felizardo@academico.ifpb.edu.br](mailto:basilio.felizardo@academico.ifpb.edu.br)

Milla Cordeiro de Souza Cunha

Discente do Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - Paraíba - Brasil

Email: [milla.cordeiro@academico.ifpb.edu.br](mailto:milla.cordeiro@academico.ifpb.edu.br)

Fernanda Pereira da Silva Barbosa

Docente do Instituto Federal da Paraíba - IFPB - Sousa - Paraíba - Brasil

Email: [fernanda.barbosa@ifpb.edu.br](mailto:fernanda.barbosa@ifpb.edu.br)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A terapia com ondas de choque (TOC) ou shock wave é uma técnica não invasiva, utilizada na reabilitação de equinos atletas que consiste na aplicação de ondas acústicas em tecidos lesionados de animais com comprometimento de disfunções musculoesqueléticas com envolvimento de processos crônicos.

**METODOLOGIA:** Foram realizadas buscas de artigos científicos nas bases de dados Google Acadêmico e PubMed, relacionadas a terapia shockwave em equinos, abrangendo o período dos anos de 2009 a 2024.

**REVISÃO DE LITERATURA:** A terapia por ondas de choque consiste em impulsos acústicos criados por aparelhos, com utilização de ondas eletro-hidráulicas, eletromagnético e piezoelétrico. Para finalidades medicinais, são mais utilizadas o tipo eletro-hidráulicas. Dessa forma, podem ser classificadas quanto ao tipo de onda, havendo as radiais, com aplicabilidade em superfícies ou focais, com ampla profundidade de ação e com maior utilização na medicina equina (Solano, 2021). A aplicação em superfícies corpóreas lesionadas estimula a recuperação pelos efeitos terapêuticos e analgésicos. Os mecanismos de ação envolvidos no TOC estão relacionados com as respostas biológicas envolvendo a formação de cavitações, ionização de moléculas, aumento da permeabilidade das membranas, interação de radicais livres com biomoléculas e neovascularização (Fredrigo et al., 2019). De acordo com Johnson et al., (2022), os efeitos terapêuticos levam a regeneração tecidual pela produção de citocinas que auxiliam nesse processo, produção de colágeno e aumento da microcirculação, enquanto os efeitos analgésicos se dão pela atuação na membrana de despolarização nervosa, depleção de neuropeptídeos, como a substância P e diminuição da tensão muscular, que corrobora com a diminuição da dor local. O uso desta terapia pode ser indicada no tratamento a nível de sistema locomotor, como nas desmites inter e supra espinhosas, entesopatia e desmíte do ligamento suspensório do boleto, osteoartrite társica, sesamoidite proximal e tendinite do tendão flexor digital superficial (Alves et al., 2021; Costa, 2021; Gomes, 2021; Dias, 2021.). O número da frequência das sessões de terapia pode variar, levando em consideração o quadro clínico do paciente, no mais, são realizadas entre intervalos de uma a duas semanas, com três a quatro sessões. Quanto às contraindicações, evita-se o uso em processo que propiciem hemorragias, processos

infecciosos agudos, aplicação em processo de crescimento ósseo, neoplasias metastáticas e rupturas completas dos tendões (Corte-Rodríguez et al., 2023). Com o intuito de melhorar o quadro clínico dos pacientes, pode-se fazer a associação de outras terapias alternativas e complementares, como a farmacológica, laserterapia, crioterapia, hidroterapia, cinesioterapia e acupuntura, levando em consideração as necessidades dos animais (Souza, 2021).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A terapia por ondas de choque emerge como uma alternativa importante na fisioterapia, reabilitação e tratamento de equinos atletas, oferecendo uma resposta terapêutica eficaz para melhorias clinicassignificativas nos pacientes acometidos por patologias relacionadas ao sistema locomotor de equinos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cavalos. Reabilitação. Tratamento.

#### REFERÊNCIAS:

ALVES, A.L.G.; FONSECA, B. P. A.; NICOLETTI, J. L. M.; HUSSNI, C. A.; SOARES, L. V. Tratamento de desmíte supra e interespinhosa em equinos utilizando a terapia por ondas de choque extracorpóreas. **Vet. e Zootec.**, p.143-151, v. 16, n. 1, 2009.

CORTE-RODRÍGUEZ, H.; ROMÁN-BELMONTE, J. M.; RODRÍGUEZ-DAMIANI, B.A.; VÁZQUEZ-SASOT, A.; RODRÍGUEZ-MERCHÁN, E. C. Extracorporeal Shock Wave Therapy for the Treatment of Musculoskeletal Pain: A Narrative Review. **Healthcare (Basel)**, v. 11, n. 21, p. 2830, 2023.

COSTA, P. G. **OSTEOARTRITE TÁRSICA EM CAVALOS ATLETAS: Revisão de literatura.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

FEDRIGO, T. T.; DERITTI, G. O.; ANTONIO, F. S.; ROCHA, M. S.; OLIVEIRA, A. L. S.; GONÇALVES, D. D. **Shockwave ou terapia por ondas de choque (TOC) em equinos atletas.** Arq. Ciênc. Vet. Zool. UNIPAR, Umuarama, v. 22, n. 3, Anais do III Concivet 2019, p. 99-100, jul./set. 2019.

GOMES, L. F. A. **Desmíte do Ligamento Suspensório do Boleto do Membro Torácico em Equinos: Revisão de Literatura.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2020.

JOHNSON, S. A.; RICHARDS, R. B.; FRISBIE, D. D.; ESSELMAN, A. M.; MCCLURE, S. R. Equine shock wave therapy - where are we now?. **EquineVet J**, v. 55, n. 4, p. 593-606, jul. 2023.

SOLANO, M. S. **UTILIZAÇÃO DE TERAPIA POR ONDAS DE CHOQUE PARA TRATAMENTO DE TENDINITE EM EQUINOS ATLETAS: REVISÃO DE LITERATURA.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - Uniceplac, 2020.

SOUZA, A. P. A. **USO DE TERAPIAS COMPLEMENTARES PARA O TRATAMENTO DE TENDINITE DO TENDÃO FLEXOR DIGITAL SUPERFICIAL (TFDS) EM EQUINOS: Revisão de literatura e relato de caso.** Trabalho de conclusão de curso de graduação - Universidade de Brasília/Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, 2021.

## TÉTANO EQUINO: RELATO DE CASO

Ygo dos Santos Monteiro  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB  
E-mail: [ygomonteiro125@gmail.com](mailto:ygomonteiro125@gmail.com)

Yuri Caiê Salvador Barreto  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [yuri.caie@estudante.ufcg.edu.br](mailto:yuri.caie@estudante.ufcg.edu.br)

Rayssa Caroliny da Silva de Medeiros  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB  
E-mail: [rayssacsmedeiros@gmail.com](mailto:rayssacsmedeiros@gmail.com)

Janne Simone Idelfonso Sabino  
Centro Universitário de Patos – UNIFIP – Patos – PB  
E-mail: [jannesabino@medvet.fiponline.edu.br](mailto:jannesabino@medvet.fiponline.edu.br)

Lucas Daniel da Nóbrega  
Médico Veterinário Autônomo – Patos - PB  
E-mail: [lucas.nobrega2009@hotmail.com](mailto:lucas.nobrega2009@hotmail.com)

Maria Cristina Cordeiro de Oliveira  
Médica Veterinária Autônoma – Patos - PB  
E-mail: [mariacristina\\_sta@hotmail.com](mailto:mariacristina_sta@hotmail.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

O tétano é uma enfermidade infecciosa, não contagiosa, resultantes das endotoxinas produzidas pela bactéria *Clostridium tetani*, bacilo gram-positivo, saprofítico e anaeróbico obrigatório. O *C. tetani* é comensal no trato gastrointestinal de mamíferos e os equinos são os mais sensíveis entre espécies domésticas (Ribeiro, 2006). Esse agente permanece por anos, esporulado, nas fezes dos animais e no solo. A exposição de feridas teciduais aos esporos promove a transmissão e, em baixa tensão de oxigênio, o *C. tetani* se multiplica no tecido e produz três toxinas: tetanolisina, tetanospasmina e toxina não espasmogênica (Smith, 2014; Godoy, et al., 2024). Compreende-se que a tetanolisina promove a lise tecidual e favorece a replicação do bacilo no local da lesão e a tetanospasmina alcança o sistema nervoso e inibe a liberação do GABA e glicina, resultando na contração muscular descontrolada e espasmos clínicos (Avante, et al., 2016). Essa enfermidade é caracterizada pela paralisia espástica generalizada e consequente morte por parada cardiorrespiratória. Objetiva-se relatar um caso de tétano em equino.

#### RELATO DE CASO:

Foi atendido a campo no município de Patos/PB, um equino, macho, 4 anos de idade, mestiço, criação extensiva apresentando rigidez muscular, dificuldade para caminhar e alimentar-se. Ao exame físico o paciente apresentava taquicardia, taquipneia, hipomotilidade intestinal, mucosas congestas, protrusão de terceira pálpebra, calda em bandeira, posição de cavalete, extensão de cabeça e pescoço e sensibilidade a ruídos e luzes. Na região ventral do flanco, observou ferida penetrante com 15 cm, drenando secreção serosanguinolenta, e outra na região interna do ramo da mandíbula. O diagnóstico clínico-epidemiológico foi tétano. Preconizou-se o tratamento com administração de soro antitetânico na dose de 150.000 UI/animal, dose única, diluído em 10 litros de solução ringer lactato, via endovenosa; penicilina, 22.000 UI/kg, a cada 24 horas durante 15 dias; e acepromazina, 0,5 mg/kg, a cada três horas, durante 5 dias, sendo a posologia ajustada, no sexto dia de tratamento, para cada cinco horas por mais 10 dias. Além disso, foi realizada hidratação enteral e limpeza da ferida com clorexidina e água oxigenada. Após 15 dias do atendimento

o animal apresentou significativa melhora e recebeu alta clínica.

#### **DISCUSSÃO:**

A mortalidade de equinos com tétano é muito variável, porém alta (Portilho; Rodrigues; Paes, 2018). O tratamento objetiva neutralização das exotoxinas, inibição dos bacilos da ferida, suporte de enfermagem e controle dos espasmos, sendo condicionada a recuperação ao tempo de evolução da doença, a sensibilidade do agente ao antimicrobiano, status de imunização do animal e condição de saúde prévia a infecção (Melo; Ferreira, 2022; Popoff, 2020). Neste caso, o paciente obteve melhoras significativas mediante tratamento terapêutico assertivo. A alta mortalidade está relacionada à inoculação de clostrídios e produção de toxinas, estado imunológico dos animais, imunização inadequada e limitações na assistência e procedimentos terapêuticos (Popoff, 2020).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Conclui-se que o prognóstico é reservado em equinos, sendo indispensáveis cuidados intensivos durante o tratamento e recuperação. A vacinação é o método profilático mais eficaz junto à correta higienização das feridas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cavalos. Endotoxina. Paralisia espástica.

#### **REFERÊNCIAS:**

AVANTE, M. G.; OKADA, C. T. C.; TRECENTI, A. S.; ROMÃO, F. T. N, M. A. Tétano em um equino – Relato de Caso. **Revista Científica De Medicina Veterinária**, n. 26, jan. 2016.

GODOY, J. V. F. T.; SOBRAL, C. A.; ZAMIAN, T. R. O; dos REIS, F. M.; de ALMEIDA, G. B.; GUIMARÃES, P. C.; GRISKA, P. R.; SILVA, D. B.; BARROS, M. A. Tétano em equino: Relato de caso. **Pubvet**, v.18, n.3, ed. 1563, p. 1-5, 2024.

MELO, U. P.; FERREIRA, C. Clinical findings and response to treatment of 17 cases of tetanus in horses (2012 – 2021). **Brazilian Journal of Veterinary Medicine**, v. 44, 2022.

POPOFF, M. R. Tetanus in animals. **Journal of Veterinary Diagnostic Investigation**, v. 32, n. 2, p. 184-192, mar. 2020.

PORTILHO, F. V. R.; RODRIGUES, S. A.; PAES, A. C. Tetanus in horses: na overview of 70 cases. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 38, n. 2, p. 285 – 293, fev. 2018.

RIBEIRO, M. G.; NARDI JÚNIOR, G.; MEGID, J.; FRANCO, M. M. J.; GUERRA, S. T.; SMITH, B. P. Large Animal Internal Medicine-E-Book. **Elsevier Health Sciences**, ed. 5, 2014.

SMITH, M. O. Doenças do sistema nervoso. In: SMITH, B.P. **Tratado de medicina interna de grandes animais**. São Paulo: Editora Manole, ed. 3, p. 995-996, 2006.

## ÚLCERA DE CórNEA EM EQUINO ASSOCIADA A *Tacinga inamoena*: RELATO DE CASO

Ygo dos Santos Monteiro

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB  
[ygomonteiro125@gmail.com](mailto:ygomonteiro125@gmail.com)

Mariana Lima de Abrantes

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB  
E-mail: [abrantesmariana295@gmail.com](mailto:abrantesmariana295@gmail.com)

Rayssa Caroliny da Silva de Medeiros

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB  
E-mail: [rayssacsmedeiros@gmail.com](mailto:rayssacsmedeiros@gmail.com)

Lídio Ricardo Bezerra de Melo

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB  
E-mail: [lidioricardolrbm@hotmail.com](mailto:lidioricardolrbm@hotmail.com)

Daniel de Medeiros Assis

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB  
E-mail: [danielvetpb@gmail.com](mailto:danielvetpb@gmail.com)

Thiago Arcoverde Maciel

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB  
E-mail: [thiago.arcoverve@professor.ufcg.edu.br](mailto:thiago.arcoverve@professor.ufcg.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

Úlceras de córnea são afecções oculares que afetam comumente os equinos, caracterizadas pelo rompimento do epitélio e exposição do estroma. Os principais sinais clínicos são: epífora, opacidade de córnea, hiperemia conjuntival, quemose, blefaroespasmos e fotofobia (Thomassian, 2005). A forma traumática é mais comum, porém, pode também ser ocasionada por agentes infecciosos (Ledbetter; Gilger, 2014; Reichmann *et al.* 2008). Além disso, foram relatados casos de lesões oculares em pequenos ruminantes, associados ao pastejo em áreas com presença da *Tacinga inamoena* (Pequeno *et al.*, 2021). Com isso, objetivou-se relatar o caso de resolução clínica de úlcera de córnea em equino.

#### RELATO DE CASO:

Foi encaminhado à CMGA (HVUIMT/UFCG), um equino, fêmea, Quarto de Milha, 10 anos, 486kg. O proprietário relatou que há 90 dias o animal havia apresentado uma mancha esbranquiçada no olho direito. Administrou um colírio oftálmico antibiótico: moxifloxacino, e anti-inflamatório: diclofenaco. O animal apresentou melhoras, permanecendo com área esbranquiçada no centro da pupila. Após alguns dias, a lesão surgiu no olho esquerdo, utilizou os mesmos colírios, porém, sem resultado satisfatório. Relatou que o animal permanecia solto, enfatizando a presença do quipá no piquete, conhecida cientificamente como *Tacinga inamoena*, mencionando a remoção de pequenos espinhos das pálpebras e conjuntivas do animal. Ao exame físico geral os parâmetros vitais encontravam-se dentro da normalidade. Ao exame oftálmico, observou-se opacidade de córnea bilateral, sendo mais evidente no olho esquerdo, epífora, quemose, fotofobia, hiperemia conjuntival, blefaroespasmos, sensibilidade dolorosa e discreto edema de córnea bilateral. Os valores hematimétricos encontravam-se dentro da normalidade. Foi solicitado teste sorológico para leptospirose e enviado material para cultura fúngica, obtendo-se resultado negativo para ambos. Com isso, foi realizado o teste com fluoresceína sódica, certificando o rompimento da integridade da córnea, confirmando o

diagnóstico de úlcera de córnea central bilateral. Foi instituído o tratamento com Flunixin Meglumine 1,1 mg/kg, IV, uma vez ao dia, durante 3 dias; para o uso tópico foi utilizado o colírio Mydriacyl, instilado-se 2 gotas, a cada 12 horas; colírio à base de Tobramicina, 2 gotas em cada olho, a cada 2 horas, e permaneceu o uso do colírio a base de Diclofenaco, instilando-se 2 gotas a cada 3 horas, todos durante 30 dias, somado a isso, foi utilizado soro autólogo, administrando-se 0,2 ml em cada olho, a cada duas horas. A paciente recuperou-se e não apresentou recidiva.

#### **DISCUSSÃO:**

Embora não existam relatos de ceratite ulcerativa ocasionada por *T. inamoena* em equinos, foram documentados casos de úlcera de córnea em ovinos e caprinos tendo como causa primária traumas causados pelos gloquídeos da *T. inamoena*, evidenciando a possibilidade de ocorrência em equinos que pastejam em locais com abundância da planta (Pequeno *et al.*, 2021).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A úlcera de córnea configura grande desafio na clínica de equídeos, tendo em vista que o sucesso terapêutico é inferior comparado a outras espécies. As úlceras são classificadas de acordo com a extensão da lesão, profundidade e causa primária. A terapia deve ser instituída mediante os sinais clínicos e as características da lesão, contudo, o prognóstico está intimamente relacionado com o diagnóstico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cactos. Ceratite. Defeito epitelial. Oftalmologia.

#### **REFERÊNCIAS:**

LEDBETTER, E. C.; GILGER, B. C. Canine Cornea: Diseases and Surgery. In: GELATT, K. N. **Essentials of Veterinary Ophthalmology**. 3. ed. Iowa: Blackwell, 2014. Cap. 9.

PEQUENO, W. H. C.; DIAS, R. F. F.; OLIVEIRA, A. M.; DUTRA, L. C.; TALIERI, I. C.; LUCENA, R. B.; SIMÕES, S. V. D. Lesões oculares e orais causadas por *Tacinga inamoena* em ovinos e caprinos no Nordeste do Brasil. **Pesquisa veterinária Brasileira**, v. 41, p. e06915, 2021.

Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/29739>

REICHMANN, P.; DEARO, A. C. O.; RODRIGUES, T. C. Ocorrência de doenças oftálmicas em equinos utilizados para tração urbana na cidade de Londrina, PR. *Ciência Rural*, v. 38, n. 9, p. 2525-2528, 2008.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cr/a/CZ3Wjgjsq7VcWrGD9p7SvMn/>

THOMASSIAN, A. **Enfermidades dos cavalos**. 4. ed. São Paulo: Varela, 2005. Cap. 14.

## USO DE CERCLAGEM EM MANDÍBULA DE EQUINO: RELATO DE CASO

Yuri Caiê Salvador Barreto

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB

E-mail: [yuri.caie@estudante.ufcg.edu.br](mailto:yuri.caie@estudante.ufcg.edu.br)

Ygo dos Santos Monteiro

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB

E-mail: [ygomonteiro125@gmail.com](mailto:ygomonteiro125@gmail.com)

Janne Simone Idelfonso Sabino

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [jannesabino@medvet.fiponline.edu.br](mailto:jannesabino@medvet.fiponline.edu.br)

Rayssa Caroliny da Silva de Medeiros

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Patos - PB

E-mail: [rayssacsmedeiros@gmail.com](mailto:rayssacsmedeiros@gmail.com)

Maria Cristina Cordeiro de Oliveira

Médica Veterinária Autônoma - UFCG - Patos - PB

E-mail: [mariacristina\\_sta@hotmail.com](mailto:mariacristina_sta@hotmail.com)

Lucas Daniel da Nóbrega

Médico Veterinário Autônomo - UFCG - Patos - PB

E-mail: [lucas.nobrega2009@hotmail.com](mailto:lucas.nobrega2009@hotmail.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

Dentre as fraturas de cabeça, as mandibulares são consideradas mais comuns. A maioria delas é resultado de traumas contusos por colisões com objetos sólidos, brigas, quedas ou mesmo em casos de susto quando o animal recua abruptamente e sua mandíbula está presa a um objeto fixo. Os sinais clínicos envolvem hemorragia, protrusão de língua, sialorreia, sensibilidade a palpação, exsudação, halitose, ruídos crepitantes e movimentação instável da mandíbula. O tratamento visa restabelecer a função mastigatória, restaurando a morfologia óssea e alinhando os dentes mediante imobilização das extremidades fraturadas. A cerclagem surge como uma alternativa de aplicabilidade prática e de custo reduzido para esse tipo de correção. O objetivo deste trabalho é relatar um atendimento de um equino com fratura de mandíbula, utilizando a cerclagem como medida terapêutica.

#### RELATO DE CASO:

Foi atendido a campo no município de Patos/PB, um equino, garanhão, Quarto de Milha, 7 anos de idade, pesando 500kg. Na anamnese o proprietário relatou que após uma briga entre garanhões o animal apresentou sangramento e dificuldade para se alimentar. Ao exame físico, o animal apresentava taquicardia, taquipneia e assimetria mandibular. Foi realizado exame radiográfico nas projeções lateral e dorso ventral oblíqua da região de cabeça, constatando-se fratura de mandíbula entre os elementos dentários 301 e 302 sagital a sínfise mentoniana, com exodontia por avulsão do canino 304. Diante disso, optou-se pela resolução do caso com osteossíntese de mandíbula utilizando fio de cerclagem de 1 mm entre os dentes incisivos ancorando no canino direito, contralateral a fratura, para dar suporte. Para o tratamento pós-operatório foi prescrito soro antitetânico, 5.000 UI, dose única; penicilina, 20.000 UI/kg, uma vez ao dia, durante 5 dias; Flunixin meglumine, 1,1 mg/kg, uma vez ao dia, durante 5 dias e firocoxibe pasta 0,1mg/kg, durante 20 dias. No pós operatório o paciente se recuperou bem, voltando a ingerir alimentos sólidos um dia depois do

procedimento cirúrgico. Após 50 dias o animal foi reavaliado clinicamente e a cerclagem foi removida, sendo observado através de raio-X a completa consolidação óssea e preservação estética.

#### **DISCUSSÃO:**

Nos casos de fraturas odontomaxilares e mandibulares a avaliação clínica e exames de imagem, como a radiografia são imprescindíveis para compreender a gravidade da lesão e o impacto causado à estrutura óssea e dentária como mencionado por Kümmerle, (2012), possibilitando traçar um plano terapêutico assertivo e eficaz. Fixadores externos e placas de platina também são exemplos de dispositivos médicos utilizados em cirurgias ortopédicas para estabilizar fraturas ósseas e auxiliar na cicatrização (VALLEJO; PARDO, 2013; TUREK *et al.* 2023), quando comparada a estas, a cerclagem se destaca por ser uma técnica minimamente invasiva, que conserva a circulação sanguínea local e minimiza riscos de infecções. A técnica de cerclagem foi eficaz na consolidação óssea da mandíbula e reposicionamento dos dentes incisivos. O retorno imediato a função mastigatória e a capacidade do animal se alimentar foram evidenciados neste caso e são sinais clínico importantes de acordo com Ghasemi *et al.* (2022), que destaca estes fatores como indicativos de que a técnica cirúrgica escolhida foi eficiente.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A aplicação de cerclagem é a forma de osteossíntese mais utilizada em fraturas rostrais de mandíbula e maxila, apresentando baixo custo e grande versatilidade, sendo minimamente invasiva, minimizando riscos de infecção. No presente relato a cerclagem demonstrou-se uma técnica eficaz e sem complicações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aço inoxidável. Odontologia equina. Osteossíntese.

#### **REFERÊNCIAS:**

GHASEMI, S.; SARDARI, K.; LAJMIRI, E.; MANSOURINEZHAD, E.; HOSSEINI, A.; MEHRANI, Y.; ALEMI, H. Standing oral surgery for the management of mandible and maxilla fractures in horses: a case series of 15 horses. **Veterinarski arhiv**, v. 92, n. 4, p. 531-539, 2022.

KÜMMERLE, J. M. Mandibular fractures in horses. **Equine Vet. Educ**, v. 24, p. 222-224, 2012.

TUREK, B.; GÓRSKI, K.; DREWNOWSKA, O.; SZARA, T.; KOZLOWSKA, N. Results of surgical treatment of mandible body fractures with own designed external fixator in two horses. **Med. Weter.** v. 79, p. 44-48, 2023.

VALADÃO, C. A. A.; MARQUES, J. A.; RODRIGUES, C. A.; FERREIRA, H. I. Uso da cerclagem e resina acrílica em fraturas mandibulares dos equídeos. **Ciência Rural**, v. 24, p. 323-327, 1994.

VALLEJO, A. V. H.; PARDO, M. Fratura de mandíbula em um equino appaloosa: relato de caso. **Revista científica eletrônica de medicina veterinária**, v. 21, 2013.

## USO DE ÓLEOS VEGETAIS NA ALIMENTAÇÃO DE CAVALOS ATLETAS

Lucas Nathan Ferreira da Silva  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
[lucassilva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:lucassilva@medvet.fiponline.edu.br)

Marcelo Caetano de Sousa e Silva  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
[marcelosilva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:marcelosilva@medvet.fiponline.edu.br)

João Paulo da Silva  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
[joaosilva1@medvet.fiponline.edu.br](mailto:joaosilva1@medvet.fiponline.edu.br)

Prof. Dr. Gustavo de Assis Silva  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
[gustavosilva1@fiponline.edu.br](mailto:gustavosilva1@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A demanda energética em cavalos atletas aumenta em função do tipo e da duração da atividade desenvolvida. Os óleos de uma forma geral são fontes de energia concentrada que diferem entre si apenas pelas quantidades de ácidos graxos disponíveis. Além de fornecer energia, eles podem suprir as necessidades de ácidos graxos essenciais e aumentar o ganho de peso dos equinos, sem necessidade de aumentar a quantidade de carboidratos não estruturais nas dietas, um dos maiores problemas relacionado as desordens metabólicas nesses animais (Motta et al., 2014). Como alternativa para aumentar a densidade energética da ração, o uso de óleos vegetais vem sendo empregado na nutrição de equinos atletas (Oliveira et al., 2016).

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através de pesquisa em artigos científicos no Google Acadêmico utilizando o tema "ÓLEOS VEGETAIS NA ALIMENTAÇÃO DE CAVALOS ATLETAS"

#### REVISÃO DE LITERATURA:

Os lipídios possuem grande importância no metabolismo dos animais, por estarem envolvidos em diversas atividades dentro do organismo animal e fornecerem substrato energético para o metabolismo do músculo esquelético, estando envolvido e todos os exercícios tanto de curta, quanto de longa duração. Em equinos atletas eles vem sendo empregado nas dietas com o objetivo de aumentar a energia, disponível, o suprimento de vitaminas lipossolúveis, os ácidos graxos essenciais, com redução de incremento calórico, sem necessidade de aumentar o volume de carboidratos ingeridos (Silva et al., 2021). Os equinos podem aproveitar diferentes substratos energéticos, dentre os quais alguns são utilizados na forma imediata após a ingestão, e outros são armazenados no fígado, músculos e tecido adiposo para serem usados em outros momentos. Finalmente, a energia contida nesses substratos é convertida em adenosina trifosfato (ATP), que é a forma utilizada pelo músculo (BOFFI, 2008). A presença de óleo na dieta de cavalos submetidos a exercícios contribui para o máximo desempenho do animal e diminui a fadiga muscular, uma vez que o metabolismo de ácidos graxos livres para produção de energia não gera o ácido lático, um dos responsáveis pela fadiga muscular, ao contrário do metabolismo de carboidratos (CINTRA, 2009). Dietas com óleo apresentam grande vantagem por serem oferecidas em quantidades menores, disponibilizarem maior quantidade de energia e ácidos graxos essenciais, promovendo mais disposição e saúde aos animais, com redução dos custos com alimentação (RESENDE 2004).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Dessa forma, o uso de óleos na dieta de equinos tem como vantagens, além de melhorar a qualidade da dieta, reduzir a produção de calor endógeno, a sobrecarga pelo excesso de concentrado promovendo a saúde e reduzindo os custos com concentrados, contribuindo para uma economia de fonte de energia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Óleos; energia; cavalos; vitaminas.

**REFERÊNCIAS:**

BOFFI, F. M. Entrenamiento y Adaptación Muscular. Sustratos y Vías Metabólicas para la Producción de Energía. R. Bras. Zootec., v.37, suplemento especial p. 197-201, 2008.

CINTRA, A. G. Nutrição do Cavalo de Esporte e Trabalho. O Portal do Cavalo Crioulo, 2006. Disponível em: <http://www.cavaloscioulos.com.br/materias.php?idm=103>. Acesso em: 25 abril 2024.

OLIVEIRA, T.M.; Watanabe, M.J.; Oliveira, A.P.L.M, Fernande, W.R. Adaptação metabólica de equinos suplementados com óleos vegetais em testes de longa duração. Arq. Bras. Med. Vet. Zootec., v.68, n.2, p.265-270, 2016

SILVA, J.P.M.; Costa, K.A.; Almeida, V.V.; Coutinho, L.L.; Silva B.P.M.; Cesar A.S.M. Fatty acid profile in brain and hepatic tissues from pigs suplementes w ith canola oil. Revista Brasileira de Agrotecnologia. 2021; Disponível em: <https://doi.org/10.18378/REBAGRO.V12I2.8736>. Acesso em: 25 abril 2024.

MOTTA, RODRIGO GARCIA; Carvalho, Marina Gonzales De; Motta, Diego Garcia; Motta, Igor Garcia; Pastorio, Diego Eduardo; Azzolini, Felipe. Síndrome metabólica equina - Uma visão geral da doença. Revista brasileira de medicina equina ; 9(52): 10-14, mar. 2014.

RESENDE JR, T. R. Resende, A. S. C.; Lacerda JR, O.V.; Bretas, M.; Lana, A.; Moura, R. S.; Resende, H.C. Efeito do nível de óleo de milho adicionado à dieta de eqüinos sobre a digestibilidade dos nutrientes. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, v.56, n.1. p. 69-73, 2004.

## UTILIZAÇÃO DA LIDOCAÍNA EM EQUINOS ACOMETIDOS POR SÍNDROME CÓLICA

Emmanuel Suedney dos Santos Dantas  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br](mailto:emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br)

Janne Simone Idelfonso Sabino  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [jannesabino@medvet.fiponline.edu.br](mailto:jannesabino@medvet.fiponline.edu.br)

João Everton Martins de Oliveira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [joaooliveira1@medvet.fiponline.edu.br](mailto:joaooliveira1@medvet.fiponline.edu.br)

Iago Carvalho de Sousa  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [iagocarvalho@medvet.fiponline.edu.br](mailto:iagocarvalho@medvet.fiponline.edu.br)

Júlio Edson da Silva Lucena  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [juliolucena@fiponline.edu.br](mailto:juliolucena@fiponline.edu.br)

Sóstenes Arthur Reis Santos Pereira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [sostenespereira@fiponline.edu.br](mailto:sostenespereira@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

A síndrome cólica equina é um conjunto de condições que cursam com desconforto abdominal. As originadas no trato digestivo podem estar relacionadas com condições inflamatórias, obstruções, produção excessiva de gases e deslocamento dos segmentos intestinais (White II, Dabareiner, 1997; Plummer, 2009; Blikslager, 2017). A lidocaína possui diversos usos não anestésicos quando administrada pela via intravenosa. É classificada como um agente antiarrítmico de classe Ib. Além disso, ela é um fármaco analgésico que atua aliviando diferentes tipos de dor quando administrado por via sistêmica, como foi provado em estudos experimentais. Seu mecanismo de ação na produção da analgesia intravenosa é incerto, mas acredita-se que inclua ação nos canais  $\text{Na}^+$ ,  $\text{Ca}^{2+}$  e  $\text{K}^+$  e no receptor N-metil D-Aspartato (TRANQUILLI et al., 2007).

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através da pesquisa de artigos científicos no Google Acadêmico utilizando os caracteres "Utilização, Lidocaína, Pós-operatório, Síndrome cólica".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

A lidocaína possui efeitos anti-inflamatórios, que podem ser importantes na produção de analgesia, já que os mediadores inflamatórios aumentam a excitabilidade neuronal. Estudos mostram que esse fármaco pode melhorar a motilidade intestinal e prevenir o desenvolvimento de íleo paralítico no pós-operatório de equinos, principalmente, nos que apresentam lesão por perfusão (TRANQUILLI et al., 2007). Em cavalos com síndrome cólica, o seu uso em infusão contínua é uma prática muito usual, por apresentar benefícios como: a potencialização dos anestésios inalatórios, atenuação da lesão isquêmica do jejuno, antinocicepção somática e efeito procinético. Normalmente, utiliza-se um *bolus* inicial intravenoso de 1,3 a 1,5 mg/kg diluído em solução fisiológica, sendo administrado em 15 minutos, seguido da infusão

intravenosa contínua de 50 a 100 µg/kg/min. Atentar-se a infusões que sejam muito prolongadas, pois, nestas condições, a lidocaína pode se acumular no organismo do animal e levar a um quadro de intoxicação (LUNA *et al.*, 2019). É importante abordar que a propriedade analgésica da lidocaína persiste mesmo após a diminuição dos níveis plasmáticos, favorecendo assim a teoria do bloqueio da condução nervosa (Okada, 1998). As vantagens desse fármaco podem incluir baixo custo, redução do consumo de opiodes, minimiza o íleo paralítico, reduz o tempo de internação, náuseas e vômitos, e diminui a incidência de dor crônica pós-operatória (Lauretti, 2008). Em relação à analgesia é proposto que a lidocaína intravenosa produz três fases diferentes no alívio da dor: a primeira fase se manifesta durante o momento em que esta sendo infundido e 30 a 60 minutos após seu término; a segunda fase atua de forma transitória que ocorre cerca de seis horas após a infusão; e a terceira fase aparece em 24 a 48 horas após a infusão contínua pelos próximos 21 a 47 dias (Moldovan, *et al.* 2013).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A utilização da lidocaína em equinos que apresentam quadro da síndrome do abdômen agudo é de suma importância devido as suas capacidades de minimizar a dor do animal, no quadro inflamatório e no retorno da motilidade intestinal.

#### **REFERÊNCIAS:**

Blikslager A.T. 2017. Pathophysiology of gastrointestinal obstruction and strangulation. In: Blikslager A.T., White II N.A., Moore J.N. & Mair T.S. (Eds). **The Equine Acute Abdomen**. 3rd edn. Hoboken: John Wiley & Sons, pp.102-118.

Lauretti G.R. [Mechanisms of analgesia of intravenous lidocaine]. **Rev Bras Anesthesiol**. 2008;58(3):280-6. (English, Portuguese).

LUNA, S. P. L. *et al.*, **Anestesia e analgesia em equídeos, ruminantes e suínos**. São Paulo: MedVet 2019.

Moldovan M., *et al.*, Axonal voltage-gated ion channels as pharmacological targets for pain. **Eur J Pharmacol**. 2013;708(1-3):10512. [Erratum in: Eur J Pharmacol. 2013;716(1-3):77]

Okada S., *et al.*, Lidocaine and its analogues inhibit IL-5-mediated survival and activation of human eosinophils. **J Immunol**. 1998;160(8):4010-7.

Plummer A.E. 2009. Impactions of the small and large intestines. **The Veterinary Clinics of North America: Equine Practice**. 25(2): 317-327. DOI: 10.1016/j.cveq.2009.04.002.

TRANQUILLI, W.J.; *et al.*, **Lumb & Jones Veterinary Anesthesia and Analgesia**, 4th ed., Iowa: Blackwell Publishing, 2007.

White II N.A., Dabareiner R.M. 1997. **Treatment of impaction colics**. **Veterinary Clinics of North America: Equine Practice**. 13(2): 243-259. DOI: 10.1016/S0749-0739(17)30239-0.

## UTILIZAÇÃO DE PLASMA RICO EM PLAQUETAS EM LESÃO MUSCULAR DE CAVALO ATLETA

Renata Lais Formiga Santos  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [renatasantos@medvet.fiponline.edu.br](mailto:renatasantos@medvet.fiponline.edu.br)

Matheus Araújo Alves Barbosa  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
Email: [matheusaraujoalves1@gmail.com](mailto:matheusaraujoalves1@gmail.com)

Álesson Justino da Silva  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
Email: [alessonsilva@medvet.fiponline.edu.br](mailto:alessonsilva@medvet.fiponline.edu.br)

Kamila Carvalho Batista  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
Email: [kamilabatista@medvet.fiponline.edu.br](mailto:kamilabatista@medvet.fiponline.edu.br)

Willder Rafael Ximenes Cunha  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
Email: [wildercunha@fiponline.edu.br](mailto:wildercunha@fiponline.edu.br)

Rodrigo Barbosa Palmeira  
Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB  
E-mail: [rodrigopalmeira@fiponline.edu.br](mailto:rodrigopalmeira@fiponline.edu.br)

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** O plasma rico em plaquetas (PRP), surgiu nos anos 70, sendo uma fonte autógena, pouco onerosa e rica em fatores de crescimento, preparada a partir do sangue total retirado do próprio paciente (Seow *et al.*, 2020). Estudos experimentais e clínicos vêm revelando os efeitos da injeção intralesional de PRP em lesões musculares e os achados desses estudos reportam melhor regeneração muscular, aumento de neovascularização e redução de fibrose (Beirão, 2022). Diante disso, o trabalho relata a utilização do plasma rico em plaquetas na lesão muscular de um cavalo atleta.

**RELATO DE CASO:** Foi atendido, no distrito de Santa Gertrudes, município de Patos, Paraíba, um cavalo quarto de milha, 17 anos de idade, destinado à prática de vaquejada, que em uma possível disputa por território com outro garanhão lesionou o músculo latíssimo dorsal, obrigando o mesmo a parar de competir. O tratador relatou que o animal estava claudicando e na inspeção o paciente não apresentava lesão superficial. Foi realizado o exame ultrassonográfico e constatou-se a lesão muscular, sendo adotado o tratamento com plasma rico em plaquetas no local lesionado. Para a produção do PRP, foi coletado o sangue da veia jugular do paciente, utilizando agulha hipodérmica 1,20 x 40 mm, acondicionado em um tubo com citrato de sódio como anticoagulante e logo após realizada a centrifugação e retirada a porção com alta concentração de plaquetas. Foi administrado via intramuscular o plasma em vários pontos da região afetada, em proporções iguais, através de injeções intralesionais, objetivando-se a distribuição ampla. Foram realizadas duas seções com o intervalo de 28 dias. Com apenas sete dias após a primeira aplicação, o animal foi levado para competir, apresentando um bom desempenho e na segunda aplicação, foi realizado uma nova ultrassonografia comprovando a evolução positiva da lesão muscular.

**DISCUSSÃO:** O plasma rico em plaquetas é utilizado para diversos tratamentos, entre eles as lesões musculares em equinos (Silva, 2017). A técnica consiste na

coleta do sangue periférico e, após coletado, deve ser centrifugado. O PRP deve conter uma alta concentração de plaquetas para que ocorra a cicatrização e a reepitelização tecidual. Este processo de centrifugação deve ser feito de forma cuidadosa, pois o tempo e a força irão alterar a eficácia da terapia (Everts *et al.*, 2020; Vendruscolo *et al.*, 2012). A administração recomendada por Silva (2017) é a técnica multiplanar, reforçando a distribuição das plaquetas por uma área maior, potencializando o processo de cicatrização, como realizado no paciente. Os fatores de crescimento podem influenciar na regeneração muscular após lesão, principalmente em cavalos atleta, diminuindo o tempo de recuperação após o trauma (Silva, 2017), corroborando com o observado no caso clínico, onde o equino voltou para as competições com apenas uma semana de tratamento.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Embora a literatura ainda seja escassa, necessitando de mais estudos, já é possível afirmar que a utilização do PRP em cavalos atletas tem se mostrado promissora, já que possui uma resposta terapêutica satisfatória, rápida e eficaz, sem efeitos colaterais, com fácil administração e baixo custo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Equino. Plasma rico em plaquetas. Reabilitação.

#### REFERÊNCIAS:

BEIRÃO, M. E. **Plasma rico em plaquetas e peptídeo inibidor de IL-1 $\beta$  atenuam o processo inflamatório de lesão muscular em ratos wistar**. 72 p. 2022. Dissertação de Mestrado em Ciências da Saúde – Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2022. Disponível em: <http://200.18.15.28/bitstream/1/10137/1/Marcelo%20Emilio%20Beira%cc%83o.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2024

EVERTS, P.; ONISHI, K.; JAYARAM, P.; LANA, J. F.; MAUTNER, K. Platelet-Rich Plasma: New Performance Understandings and Therapeutic Considerations in 2020. **International Journal of Molecular Sciences**. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33096812/>. Aceso em: 22 abr. 2024

SEOW, D.; SHIMOZONO, Y.; YUSOF, T. N. B. T.; YASUI, Y.; MASSEY, A.; KENNEDY, J. G. Platelet-Rich Plasma Injection for the Treatment of Hamstring Injuries: A Systematic Review and Meta-analysis With Best-Worst Case Analysis. **Sports Medicine**. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32427520/>. Acesso em: 22 abr. 2024

SILVA, V. P. **Tratamento à base de plasma rico em plaquetas em equinos**. 2017. 112 p. Dissertação de Mestrado Integrado em Medicina Veterinária – Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2017. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/14237/1/Tratamentos%20%C3%A0%20base%20de%20Plasma%20Rico%20em%20Plaquetas%20em%20Equinos.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2024

VENDRUSCOLO, C. P.; WATANABE, M. J.; MAIA, L.; CARVALHO, A. M.; ALVES, A. L. G. Plasma rico em plaquetas: uma nova perspectiva terapêutica para medicina equina. **Veterinária e Zootecnia**, 2012, n. 19, v. 1, p. 33-43. Disponível em: <https://rvz.emnuvens.com.br/rvz/article/view/1441/953>. Acesso em: 21 abr. 2024

## UTILIZAÇÃO DO MELOXICAM NA SÍNDROME CÓLICA EQUINA

Micaely Félix Lacerda

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [micaelylacerda@medvet.fiponline.edu.br](mailto:micaelylacerda@medvet.fiponline.edu.br)

Emmanuel Suedney dos Santos Dantas

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br](mailto:emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br)

Iago Carvalho de Sousa

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [iagosousa@medvet.fiponline.edu.br](mailto:iagosousa@medvet.fiponline.edu.br)

Janne Simone Idelfonso Sabino

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [jannesabino@medvet.fiponline.edu.br](mailto:jannesabino@medvet.fiponline.edu.br)

Júlio Edson da Silva Lucena

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [juliolucena@fiponline.edu.br](mailto:juliolucena@fiponline.edu.br)

Sóstenes Arthur Reis Santos Pereira

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos - PB

E-mail: [sostenespereira@fiponline.edu.br](mailto:sostenespereira@fiponline.edu.br)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

Os AINEs são os fármacos mais utilizados em equinos devido ser um composto que possui propriedades analgésicas, antipiréticas e anti-inflamatórias (Curry *et al.*, 2005). A inibição da ciclooxigenase (COX) é o efeito primário dos anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), que agem bloqueando a conversão do ácido araquidônico para prostaglandinas. Uma hipótese foi levantada acerca do uso de agentes como o meloxicam, em que tem como preferência a atuação em COX2 em equinos, com pouca atuação em COX1 e, dessa forma produzir um efeito menos prejudicial na integridade da mucosa gástrica, quando comparado os AINEs não seletivos, a exemplo da fenilbutazona (Beretta, Garavaglia, Cavalli, 2005; Morrissey, Bellenger, Baird, 2008). Objetiva-se abordar sobre a utilização do meloxicam na síndrome cólica equina.

#### METODOLOGIA:

Trata-se de uma revisão bibliográfica com levantamento de dados, realizado através da pesquisa de artigos científicos no Google Acadêmico utilizando os descritores "meloxicam, equinos, síndrome cólica".

#### REVISÃO DE LITERATURA:

A utilização do meloxicam em equinos já vem sendo investigada há alguns anos. A dose recomendada em cavalos é de 0,6 mg/kg, pelas vias intravenosa e via oral (Toutain *et al.*, 2004). Esse fármaco é classificado como um inibidor preferencial da COX2, possui atividade analgésica e anti-inflamatória importante, age inibindo sinais sistêmicos, apresentando baixa toxicidade. Quando comparado ao flunixin meglumine, o meloxicam não reduziu a recuperação da função de barreira da mucosa do jejuno lesada. Esse ainda melhora o escore de dor pós-operatória e do quadro clínico após cirurgia de cólica (Engelhardt *et al.*, 1995; Engelhardt, 1996; Noble; Balfour, 1996; Little *et al.*, 2007). Foi descrito que o meloxicam atigiu rapidamente as concentrações plasmáticas, isso sugere que ele tem uma rápida migração para o sítio de inflamação, assim como um potente efeito analgésico e anti-inflamatório (Pozzobon, 2010). Os cavalos tratados com uma dose de meloxicam de 0,6 mg/kg, via oral, a cada 24

horas não desenvolveram alterações clínicas, laboratoriais ou gástricas, já os equinos tratados com uma dose de meloxicam de 1,8 e 3,0 mg/kg via oral, a cada 24 horas demonstraram alterações importantes com sinais de intoxicação por AINEs, dentre algumas alterações foi perceptível a colite dorsal direita nos cavalos tratados com a maior dose e, quando comparado ao grupo da fenilbutazona em dose comercial, esse também desenvolveu essa sintomatologia. O meloxicam é um farmaco pouco lembrado, mas com afinidade no controle da dor e inflamação em cirurgias digestivas, sendo esse de eficácia comprovada no estudo de (Little *et al.*, 2007), onde no estudo ele comparado ao flunixin mostraram melhora no controle da dor, porém a barreira transepitelial do jejuno lesada foi inibida com flunixin e de forma semelhante com a do meloxicam. O meloxicam e firocoxibe são inibidores seletivos COX2, distribuídos amplamente na veterinária, possuem efeito promissor em equinos, onde dose e tempo sejam respeitados (Santos Júnior *et al.*, 2020).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O meloxicam entra como uma das alternativas de uso em equinos que necessitem de tratamento com anti-inflamatório por tempo mais prolongado, já que esse medicamento atua principalmente na COX2, assim produzindo mínimos efeitos tóxicos e maiores efeitos clínicos.

**PALAVRAS-CHAVES:** Cavalos, COX2, Dor, Inflamação.

#### REFERÊNCIAS:

Beretta C.; Garavaglia G.; Cavalli M. Inibição de COX-1 e COX-2 no sangue de cavalo por fenilbutazona, flunixin, carprofeno e meloxicam: uma análise *in vitro*. **Pharmacol Res**; 52: 302-306, 2005.

Curry, S.; Cogar, S.; Cook, J. Nonsteroidal antiinflammatory drugs: a review. **Journal of the American Animal Hospital Association**. v. 41, p.298-309, 2005.

Emgelhart, G. *et al.* Antiinflammatory, analgesic, antipyretic and related properties of meloxicam, a new nonsteroidal anti-inflammatory agent with favourable gastrointestinal tolerance. **Inflammation Research**. v. 44, p. 423-433, 1995.

Emgelhart, G. Pharmacology of meloxicam, a new nonsteroidal anti-inflammatory drug with an improved safety profile through preferential inhibition of COX-2. **British Journal of Rheumatology**. v. 35, p. 4-12, 1996.

Little, D. *et al.* Effects of the cyclooxygenase inhibitor meloxicam on recovery of ischemia-injured equine jejunum. **American Journal of Veterinary Research**. v. 68, p.614-624, 2007.

Morrissey N.K, Bellenger C.R, Baird A.W. A bradicinina estimula a produção de prostaglandina E-2 e a atividade da ciclooxigenase na mucosa gástrica glandular e não glandular equina *in vitro*. **Veterinário Equino J** 2008 ; 40 : 332-336 .

Noble S.; BalfouR, J. A, Meloxicam. **Drugs**, v. 51, p. 424-430, 1996.

Pozzobon, R. Avaliação farmacocinética, hematológica e espermática de pôneis tratados com Meloxicam. **Tese de Doutorado em Medicina Veterinária – Área de concentração em Fisiopatologia da Reprodução**, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria – RS, 2010.

Santos Júnior, D. A.; Oliveira Filho, E. F.; Miranda Neto, E .G.; & Escodro, P. B. (2020). Efeitos adversos do uso prolongado de anti-inflamatórios não esteroidais inibidores da COX-2 em equinos: revisão. **Research, Society and Development**, 9. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.7747.

## VULVOPLASTIA PARA CORREÇÃO DE LACERAÇÃO PERINEAL EM PÔNEI: RELATO DE CASO

Lídio Ricardo bezerra de Melo

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB

E-mail: [lidioricardolrbm@hotmail.com](mailto:lidioricardolrbm@hotmail.com)

Iago Carvalho de Sousa

Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB

E-mail: [iagosousa@medvet.fiponline.edu.br](mailto:iagosousa@medvet.fiponline.edu.br)

Antonia Lorena Menezes Primo

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB

E-mail: [lorenacariutab@gmail.com](mailto:lorenacariutab@gmail.com)

Mariana Lima de Abrantes

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB

E-mail: [abrantesmariana295@gmail.com](mailto:abrantesmariana295@gmail.com)

Josemar marinho Medeiros

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB

E-mail: [Josemar.n.medeiros@bol.com.br](mailto:Josemar.n.medeiros@bol.com.br)

Carlos Enrique Peña-Alfaro

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Patos – PB

E-mail: [cpena55@gmail.com](mailto:cpena55@gmail.com)

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO:

Entre as patologias do trato reprodutivo em éguas as lacerações vulvares são constantemente observadas, principalmente em éguas de pequeno porte com distocias de origem fetal. Uma característica secundária a tal condição é a pneumovagina, que pode predispor a ocorrência de infecções uterinas por via ascendente, e até infertilidade. Nesses casos, é imprescindível a reconstrução do corpo perineal através da correção cirúrgica, denominada vulvoplastia (Farias *et al.*, 2013; Stainki, Gheller 2001). Objetivou-se relatar um caso de vulvoplastia corretiva em uma pônei com pneumovagina associada a laceração vulvar.

#### RELATO DE CASO:

Foi atendido no Hospital Veterinário Universitário Prof. Ivon Macêdo Tabosa – UFCG, uma pônei, mestiça, pesando 130 kg. Na anamnese, o proprietário se queixava de um som proveniente da vulva sempre que o animal se movimentava, observado desde a sua aquisição. Ao exame físico, os parâmetros vitais encontravam-se dentro da normalidade; foi evidenciada descarga vulvar mucopurulenta e laceração perineal, permitindo que o ar entrasse pela vagina e emitisse o som. No exame ginecológico foi possível evidenciar grande quantidade de ar no vestibulo vaginal, através do qual se observou uma prega em forma de orifício, mas não sendo observada a cérvix. Na ultrassonografia transretal não foi possível observar útero e ovários, provavelmente pela quantidade de ar no interior da vagina. Diante dos achados clínicos, constatou-se uma laceração perineal grau II e pneumovagina. O animal foi submetido a cirurgia de vulvoplastia, na qual foi utilizada a técnica de Caslick adaptada, realizando-se uma incisão em “U” invertido na borda dorsal da vulva, com dissecação em torno de 0,5 cm na mucosa e ressecção de flap cutâneo. Posteriormente foi realizada a sutura simples contínua, com fio catgut 2-0, seguida de sutura com técnica cushing-cushing com o mesmo fio e dermorráfia com padrão simples separado, com fio nylon 0,35cm. No pós-operatório foi instituído enrofloxacino (5mg/kg, Im, por 7 dias), flunixin

meclizine (1,1mg/kg, IV, por 3 dias) e soro antitetânico profilático (5.000 UI/kg); limpeza diária da ferida cirúrgica e aplicação de Terracam spray®, duas vezes ao dia. Após 8 dias foi instituído pomada a base de metronidazol e nistatina. Dez dias após a cirurgia foram retirados os pontos, e devido a boa cicatrização e coaptação das bordas vulvares o paciente logo teve alta médica.

#### **DISCUSSÃO:**

Sabe-se que a vulvoplastia consiste em diminuir a abertura da vulva, impedindo que o ar seja aspirado para o interior da vagina, limitando a possibilidade de ocorrência de infecções (Dias, 2007). A técnica e o fio absorvível utilizado no presente caso foram assertivos, visto que o animal não apresentou complicações pós-cirúrgica, considerando também que a resposta cicatricial foi rápida, permitindo a coaptação completa dos bordos vulvares.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Conclui-se que as complicações secundárias às lacerações perineais, com desenvolvimento de pneumovagina, podem ser evitadas com o procedimento de vulvoplastia, quando esse é realizado o quanto antes. O procedimento foi eficaz não apresentando recidiva do quadro ou complicações pós cirúrgicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Caslick, Infertilidade, Parto Distócico; Pneumovagina; Infertilidade.

#### **REFERÊNCIAS:**

DIAS L. M. B. Clínica Das Espécies Pecuárias. **Cirurgias Corretivas**. 2007. Disponível em:

[http://www.veterinaria.com.pt/media//DIR\\_26901/Cirurgias\\$20Correctivas.pdf](http://www.veterinaria.com.pt/media//DIR_26901/Cirurgias$20Correctivas.pdf).

FARIAS, M.C; *et al.*, Relato de caso: ruptura de períneo em égua. ANAIS... XIII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão – **JEPEX 2013** – UFRPE, Recife - PE, 2013.

STAINKI, D. R.; GHELLER, V. A. Laceração perineal e fístula reto-vestibular na égua: uma revisão. **Revista da FZVA, Uruguiana – MG**, v. 7/8, n. 1, p. 102-113., 2001.

III SEMANA DO CAVALO



KNOW

Horse

2 0 2 4



**HVET UNIFIP**  
UNIDADE VETERINÁRIA DE ENSINO HOSPITALAR

